

**Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.**

**Constança Manuel Pacheco de Amorim Vieira de Andrade**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Doutora em Antropologia**

**Orientador:**  
Doutor Jorge Costa Freitas Branco, professor catedrático do Departamento de  
Antropologia do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro de 2017



**Instituto Universitário de Lisboa**

Escola de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Antropologia

**Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.**

**Constança Manuel Pacheco de Amorim Vieira de Andrade**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

**Doutora em Antropologia**

**Membros do júri**

**Presidente**

Doutor Miguel de Matos Castanheira do Vale de Almeida (Diretor do Departamento de Antropologia do ISCTE-IUL)

**Vogais**

Doutora Ana Araújo Barros Viseu (Professora Associada da Universidade Europeia)

Doutora Maria Alice Duarte Silva (Professora Auxiliar do Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Faculdade de Letras, Universidade do Porto)

Doutor Humberto Miguel dos Santos Martins (Professor Auxiliar do Departamento de Economia, Sociologia e Gestão, Escola de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Doutor Filipe Marcelo Correia Brito Reis (Professor Auxiliar do Departamento de Antropologia, Escola de Ciências Sociais e Humanas, ISCTE-IUL)

**Orientador**

Doutor Jorge Costa Freitas Branco (Professor Catedrático do Departamento de Antropologia, Escola de Ciências Sociais e Humanas, ISCTE-IUL)

Dezembro de 2017

# AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor doutor Jorge Freitas Branco, por me ter lançado o desafio de desbravar terreno ainda desconhecido em Portugal e pelos anos de acompanhamento e confiança, fundamentais para o nascimento deste trabalho.

Muito especialmente, agradeço às pessoas que com toda a generosidade me abriram as portas das suas casas e da sua intimidade, contribuindo para este estudo com as suas trajetórias de vida. Com altruísmo e entrega ímpares tornaram-se o alicerce da minha investigação. Todos os agradecimentos serão insuficientes.

À Teresa Andrade pela ajuda sempre pronta, assim como à Sílvia Trilho e ao Vítor Teixeira, que com a sua amizade me ajudaram a dar os primeiros passos no terreno.

Por fim, à minha família e amigos, pelo incentivo, curiosidade estimulante, contributos espontâneos e apoio inabalável ao longo dos últimos anos.

Este trabalho obteve financiamento graças a uma bolsa concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) com a referência SFRH/BD/85964/2012.

## RESUMO

A preocupação é geral e manifesta todos os dias sob as mais diversas formas neste início do século XXI: o que será de nós, humanos, com a progressiva tecnicização dos ambientes mais íntimos e dos nossos corpos e mentes? Partindo desta ansiedade contemporânea fez-se uma recolha de narrativas intergeracionais, de membros de quatro famílias de estatuto social elevado, com historial de residência na cidade do Porto pelo menos desde o final do século XIX. As memórias e trajetórias de vida de cada um – e de todos – são ressonâncias das condicionantes, preocupações, estratégias e antecipações individuais e sociais vividas no quotidiano doméstico e da sua intimidade pessoal; foram analisadas sob o prisma das interferências tecnológicas nos indivíduos – e dos respetivos objetos que as induzem, que se fizeram presentes na história de cada narrador. Seguem-se os percursos cronológicos, com a entrada em cena tanto de novidades dispendiosas, como de tecnologias *low-cost* para uso doméstico ou pessoal. Trata-se de um contributo para o debate sobre o ser humano no presente e no futuro, pois a ampliação de capacidades e competências proporcionada pela tecnologia de uso pessoal é sedutoramente irrecusável – agora.

### **Palavras-chave**

Tecnologia; ambiente doméstico; cultura material doméstica; consumo; narrativas intergeracionais; *cyborg anthropology*; modernidade líquida; Portugal / Porto



## ABSTRACT

From the beginning of the 21st Century, a universal concern makes itself present across the board: what will become of us, humans, undergoing the technicisation of the most intimate and inner realms of body and mind? A recollection of inter-generational narratives has been taken to address this question encompassing the anxieties of contemporary life. The memory and trajectory of members from four upper-class families living in the city of Oporto since the last half of the 19<sup>th</sup> century have been chosen to guide through the individual as well as social limitations, preoccupations, strategies and anticipations of daily household life and personal intimacy. These have been analyzed under the scope of technological interference on individuals – and of the objects correspondingly inducing that very interference on the story of each narrator. Chronological accounts follow with the presentation of costly novelties and *low-cost* technologies for the household and personal use.

This work is a contribution to the debate of the human *in* present and *in* future given that the amplification of skills and competences endeavored by technology necessarily confers it a mesmerizingly irrefusable character – for now.

### **Keywords**

Technology; home; household material culture; consumption; inter-generational narratives; *cyborg anthropology*; liquid modernity; Portugal / Oporto

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	iii
RESUMO .....	iv
ABSTRACT .....	v
ÍNDICE DE IMAGENS.....	viii
GLOSSÁRIO DE TERMOS E SIGLAS .....	xvii
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 1. ESTADO DA ARTE .....	4
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA.....	11
Etnografia sensorial .....	20
A antropóloga.....	22
CAPÍTULO 3. FAMÍLIA TELES .....	26
LOURENÇA .....	27
A casa dos pais.....	27
Casamento.....	33
Automóvel.....	36
Quinta de Guimarães.....	38
A casa dos sogros .....	39
JOANA .....	39
Vida profissional.....	48
Facebook .....	51
Conviver antes das redes sociais .....	52
Limpezas.....	58
Socialização.....	59
Aparelhos de higiene e estética.....	60
Natalidade.....	61
Família .....	63
Telemóvel .....	64
Saúde.....	66
BEATRIZ .....	67
CAPÍTULO 4. FAMÍLIA ZAGALO.....	74
MATILDE E ANTÓNIO.....	75
Infância e juventude de António .....	75
Infância e juventude de Matilde .....	78
A máquina de lavar roupa.....	80
Casamento.....	84
Computadores .....	86

Telefone .....	89
CLARA .....	90
LUÍSA .....	95
TOMÁS .....	98
A máquina de encher alheiras .....	102
Transportes .....	104
Sobre as empregadas .....	115
CAPÍTULO 5. FAMÍLIA OSÓRIO .....	118
TEODORA .....	119
Infância e juventude .....	119
Casamento .....	124
JORGE .....	135
SARA .....	148
CAPÍTULO 6. FAMÍLIA ALMEIDA .....	154
MARGARIDA .....	154
GUILHERME .....	161
MARTA .....	171
CAPÍTULO 7. ENVOLVÊNCIAS E INTERFERÊNCIAS .....	175
CAPÍTULO 8. RECONFIGURAÇÕES DA ARENA DOMÉSTICA: TECNOLOGIA E PODER .....	180
CAPÍTULO 9. "AQUI EM CASA NÃO SE VÊ TELEVISÃO À MESA": INTRUSÕES TECNOLÓGICAS .....	203
CAPÍTULO 10. CONSUMOS CULPADOS, IDENTIDADES IMAGINADAS: MORALIDADES DA AQUISIÇÃO .....	210
CAPÍTULO 11. FRONTEIRAS FLUIDAS: A CASA POROSA .....	227
O telefone e a fluidez do espaço .....	232
Ruturas do quotidiano: os espaços de férias .....	242
CAPÍTULO 12. "WE ARE ALL CYBORGS NOW" .....	245
CONCLUSÃO .....	257
BIBLIOGRAFIA .....	263
Publicações Periódicas .....	271
Sessões da Assembleia Nacional .....	271
Entrevistas, Apresentações Multimédia e Filmes .....	271
Webgrafia .....	272

# ÍNDICE DE IMAGENS

## CAPÍTULO 1. ESTADO DA ARTE

*Imagem 1: The kitchen debate.*

<https://www.nixonfoundation.org/2013/07/safires-reflection-of-a-heated-debate-54-years-later/>

*Imagem 2: Poster publicitário - exposição de objetos para a cozinha de produção industrial. 1972. Design de Jean Widmer.*

<https://collection.cooperhewitt.org/objects/18731751/>

## CAPÍTULO 3. FAMÍLIA TELES

*Imagem 1: Anúncio de máquina de lavar roupa da marca estadunidense Westinghouse. 1940.*

<https://www.ebay.com/itm/1940-Vintage-Maytag-Ringer-Washer-Refrigerator-Tool-Box-Magnet-/250808519488>

*Imagem 2: Fogão em ferro com cilindro de água quente e dois ferros de passar roupa a aquecer. 1902-1914.*

<https://thepan-handler.com/2016/12/more-photos-of-vintage-cast-iron-pans-in-use/>

*Imagem 3: Postal de divulgação do fogão a gás. 1909.*

<https://garfadasonline.blogspot.pt/2014/07/>

*Imagem 4: Elétrico para Santo Ovídio no tabuleiro superior da ponte D. Luís I. 1912.*

<https://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2013/07/electricos-na-invicta-porto.html>

*Imagem 5: Ford T. Fotografia de 1924.*

<http://www.shorpy.com/node/3567?size=original>

*Imagem 6: Anúncio a telefone da companhia MT&T no jornal Morning Chronicle de Halifax (Reino Unido). 1914. Salienta-se o cunho de equipamento doméstico, utilitário, que poupa trabalho à mulher no lar. Este discurso em torno do telefone vai evoluir nos séculos XX e XXI para o de predomínio de uso para socializar.*

<http://ns1758.ca/tele/teleph10.html>

*Imagem 7: Primeiro microondas fabricado pela Miele, modelo M 690. 1977. Fornecido posteriormente com opção de encastrar.*

<https://www.miele.com/en/com/timeline-2738.htm>

*Imagem 8: Automóvel Hillman Imp. Fabricado pela marca britânica a partir de 1963.*

<https://bart1914.blogspot.pt/2008/05/hilman-imp-o-meu-primeiro-carro.html>

*Imagem 9: Elétrico nº 1 no Passeio Alegre com dois atrelados: um aberto e o último para canastras de peixe.*

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

*Início do século XX, Photo Guedes.*

<https://portoarc.blogspot.pt/2017/01/electrico-vi.html>

**Imagem 10:** Série televisiva britânica *Upstairs Downstairs*. 1971-1975. <https://www.justwatch.com/uk/tv-series/upstairs-downstairs>

**Imagem 11:** Modelo Betamax produzido pela Sony a partir de 1975. <http://www.zdnet.com/pictures/gallery-dead-technologies-gen-y-and-younger-will-only-find-in-old-movies-and-tv/>

**Imagem 12:** Anúncio a máquina de tricotar Singer, modelo LK15. <https://www.pinterest.pt/deamachinae/knitting-machine-manuals/?lp=true>

**Imagem 13:** Citroën DS – em Portugal popularizado com o nome de “boca-de-sapo”. <https://www.pinterest.pt/johannesdeboer/citroen-ds/?lp=true>

**Imagem 14:** Computador portátil Apple. Apple Museum, Moscovo. <http://www.vintag.es/2012/07/apple-museum-in-russia.html>

**Imagem 15:** Demonstração do funcionamento do aparelho Kirby por vendedor ambulante. <https://www.flickr.com/photos/nealy-j/5293882598/in/photostream/>

**Imagem 16:** Anúncio da máquina KitchenAid, marca Whirlpool. 2011. [http://www.adsoftheworld.com/media/print/whirlpool\\_kitchenaid\\_art\\_deco](http://www.adsoftheworld.com/media/print/whirlpool_kitchenaid_art_deco)

**Imagem 17:** Consola Gameboy. <http://www.jeuxvideo.com/news/725562/nintendo-vers-une-game-boy-classic-edition.htm>

**Imagem 18:** Operadora de máquina Telex. 1959. Imagem pertencente à British Telecom (TCB 473/P 07138). <https://www.cs.auckland.ac.nz/historydisplays/FifthFloor/Murray/MurrayMain.php>

**Imagem 19:** A importância social de uma máquina Epilady. [picsr.com](http://picsr.com)

**Imagem 20:** Painel para esterilizar biberons. 1950. <https://www.pinterest.pt/pin/298785756501365743/>

**Imagem 21:** Beocom 9500. Modelo fabricado pela marca Bang & Olufsen em parceria com a Ericsson entre 1994 e 1997. <https://get.google.com/albumarchive/102808810755799396037/album/AF1QipN6WTd3EmhQ3oLxP-39R7C9VHwMYN7uzTr-mBqQ>

**Imagem 22:** Telemóvel Nokia, modelo 5210. <https://www.youtube.com/watch?v=opaVpLYOci4>

**Imagem 23:** MP3 AGPTEK R2S. <https://www.amazon.co.uk/AGPTEK-R2S-Digital-Jogging-Supports-Blue/dp/B07285R1ZZ>

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

**Imagem 24:** Consola de jogos Sega Saturn. Fabricada entre 1995 e 1998.

[http://www.gametrog.com/GAMETROG/SEGA\\_Saturn\\_Information\\_Specs.html](http://www.gametrog.com/GAMETROG/SEGA_Saturn_Information_Specs.html)

**Imagem 25:** Tamagotchi Friends - Dalmatian.

<https://www.amazon.com/37486-Tamagotchi-Friends-Dalmatian/dp/B00GRRUHYO>

**Imagem 26:** Blackberry Curve 8520.

<https://www.walmart.com/ip/Blackberry-Curve-8520-Unlocked-GSM-Cell-Phone-BlackBerry-5-0-OS-2-46-TFT-Full-QWERTY-Keyboard-512MHz-Processor/15042296>

**Imagem 27:** Discman Sony D-88. Anúncio de 1988.

<http://www.preservationssound.com/?p=7626>

## CAPÍTULO 4. FAMÍLIA ZAGALO

**Imagem 1:** Fábrica de Produtos Estrela, Porto.

[http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2013\\_12\\_01\\_archive.html](http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2013_12_01_archive.html)

**Imagem 2:** Anúncio em revista de Buenos Aires, 1926.

<https://www.pinterest.pt/pin/568860996653591955/?lp=true>

**Imagem 3:** 50 anos da Electrolux: evolução do aspirador.

<http://blogs.diariodonordeste.com.br/target/wp-content/uploads/2012/03/aspirador.jpg>

**Imagem 4:** Anúncio Philishave de 1946. (c) Philips Company Archives, Eindhoven.

<https://www.pinterest.pt/pin/460844974343365960/?lp=true>

**Imagem 5:** Anúncio a máquina de lavar roupa Hoover. 1950.

<http://www.historyworld.co.uk/advert.php?id=617&offset=225&sort=0&l1=household&l2=>

**Imagem 6:** Este anúncio da sabão Swanine da empresa estadunidense Flower City Soap Co. (1870-1900) alude à tensão gerada pela sobrecarga de trabalho feminino às segundas-feiras, dia reservado a esta tarefa em diversas sociedades. Boston Public Library.

<https://www.digitalcommonwealth.org/search/commonwealth:7m01bx262>

**Imagem 7:** Carrinha modelo Standard Station Bus da marca Volkswagen – vulgarizada em Portugal com o nome de “pão de forma”. Anúncio de 1968.

<http://www.atticpaper.com/proddetail.php?prod=1968-vw-volkswagen-bus-ad-beans>

**Imagem 8:** Anúncio Borgward Isabella. 1958.

<https://www.pinterest.pt/boganlarry/borgward/?lp=true>

**Imagem 9:** Anúncio Citroën Traction Avant 11cv – vulgarizado em Portugal como “arrastadeira”. 1954.

<https://hiveminer.com/Tags/11cv%2Ccitroen>

**Imagem 10:** Anúncio do modelo Super Beetle da Volkswagen – vulgarizado em Portugal como “carocha”. 1973.

<https://www.pinterest.pt/pin/319122323585947633/>

**Imagem 11:** Pacote Niassa. 1971.

<https://cumpriraterra.blogspot.pt/2015/10/>

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

**Imagem 12:** Esplanada do restaurante do aeroporto – Portela de Sacavém. 1947. Estúdio Horácio Novais.

[https://lisboadeantigamente.blogspot.pt/2015/12/aeroporto-da-portela\\_14.html](https://lisboadeantigamente.blogspot.pt/2015/12/aeroporto-da-portela_14.html)

**Imagem 13:** Modelo Ericsson Hotline 900 Pocket. Peter Häll / Swedish National Museum of Science and Technology.

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ericsson\\_Hotline\\_900\\_Pocket\\_001-01.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ericsson_Hotline_900_Pocket_001-01.jpg)

**Imagem 14:** Modelo Smartphone Optimus Sydney NOS.

<https://www.fnac.pt/Optimus-Sydney-Preto-Telemovel-Telemovel-Smartphone-NOS/a366442>

**Imagem 15:** Nintendo DS Lite. 2006.

[https://en.wikipedia.org/wiki/Nintendo\\_DS\\_Lite#/media/File:Nintendo-DS-Lite-Black-Open.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Nintendo_DS_Lite#/media/File:Nintendo-DS-Lite-Black-Open.jpg)

**Imagem 16:** Robô de cozinha Bimby.

<https://triplocioc.blogspot.pt/2010/08/bimby-tm31.html>

**Imagem 17:** Cartaz publicitário da firma C. Santos, Lda. 1950. Em 1936 esta empresa tornou-se representante da marca Mercedes-Benz em Portugal.

<https://portoarc.blogspot.pt/2016/10/artes-e-oficios-xxiv.html>

**Imagem 18:** Máquina Kenwood com acessório para confeccionar enchidos.

<http://www.kenwoodworld.com/en-za/all-products/kitchen-machines/chef-and-major-attachments/at950a-multi-food-grinder-awat950b01>

**Imagem 19:** ZX Spectrum.

<http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-04-30-Obrigado-ZX-Spectrum>

**Imagem 20:** Honda N600.

<https://sportcarmotorcycleandbikemodification.blogspot.pt/2011/02/honda-n600-1967.html>

**Imagem 21:** Volkswagen Brasília. 1973.

<https://carrosnacionaisantigos.blogspot.pt/2017/09/vw-brasilia-modelos-personalizados.html>

**Imagem 22:** Renault 21 Nevada. 1992.

<http://storm.oldcarmanualproject.com/renault21nevada.htm>

**Imagem 23:** Honda Civic. 1990.

<https://www.pakwheels.com/blog/the-story-of-honda-civic-in-pakistan-from-past-to-present-and-possible-future/>

**Imagem 24:** Robô de cozinha Kenwood Chef A901. Década de 1970.

<http://www.thebigchef.nl/uncategorized/kenood-a901-opknappen/>

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

## CAPÍTULO 5. FAMÍLIA OSÓRIO

**Imagem 1:** Armário-geleira. C. 1900.

<https://www.facebook.com/Old-Manor-Memories-Mem%C3%B3rias-da-Casa-Antiga-338076623040605/>

**Imagem 2:** Venda de blocos de gelo. Berlim, 1957.

Allgemeiner Deutscher Nachrichtendienst – Zentralbild. Bundesarchiv, Bild 183-47890-0001 / CC-BY-SA 3.0 [CC BY-SA 3.0 de (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/de/deed.en>)], via Wikimedia Commons

**Imagem 3:** Austin A40 Somerset. 1952.

[http://www.carrosyclassicos.com/historia/item/648-austin-a30-y-a40-\(1951---1954\)](http://www.carrosyclassicos.com/historia/item/648-austin-a30-y-a40-(1951---1954))

**Imagem 4:** Anúncio a frigorífico Philco. 1956.

<https://phil-are-go.blogspot.pt/2010/04/philco-refrigerator-just-quickie.html>

**Imagem 5:** Morris Mini Minor Saloon. 1959.

<https://www.mdiecast.com/sun-star/1959-morris-mini-minor-saloon-old-english-white-24367>

**Imagem 6:** Pinard horn. Inventado no séc. XIX pelo obstetra francês Adolphe Pinard.

<http://philippines.liketimes.me/19eb8467>

**Imagem 7:** Citroën 2cv. 1970.

© Citroën Communication. <http://www.motorlegend.com/berline/citroen-2-cv/2,14654.html>

**Imagem 8:** Gabriela. 1975.

<http://www.imdb.com/title/tt0144046/mediaviewer/rm2805720064>

**Imagem 9:** Gira-discos transportável. 1960.

<https://www.pinterest.pt/vinylrecordman2/old-vinyl-record-ads/?lp=true>

**Imagem 10:** Vendedora de cebolas, Porto. 1902.

<https://portoarc.blogspot.pt/2016/10/artes-e-oficios-xxvi.html>

**Imagem 11:** Anúncio a aspirador Hoover. 1931. O discurso sobre o manuseamento descuidado do aspirador pelas empregadas sublinha a vantagem de adquirir este aspirador, resistente às provações físicas.

<https://www.announcingit.com/invitations-blog/what-came-first-electric-appliances-timeline/>

**Imagem 12:** O objetivo do Facebook.

<https://ecommercenews.com.br/artigos/dicas-artigos/facebook-iq-o-que-e-e-como-isso-muda-a-forma-de-fazer-campanhas-digitais/>

**Imagem 13:** No Messenger podes...

<https://blog.morph.ai/what-does-a-billion-messenger-users-mean-for-businesses-a187a74b0d0d>



Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

**Imagem 14:** Anúncio Renault 12. Fabricado em França entre 1969 e 1980.  
<https://www.motorpasion.com/renault/renault-12>

**Imagem 15:** Anúncio Citroën Visa. 1980.  
<http://www.productioncars.com/vintage-ads.php/Citroen/Visa>

**Imagem 16:** Peugeot 205 Cabriolet.  
<https://www.pinterest.pt/clinedupont/205-/?lp=true>

**Imagem 17:** Máquina manual para picar carne. Anúncio de 1931. Esta máquina tem a particularidade de ser adaptável à de lavar roupa da marca americana Mayrig, que funcionava a gasolina ou eletricidade.  
<http://best-electric-meat-grinder.bereviews.com/history-of-meat-grinders/>

**Imagem 18:** Playstation - PS3. Sony.  
<https://blog.us.playstation.com/2012/09/18/tgs-2012-smaller-lighter-ps3-model-unveiled/>

## CAPÍTULO 6. FAMÍLIA ALMEIDA

**Imagem 1:** Embarque no quadrimotor da Lufthansa. 1936.  
Cedida pela interlocutora.

**Imagem 2:** Viagem de comboio Régua - Chaves. 1968.  
[http://members.ozemail.com.au/~telica/Regua\\_Chaves\\_Railway\\_1968.html](http://members.ozemail.com.au/~telica/Regua_Chaves_Railway_1968.html)

**Imagem 3:** Paul Delvaux - O viaduto. 1963. <https://www.museothyssen.org/en/collection/artists/delvaux-paul/viaduct>

**Imagem 4:** Citroën 11 CV, apelidado em Portugal “da Guerra”.  
<http://www.forosegundaguerra.com/viewtopic.php?t=16563>

**Imagem 5:** Simca Aronde. 1956.  
<https://hiveminer.com/Tags/ad%2Csimca/Recent>

**Imagem 6:** Volvo PV544 Sport – em Portugal apelidado de “Corcunda”. 1963.  
<http://forum.autohoje.com/forum-geral/71720-bugatti-royale.html>

**Imagem 7:** Telemóvel Nokia - modelo 3310. Lançado no mercado em 2000.  
<https://www.indiamart.com/proddetail/nokia-3310-refurbished-mobile-12999120448.html>

## CAPÍTULO 7. ENVOLVÊNCIAS E INTERFERÊNCIAS

**Imagem 1:** Foz do Douro - Avenida de Carreiros (atual Avenida Brasil).  
<http://2.bp.blogspot.com/->

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

[3c7TaBhlf6k/UpMsKku1oAI/AAAAAAGyQ/VykBTL6iuy8/s1600/Avenida+de+Carreiros+-+BPI.jpg](http://3c7TaBhlf6k/UpMsKku1oAI/AAAAAAGyQ/VykBTL6iuy8/s1600/Avenida+de+Carreiros+-+BPI.jpg)

**Imagem 2:** Reconstituição digital da planta do piso 1 do palacete do 2º barão de Piracicaba, São Paulo. A estrutura deste palacete, construído entre 1875 e 1877 por Rafael Tobias de Barros no centro da cidade, corresponde a modelos que na época se edificaram tanto em Portugal como no Brasil pela burguesia endinheirada. De salientar a área destinada às acomodações dos serviçais neste primeiro piso, com ligação direta à zona destinada às crianças no piso superior, exatamente por cima. *HOMEM*, Maria Cecília Naclério (1996), *O palacete paulistano*, São Paulo, Martins Fontes. <http://www.arquiamigos.org.br/info/info16/i-estudos.htm>

**Imagem 3:** Reconstituição digital da planta do piso 2 do palacete do 2º barão de Piracicaba, São Paulo. 1875-1877. *HOMEM*, Maria Cecília Naclério (1996), *O palacete paulistano*, São Paulo, Martins Fontes. <http://www.arquiamigos.org.br/info/info16/i-estudos.htm>

**Imagem 4:** Reconstituição digital a partir de fontes iconográficas da fachada do palacete do 2º barão de Piracicaba, São Paulo. 1875-1877. Pode constatar-se a grande semelhança formal com os edifícios congêneres construídos pela burguesia portuense. *Desenho do arquiteto Eudes Campos*, 2007. *HOMEM*, Maria Cecília Naclério (1996), *O palacete paulistano*, São Paulo, Martins Fontes. <http://www.arquiamigos.org.br/info/info16/i-estudos.htm>

**Imagem 5:** Foz do Douro, Passeio Alegre. Século XXI. Alegna13 - Obra do próprio, CC BY-SA 3.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=16520632>

## CAPÍTULO 8. RECONFIGURAÇÕES DA ARENA DOMÉSTICA: TECNOLOGIA E PODER

**Imagem 1:** *The new Ford Tudor Sedan (1931)*. <https://www.marketingdirecto.com/marketing-general/publicidad/25-anuncios-vintage-de-ford-la-gestacion-de-una-leyenda-de-la-publicidad>

**Imagem 2:** Anúncio Chevrolet (1928). <https://www.pinterest.pt/pin/476889048015738047/>

**Imagem 3:** Bugatti Atalante Type 57C (1939). Jon Stokes; <https://www.pinterest.pt/pin/84935142950719998/>

**Imagem 4:** Criadas de servir e cozinheira. <http://photopin.com/free-photos/servants>

**Imagem 5:** Lavadeiras do Porto. Fotografia de Artur Pastor. 1950/ 1960. <http://arturpastor.tumblr.com/page/48>

**Imagem 6:** A chamada “cozinha de Frankfurt”, desenhada em 1926 pela arquiteta austríaca Margarete Schütte-Lihotzky para o projeto residencial Römerstadt (Frankfurt). Através da aplicação dos princípios de otimização taylorista do trabalho, estabeleceu um modelo de cozinha que continua a predominar no século XXI. Na fotografia de 1928 a arquiteta, sentada, está acompanhada pelos colegas do Departamento de Construção Municipal de Frankfurt. © University of Applied Arts, Vienna, Art Collection and Archive. [http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_image.cfm?image\\_id=4244](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_image.cfm?image_id=4244)

**Imagem 7:** Nesta publicidade da máquina Kenwood reflete-se a noção de que o aparelho não pode substituir na íntegra a intervenção humana – feminina – na confeção de refeições. Foi largamente criticada pela dimensão vinculativa de cada um dos géneros. <http://www.nydailynews.com/entertainment/tv/sexist-ads-mad-men-era-gallery-1.1050013?pmSlide=1.1050007>

## CAPÍTULO 9. “AQUI EM CASA NÃO SE VÊ TELEVISÃO À MESA”: INTRUSÕES TECNOLÓGICAS

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

**Imagem 1:** Anúncio de mesa transportável e cadeiras, comercializada pela empresa estadunidense Virtue Brothers.

<https://www.pinterest.pt/pin/78250112248752666/>

**Imagem 2:** TV Brand Frozen Dinner. Este é um conceito de refeição – preparada no forno em 25 minutos – que nada apresenta em comum com as narrativas dos meus entrevistados. O chamado TV dinner popularizou-se nos EUA da década de 1950 pela mão da empresa C. A. Swanson & Sons, com o aumento do acesso feminino ao mercado de trabalho e o decréscimo de ajuda doméstica. Foi facilitado pela larga difusão de eletrodomésticos como a televisão, o forno e o frigorífico/ congelador. <https://dyingforchocolate.blogspot.pt/2016/09/tv-dinner-day-retro-ads.html>

**Imagem 3:** Uma das fotografias do artigo do Dailymail “Tech is taking over the dinner table: THIRD of kids distracted by phones at meal times and social media sites are the biggest draw”. 2014. David Goldman Photos/ Corbis.

<http://www.dailymail.co.uk/femail/article-2769436/Tech-taking-dinner-table-THIRD-kids-distracted-phones-meal-times-social-media-sites-biggest-draw.html>

**Imagem 4:** Oração de graças antes da refeição familiar.

Tim Bieber/ Getty Images. <https://www.pinterest.se/explore/catholic-prayer-before-meals/>

**Imagem 5:** Abendbrot alemão. São notórias das diferenças entre esta forma alimentar e a portuguesa das décadas de 1930-40 praticada em casa de Margarida Almeida.

[https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g187371-d7235024-i225791314-Brauhaus\\_Fruh\\_Am\\_Dom-Cologne\\_North\\_Rhine\\_Westphalia.html](https://www.tripadvisor.com/LocationPhotoDirectLink-g187371-d7235024-i225791314-Brauhaus_Fruh_Am_Dom-Cologne_North_Rhine_Westphalia.html)

## CAPÍTULO 10. CONSUMOS CULPADOS, IDENTIDADES IMAGINADAS: MORALIDADES DA AQUISIÇÃO

**Imagem 1:** Anúncio a automóvel Plymouth (1948). A recompensa material pelo bom comportamento anual também podia assumir-se como auto-recompensa na esfera da idade adulta.

<https://www.historicvehicle.org/seven-great-classic-christmas-car-ads/>

**Imagem 2:** Anúncio a perfume Arpège, da marca Lanvin. 1967.

<https://www.pinterest.pt/pin/289074869816500627/?lp=true>

**Imagem 3:** A Avon promete ajudar na conquista do mundo através do uso do baton Pro-to-go. 2008.

<https://tedmichael.wordpress.com/2012/11/14/assignment-2-2/>

**Imagem 4:** A representação da mulher associada à publicidade automóvel para ativar mecanismos de desejo foi uma constante desde o início do século XX. Anúncio da marca estadunidense de tintas para automóveis Ditzler C. 1964.

<http://lovethepinups.tumblr.com/post/53776584991/gil-elvgren-ditzler-advertisement-between>

## CAPÍTULO 11. FRONTEIRAS FLUIDAS: A CASA POROSA

**Imagem 1:** Criança fotografada com a criada, mostrando-se grande cumplicidade entre ambos. Século XIX.

<https://www.pinterest.pt/pin/301952350008648398/>

**Imagem 2:** Capa do nº 1 da revista Crónica Masculina. 1956.

<http://www.inverso.pt/APR/APR5.htm>

**Imagem 3:** Anúncio ao Ericofone, desenvolvido pela marca Ericsson e produzido em série a partir de 1956.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

<https://www.pinterest.co.uk/erikwidman/ericofon/?lp=true>

**Imagem 4:** Nokia 8860.

<http://www.safestchina.com/wholesalers-nokia-8860e/>

**Imagem 5:** A preocupação com a perda de interação física é generalizada e reflete-se em medidas públicas. Bangkok, 2017.

Fotografia de Constança Vieira de Andrade.

## CAPÍTULO 12. “WE ARE ALL CYBORGS NOW”

**Imagem 1:** Ambient intimacy. Hong Kong, 2017.

Fotografia de Constança Vieira de Andrade.

**Imagem 2:** Fitbit, o objeto que mede as várias funções do corpo humano trabalhado esteticamente para potenciar a sua aquisição.

<https://www.bezelsandbytes.com/collections/fitbit-flex-jewelry>

**Imagem 3:** Aplicações que permitem medir um conjunto de dados individuais, como as velocidades de corrida ao longo de um percurso e os batimentos cardíacos. Nike+Running (esquerda) e Strava Cycling (direita).

<https://www.wired.com/2013/02/app-guide-sport-gps/>

**Imagem 4:** Capturas de ecrã da aplicação Track Your Happiness. <https://socialnomics.net/2017/06/15/4-apps-that-will-make-you-happy-when-you-are-down/>

## GLOSSÁRIO DE TERMOS E SIGLAS

Ask.fm: Rede social utilizada para fazer perguntas e dar respostas a qualquer questão inserida.

Chat: Aplicação para conversa – escrita – em tempo real.

CD: Compact Disc.

DVD: Digital Video Disc.

Google: Empresa de serviços em linha e *software*. Usado no discurso corrente – e no dos interlocutores deste trabalho – com o significado de motor de busca, desenvolvido pela mesma empresa.

GPS: Global Positioning System.

Hi5: Rede social digital. Alude à expressão em língua inglesa utilizada quando se chocam amigavelmente as mãos.

iPad: *Tablet* produzido pela Apple Inc.

iPhone: *Smartphone* desenvolvido pela Apple Inc.

iPod: Aparelhos leitores de ficheiros e computadores de formato de bolso produzidos pela Apple Inc.

iTunes: Biblioteca digital de músicas, organizada pelo utilizador. Sincroniza-se com os aparelhos leitores áudio, como o iPod, iPad, iPhone ou com a Apple TV.

MP3: Motion Picture Experts Group (MPEG) - *MPEG-1/2 Audio Layer 3*. Formato de compressão áudio com perdas de qualidade de som mínimas Equivalente a leitor MP3 no discurso corrente.

MTV: Music Television.

NTI: Novas Tecnologias da Informação

Orkut: Rede social digital criada pela Google, ativa entre 2004 e 2014. O nome foi dado pelo engenheiro que o desenvolveu, Orkut Büyükkökten.

PS3: Playstation 3.

RFM: A emissora radiofónica portuguesa Renascença FM.

SMS: Short Message Service.

TSF: A emissora radiofónica portuguesa Telefonía Sem Fios.

Tumblr: Plataforma em formato *blog* que permite publicação de textos, imagens e vídeos e criar ligações com outros usuários.

VHS: Video Home System.

VH1: Video Hits One. Canal de televisão que transmite vídeos musicais.

YouTube: Sítio digital em linha para partilha de vídeos e música.

# INTRODUÇÃO

O projeto de investigação que aqui se apresenta nasceu por se constatar que em Portugal os estudos antropológicos sobre o impacto da técnica no meio doméstico e nas vidas individuais são ainda incipientes. São igualmente datados, devido ao ritmo elevado de mutação que a tecnologia tem vindo a ter na sua incorporação social ao longo dos séculos XX e XXI. O papel fundamental que a técnica de origem industrial tem tido em grande número de sociedades, sobretudo desde o século XIX, reflete-se numa alteração das vivências pessoais e familiares. Novos paradigmas sociais criaram uma diversidade de aparelhos e sistemas tecnológicos de utilização doméstica, alguns que vingaram e muitos outros que tiveram uma reação de mercado negativa ou desinteressada na altura do seu lançamento. A intenção que orienta este trabalho é a de estudar memórias do universo doméstico urbano e das alterações que este último foi sofrendo nos últimos séculos com a aquisição de produtos tecnológicos. Procuraram-se narrativas sobre a progressiva tecnicização do âmbito doméstico e através dos dados recolhidos analisaram-se as mudanças provocadas nas relações e representações sociais. Contudo, desde já se assume que o foco não vai privilegiar os objetos nem cair no determinismo tecnológico; vou-me debruçar, sim, na construção das relações entre humanos e tecnologias de uso doméstico e pessoal, evitando a perspetiva de alienação entre pessoas e tecnologia que Donna Haraway refere – o corpo torna-se obsoleto e a máquina e os seus produtos ganham superioridade (Haraway, 1991: 22).

Durante os séculos XX e XXI aconteceram mudanças drásticas no ambiente familiar dos narradores que contribuíram para este estudo. Ao longo de cerca de 100 anos as casas em que vivem e viveram testemunharam a entrada e saída de criadas, muitas delas acabando por permanecer nas memórias pelos laços estreitos gerados pela convivência. Os lares foram arenas onde estas profissionais deram as boas vindas ou fecharam a porta aos eletrodomésticos que subrepticiamente se foram apresentando, numa sedução baseada na poupança de trabalho físico humano. E estes objetos, inanimados, causaram revoluções domésticas, nos espaços e nas vidas dos intervenientes. Tornaram-se mediadores entre a casa e os seus habitantes e o mundo. A Internet surgiu e alterou o que significava possuir tecnologia em casa. Já não se adquiriam objetos para tornar algumas tarefas mais simples ou eficazes; passou-se a ter em casa uma tecnologia que permitiu que cada um dos seus habitantes explorasse novas dimensões de si mesmo. A tecnologia doméstica já não é apenas utilitária; com a Internet, é parte constituinte da pessoa e da casa.

## **Objetivos**

Os objetivos delimitados para este trabalho foram:

- 1) registrar a memória dos equipamentos técnicos de origem industrial em meio doméstico urbano;
- 2) avaliar o impacto de bens tecnológicos nos espaços de vivência pessoal e familiar, fixando a narrativa atual dos seus protagonistas; entender o equilíbrio entre os significados simbólico e funcional dos objetos tecnológicos de consumo doméstico e se a posse de objetos tecnológicos legitimou valências e validades individuais;
- 3) perceber como a tecnicização do lar participou na redefinição das relações de gênero e da construção de individualidade;
- 4) determinar alterações nas noções de tempo e de espaço induzidas pela tecnicização;
- 5) contribuir para a biografia cultural dos objetos tecnológicos.

Para os atingir, tentou-se em primeiro lugar perceber como tem sido perspetivada em termos históricos a relação entre tecnologia e a sociedade ocidental. A percepção de que a sociedade se aperfeiçoa com a evolução tecnológica tem sido uma constante desde o Renascimento (ver, por exemplo, a obra *New Atlantis* (1627) de Francis Bacon), mas surge uma questão que é a base da minha abordagem: como é que é feita incorporação das tecnologias nos círculos mais íntimos das pessoas? As formas de utilização podem vir a ser criativas e não corresponder às programadas pelos criadores. Quais são, portanto, os critérios que orientam os usos de cada objeto de tecnologia? Os atos de consumo individuais são aqui perspetivados no seio de padrões coletivos e examinados no quadro das necessidades, expectativas e prerrogativas de uma dada sociedade (Grazia, 1996c: 279). Como é que as pessoas experienciam as suas casas e os objetos de tecnologia – entre os quais os eletrodomésticos – nelas inseridos, multisensorialmente? Como se tornam parte das práticas quotidianas, moralidades e identidades? Como é que a identidade é constituída no ambiente doméstico? A relação das pessoas com as materialidades e ambientes das vidas diárias e os seus sentimentos em relação às mesmas são perspetivados através dos usos e concetualizações das tecnologias. A leitura do material etnográfico recolhido mostra práticas que são continuidades e outras que são novas. O tratamento deste material vai assentar na análise dos elementos distintivos, idiosincrasias e particularidades, e em simultâneo procurar conclusões de carácter mais abrangente. Este trabalho procura mostrar a aquisição e posterior apropriação dos objetos de tecnologia de uso pessoal e doméstico pelos narradores, através das gerações que constituem cada família. Ou seja, como passaram de novidade a objetos, ferramentas e conceitos que fazem parte da vida quotidiana, e de que forma se tornaram parte e extensão do corpo e da mente humana e instrumentais nas relações com a sociedade e o mundo. Numa sociedade em que a quantidade de bens produzidos e comercializados parece não ter fim, e em que está difundida a ideia de que a aquisição destes bens corresponde a posturas materialistas e de substituição de relações humanas por relações com objetos (Miller, 2011 [2008]: 1), surgem as narrativas recolhidas neste projeto. Nelas se percebe como estes podem ser estruturantes na manutenção de relações pessoais e na solidificação de identidades

individuais e coletivas; como a gestão das decisões de compra corresponde a posturas morais e éticas, por vezes contraditórias ou incoerentes; e de que maneiras os objetos e tecnologias se tornam mediadores na relação entre o indivíduo e o mundo. Apesar de eu não ter interrogado a casa dos interlocutores com a mesma profundidade de Miller (2011 [2008]: 2), fiz uma observação do ambiente enquanto decorriam as entrevistas. Nas narrativas transcritas incluem-se algumas das minhas observações subjetivas, identificadas como tal. O trabalho etnográfico é aqui visto como processo conjunto entre todos os sujeitos envolvidos, pelo que em nenhuma das suas fases se justifica haver separação. Concorde-se assim com a afirmação de Mariza Peirano sobre este assunto: “a personalidade do investigador e sua experiência pessoal não podem ser eliminadas do trabalho etnográfico. Na verdade, elas estão engastadas, plantadas nos fatos etnográficos que são selecionados e interpretados.” (2011 [2008]: 3-4) Os resultados apresentados baseiam-se numa fusão da observação do contexto formado pela cultura material (não só de objetos na casa mas também de indumentária) com as narrativas que me foram transmitidas, num processo semelhante ao de outros autores (Miller, 2011 [2008]). Variáveis como a postura ecológica individual e conceitos de gestão “correta” do dinheiro orientam opções de aquisição, que podem parecer incoerentes se cruzados com uma análise de posicionamento social, por exemplo. Contudo, também se verifica o inverso nas narrativas: um reforço de algumas categorizações. Os retratos biográficos individuais e familiares que aqui se desenham contribuem para o configurar de uma sociedade em mudança. E uma das características da sociedade em que se inserem os meus interlocutores é a de as relações com objetos ganharem um relevo que aparenta rivalizar com as relações humanas. O que se tenciona descobrir nas próximas páginas é se esta premissa é verdadeira e o que significam as novas formas de relacionamento (ou criação de redes relacionais) entre pessoas e objetos. Este não é um trabalho sobre consumo, se bem que seja um tópico fundamental e sempre presente; é uma reflexão sobre o percurso dos objetos de tecnologia e das tecnologias na sua aproximação ao ser humano. Sobre o porquê entrarem nas nossas casas, ocuparem cada vez mais os espaços da nossa intimidade e, finalmente, de se tornarem parte do nosso corpo e da nossa mente. E sobre as consequências individuais e sociais deste processo no presente e no futuro.

O universo empírico estrutura-se a partir das narrativas de cada família; é introduzido pelo estado da arte e por um capítulo metodológico que expõe as opções escolhidas para a abordagem do material etnográfico recolhido. Uma breve caracterização do ambiente social pretende dar contexto aos narradores. Já numa vertente analítica, debruço-me sobre as reconfigurações provocadas na arena doméstica pela tecnologia. Os capítulos seguintes apresentam diversos aspetos do percurso de incorporação das tecnologias de uso doméstico e pessoal sugeridos pelas narrativas recolhidas, desde os aparelhos de uso culinário à Internet, passando pela televisão e pelo telemóvel. As imagens (sobretudo publicitárias) que vão pontuando a leitura contribuem para a criação de contexto e oferecem níveis de significado complementares ao texto escrito. Na conclusão expõem-se, de forma sumária, os contributos deste trabalho para a compreensão das relações entre humanos e tecnologia.



## CAPÍTULO 1. ESTADO DA ARTE

O tema deste trabalho foi escolhido porque se entendeu que os processos de apropriação das ferramentas de tecnologia no meio doméstico e nas vidas de cada pessoa tinham uma abordagem ainda incipiente na Antropologia portuguesa. Já no que diz respeito a estudos feitos em outros países, verifica-se um aumento do interesse por esta área ao longo do século XX, e sobretudo no século XXI. Esse interesse manifesta-se em aproximações diversas, desde a da cultura material à do consumo e, à medida que avança o século XXI, na tecnologia em si e na sua fusão com a mente e as funções físicas das pessoas (*cyborg anthropology*).

Autores como David Nye (1994; 1997; 2004; 2006; 2010), Heather A. Horst e Daniel Miller (2006), Daniel Miller (2000; 2001) e Anandam Kavoori e Noah Arceneaux (2006) levaram a cabo estudos sobre o impacto da tecnologia na vivência quotidiana, na generalidade (EUA) mas também particularizando a de centros urbanos. O projeto *Objects of energy consumption*<sup>1</sup>, promovido desde 2011 pelo Deutsches Museum e pelo Departamento de História da Tecnologia da Universidade Técnica de Munique, analisa o consumo de eletrodomésticos para entender a dimensão do gasto de eletricidade no ambiente doméstico. As aproximações a esta questão são feitas desde o ponto de vista da história do género, da técnica, do ambiente, do consumo e da museologia. As consequências da introdução e da privação de meios tecnológicos na sociedade foram também centrais nas obras de David Nye.

No universo dos estudos sobre consumo Mary Douglas e Baron Isherwood (1996 [1979]) focaram aspetos fundamentais para o entendimento da versatilidade de significados e significantes de que são revestidos os objetos adquiridos. Appadurai, em obra individual (1996a) e em coordenação (1996b), abordou questões como a circulação de bens de consumo e o seu impacto na vida das sociedades, a “vida social” dos objetos, e as redefinições políticas e o controlo social como condicionadores do consumo. No âmbito da Sociologia (se bem que a autora apresente com frequência enquadramentos antropológicos), Alice Duarte (2007) investigou sobre formas de consumo representativas da classe média portuense, tendo inquirido um universo de 24 famílias. Em outras publicações (2009, 2011, 2012) continua a incursão na análise de experiências de consumo enquanto dinamizadoras de sociabilidade e estruturantes de identidade no seio da classe média portuense. Pierre Bourdieu (1979) levou a cabo um estudo em França sobre a caracterização cultural de diferentes classes sociais: como elas se definem relacionalmente através de opções como as gosto, as de consumo e as de utilização de bens materiais e imateriais. O trabalho de Marta Vilar Rosales (2009, 2010) incide nas culturas materiais contemporâneas, e em particular em perspetivar processos de migração tendo

---

<sup>1</sup> <http://www.energiekonsum.mwn.de> (consultado em 15.12.2016)

o consumo de objetos como dispositivo de produção e reprodução social, identitária e de pertença. No que diz respeito aos objetos materiais domésticos, analisou processos de mobilidade internacional de migrantes portugueses e indo-portugueses em Toronto, Lisboa, Maputo e quatro cidades do Brasil (2010), procurando perceber de que forma o consumo doméstico revela relações entre as práticas quotidianas e contextos alargados e como afeta e molda as experiências de migração.

Marianne Gullestad (1987) e Barbara Ehrenreich (1989) fizeram incursões na vida doméstica das classes trabalhadora norueguesa feminina e média americana, respetivamente. A cultura material decorrente da aquisição de objetos e as questões de género têm importância nestas duas obras (particularmente na de M. Gullestad), sem que contudo se tomasse a tecnicização doméstica como paradigma de análise. Vânia Carneiro de Carvalho (2008) traça um retrato da burguesia de São Paulo na viragem do século XIX para o XX a partir da cultura material presente no âmbito doméstico e das representações de género daí decorrentes, sendo este ponto das representações masculinas e femininas o centro de toda a obra. Esta é de interesse particular para a compreensão das narrativas do presente trabalho, por focar uma época de transição de conceitos, ferramentas e objetos tecnológicos das fábricas e instituições públicas para o ambiente doméstico. Seguindo esta linha de análise, João Luiz Máximo da Silva (2008) debruçou-se sobre o impacto que a introdução do gás e da eletricidade teve na casa paulistana entre as décadas de 1870 e 1930. Nesta obra desenha a reconfiguração da casa de São Paulo e das vidas dos seus habitantes a partir da introdução das fontes de energia mencionadas no ambiente doméstico. Sendo a transição do século XIX para o XX um momento histórico fraturante no que diz respeito a estas matérias, é também desta época que datam memórias de familiares que me foram reproduzidas em algumas entrevistas.

Ruth Behar diz (1993), sobre os “estudos feministas” que se devem questionar as distantes “traduções” das vidas das mulheres, feitas através das fronteiras que lhes foram sendo (im)postas na história da Antropologia. Apesar de não se escolher um modelo de análise de tendência feminista das narrativas deste trabalho, é evidente o predomínio da perspetiva feminina. Isto deve-se tanto ao facto de a maior parte dos entrevistados ser mulher (por um lado devido à disponibilidade de tempo e de colaboração, mas também por coincidência dadas as estruturas das famílias que se dispuseram a colaborar no estudo), como ao da entrevistadora e investigadora que analisa os dados recolhidos ser do sexo feminino. A revisão bibliográfica que aqui se faz inclui obras incontornáveis que acabam por assumir um pendor feminista mais ou menos acentuado (é o caso de Donna Haraway, 1991).

Leo Marx (1964 [2000]) debruça-se sobre a relação do desenvolvimento tecnológico e a identidade nacional americana, as conceções de espaço e a memória coletiva. Em colaboração com outros autores (1996 [1994], edição conjunta com Merrit Roe Smith) trabalham desde o ponto de vista do determinismo tecnológico na História, discorrendo sobre os aspetos da cultura – estadunidense, em particular, mas também europeia – que foram por ele influenciados (cultural, social, político, agrário, feminista...). A chamada *Actor-Network Theory*, desenvolvida por Bruno Latour (2007), Michel Callon e outros investigadores no Centre de Sociologie de l'Innovation da École Supérieure de Mines de Paris no início da década de 1980, é dos primeiros desenvolvimentos teóricos significativos que refutam o determinismo da tecnologia. Nesta teoria argumenta-se a possibilidade de objetos/ não-humanos funcionarem em redes ou sistemas com humanos, criando-se ligações que operam

simultaneamente com conceitos e objetos. A necessidade de compreender os enquadramentos sociais da tecnologia e quais as suas possíveis projeções no futuro foi o terreno fértil onde nasceu a *Actor-Network Theory*, num século XX que viu as ferramentas tecnológicas apropriadas com rapidez e em simultâneo pela política, pela cultura, pelo ambiente doméstico e pela economia. Ruth Oldenziel e Karin Zachmann (2009) editaram em conjunto uma obra onde o histórico *The kitchen debate* entre Richard Nixon e Nikita Khrushchev serve de mote para analisar a cozinha enquanto “campo de batalha” político, económico e cultural na Guerra Fria e sobre o impacto que as orientações políticas e históricas americanas desta época tiveram nos artefactos de consumo do âmbito da cozinha nos EUA e na Europa, assim como um grupo de atores sociais orquestrou e mediou as inovações ocorridas neste espaço doméstico.



Imagem 1: *The kitchen debate*.

Esta obra foca a altura histórica em que a apropriação/ "imposição" da cozinha à dona da casa de classe média/ alta começou a ganhar dimensão no mundo ocidental. Esta imposição deveu-se tanto ao esforço de reenquadramento espacial e funcional das mulheres após o seu retorno ao lar na sequência das duas guerras mundiais, como à migração de mão de obra doméstica para as fábricas e serviços diversos, onde auferiam salários mais elevados, com perspectiva de trabalho sem termo, horários fixos e proteção social. Parte da campanha de sedução da cozinha passou (e ainda passa) pela produção de utensílios diversificados, de estética apelativa e com funções especializadas que contribuem para a noção de que o trabalho realizado neste espaço é complexo, exige sabedoria, e é por isso dignificante. O reconhecimento da importância deste espaço da casa para o estudo das dinâmicas sociais e de consumo no decorrer dos séculos XX e XXI é transversal a várias disciplinas, levando a abordagens como a de Mariana Sanchez Salvador (2016) sobre a relação das práticas

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

culinárias com a arquitetura. Nele faz uma breve incursão histórica sobre os espaços da casa dedicados à confeção e consumo de alimentos, pontuando esta viagem com aspetos da evolução das práticas ocorridas nestas áreas domésticas.



Imagem 2: Poster publicitário - exposição de objetos para a cozinha de produção industrial. 1972.

Também no espaço da cozinha mas não só, e considerando que todos os bens são repositórios de significados (Douglas & Isherwood, 1996 [1979]), vai-se apurar de que formas o consumo e utilização de bens tecnológicos funcionam enquanto processo ativo no qual as categorias sociais e de género se redefinem continuamente e se tornam visíveis. Ainda com este propósito, as narrativas refletem questões como a posse de objetos tecnológicos enquanto legitimadora de validades e valências pessoais, se se verifica o modelo epidemiológico da disseminação da inovação entre familiares, amigos e conhecidos (Douglas & Isherwood, 1996 [1979]), e em que medida o consumo de bens tecnológicos é uma atividade simbólica e/ ou instrumental. No que se refere às relações de género, relatam-se situações em que a tecnologia colaborou no derrubar de algumas “fronteiras”: a da conceção estereotipada do espaço doméstico como feminino e do espaço público como masculino, e a das categorizações decorrentes aplicadas às mulheres e aos homens. É neste contexto que surge a obra de Victoria de Grazia e Ellen Furlough (1996), onde se abordam as mudanças ocorridas nas formas de consumo doméstico e quais os seus significados.

Os conceitos de tempo e de espaço sofreram várias e profundas mutações com a incorporação da

tecnologia (Schivelbusch, 1986; Gregory & Urry (1987 [1985]; Urry, 2007): a eletrificação permitiu domesticar o tempo físico e a estrutura de mercado e o desenvolvimento técnico e científico criaram possibilidade de inserção social democrática, pelo que o tempo e o planeamento dos espaços dedicados às atividades domésticas sofreram alterações (Carvalho, 2008; Nye, 1997 e 2006). Estas mutações e os seus significados serão estudados no universo das famílias com as quais se desenvolveu o trabalho. O estudo serve também para traçar a biografia cultural dos objetos tecnológicos, até porque, ocasionalmente, a função concebida pelo fabricante é alterada e subvertida pelo utilizador (Grahame, 1994; Kopytoff, 1986; Maschio, 2002; Guillou & Guibert, 2007). Ocorrem situações em que os aparelhos técnicos destinados ao uso feminino e à sua libertação do trabalho podem ter efeitos inesperados ou mesmo opostos aos previstos, verificado também por Rosalind Williams (em Smith 1996 [1994]) na sequência do trabalho de Ruth Cowan (1983).

Nas gerações mais recentes de cada família vê-se a evolução da relação com o uso da tecnologia no lar, de que modo se reflete a consciência ecológica emergente e se existe crítica à tecnicização do espaço doméstico. Miller, em *Consumption and its consequences* (2012), abordou questões ligadas ao impacto ecológico do consumo, articulando preocupações ambientais, posturas políticas (*ethical shopping*, entre outras) e a prática do quotidiano não só enquanto forma de expressar sentimentos e gerir relações mas também dos atos conscientes que afetam o ambiente. Neste livro o autor provoca uma reflexão sobre o que é o consumo propondo o trabalho de campo como fonte empírica, numa tentativa de aprofundamento de conceitos vulgarizados no discurso comum. A obra é propositadamente aberta, com a intenção de levantar questões e provocar o debate, mais que apresentar conclusões sobre o tópico abrangente e controverso que é o consumo.

Sherry Turkle, em obra coordenada (2008), apresenta relatos de processos de relacionamento de pessoas com aparelhos de tecnologia. São histórias intimistas, que revelam apropriações de objetos tecnológicos e o processo de construção de significados de acordo com a pessoa que os utiliza, consoante as suas variáveis de personalidade, e os seus contextos históricos, sociais e geográficos. Com este estudo pretende-se desnaturalizar e des-historicizar os papéis atribuídos a cada sexo em muita da literatura produzida sobre o ambiente doméstico e a vivência do quotidiano. Uma das obras que contribuiu para o cimentar esta naturalização com o apoio da análise histórica do quotidiano familiar nos Estados Unidos da América foi a de Ruth Cowan (1983). Ao processo sobretudo histórico apresentado por Cowan contrapõe-se neste trabalho o da análise de dados obtidos pelo método etnográfico. O suporte histórico, aqui, aparece como complemento das narrativas e não principal objeto de análise. As conclusões são claramente diversas das de Cowan, que, como se verá, não se justifica pela diferença cultural dos dois países.

*Aramis ou l'amour des techniques* (1993) utiliza a etnografia para desenhar um caso de insucesso nas relações entre sociedade e artefatos tecnológicos. Bruno Latour, neste processo de relacionamento frustrado, faz a tecnologia falar através de trabalho de campo e da análise dos dados recolhidos. Sublinha assim um aspeto que continua a ser a preocupação principal nos estudos sobre a interação humano-máquina: uma incompreensão/ inadequação mútua. A incapacidade de compreender a tecnologia e os seus significados conclui o livro, passando pela interrogação sobre os limites entre o que é humano e o que é tecnológico (*Actor-Network Theory*). Donna Haraway (1991)

tinha estabelecido as bases da *cyborg anthropology* concetualizando esta última questão, se bem que num enquadramento feminista. Linhas de investigação posteriores, das quais são exemplo as de Judy Wacjman (2004), Sherry Turkle (2008), Elizabeth Silva (2010), Heather Horst e Daniel Miller (2013 [2012]), e Amber Case<sup>2</sup>, entre outras, procuram já sublinhar uma evolução para um estado de interação fluida com a tecnologia que faz parte do quotidiano. Miller (2000, 2006, 2011, 2013) tinha já estudado as presenças e significados da tecnologia digital nas vidas quotidianas. O mais recente projeto de grande fôlego dirigido por Daniel Miller<sup>3</sup> data de 2016 e procura perceber o impacto das redes sociais digitais em vários locais do mundo. As monografias de acesso livre publicadas em 2016 na sequência deste projeto analisam o impacto das redes sociais digitais numa localidade inglesa<sup>4</sup>, no Norte do Chile<sup>5</sup>, no Sudoeste da Turquia<sup>6</sup>, na China industrial<sup>7</sup>, na China rural<sup>8</sup>, no Sudoeste de Itália<sup>9</sup> e ainda uma obra geral, comparativa, com o sumário dos resultados da pesquisa e análise do impacto das redes sociais digitais na política, comércio, género e educação<sup>10</sup>.

O uso da *webcam*, sobretudo através do Skype, foi abordado por Daniel Miller e J. Sinanan (2014). Nesta obra, e dentro do enquadramento do conceito de polimédia<sup>11</sup> (Miller), procuram perceber o impacto do seu uso na intimidade, na auto-consciência, na manutenção de relações à distância, assim como qual a dimensão da percepção visual nas comunicações sociais. A constatação da multiplicidade de meios tecnológicos ao dispor na sociedade ocidental contemporânea orienta as conclusões desta obra para um conceito orgânico e de operação em rede que resultou de trabalhos já mencionados, como os de Latour, Haraway e Case. Em última instância, a interação desejável com a tecnologia (e que é procurada pelos interlocutores deste trabalho em maior ou menor grau) é aquilo a que Amber Case chamou de *calm technology* (2016): um estado sereno e automatizado de apropriação e convivência, que no momento presente da História foi já conseguido, por exemplo, com a eletricidade.

A revisão bibliográfica feita neste capítulo começa por constatar o estado da arte no que diz respeito aos estudos sobre consumo de cultura material, com incidência especial no consumo doméstico, de eletrodomésticos e outras máquinas e ferramentas que se foram tornando parte do quotidiano. A corrente teórica do determinismo tecnológico que marcou grande parte do pensamento sobre este tema no século XX está presente nesta revisão: em parte porque esta postura se manifesta em algumas das narrativas recolhidas para este trabalho, mas também para fazer a transição para a bibliografia que marcou a tendência mais atual. Nesta, os objetos de tecnologia saem já do seu primitivo papel no âmbito da cultura material para se tornarem parte da orgânica individual e social, em todas as suas vivências. As questões a colocar passam de uma fase inicial, onde se focam as apropriações e funções sociais dos objetos e ferramentas tecnológicas, para as novas realidades

---

<sup>2</sup> [https://www.ted.com/talks/amber\\_case\\_we\\_are\\_all\\_cyborgs\\_now?language=pt](https://www.ted.com/talks/amber_case_we_are_all_cyborgs_now?language=pt); <http://caseorganic.com>

<sup>3</sup> <http://www.ucl.ac.uk/global-social-media>

<sup>4</sup> <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-an-english-village>

<sup>5</sup> <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-northern-chile>

<sup>6</sup> <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-southeast-turkey>

<sup>7</sup> <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-industrial-china>

<sup>8</sup> <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-rural-china>

<sup>9</sup> <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-southeast-italy>

<sup>10</sup> <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/how-world-changed-social-media>

<sup>11</sup> <https://www.ucl.ac.uk/anthropology/people/academic-teaching-staff/daniel-miller/mil-23>

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

sociais emergentes de um tempo de incorporação – aqui perspectivado através das narrativas, que abrangem o século XX e o início do XXI – em que a tecnologia e os seus instrumentos fazem parte intrínseca do que é ser humano (Pink, Ardèvol e Lanzeni, 2016) e se vão questionando as perdas causadas por este processo de fusão (Harris, 2015).

## CAPÍTULO 2. METODOLOGIA

Neste capítulo caracteriza-se o universo empírico, expõe-se o esqueleto temático que se escolheu para estruturar o trabalho, e nele interseccionam-se as opções metodológicas assumidas para atingir os objetivos propostos.

A metodologia seguida para recolha das narrativas foi a etnográfica, pedindo-se aos narradores que as transmitissem sob a forma de trajetos biográficos. Durante os anos de 2012, 2013 e 2014 entrevistaram-se quatro gerações de quatro famílias, num total de 14 pessoas. Por família ou agregado familiar entende-se o conjunto de pessoas com relações de parentesco que vive em comum e de forma permanente numa casa. Ao longo da escrita vão-se utilizando os termos ambiente doméstico, lar e casa como equivalentes discursivos. O seu uso prende-se com as situações estilísticas da escrita e alguma clareza conceptual que em cada momento se pretenda salientar. A recolha de dados fez-se numa ou mais conversas de várias horas. Em média as conversas com as pessoas da geração mais nova duraram uma hora e meia, e com as das gerações mais velhas cerca de três horas. Nos casos em que os interlocutores mostraram mais disponibilidade e entusiasmo repetiram-se as minhas visitas. Quando se referenciam as gerações neste trabalho, a primeira será a mais antiga e assim sucessivamente até à última, a mais recente. Os entrevistados foram escolhidos em função da pertença a um estrato social médio-alto da cidade do Porto desde a geração mais antiga, partindo-se do princípio que teria havido maior possibilidade de acesso a bens inovadores como os tecnológicos devido a um desafogo económico e uma predisposição cultural para a sua aquisição. A definição adotada de objeto tecnológico aplica-se sempre que este desempenhe de modo automático processos complexos, ativados pelo ser humano com base na programação mecânica e/ ou digital feita na altura da construção do objeto. O termo digital utiliza-se quando me refiro a tecnologias com base na programação informática (Internet, por exemplo). De resto, subscrevo David Nye quando afirma que o significado do termo tecnologia era instável na segunda metade do século XX – e continua a sê-lo na primeira do século XXI –, tendo tomado os contornos de uma vaga abstração (2007: 15). Assim, adota-se aqui o conceito de tecnologia que D. Nye descreve como um termo que engloba sistemas complexos de máquinas e técnicas (2007: 15), entendendo-se por técnicas as formas de utilização de máquinas e conhecimentos tecnológicos.

As entrevistas decorreram entre os anos de 2012 e 2014, nas casas dos interlocutores. Os espaços por eles habitados expressam a situação social dos habitantes/ proprietários. Localizam-se na Foz, uma das zonas mais conceituadas do Porto no que diz respeito a urbanização e qualidade do ambiente. As casas e apartamentos situam-se na primeira ou segunda linha de mar e são amplos e



luminosos, decorados segundo o *status quo* do segmento social em que se inserem. Alguns dos objetos que classicamente costumam afirmar a pertença ao grupo social são mencionados nas entrevistas: peças decorativas em prata oferecidas como presentes de casamento, coleções de objetos de arte e livros. Outros foram vistos por mim: quadros a óleo, mobília antiga de época/ estilo (inglês na gerações mais velhas e recuperação de Art Déco portuguesa nas mais jovens), sofás e cortinas em tecidos de boa qualidade e de cores neutras.

O período cronológico escolhido para este estudo dependeu da idade dos interlocutores que se disponibilizaram a colaborar (para respeitar o anonimato por eles desejado todos os nomes são ficcionados). A mais idosa nasceu em 1910 e a mais jovem em 1999. Entre estas balizas cronológicas Portugal passou por mudanças históricas e estruturais importantes, sendo que as que parecem ter tido mais relevo nas vidas dos narradores foram a 2ª Guerra Mundial e a revolução de 25 de abril de 1974. As informações que resultaram das entrevistas permitiram ultrapassar um nível superficial de análise do papel da tecnologia e dos objetos com esta natureza na vida das pessoas. As histórias individuais aqui tratadas não pretendem confirmar ou desmentir que os telemóveis facilitaram a comunicação ou que o uso da Internet se pode tornar viciante. As experiências de cada um dos narradores oferecem-nos a oportunidade de conhecer formas de uso da tecnologia que quebram conceitos pré-estabelecidos.

A metodologia utilizada teve de ser adaptada aos diversos terrenos que encontrei, desde o mais tradicional, o espaço físico das casas – em particular as salas de estar –, ao digital. Este último abrange não só redes sociais mas também, por exemplo, campos sociais transnacionais que se criam através do Skype, Messenger ou outras aplicações quando os interlocutores narram a comunicação e convivência à distância nas largas temporadas vividas fora de casa. A ocorrência de terrenos de naturezas diversas dentro da mesma investigação obrigou a estruturar um modelo geral onde pudessem conviver e articular-se de forma coerente as perspetivas de análise que se consideraram relevantes. Foram, assim, escolhidas duas metodologias principais: 1) a da etnografia sensorial, onde se enquadra a realização de entrevistas semi-estruturadas. Na medida em que é um processo orientado pelo espaço, a perceção, o saber, a memória e a imaginação (Pink, 2010 [2009]: 23), cria e representa conhecimento sobre a cultura, a sociedade e as pessoas no qual as experiências do investigador têm um papel fundamental. Reconhecendo-se que não é possível produzir uma “versão verdadeira” da realidade, o que é transmitido corresponde à versão do investigador. Esta é condicionada pelas suas experiências durante o trabalho de campo, caracterizando com fidelidade os contextos, negociações e intersubjetividades. Observar o que acontece, perguntar, ouvir o que é dito, produzir relatos do que se experienciou e percebeu onde a teoria tem lugar a par do papel do investigador e da objetificação e subjetificação dos interlocutores (O'Reilly, 2005: 3). 2) A pesquisa bibliográfica; enquanto que a primeira assentou na partilha de experiências da vida familiar, social e pessoal de um conjunto de pessoas que aceitou colaborar no estudo, esta segunda constou da consulta de publicações periódicas e livros que abrangessem os séculos XX e XXI para confirmar, completar e comparar com o material etnográfico. Como Madeleine Akrich e Bruno Latour (1992) e Elizabeth Silva (2010), questionou-se para quem foi feito o produto. O que se espera da máquina e de quem a opera? (Silva, 2010: 192). Para responder a estas questões recolheu-se publicidade da

época e artigos/ textos de aconselhamento sobre os produtos tecnológicos. A pesquisa não se concentrou portanto só no conhecimento produzido durante o trabalho de campo. Este foi cruzado com bibliografia de natureza diversa, imagens e algum conhecimento prévio sobre determinados interlocutores que a investigadora detinha. Foi este processo que permitiu formular as questões que orientaram a pesquisa e a análise, assim como determinar quais as metodologias que permitiriam trabalhar conceitos sob novas perspectivas. De forma complementar, frequentei ainda o curso em linha *Why we post*<sup>12</sup>, construído para comunicar os resultados do projeto com o mesmo nome, com trabalho de campo multisituado de 15 meses (Reino Unido, sudoeste da Turquia, China industrial, China rural, sudoeste de Itália, norte do Brasil, norte do Chile, Trinidad e sul da Índia) terminado em 2016 e orientado por Daniel Miller<sup>13</sup>. Este curso foi útil para ficar a par de desenvolvimentos recentes sobre incorporações da tecnologia num âmbito específico – as redes sociais – em ambientes e por agentes díspares. As exposições de problemáticas e análises feitas nas diferentes etapas do curso também contribuíram para ir formulando questões por comparação ao terreno de pesquisa que delimitei para a minha investigação.

O que se procura entender através deste estudo são formas específicas de apropriação das novas tecnologias, digitais e não só, nos meios domésticos e pessoais delimitados para o efeito. Enquanto processo subjetivo, dá-se de forma diferente em cada indivíduo e em cada lugar, havendo por isso diversos tipos de utilização das mesmas ferramentas na gestão de identidades individuais, de género, classe, profissionais e geracionais. Especificamente no campo das redes sociais digitais, apresenta-se o desafio de estudar as dimensões individual e social do indivíduo que se apresentam e representam no mesmo espaço. Procura-se desta forma perceber cada pessoa no contexto alargado, físico e virtual, das suas relações, num contexto em que todos os interlocutores partilham o mesmo capital económico, social e cultural (Bourdieu, 1992 [1984]).

Uma das perspectivas que ajudam a esta compreensão é a das "etnografias do particular" de Lila Abu-Lughod (1991), onde podem ganhar expressão as subjetividades e as contradições da vivência quotidiana. Os aspetos deste pressuposto que ganham relevância no contexto deste trabalho são os que sublinham a heterogeneidade, incoerência e mudança sociais, assim como as diferentes posições a partir das quais as pessoas experienciam a cultura. Fazem parte do olhar do etnógrafo: "[...] tolerate ambivalence rather than intervene to make things seem more "coherent" or easy to accept." (Turkle, 2008: 8) Aquilo que no início do projeto pretendia ser uma perspectiva enquadrada num conceito aproximado ao de classe teve de se transformar para abranger as características "particulares" dos interlocutores. Como colocou Sam Pack,

when the anthropologist generalizes from experiences with a number of specific people in a given community, he or she tends to flatten out differences among them. [...] A healthy distrust of representing peoples as coherent entities has emerged in recent years, and ethnographies written from feminist standpoints and other critical positions now commonly argue that essentialized representations obscure members' diverse experiences (Frank, 1995). [...] This methodological turn to the individual in

<sup>12</sup> Disponível em <https://www.futurelearn.com/courses/anthropology-social-media> (offline desde o final do curso)

<sup>13</sup> Página do projeto: <https://www.ucl.ac.uk/why-we-post>

anthropological studies corresponds to postmodernism and the much-ballyhooped "crisis of representation." In a culture that is becoming increasingly heterogeneous, it is important to understand how individuals construct their own sense of self and world given their particular, dynamic, and complex lives. If we want to know the unique experience and perspective of an individual, there is no better way to understand this than in the person's own voice (Pack 2011: 58).

A recolha das 22 entrevistas etnográficas (Pink, 2010 [2009]: 3) para este trabalho estendeu-se por cerca de um ano e meio. Este período alargado de tempo proporcionou a ocorrência de acontecimentos e mudanças diversas no seio das famílias selecionadas, o que denota o próprio carácter dinâmico e concreto das vivências aqui consideradas. Parte das abordagens metodológicas preferidas para o presente trabalho caracterizaram-se pelo reconhecimento do subjetivo. As questões que eu propus aos entrevistados tiveram a intenção de convocar memórias e considerações pessoais sobre o que me iam relatando, de modo a que o material (auto)biográfico evidenciasse aspetos morais e afetivos da experiência social (ver por exemplo Janet Hoskins, 1998: 13). Houve da minha parte uma tentativa de perceber como se podiam construir as narrativas e elaborar discursos, tendo no entanto em mente o que Ruth Finnegan constatou:

[...] although active narrators certainly generate their own narratives and build on a sense of continuity, they do not do so in a cultural vacuum. Similarly, narrators may indeed variously draw on socially recognized categories – class, 'race', gender, religion or whatever – in their narratives; but none of these collective categories seems to give a full account of the creative process by which individuals produce their variegated and individual tales (Finnegan, 1997: 95-96).

Teve-se presente que as histórias pessoais são em simultâneo individuais, narradas pelo próprio, mas também formuladas segundo convenções culturais e as formas de interação que ocorrem no momento da narração e do discurso (Finnegan, 1997: 98).

Clifford Geertz observou que uma das características do etnógrafo é a de ter a arte da conversação aperfeiçoada (Geertz, 2000 [1973]: 21), o que sublinha a dimensão interpretativa do seu trabalho. E é assim que deve ser visto, também, o resultado do trabalho que se apresenta. Sentei-me nas casas dos interlocutores, mas a minha presença foi admitida a pedido de alguém pertencente ao círculo de confiança dos proprietários. As informações foram-me dadas em ambiente informal, de conversação, e depois de passarem pelo crivo que cada pessoa sentiu pertinente utilizar, pelo que grande parte da análise que concretizei é interpretativa. Uma percentagem significativa da recolha de informação e da análise de dados segue uma metodologia que resulta da fusão do que Turkle (2008: 4) descreveu como o ouvido treinado do etnógrafo clássico e o "terceiro ouvido" dos etnógrafos da intimidade. Para que os interlocutores tivessem uma linha condutora propus que as narrativas obedecessem a uma cronologia pessoal de cada um (trajetos biográficos), a iniciar nas primeiras memórias e recordações de membros mais velhos que lhes tivessem sido comunicadas, até ao presente e com considerações sobre o futuro. Atuei como editora das narrativas escritas dos interlocutores, sendo que nos textos constam todas as palavras ditas por eles exceto as que eles pediram que não se

escrevessem. A ordem dos assuntos dentro de cada relato foi mantida, mas em alguns casos eliminei repetições (em entrevistas à mesma pessoa que ocorreram com intervalos de tempo de semanas<sup>14</sup>). Também houve algumas interrupções pontuais em entrevistas, e o retomar de assuntos que tinham sido iniciados anteriormente, pelo que juntei algumas informações que se completavam mas foram dadas em momentos distintos da entrevista. Contudo, tive sempre a preocupação de editar o mínimo possível, e apenas com o objetivo de tornar a narrativa compreensível ao leitor na linha do defendido por Janet Hoskins: "coherence is imposed by the work of story makers, and much of what the anthropologist does in writing up her material is to try to devise a coherent story line that will shape fragmentary episodes of experience into something intellegible to an academic audience." (Hoskins, 1998: 6) A ordem cronológica foi mantida e alguns esclarecimentos, em nota de rodapé, foram inseridos para fornecer um contexto imediato e permitir continuar a leitura com informação necessária. Adicionalmente, introduzi alguns comentários e impressões pessoais para tentar que o leitor sinta melhor o ambiente que eu senti ao entrar e permanecer algumas horas na sala de visitas da casa de cada interlocutor.

Em simultâneo fez-se um trabalho de análise dos testemunhos individuais e da sua relação com os da mesma famílias e dos demais interlocutores. A recolha assentou nos princípios éticos de que cada entrevistado estava consciente do seu consentimento, uma vez que lhe foi expressamente solicitado, e de que seriam utilizados pseudónimos. Também tem presente neste trabalho que cada indivíduo escolheu as informações que pretendeu transmitir ou omitir. No processo refleti na minha biografia pessoal, nas minhas experiências com os objetos de tecnologia e na minha forma de ver os narradores e os seus ambientes físicos e sociais, o que também teve peso nas análises que escolhi fazer neste trabalho. Antes da realização das entrevistas pareceu lógico usar como um dos paradigmas principais a função dos meios de comunicação e da publicidade na aquisição dos objetos de tecnologia para uso nas vidas pessoais (Turkle, 2008: 4) e do lar. Mas logo desde as primeiras entrevistas este paradigma se mostrou inadequado porque nenhuma das narrativas mostra influência significativa deste fator. Dada a riqueza da informação que me foi transmitida no trabalho de campo, tive de escolher entre diversos paradigmas possíveis para análise dos dados. E foi nesse processo de triagem que optei por me centrar numa perspetiva que privilegiasse um estudo dos objetos na intimidade e no trajeto de vida dos indivíduos e famílias, e não tanto os processos aquisitivos. Identificou-se um conjunto de características – os capitais social, cultural e económico (Silva, 2010: 194) – que apresenta uma base homogénea de análise deste segmento social, e as narrativas permitiram inseri-lo num arco cronológico tão alargado como os séculos XX e XXI mas que ainda abrange memórias do final do século XIX. Os narradores tiveram a oportunidade de construir um "self", de apresentar identidades organizadas e orientadas de determinada forma, de enunciar e controlar o seu papel específico no universo através das memórias particulares (Finnegan, 1997: 81). A construção deste "self" tem presente que o seu consumo será público (Hoskins, 1998: 1), a partir do momento em que é verbalizado, o que é uma das condicionantes da sua estruturação. Nas palavras de Ruth Finnegan, "a narrative perspective encourages us instead to take more pluralist approach to

---

<sup>14</sup> Estas repetições não tinham carácter retórico, como o exemplo que Sam Pack refere para alguns povos indígenas (Pack, 2011: 60).

the nature of culture and the concepts of the self. In practice, the models that we use to tell our personal tales present a *range* of different stories about the self." (Finnegan, 1997: 99) Outra variável que orientou as narrativas foram as questões formuladas por mim. Procurei minimizar esta interferência explicando no início das entrevistas as informações que pretendia obter e porquê, deixando os entrevistados construir o seu discurso. Enquanto entrevistadora apenas interfeiri quando surgia algum ponto que queria aprofundar ou quando solicitada pelos narradores.

Algumas das interlocutoras recorriam ao ano em que nasceram os filhos ou à idade que os filhos teriam para situarem alguns eventos no tempo. Estas narradoras tiveram dificuldade em situar episódios no tempo antes do casamento e do início do nascimento dos filhos. Não encarei esta prática como consequência da encarnação dos papéis de género por vezes cristalizados do grupo de *status* no qual se enquadram. E não o fiz porque elas (Teodora Osório, Lourença Teles, Joana Teles) se emanciparam destes papéis, constatação que emergiu do decorrer das entrevistas e pelo conhecimento das suas personalidades que passei a ter com a convivência. Uma conclusão desde logo se pôde tirar: a introdução dos objetos tecnológicos nas vidas dos narradores não agiu de forma a estruturar as noções de tempo. E também não destronou o apoio na linearidade temporal proporcionada pelo nascimento sucessivo dos filhos. Apenas Joana Teles situou com precisão a altura de aquisição de cada objeto de tecnologia, sendo que para esta interlocutora o tipo de objetos em questão se revestiu de uma importância que não parece ter paralelo nas narrativas dos demais. O que escrevo deve ser entendido como resultado de um trabalho de campo onde a partilha de espaço e tempo com os meus interlocutores foi intensa, num processo de rememoração inédito para os narradores e com alguma participação minha através das questões colocadas. Desta proximidade vem também a consciência de que o material de que se dispõe para análise é sobretudo discursivo. Concorde-se com Miller quando refere que o que as pessoas dizem costuma ser não tanto uma explicação do que fazem, mas uma legitimação de ideias e ações (Miller, 2012: 86). Foi contudo assumido que este trabalho pretendia fazer uma análise de discursos de modo a entender como se construíam e que modelos teóricos individuais se desenvolviam em cada narrativa (Finnegan, 1997: 100) no que diz respeito à incorporação da tecnologia no meio doméstico. Deixou-se para trabalho de investigação posterior verificar se estes discursos correspondem à prática e de que formas isso acontece.

Neste trabalho, as mulheres aparecem enquanto "lugares de discurso" (Haraway, 1991: 114) privilegiados. Por um lado, porque são o género predominante dos narradores. Por outro, a construção das suas experiências em categorias como "casa", "família", "consumo" apresentam-se como fundamentais ao longo dos séculos XX e XXI, dados os lugares que ocuparam/ lhes foram atribuídos no agregado familiar. As narrativas evidenciam a formação de categorias potentes e polisémicas: as de "mulher" (Haraway, 1991: 114) e de "homem". Na sua construção social, as categorias de homem e de mulher são posicionadas e constituídas em função de hierarquias e antagonismos. Como articulou D. Haraway, "gender is a concept developed to contest the naturalization of sexual difference in multiple arenas of struggle." (1991: 131) Sem se adotar neste trabalho o paradigma feminista, terá inevitavelmente de se proceder a uma análise das questões de género – salientando-se o feminino – subjacentes aos discursos, enquadradas num conceito de

estrutura social que remete para algo que simultaneamente constrange e capacita os atores sociais (Giddens, 1984).

Já foi constatado por Miller (2012: vii) que a intenção de provar alguma coisa impede-nos de perceber alguns aspetos do que se pretende estudar. Por outro lado, a aplicação de um método específico e inalterável desde o início da etnografia pareceu contraproducente. Tendo partido do conceito delineado pelo projeto inicial, percebi ao longo do trabalho etnográfico que seriam os interlocutores a orientar as informações que eu recolheria, de maneira orgânica e não estruturada. Apesar de ter optado pelas entrevistas extensas semi-estruturadas baseadas numa perspetiva cronológica que orientava as narrativas da infância para a atualidade, fui seguindo o fluxo da narrativa de cada interlocutor, sempre distinta de todos os outros. Quando algum elemento da narrativa me suscitava um interesse especial dada a sua singularidade e potencial para enriquecer e abrir uma nova perspetiva, acompanhava o interlocutor na exploração desse aspeto (sobre práticas similares, ver por exemplo Daniel Miller, 2012: 69).

Considerando que a linguagem não é inocente, optou-se por incluir no corpo da tese a transcrição das entrevistas. Se bem que editadas, mantêm-se as expressões e a fraseologia conforme emitidas pelos interlocutores, pois são usadas, por exemplo, para nomear, criar oposições e forçar significados (Haraway, 1991: 81). A expressão oral de cada pessoa é marcada pela sua história prática, raça, género, geração, região onde vive/ viveu e educação (Haraway, 1991: 128). Assim, ao longo da redação utilizam-se os termos “criada” (ou “criada para todo o serviço”) e “empregada” seguindo critérios que, por um lado, correspondem à designação que cada um dos interlocutores utilizou de forma consciente e consistente nas suas narrativas com a respetiva carga cultural e social dos termos. Por outro, verificou-se pelo menos a partir da década de 1960 uma mudança no significado social do nome “criada”<sup>15</sup>, correspondendo às mudanças económicas e às suas repercussões no tecido social português. A designação comum, a partir desta época, passou a ser a de “empregada doméstica” (Brasão, 2012: 137-138), tornando-se a de “criada” pejorativa devido ao esvaziamento/ alteração do significado que tinha possuído.

A sequência de cada narrativa também se mantém, facto que se considera tão mais importante quanto as entrevistas foram semi ou mesmo, em determinados momentos, não estruturadas. Vai-se procurar entender o consumo quotidiano e doméstico mantendo a proximidade com a etnografia. Tal significa olhar as aquisições e as opções que lhes deram origem como construtoras de significado nas vidas dos narradores. E é por esta outra razão que se incluem as transcrições das entrevistas no corpo deste trabalho: são âncora permanente da restante escrita analítica. A etnografia do objeto é o fundamento para se compreender porque é que as pessoas consomem e como consomem, como é que os objetos e processos de aquisição funcionam enquanto catalisadores e gestores de relações interpessoais e de que forma são os sentimentos expressos e estabelecidos no ato de comprar e dar ou no de comprar para o agregado familiar.

Analisa-se aqui as dimensões individual e a social da vivência humana. O uso da tecnologia não é perspetivado apenas a partir de um destes pontos de vista mas as análises, que nascem das narrativas dos interlocutores, mostram a importância de olhar com atenção o cruzamento destas duas

---

<sup>15</sup> A este respeito, veja-se Brasão (2012), capítulo “A construção social da servilidade”.

dimensões. É neste contexto que se tenta perceber que objetos foram eleitos para apropriação individual e do lar e como é que esta se processou, de que maneira é que os mesmos se tornaram expressivos de valores e relações pessoais, e a sua integração no processo denominado cultura. Procura-se perceber, através das opções de utilização de objetos tecnológicos no meio doméstico, como se reflete uma cosmologia cultural do tempo presente. Será o consumo um sistema simbólico que usamos mas não entendemos? (Miller, 2012: 28) O consumo enquanto expressão de relações sociais e interpessoais e idioma para expressar valores fundamentais (Miller, 2012: 52) no contexto estudado é abordado pelas palavras dos entrevistados, antes de se tornar matéria de análise. Neste trabalho os objetos e sistemas considerados serão os tecnológicos, e será visível que estes são indissociáveis dos contextos em que se inserem. Assim, e sempre que seja relevante, também serão tratados objetos de natureza diferente e os respetivos usos. Um dos propósitos iniciais deste trabalho passava pela premissa de que o lar/ casa era constituído em grande parte pelos objetos adquiridos<sup>16</sup>. Pretendia-se, então, perceber em que medida os objetos de tecnologia se enquadravam nesta construção social e individual da domesticidade. Apesar do conceito de casa e domesticidade ter sido importante tanto na estratégia de recolha de narrativas como na análise das mesmas, pretende-se que a abordagem se dilate. As narrativas em torno do ambiente doméstico revelaram-se fonte de novos paradigmas na análise da interação humano-tecnologia. Essa é uma das razões para que um dos enquadramentos teóricos escolhidos seja a *cyborg anthropology*. Este enquadramento vai permitir constituir uma visão simbiótica, quase orgânica, do desenvolvimento da relação entre humanos e tecnologia ao longo dos séculos XX e XXI. Foi salientado por Marta Rosales (2010), entre vários outros autores, que independentemente do objetivo da pesquisa as narrativas biográficas estão ligadas de forma mais ou menos indissociável à cultura material. Alguns dos processos que se vão manifestar nas narrativas correspondem às tentativas que cada pessoa vai fazendo para encontrar o lugar físico, mental, moral e social que poderá ser o adequado para cada objeto (tecnológico ou não). O facto de as narrativas serem de indivíduos relacionados entre si por laços de parentesco e abarcarem os séculos XX e XXI, mas também conterem memórias relativas a outras pessoas, faz com que este processo se enriqueça e densifique. A perspetiva considerada mais adequada para encarar as narrativas dos interlocutores foi a de Miller (Horst e Miller, 2013 [2012]: 7), visto contemplar o consumo como opção tomada segundo a especificidade de cada indivíduo. O consumo, quotidiano ou não, torna-se não só um mecanismo de criação de diferença mas também de facilitação e gestão de relações entre as pessoas. A operação das tecnologias no lar pode ser vista através de duas lentes (Silva, 2010: 96): a perspetiva de Pierre Bourdieu de um mundo socialmente estratificado que afeta a vivência no lar (que não é aqui considerada adequada), e a de Bruno Latour, com a posição da agência das tecnologias materiais na ação social. Num enquadramento social em que o consumo de cultura material foi e é manifestamente dependente de conceções morais, torna-se necessária a abordagem de questões como a da domesticação e ressocialização do dinheiro. Este *habitus*<sup>17</sup> cruza-se no tempo cronológico em que ocorre com a comodificação progressiva de objetos e processos, pelo que se tentarão entender as consequências desta conjugação. As narrativas

---

<sup>16</sup> Cf. Purbrick (2007), Carvalho (2008), Miller (2011 [2008]), entre outros.

<sup>17</sup> Aqui entendido como “o funcionamento sistemático do corpo socializado” (Bourdieu, 1989: 62).

recolhidas desenrolam-se perante nós evidenciando o entendimento de cultura material de Daniel Miller:

The term “material culture” is intended to be neutral. The ethnography merely shows that goods are utilised within an extraordinary and expressive field of cultural life, where we use them to help delineate our values, cosmology, emotional repertoires, and sense of sameness and difference, and, as with other cultural forms, for entertainment, communication and adding to our capacities within everyday life (Miller, 2012: 184).

Uma das principais questões é a da velocidade a que se dá a comodificação de objetos e a vasta quantidade dos mesmos disponíveis ao consumidor. Estes fatores podem implicar uma deficiência no tempo necessário para a sua apropriação enquanto cultura (Horst e Miller, 2013 [2012]: 6), o que dará origem a sentimentos de desadequação cronológica dos interlocutores, recusa em conhecer e utilizar objetos e processos, e receio e insegurança decorrentes das duas premissas iniciais. Esta situação verifica-se com especial incidência no que diz respeito a novas tecnologias e a ferramentas e produtos digitais.

O critério da intergeracionalidade estabelecido para a recolha de informações no terreno revelou-se útil em alguns pontos. Um deles foi o da compreensão do enquadramento social dos interlocutores. A atribuição de nomes de batismo de antepassados, sobretudo dos já falecidos, é um dos traços marcantes da posição social (se bem que não exclusivo desta classe). Sutton (2001: 35) já refletiu na importância de ouvir nomes (no presente estudo aplica-se tanto a nomes de batismo como de família) para manter a memória viva reforça não só a ligação intergeracional, mas também projeta no futuro a identidade familiar. Kapella propõe para o seu estudo na Grécia (1981: 51): “[the dead] participate in life again because their names are heard again”, razão pela qual os pais batizam os filhos com nomes de familiares que lhes foram queridos ou que pertencem ao imaginário transmitido intergeracionalmente. Um segundo ponto em que este critério foi importante foi no cruzamento e complemento de informações dadas por narradores diferentes envolvidos nos mesmos episódios e que partilharam períodos da vida no mesmo lar. Perceber o que, em relação a determinados assuntos, cada interlocutor decidia dizer, ajudou a criar um retrato mais denso de realidades sociais e individuais. De igual forma, comparar visões diferentes sobre as mesmas vivências/ realidades/ ideias contribui para compreender melhor as formas de olhar o mundo e as interpretações de cada indivíduo. Por fim, a intergeracionalidade permitiu identificar práticas de consumo, estéticas, de educação e ideológicas de continuidade, como as que se relacionam com a comensalidade e as celebrações de aniversário e Natal. Estas questões são importantes para entender, por exemplo, como é que pessoa decide o que é necessário consumir e o que é opcional e errado adquirir. Mais importante ainda é perceber a transformação das práticas entre as gerações através dos discursos que indicam a intenção de perpetuar ou não formas de ser e fazer dos familiares da geração anterior. Este é um ponto recorrente em etnografias de base biográfica, entre as quais a de Finnegan em Milton Keynes, no Reino Unido (1997: 82).



Não obstante a intergeracionalidade ter sido um critério estabelecido na metodologia de recolha de dados e que liga os membros de cada família por histórias múltiplas, por lugares, ações, identidades e projeções transmitidas e partilhadas, não é estruturante no processo de análise que se delineou quando todos eles estavam recolhidos. Considerando a riqueza e especificidade do material fornecido pelos narradores, optou-se por trabalhar linhas teóricas menos exploradas.

## Etnografia sensorial

Um dos princípios básicos na metodologia de recolha e de análise de dados foi a etnografia sensorial (vd. Pink, 2010 [2009]), que é tão mais relevante quanto a consciência do corpo se revelou central nas narrativas. Tendo verificado durante o trabalho de campo a importância que os sentidos tiveram na minha experiência e aquisição de informação, mas também no conteúdo e forma das narrativas que me foram transmitidas, fiz a opção por esta linha metodológica. A aproximação sensorial ao campo etnográfico é desenvolvida na relação do investigador com o terreno (Pink, 2010 [2009]: 4), mas também nas escolhas analíticas que depois faz em relação ao material recolhido. Como interrogou E. Silva, de que forma podemos descrever as práticas individuais relatadas pelos interlocutores e, ao mesmo tempo, observar padrões? (2010: 188). "Participants in the study told stories, but it was I, with my vision of linkages between certain aspects of social life, who showed the connections of the stories [...]." (Silva, 2010: 189).

Partindo da centralidade das sensações nos processos de percepção humana de Merleau-Ponty (1945) e passando por conceitos como os de Tim Ingold no que diz respeito à conceção de cada um dos sentidos como aspetos da totalidade do organismo a funcionar no seu ambiente (2000: 261), Sarah Pink elabora uma proposta de etnografia sensorial (Pink, 2010 [2009]: 26, 27).

Para se compreender com maior grau de precisão as informações apreendidas pelos sentidos, é necessário perceber como é que cada um deles e o seu conjunto é concebido na cultura onde se inserem os narradores (Howes, 2005: 144). As reformulações teóricas que se têm colocado à concetualização do espaço onde decorre o trabalho de campo desconstruem progressivamente a visão do espaço enquanto contentor de cultura e o etnógrafo produtor de "texto" (Coleman e Collins, 2006: 2). No enquadramento do trabalho presente emergem espaços continuamente constituídos e que contribuem para este processo de desconstrução, como a Internet. Adota-se, aqui, a conceção de espaço fluido, enquanto "evento espacio-temporal" onde um conjunto de relações e práticas sociais e materiais relaciona elementos humanos e materiais que antes estavam separados (Massey, 2005: 130, 141). Compreender os significados culturais das categorias sensoriais e as práticas ao longo da vida das pessoas foi um dos objetivos desta metodologia. A aprendizagem etnográfica que ocorreu no momento multisensorial da entrevista produz conhecimento contextualizado/ situado. É um processo que contribui para compreender como os narradores representam e categorizam as suas experiências, moralidades, valores, objetos e outras pessoas (Pink, 2010 [2009]: 81). Esta autora menciona duas posturas na avaliação das informações recolhidas no trabalho de campo: por um lado, tentar perceber a precisão que as narrativas têm no que concerne ao reflexo de um mundo

social "real". Por outro, o de as encarar como uma de muitas narrativas possíveis (Pink, 2010 [2009]: 81). Apesar de se terem utilizado estas duas formas de interrogação dos dados, o último foi o paradigma mais utilizado devido aos objetivos traçados inicialmente para esta investigação, à natureza das narrativas, e à metodologia intergeracional adotada, onde as narrativas se cruzam. A entrevista pode assim aparecer como uma representação de experiências, mais que um relato realista e objetivo (Pink, 2010 [2009]: 81). Formas de comunicação e criação de sentido como o discurso falado e as inflexões da voz, mas também as expressões faciais, os gestos, cores, texturas e tamanhos (Pink, 2010 [2009]: 82), foram elementos considerados na análise das entrevistas. Pink sugere que os encontros para a realização de entrevistas sejam entendidos enquanto espaço situado e concetual, criado e partilhado pelo entrevistador e o entrevistado (Pink, 2010 [2009]: 82). No processo das entrevistas, entrei em cada casa e olhei: "to see is to reduce the environment to objects that are to be grasped and appropriated as representations of the mind" (Ingold, 2000: 286). Enquadrado numa vertente de trabalhos etnográficos feitos em ambientes domésticos nos contextos de origem do investigador ("at home", conforme colocado por Pink, 2010 [2009]: 10), a perceção sensorial é um mecanismo de aquisição de conhecimento das práticas quotidianas. O conceito de etnografia sensorial surgiu nas décadas de 1980 e 1990 (Pink, 2010 [2009]: 11), e uma das fundamentações foi a de que trabalhos etnográficos desenvolvidos por diversos investigadores, entre os quais Sarah Pink e Kathrin Geurts, mostraram que culturas diferentes podem ser associadas a diferentes conjuntos de sentidos e significados, em que categorizações e práticas são dotadas de cargas morais específicas (Pink, 2010 [2009]: 12). Em contextos culturais específicos, as pessoas tendem a usar determinadas categorias sensoriais para concetualizar aspetos das suas vidas e identidades (Pink, 2010 [2009]: 13). A utilização da etnografia sensorial procurou atingir o que Maurice Bloch (1998) caracterizou como o tipo mais profundo de conhecimento que não é apreensível nas entrevistas ou observação etnográfica, por não ser dito. Procuraram-se os métodos adequados para entender, em contextos contemporâneos, as vidas, valores, experiências e mundos sociais dos interlocutores. Subscreeve-se a posição de Sarah Pink no que diz respeito à inadequação dos métodos clássicos de observação e registo detalhado das vidas das pessoas em alguns contextos contemporâneos. Alguns dos obstáculos que se levantam são a inacessibilidade de determinados espaços e a impossibilidade de viver neles durante um período de tempo para observar (Pink, 2010 [2009]: 9). A etnografia nos ambientes domésticos é um dos exemplos. Constrangimentos de tempo e do tipo de práticas, privadas, que se pretende perceber (como a confeção e consumo de refeições) também foram decisivos para as opções de metodologia etnográfica tomadas no decorrer deste trabalho. Definindo a etnografia sobretudo através da prática, mais que aplicar modelos pré-concebidos durante o trabalho de campo, pareceu ser a abordagem preferencial nesta investigação. O reconhecimento consciente e reflexivo das diferentes perceções sensoriais esteve sempre presente ao longo das fases de planeamento, entrevistas, análise e representação do processo etnográfico. Durante o trabalho de campo tornou-se evidente a necessidade de utilizar esta metodologia de avaliação de práticas, formas de conhecimento, categorias, significados e valores. É preciso afirmar que em relação ao presente trabalho esta avaliação sensorial teve um lugar preponderante, admitindo-se que a avaliação da apreensão sensorial está (quase) sempre presente nos processos

etnográfico e antropológico (Pink, 2010 [2009]: 10). Aqui ganha relevância não só a percepção humana mas também a percepção do espaço, construindo em conjunto um enquadramento que ajuda a perceber a prática e processo etnográficos (Pink, 2010 [2009]: 10). Teorias como a da interrelação dos sentidos defendida por Tim Ingold, entre outras, defendem uma percepção geral onde não é fácil distinguir o que cada sentido apreende exatamente, sendo que essa definição é cultural (Pink, 2010 [2009]: 13). É por exemplo através de percepções sensoriais que interlocutores como Luísa e Matilde Zagalo elaboram categorias de limpeza associadas às criadas e empregadas, reveladas na leitura das narrativas. A escolha deste método correspondeu portanto, e também, ao reconhecimento da importância do corpo na experiência humana (Pink, 2010 [2009]: 14). Pretendeu-se perceber e interpretar o contexto e a experiência individual e coletiva, a natureza dos enquadramentos onde esta decorria e perceber categorias culturais específicas, moralidades e convenções que mostram de que forma as pessoas entendem a suas experiências (Pink, 2010 [2009]: 15).

A antropologia dos sentidos é atravessada pelas questões da relação entre a percepção sensorial e a cultura, e da reflexão sobre a inscrição de cultura nos processos de conhecimento através do corpo. Dada a natureza orgânica desta forma de conhecimento, enquadra-se numa produção de cultura contínua e contingente (Pink, 2010 [2009]: 15). A evolução conceitual que diminuiu ou mesmo eliminou a divisão entre as percepções corporais e as mentais permitiu que se concebesse o corpo enquanto fonte de conhecimento e agência, além de ser lugar de experiência e atividade. A prática da etnografia dos sentidos ajudou a articular a atividade intelectual com o conhecimento que ocorre no corpo, objetivando-o (Pink, 2010 [2009]: 24) e a revelar aspetos importantes sobre a constituição do eu e a articulação de relações de poder (Pink, 2010 [2009]: 17).

## A antropóloga

Ao longo do trabalho efetuado foi-se tornando claro que o meu corpo sensorial era central na análise das informações recolhidas. A forma que escolhi para gerir as relações sociais e me situar nos espaços onde decorreram as entrevistas condicionou a recolha de informações. Por um lado, o acesso aos interlocutores foi possível porque fui recomendada por pessoas de conhecimento mútuo. Após a apresentação, a sua receptividade às entrevistas manteve-se também porque pertencia ao mesmo espaço social, o que atenuou o desconforto de ter alguém estranho sentado no sofá da sala a conversar durante várias horas. Dependendo de cada narrador, a relação ganhou uma fluidez que permitiu que se realizassem várias entrevistas de cerca de três horas de duração. A percepção dos espaços onde as entrevistas decorreram e a apreensão sensorial que fiz desses mesmos espaços e das formas de interação dos interlocutores com eles condicionaram a prática etnográfica. Isto aconteceu em aspetos como a orientação de determinadas questões para as opções de equipamentos eletrodomésticos e de mobiliário observadas nas casas, mas também na interpretação de gestos e expressões ao longo das narrativas dos interlocutores, quando se referiam por exemplo a acontecimentos ocorridos nos diferentes espaços da casa. Estes espaços podiam ser não só a sala, mas espaços contíguos como a cozinha, um escritório ou o jardim, mas igualmente os quartos de

dormir situados na parte de cima da casa ou em outros locais não confinantes com a sala onde nos encontrávamos a conversar.

A par da consciência da influência do género do investigador no trabalho de campo, é também reconhecido, conforme já se mencionou, que este absorve conhecimento através da experiência corporal/ sensorial (Pink, 2010 [2009]: 25). Os corpos das pessoas negociam-se nos espaços das entrevistas e do trabalho de campo em geral, sendo cada um consciente da sua visibilidade e da sua performance (Coffey, 1999: 59). Adota-se por isso o conceito de Pink, quando propõe a prática de uma etnografia situada onde a experiência é constituída pelas relações entre os corpos, as mentes, e a materialidade sensorialidade do ambiente. Onde, também, o etnógrafo reconhece o seu lugar enquanto indivíduo e parte do contexto de pesquisa (Pink, 2010 [2009]: 25).

A interligação dos sentidos (Pink, 2004: 3 e 2010 [2009]: 2) orientou a minha perceção de maneira a reviver memórias dos interlocutores sobre experiências alimentares, de viagens, de sensações visuais, de frio e calor, de desconforto físico, e de limpeza, arranjo e decoração de espaços, entre outros. À transmissão das memórias correspondeu a minha forma de imaginar o que me estava a ser narrado, sublinhada ou reforçada por uma “reprodução” imaginária sensorial no meu corpo.

A indumentária dos interlocutores e o *habitus* gestual por eles utilizado induziu em parte a categorização que fiz de cada um deles, o que em conjunto com os conteúdos das narrativas e as características linguísticas utilizadas influenciou as minhas perspetivas analíticas.

Mas como é que as informações sensoriais apreendidas por mim se transformam em conhecimento científico? De que forma estão presentes a memória e a imaginação quando o investigador faz ligações entre o campo da experiência e o teórico? Subscrevendo a posição de Sarah Pink (2010 [2009]: 2), creio que é importante levantar esta e outras questões para refletir sobre a prática etnográfica, além de representar e analisar os dados recolhidos. Pink sugere conceitualizar a análise das informações recolhidas como forma de criar “lugares etnográficos” (Pink, 2010 [2009]: 3). Estes lugares, criados através do trabalho conjunto da narrativa e da imaginação dos ouvintes, da análise teórica, da experiência e da memória, correspondem não ao que o investigador viveu quando fazia o trabalho de campo, mas ao que comunica a terceiros sobre a sua investigação (Pink, 2010 [2009]: 42). Assume-se assim que as observações feitas pelo investigador e as suas análises são “situados”, na medida em que são inevitavelmente afetados pelas condicionantes sensoriais e de contexto anteriormente expostas. Considerou-se adequado adotar esta perspetiva devido à natureza das narrativas e às opções analíticas tomadas.

As condicionantes de género (minhas e dos interlocutores) foram evidentes durante o trabalho de campo, tanto a nível sensorial como na prática. As narradoras do sexo feminino sentiram o conforto suficiente para abordar assuntos de foros mais ou menos íntimos, onde se incluíam observações genéricas ou particulares sobre pessoas do sexo oposto. Os masculinos tiveram uma postura menos intimista; optaram por um discurso mais direto, focado em dar respostas precisas às questões levantadas por mim. Acabei por experienciar o que Ruth Finnegan referiu em relação a investigação feita por si em Milton Keynes:

The narrators varied in fluency, with some more eager or available than others to talk about their experiences, perhaps explaining why women's narratives outnumbered

those of men. Most seemed not to find it strange to produce a relatively sustained account of their lives, even if it was the first time they had presented accounts in this form (Finnegan, 1997: 80).

A reflexividade<sup>18</sup> que o trabalho de campo acabou por provocar em mim manifestou-se em aspetos como a escolha da estação de rádio ouvida no carro (experimentei ouvir a que Beatriz Teles mencionou e passei a ouvir apenas essa) e na consulta recorrente para fins pessoais do *blog* de culinária mencionado por Jorge Osório. Fez também com que me tornasse consciente como os seus valores e práticas subjetivos, sensoriais e não só, podem servir de ponto de referência para situar as diferentes aproximações às narrativas dos interlocutores (sobre experiências similares, ver Pink, 2010 [2009]: 52).

O som das gravações das entrevistas foi um elemento fundamental na análise posterior das mesmas. Em parte, por reconstituir a experiência vivida. Mas também, por contribuir com elementos que a desconstroem tal como estava armazenada na minha memória, o que evidencia a permeabilidade da memória a um conjunto de influências, sobretudo sensoriais, contingentes na altura de cada entrevista. Por outro lado, o som gravado remete para outras experiências sensoriais vividas: os cheiros, por exemplo. O odor do bolo acabado de fazer durante a entrevista a Jorge tornou-se constitutiva da sua identidade para a entrevistadora. O cheiro remete para uma parte significativa da conversa sobre as práticas de Jorge, relativas à cozinha e aos alimentos. Contudo outras sensações estão presentes na gravação sonora, como as texturas, os sabores e as imagens.

A forma como os indivíduos utilizam o conhecimento e a prática sensoriais é uma forma de subjetividade, articulada com a cultura em que se inserem e marcadores de identidade – a idade, a geração, o género e a orientação sexual, entre outras influências. Além de considerar o impacto da minha perceção sensorial na avaliação da informação recolhida no trabalho de campo, tive também de tentar perceber as relações e emoções que ligavam os intervenientes na pesquisa (Pink, 2010 [2009]: 53). Este aspeto teve uma importância acrescida por os interlocutores terem relações de parentesco, mas também se deu atenção às manifestações emocionais e sensoriais em relação a todas as pessoas mencionadas nas suas narrativas. A contínua ressituação de cada interlocutor em relação a pessoas, factos e sentimentos, transmitida pelas suas narrativas mostra, também, como cada pessoa se constitui e é constituída através de perspetivas de outros.

Fica assim estabelecido que várias das leituras que se fazem nos capítulos seguintes não são inocentes: têm inevitavelmente as marcas das minhas experiências, da minha forma de perceber objetiva e subjetivamente os interlocutores ao interagir com eles num espaço físico específico durante várias horas, e também das categorias em que os inseri de forma inconsciente. O assumir destas interferências, que são realidade incontornável em todos os trabalhos etnográficos, pretende aqui justificar elações que podem parecer subjetivas mas que resultam do meu entretecer com os interlocutores que, generosos e confiantes, me abriram as casas e as suas pessoas.

O tipo de intersubjetividade sensorial proporcionado pela comunicação com os narradores criou condições adequadas para se analisar o papel da perceção sensorial na maneira como as pessoas

---

<sup>18</sup> Sobre a reflexividade na etnografia ver, entre outros, Davies (2008 [1998]).

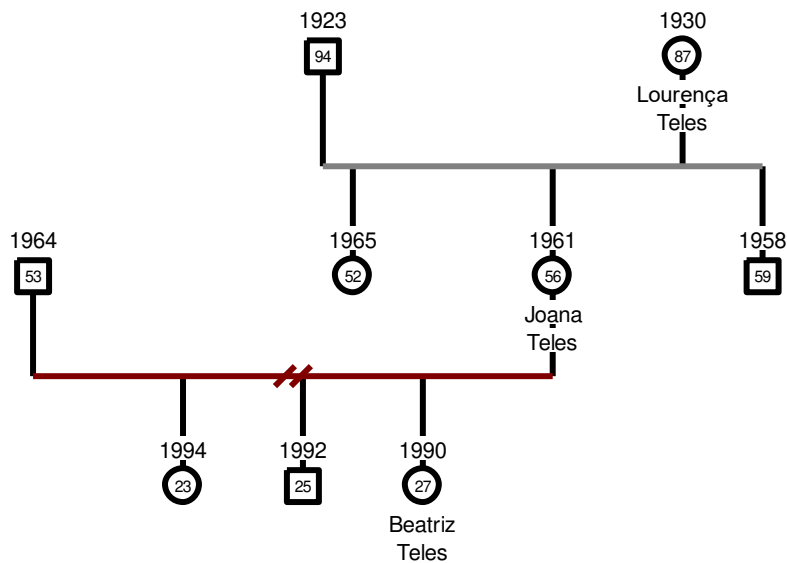
interagem entre si e analisar as implicações da interação entre o investigador e os interlocutores para perceber o encontro etnográfico. A negociação contínua que ocorre nestes encontros faz parte do processo de constituição da identidade de cada pessoa (Pink, 2010 [2009]: 54).

Tentou-se estar atento a um conjunto variado de aspetos das vidas dos interlocutores que são importantes para cada um, numa perceção que ultrapassa a comunicação verbal e a complementa. Procurou-se que o tempo passado em conjunto ajudasse a criar uma relação de respeito e confiança, para que se sentissem confortáveis na exploração dos seus mundos. A dimensão performativa e narrativa da vida social é reproduzida nas entrevistas e no ato de falar (Pink, 2010 [2009]: 83), pelo que esta noção esteve sempre presente na análise das mesmas. O ato de conversar sentado durante as entrevistas é em si um hábito cultural, que não precisou de ser combinado com antecedência entre os intervenientes para ocorrer de forma automática, na sala, a seguir às formalidades do código de conduta.

O objetivo é entender como é que as pessoas se situam, a si mesmas e às suas experiências, através de conjuntos de relações, moralidades e outros conceitos. As metáforas sensoriais revelaram-se úteis para expressar experiências, comentar as moralidades próprias e de outros e as qualidades das relações pessoais (Pink, 2010 [2009]: 91). Tal como observou Ruth Finnegan sobre o seu trabalho de campo em Milton Keynes, alguns dos narradores foram mais reflexivos que outros e, a forte individualidade presente em todas as narrativas impede que se chegue a conclusões gerais definitivas sobre a sua "identidade" (Finnegan, 1997: 80 e 81). As histórias pessoais acabaram por ser cativantes na produção contínua e consistente de diversidade.

## CAPÍTULO 3. FAMÍLIA TELES

**Lourença Teles** tem 87 anos, é viúva e vive com o filho, solteiro, numa casa na Foz do Douro (em frente ao mar). Trabalhou como secretária e motorista do pai quando nova, e voltou a trabalhar enquanto professora de artes plásticas durante alguns anos da sua vida, depois dos três filhos se tornarem adultos. **Joana Teles** tem 56 anos e é a mais nova das suas duas filhas. Vive com a filha mais nova, **Beatriz Teles**, numa casa. Tem mais dois filhos, que ficaram a viver com o pai após o divórcio de Joana e do marido. Os três filhos são estudantes, estando Beatriz na universidade. Joana esteve empregada alguns anos no setor cultural, e após um interregno de alguns anos durante o qual aproveitou para tirar uma segunda licenciatura voltou recentemente (2014) a trabalhar, na área da sua segunda formação.



Ano de elaboração do diagrama  
(através do programa GenoPro): 2017.

## LOURENÇA

Às 16:00 horas do dia 13 de setembro de 2011 cheguei a umas das ruas mais movimentadas da Foz, paralela ao mar, e toquei à campainha da casa de Lourença, a última do quarteirão. Abriu a filha, Joana, com a qual tinha combinado o encontro por e-mail, e atrás dela surgiu Lourença. Eu estava algo ansiosa, pois tinham-me avisado que Lourença tinha um carácter austero e não seria fácil ganhar a sua confiança.

Fui conduzida através da sala de entrada, museológica na antiguidade do mobiliário, tapetes e objetos de arte, até à sala de estar familiar. Nesta, apesar de também se apreciarem pequenas esculturas em *vitrines*, o ambiente é mais utilitário e confortável. Além de uma mesa redonda de trabalho com cadeiras a um canto, poltronas e sofás ocupam o centro da sala, e uma televisão de um modelo ainda sem ecrã plano foi colocada num dos vértices do retângulo formado pelos assentos confortáveis de modo a ser visualizada por todos os que os ocupassem.

Começo por explicar o objetivo das minhas entrevistas e, em conjunto, decidimos que o método de recordação cronológico seria o mais eficaz para atingir os meus propósitos.

### A casa dos pais

Lourença nasceu em Vila Nova de Gaia, em 1930, na casa que foi dada à mãe pela avó materna. Situava-se ao pé da Serra do Pilar e hoje em dia é um parque de estacionamento, pois não foi permitido construir em altura devido à proximidade da zona militar.

A mãe de Lourença (Lourença M.), então órfã de ambos os pais, quis casar-se aos 15 anos com um homem conhecido por ser mulherengo. Os irmãos, mais velhos, foram a Lousada, onde vivia, e internaram-na num colégio na Suíça durante cinco anos para que esquecesse esta ideia. Lá aprendeu a fazer uma sobremesa muito apreciada pela família que viria a formar mais tarde: torta folhada com maçã e geleia. Viveu depois em casa da irmã mais velha no Minho e, em seguida, na dos irmãos em Lisboa. Foi lá que tirou a carta de condução e comprou um automóvel. As férias eram no estrangeiro, em locais frequentados pela alta sociedade de então, como Biarritz. Os irmãos eram donos de uma loja de antiguidades na 5ª Avenida, em Nova Iorque, que faliu com o *crash* de 1929. Lourença M. entretanto casou-se com um advogado, partido já mais aceitável aos olhos da sociedade de então. O marido tirou-lhe a carta e guardou-a no cofre da casa, ficando Lourença M. dependente durante o resto da sua vida. Esta era uma situação comum: Lourença diz que a sua sogra (Maria) também era dependente do marido. São-me contados episódios como o de Maria ter o hábito de guardar as contas do que comprava no meio do missal, ao pé dos “santinhos” – aquelas estampas de figuras santificadas pela Igreja Católica --, para o marido não ver. Em certa ocasião comprou uma pele de raposa e andou muito aflita durante uns tempos antecipando o momento de dar a conta ao marido. Apesar de o dinheiro ser também seu, frisa! Esta era uma queixa frequente da mãe de Lourença: o marido não lhe dava dinheiro, quem a ajudava neste aspeto era sobretudo a mãe. A casa de Vila Nova de Gaia era muito grande, tinha três andares. No rés-do-chão, a cozinha, uma sala e biblioteca utilizada pelo pai, uma sala para a mãe e a sala dos brinquedos. O primeiro andar



estava reservado aos pais: quarto de banho, quarto de dormir com as coisas da mãe e quarto de vestir para o pai. Os pais de Lourença dormiam sempre juntos. Quando se mudaram para a Foz é que passaram para quartos separados, porque o pai estava muito doente, acabando por falecer em 1975. O andar superior era ocupado pelas crianças, amas e empregadas. Cada criança da casa teve uma ama, excetuando a primeira filha do casal (Joana).

A rotina diária da mãe consistia em tomar conta das criadas, fazer e receber visitas, tomar chá com as amigas em Gaia, ir a concertos, tocar piano, bordar, fazer *crochet* e malhas e atividades similares. O pai costumava sair às 11:00 para o escritório, vinha almoçar a casa e dormia 20 minutos de sesta no seu escritório -- as filhas estavam proibidas de fazer barulho nesse período de tempo. Depois voltava para o escritório e retornava a casa pelas 19:30 horas. A partir dos 15 ou 16 anos as filhas já tinham autorização para jantar com os pais. Depois do jantar saíam ou recebiam amigos em casa. A avó paterna gostava também de ouvir concertos de música clássica à noite.

O primeiro gira-discos que tiveram em casa dos pais de Lourença foi montado num móvel pelo pai, para não dar “mau ar”. Funcionava a manivela. Entretanto, o tio Frederico, sensível ao desenvolvimento tecnológico, ofereceu à família um móvel composto, com gira-discos e rádio, pois a irmã de Lourença, Carmo, estava a aprender piano.

Ao sábado a mãe de Lourença levava os netos ao cinema ao Nun'Álvares (Porto, inaugurado em 1949), às matinés para crianças, e comprava-lhes sempre o lanche que vinha acondicionado numa caixinha. Quando Joana e o irmão já se consideravam grandes, aos 11 ou 12 anos, tinham vergonha e deixavam discretamente a caixinha numa montra. Também iam ao Trindade (Porto, inaugurado em 1913) aos sábados porque pai de Lourença era advogado da empresa proprietária – a Empresa do Cinema da Trindade –, pelo que tinha cartão de acesso livre sempre que houvesse lugares.

Em casa dos pais de Lourença havia uma máquina de lavar roupa em sistema americano -- tambor vertical aposto em caixa com abertura no topo, por onde se inseria a roupa –, onde se marcava o tempo e a temperatura pretendidos para a lavagem.



Imagem 1: Anúncio de máquina de lavar roupa da marca estadunidense Westinghouse. 1940.

O ferro de engomar funcionava com brasas. A água quente era obtida através do fogão de ferro, que tinha uns tubos ligados ao cilindro da água e se aquecia com lenha. Este fogão servia também para cozinhar.



Imagem 2: Fogão em ferro com cilindro de água quente e dois ferros de passar roupa a aquecer. 1902-1914.

Havia um sistema de *chauffage* da casa que funcionava com uma caldeira a carvão. Por volta de 1945 ou 1946, os pais instalaram um fogão a gás e apenas dois cilindros elétricos, um em cada andar, porque a eletricidade era então muito cara. Tendo reformado toda a divisão da cozinha para a adaptar ao gás (em garrafa), resolveram inaugurar a novidade convidando uns amigos para um jantar

formal. A cozinheira, que não estava familiarizada com o funcionamento dos novos equipamentos, resolveu chegar o fósforo aceso à saída da garrafa para verificar se ainda continha gás. Houve uma explosão que danificou a cozinha e o jantar gorou-se. A cozinheira lamentava o seu prato de peixe no forno, que estava tão bom...



Imagem 3: Postal de divulgação do fogão a gás. 1909.

Do trabalho da casa encarregavam-se uma cozinheira, uma criada de cozinha, uma criada de mesa, uma criada de quartos, uma costureira, um jardineiro e, mais tarde, um *chauffeur*. Lourença revê mentalmente a cozinheira de casa dos seus pais, ao pé do forno a lenha com as pernas muito inchadas. Lembra também que levavam todos os bens consumíveis a casa: pão, hortaliças, peixe, leite... Um galinheiro enorme albergava como hóspedes temporários, antes do Natal, alguns perus. Quando as crianças eram pequenas tinham uma ama para tomar conta, brincando com frequência com um serviço da Vista Alegre em miniatura e um faqueiro, também em miniatura, em ferro com cabo em louça ou esmalte.

As crianças mais velhas tinham uma *mademoiselle* para tomar conta de si e ensinar a coser à máquina. Uma professora privada foi encarregue da educação de Lourença e da sua irmã mais velha até à quarta classe. Tinham aulas com ela à tarde. Mais tarde esta irmã começou a frequentar em regime de semi-internato o Colégio do Sardão, no Porto, seguindo-se-lhe Lourença. Aos 10 anos (1940) Lourença tornou-se aluna interna neste colégio. O banho era semanal e com camisa de noite vestida, segundo as regras das religiosas para preservar o pudor.

Quando iam para o colégio saíam muito cedo e tinham de descer as escadas na ponta dos pés para não incomodar os pais, pois eles tinham uma vida separada dos filhos: Apenas jantavam com os pais todos os dias e almoçavam ao domingo). As crianças tomavam o pequeno-almoço na cozinha. Lourença não gostava de comer de manhã, bebia apenas um chá. Os pais nunca as levaram ao colégio, iam sempre de elétrico (o 13 para as Devesas ou o 14 para Santo Ovídio). Tinham de



apanhar o das 8:15, o bilhete custava seis tostões, se apanhassem o das 8:30 já ia cheio e não tinham lugar, por viverem no final da avenida da República. Já muita gente conhecida no elétrico, era uma viagem muito animada.



*Imagem 4: Elétrico para Santo Ovídio no tabuleiro superior da ponte D. Luís I. 1912.*

Quando se levantavam tarde – porque a irmã mais velha gostava de ficar a dormir, acrescenta – e perdiam o elétrico, iam a pé pelas ruelas e atravessavam a ponte sobre o Douro até aos Congregados/ Brasileira, onde apanhavam o elétrico que ia para o Marquês. Nessa altura não havia autocarros. Apanhavam um primeiro até à praça da Liberdade e outro de aí até ao Marquês de Pombal. Lourença e as amigas por vezes faziam parte do caminho a pé (entre a praça da Liberdade e o Marquês de Pombal), poupando o dinheiro das senhas de elétrico para comprar um bolo de dez tostões na única pastelaria e confeitaria da zona na altura, a Cunha, na rua de Santa Catarina<sup>19</sup>. Na altura não era costume os pais darem dinheiro às crianças.

No sétimo ano mudou para o liceu Carolina Michaëlis, por ser o único sítio onde se lecionava a área de ciências. Depois foi para a Faculdade de Belas Artes e frequentou o primeiro ano (comum). O pai não a deixou continuar porque achava que a faculdade era “muito avançada” e “ficava mal uma

<sup>19</sup> Esta confeitaria estabeleceu-se inicialmente na R. de Santa Catarina e na década de 1980 transferiu-se para a localização atual (2014), no Edifício Emporium da R. Firmeza.

menina andar lá”. Foi então trabalhar com o pai, advogado. Apesar de ter feito um curso de estenografia, a sua função principal era transportá-lo de carro ao tribunal, ao escritório, e outros sítios necessários, pois então o pai ainda não tinha contratado um *chauffeur*. O pai emancipou-a aos 18 anos para ela poder tirar a carta e conduzi-lo, pois tinha confiança nela. Lourença tirou a carta no Automóvel Club de Portugal<sup>20</sup>, conduzindo um Ford T.



Imagem 5: Ford T. Fotografia de 1924.

O exame foi na rua das Doze Casas, estreita, com candeeiros na borda dos passeios e onde manobrar um carro grande -- sobretudo uma rapariga franzina -- era uma prova de perícia. À saída do Porto para Gaia, na ponte, havia uma casinha com polícias. Quando tirou a carta Lourença era de estatura baixa e o carro muito grande; os polícias mandavam-na parar e diziam-lhe: -- Quando virmos um carro a andar sozinho sem ninguém já sabemos que é a menina! Quando o pai (que era também deputado) a emancipou, telefonaram da Câmara para sua casa, espantados, para confirmar se realmente a filha já podia votar. A emancipação ocorreu também em altura de eleições municipais a que o seu pai concorreu<sup>21</sup>...

O carro que o pai tinha antes da guerra (um Ford) estava sempre a furar os pneus na viagem até Guimarães, onde tinham uma quinta. Deviam furar umas 10 vezes em cada viagem, lembra Lourença. Depois da guerra o pai adquiriu um novo, “dos que vieram para a guerra”; pediu um e

<sup>20</sup> A escola de condução do Automóvel Club de Portugal inaugurou no Porto em 1935 (ver <http://www.acp.pt/o-club/saiba-mais/historia?viewall=true>).

<sup>21</sup> Foi vereador da Câmara Municipal do Porto.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

pintou-o de vermelho. Pessoa muito organizada, construiu uma maquina para o carro, dispensadora das moedas de 2 tostões para pagar a passagem diária da ponte.

Um cunhado de Lourença, Frederico, também era expedito e adaptou um carro para funcionar a botijas a gás, presas no tejadilho. Dada a disponibilidade da gasolina quase nula e os preços muito elevados, este era um recurso comum depois da guerra.

O telefone da casa dos pais, em 1945, constava de um pé com bocal e suporte para auscultador. O telefone era usado para falar às amigas, namorados, família, e para as encomendas na mercearia.



Imagem 6: Anúncio a telefone da companhia MT&T no jornal Morning Chronicle de Halifax (Reino Unido). 1914. Salienta-se o cunho de equipamento doméstico, utilitário, que poupa trabalho à mulher no lar. Este discurso em torno do telefone vai evoluir nos séculos XX e XXI para o de um predomínio de uso para socializar.

O pai de Lourença tinha a mania das geringonças e possuía um telefone além do principal, de onde ela ligava à noite para a operadora e pedia o "115 da Foz" para namorar com o futuro marido (Francisco); o pai, a dada altura da conversa, levantava o auscultador do outro telefone e dizia:

- Menina, já chega!

Lourença só podia telefonar à noite, já tarde, porque as irmãs de Francisco queriam também falar ao telefone nesta altura do dia.

Casamento



Lourença casou em 1954 e a partir de 1976 voltou à Faculdade de Belas Artes e fez o curso de Pintura e o estágio. Deu aulas durante 10 anos no liceu Garcia da Horta, numa escola de Matosinhos, outra do Olival (Gaia) e ainda na Póvoa de Varzim. A escola de Matosinhos era responsável pela cadeia de Custóias e Lourença voluntariou-se para dar lá aulas. Gostou.

Quando casou foi viver para a casa atual, que uma tia do marido lhes deixou em herança. Esta tia do marido, Maria João, era solteira e tinha hábitos considerados na época bastante austeros:

[...] a tia Maria João gostava de viver na Foz, o jardim dava para uma escada que ia direta à praia. A casa tinha um rés-do-chão e um 1º andar, era muito simples, ela era muito poupada... O único luxo era um carro e um *chauffeur*, era um Ford parece que azul, de vez em quando íamos ao Buçaco nos dois carros, a tia Maria João, a minha mãe, a Lurdes e nós os seis. (Apontamentos familiares: 66)

Na casa havia já linha de telefone e existia um aparelho em baquelite preta, mas tiveram de fazer obras no resto da casa, faseadas em duas partes. Arranjaram primeiro a parte de cima, onde viviam, porque a parte de baixo era destinada aos criados e crianças. Nesta data não havia quartos de banho, umas casinhas no jardim ligadas à canalização municipal serviam o objetivo. Não havia canalização na casa (exceto a que ligava aos esgotos)<sup>22</sup>, nem sistema de aquecimento. A tia do marido tomava sempre banho com água fria.

[...] a tia Maria João foi sempre uma pessoa muito saudável. Conta-se que todos os dias tomava banho de água fria. A água era posta à noite na banheira para estar mais fria no dia seguinte, talvez fosse por isso que tinha tanta saúde (Apontamentos familiares: 67).

Instalaram então uma canalização em ferro e atualizaram a instalação elétrica. A cozinha situava-se na parte de baixo da casa, dotada apenas de fogão a lenha e pia para lavar a louça. Quando o casal entrou em 1954, comprou um frigorífico AEG, um fogão elétrico da marca Leão, e mais tarde, uma máquina de lavar roupa. Até esta compra a roupa era lavada por uma lavadeira de Matosinhos/ Leça da Palmeira que a vinha buscar e entregar a casa. Não compraram máquina de lavar loiça na altura porque a cozinheira interna, Silvina, afirmou que se recusava a trabalhar se houvesse uma, ou mesmo qualquer aparelho elétrico na cozinha. Esta criada, recordada por ser bastante rabugenta, esteve na casa até ao final da década de 1960. Cozinhava muito bem e nos dias de festa usava um avental branco engomado. A empregada que a substituiu já era adepta dos aparelhos modernos. Ainda em 1954, Lourença comprou quatro aquecedores elétricos, porque a casa era muito fria e húmida dada a proximidade ao mar.

Entretanto comprou também uma enceradeira elétrica e construíram-se dois quartos de banho com cilindros elétricos, um para a família, em cima, e outro para os criados, na parte de baixo da casa. Até à construção destes quartos de banho tomava-se banho numa bacia onde se deitava a água

---

<sup>22</sup> Segundo estatísticas de 1941, a título de exemplo, apenas 38,72% da população do distrito do Porto dispunha de redes de abastecimento de água no domicílio. No mesmo distrito, existiam nesse ano quatro redes de esgotos (Pato, 2011: 97-98).

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

aquecida trazida do fogão. Nesta altura fizeram-se obras na parte de baixo da casa: transformaram uma sala grande com passagem direta para a cozinha por baixo das escadas em dois quartos para as empregadas, com WC. Mais tarde, quando fizeram as obras em baixo (década 1970?) adaptou-se para um quarto com duas camas para as filhas, já grandes, e a uma sala para brincarem e estudarem.

Na década de 1980, renovaram-se as canalizações porque as torneiras deixaram de deitar água. Também a cozinha sofreu alterações nestas obras, compraram-se todos os eletrodomésticos da Miele e inseriram uma prateleira para colocar o microondas.



*Imagem 7: Primeiro microondas fabricado pela Miele, modelo M 690. 1977. Fornecido posteriormente com opção de encastrar.*

Até 1975, tiveram criadas internas: cozinheira, empregada de mesa e empregada geral que se encarregava da limpeza e arrumação. A cozinheira fazia as compras na mercearia do senhor Cardoso. Levava um caderno, onde ele apontava o que ela pedia e ele registava também no seu caderno e, no fim do mês, Lourença pagava a conta.

Quando a cozinheira deixou de trabalhar na casa, Lourença passou a fazer as compras pessoalmente no mercado do Bom Sucesso. O senhor "Manuel do Talho" passou a levar a carne a casa, encomendada pelo telefone. Entretanto surgiram os supermercados e hipermercados e acabaram as profissões de atendimento doméstico.

Por volta de 1990, a Portugal Telecom lançou uns telefones de cor branca com botões em vez de disco que foram um êxito devido à novidade, pelo que Lourença pediu logo um desses aparelhos para sua casa. A empresa oferecia os aparelhos para substituir os que se avariavam, pelo que a família teve vários.

Lourença teve o seu primeiro telemóvel quando nasceu a neta Helena, há 16 anos [1995]. Era um Motorola que pesava 1 kg e operava na rede Telecel. Decidiu comprá-lo porque já muitas das pessoas que conhecia tinham. A filha, Joana, diz que ela comprou porque era "leve, bonito e cabia na mala". Comprou no Automóvel Clube de Portugal e por ser sócia foi mais barato, tendo custado cerca de 50 ou 60 contos. O telemóvel caía-lhe ao chão com frequência e avariava, por isso Lourença mudou de telemóvel para um da marca Nokia, comprando sempre telemóveis dessa marca a partir dessa altura. Agora [2011] mudou de rede para a Zon, pois é mais barato por já ser assinante de televisão da Zon.



O primeiro computador foi-lhe dado pelo filho. Este deu-lhe em primeiro lugar um MacIntosh, mas ela não se adaptou; depois o filho comprou-lhe outro, mas com sistema operativo da Microsoft. Lourença fez um curso de computadores em 2008. O marido nunca comprou nenhum aparelho informático ou outro, utilizava os que ela comprava. Lourença comprou inicialmente uma televisão a preto e branco e depois uma a cores, sendo que o marido protestou pela inutilidade desta segunda compra. Contudo, passou a gostar de ver sobretudo esta última, tendo os membros da família que quisessem ver outros programas de ir ver para as televisões do quarto dos pais ou da cozinha. O aparelho na cozinha era uma situação comum em muitos lares e terá sido introduzido neste pela última empregada da casa, tendo permanecido o hábito, pois todos os da família gostam de ver enquanto cozinham. Joana acrescenta que gosta de ver as notícias enquanto cozinha.

A empregada externa atual de Lourença está na casa há 20 anos e faz todas as tarefas. No momento da entrevista, em 2011, está de licença parental porque teve um filho. Lourença fez um contrato com uma lavandaria próxima enquanto dura a ausência da empregada.

A cozinha foi outro espaço pouco frequentado e utilizado pelo marido de Lourença: quando estava sozinho não mexia em nenhum aparelho, não aquecia a sopa no micro-ondas nem usava o fogão, preferia comer a sopa e a feijoada frias.

## Automóvel

O marido, Francisco, tirou a carta na tropa mas nunca gostou de conduzir, de tal forma que quando casaram ele comprou um carro -- Volkswagen "Carocha" -- e pediu a Lourença para o ir buscar ao *stand*. Até 1976, o marido teve sempre carros desta marca, porque os primos eram representantes. Possuíam um *stand* -- a Auto Ouro --, que representava esta e outras marcas, como a Mazda e a Datsun. Foram os primeiros representantes da Ford em Portugal. Francisco possuiu também um Datsun do *stand* dos primos. Como ele, toda a família adquiria carros de marcas representadas por estes familiares.

Posteriormente compraram um carro Hillman Imp para irem com os filhos em agosto para a praia Internacional, ao pé do Castelo da Foz. O vidro de trás abria e as crianças adoravam ir no "buraco" da mala.

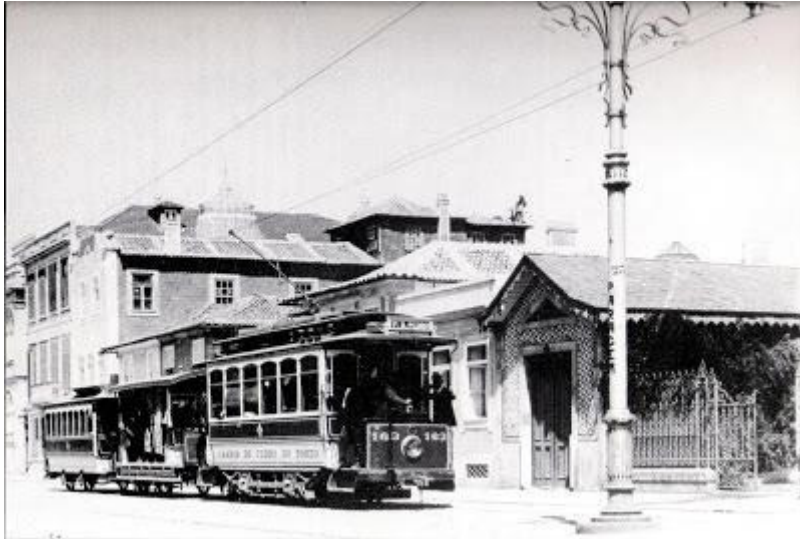


Imagem 8: Automóvel Hillman Imp. Fabricado pela marca britânica a partir de 1963.

Na época não se colocava a questão da segurança rodoviária, não havia cintos de segurança. Passavam lá o dia e a criada levava-lhes o almoço de elétrico. Em setembro iam para a casa de Ledesma (da mãe de Lourença), situada entre Barrosa e Vizela. Havia uma piscina com água da mina, muito fria. Tinha umas escadas, porque a água era tão fria, que não dava para entrar de repente. O marido costumava ficar no Porto a trabalhar, com uma cozinheira para lhe fazer as refeições. Quando Lourença ia de férias com o marido nunca levavam os filhos, que ficavam em casa.

Além do automóvel, Lourença deslocava-se de elétrico. O 1, para Matosinhos, levava uma carruagem com as peixeiras e outra com os cestos. Quase mais ninguém ia por causa do cheiro a peixe<sup>23</sup>.

<sup>23</sup> “Transportes públicos apenas havia o elétrico: 1, em regra com atrelado, ligava a Praça da Liberdade a Leça, passava por Mouzinho da Silveira, Alfândega, Massarelos, Ouro, Passeio Alegre, Senhora da Luz, Avenida Brasil, Av. Montevideu, Castelo do Queijo, antiga Seca do Bacalhau, rua de Brito Capelo, Leixões e Leça. Era chamado o elétrico das peixeiras, evitado pelas senhoras e janotas. As peixeiras com canastras só podiam utilizar o atrelado. Em tempos mais recuados existiu um atrelado, com estrados de madeira, onde eram colocadas as canastras, seguindo as peixeiras no carro da frente.” (Ferreira, 1999: 58).



*Imagem 9: Elétrico nº 1 no Passeio Alegre com dois atrelados: um aberto e o último para as peixeiras e as canastas de peixe. Início do século XX, Photo Guedes.*

O 17 parava em frente à sua casa e ia até à Batalha, o 2 ia para a Baixa, o 18 ia para a Baixa e Aliados e o 78 fazia o circuito da cidade toda.

## Quinta de Guimarães

A partir de 1974, ficaram com a propriedade da casa de Guimarães, herdada pelo marido. A quinta possuía uma casa senhorial, sem os confortos das urbanas. Estava em ruínas, não havia cozinha, apenas uma lareira feita no recuo das conversadeiras da janela de uma das divisões. Um caseiro tomava conta, e os terrenos estavam ocupados com milho. Começaram a fazer obras e a ir lá de férias. Fizeram canalizações em ferro que ainda lá se encontram, apenas se substituíram alguns canos desde 1975. Deixaram duas divisões num piso intermédio que serviam de quartos de banho e tinham ligação direta às lojas dos animais. Na altura da reforma também colocaram eletrodomésticos Miele, porque gostava muito da marca e tinha confiança na durabilidade. Avariou-se, entretanto, a máquina de lavar louça por falta de uso e começaram a escassear as peças para substituir, por isso comprou uma de outra marca, mais barata. Recorda-se de uma empregada moleira que tinham -- havia três moinhos no rio que passava na propriedade -- que as levava à feira local à sexta-feira e lá compravam patos para pôr no rio. Há 21 anos fizeram uma piscina por causa dos netos, senão eles não queriam ir para lá, porque se aborreciam. Também fizeram uma sala grande para eles estarem com os amigos, com mesa de jogo e WC (*poliban*, retrete, bidé e lavatório comum). Não se podia tomar banho no rio, porque a fábrica de Roldes lançava resíduos de tintas para a água:

- ... Um dia o rio era vermelho, no seguinte azul!

Antes de ter a piscina tomavam banho num tanque que lá havia. Para esta casa compraram no antiquário Baganha um bufete com duas partes: uma com prateleiras e outra garrafeira, forrada a chumbo para preservar o frio. Esta compra deu-se porque herdaram móveis, mas faltavam alguns para completar a mobília da sala de jantar comprada à família Van Zeller (mesa e cadeiras), e este bufete cabia no espaço livre em Guimarães.

Celebrar a Páscoa era diferente antigamente. O padre ia no compasso com empregados da quinta e pessoas conhecidas da aldeia, entrava na casa e comia acepipes com vinho do Porto e bolos. Agora já não, vêm os escuteiros!

Para esta quinta o marido comprou uma motocultivadora e, mais tarde, um trator. O caseiro, José, mudou então de indumentária: costumava usar o chapéu de palha e socos dos boieiros, e passou a usar boné e botas para operar o trator.

## A casa dos sogros

Quando os sogros vieram de Guimarães para o Porto compraram o terreno mesmo em frente à sua casa e construíram uma para eles. Nesta casa dos sogros havia uns WC horríveis, só com retrete, uma em cada patamar, a dar para a varanda<sup>24</sup>. O sogro tinha duas empregadas; uma era muito simpática, a Amélia, toda a gente a queria. A outra, a “Ana das Batatas”, era antipática. Tinha o cognome “das batatas”, porque na altura do casamento da cunhada em Águeda, Ana esqueceu as facas e Lourença, que levava sempre as dela para todo o lado, emprestou-lhas. Como agradecimento, Ana deu-lhe a sua receita de batatas com molho de cogumelos. A empregada Amélia trazia sempre o pequeno-almoço a casa de Lourença desde a casa dos sogros, do lado de lá da rua. Quando iam comer a casa dos sogros a refeição era sempre arroz com rins e, de sobremesa, queijo e marmelada. A cunhada de Lourença fartou-se um dia e disse que já não iam lá mais, era uma discriminação, pois quando os convidados eram outros a ementa era mais refinada.

Quando o Natal era em casa do sogro chamavam um fotógrafo para documentar as festividades. Por seu lado, o pai de Lourença tinha a paixão da fotografia, tirava-as e revelava-as. Documentava sempre as festas e outros eventos. O pai e a mãe de Lourença viajavam muito e tiravam muitas fotografias, e ela ajudava-o na sala de revelação da casa de Gaia. Foi contratado um fotógrafo para o casamento de Lourença, mas o pai mandou-o embora, porque começou a *flirtar* com as empregadas e não tirava fotografias. Assim, Lourença não tem fotografias do seu casamento. Após a distribuição das muitas fotografias tiradas pelo seu pai pela família sobraram muitas que ninguém quis. Lourença queimou-as, na casa de Guimarães.

## JOANA

A casa de Joana, numa das ruas mais movimentadas e centrais da Foz, foi construída na década de 1950. É uma vivenda geminada pequena, de dois pisos e com um pátio ajardinado nas traseiras. Tem

---

<sup>24</sup> Rui Cascão escreve que em Lisboa “as moradias em blocos de qualidade elevada, cerca de 1940, em geral só possuíam uma casa de banho e um WC (retrete). Estas instalações situavam-se no primeiro andar e serviam vários quartos (seis ou mais). Existia, por vezes, um outro WC, no rés-do-chão. Na mesma época, muitas vivendas em Lisboa, Coimbra, Sintra e noutras cidades também só tinham uma área reservada a usos sanitários, mas quase sempre com separação total entre o banho e o WC, para garantir maior privacidade aos utentes. Muito mais raramente, as vivendas podiam atingir o cúmulo do luxo, que consistia em alguns quartos terem o seu quarto de banho com acesso privativo.” (Cascão, 2011a: 26-27).

o tamanho ideal para nela viver com a sua filha mais velha. Numa tarde de outubro de 2011 entrei, fui convidada a sentar-me e começámos a conversar sobre o tema da tecnologia, que ali me tinha levado. Joana aponta uma moldura digital, que na altura da entrevista tinha desligada para não gastar eletricidade:

-- Ao que isto chegou! Por acaso é ótimo, eu gosto, aquilo vai rodando...!

Joana nasceu em 1961 e viveu em casa dos pais até aos 27 anos, altura em que se casou. Para si a grande obra nesta casa materna foi a construção de um quarto com quarto de banho para si e para a sua irmã, quando ela nasceu, e de outro para o irmão no piso inferior. Até então dormia com o irmão na sala, e foi esta divisão que, por volta de 1969, perdeu uma parte nas obras para conseguir um quarto para as meninas. Para o pai de Joana a grande revolução na sua casa foi outra: a passagem do papel de jornal ao papel higiénico, conforme contava aos seus alunos.

A área restrita dos pais era o piso superior da casa e às empregadas e aos filhos da casa tinha-lhes sido atribuído o inferior. Os filhos, quando pequenos, chegavam a casa e iam diretamente para o andar de baixo ter com a empregada que os acompanhava sempre em casa. Nunca sabiam se os pais estavam ou não em casa. Só ao final do dia eram autorizados a subir e conviver com eles. Quando a sala da parte de baixo da casa deixou de ser para brincar, foi arranjada e colocou-se lá a única televisão existente na casa (a preto e branco), pelo que os pais começaram a usar com mais frequência a sala do piso inferior e a conviver mais com os filhos.

Desde sempre viu televisão, a preto e branco, por vezes a que existia no quarto da mãe (por volta dos 12 anos), o que era um momento especial para ela até porque não era comum as famílias suas conhecidas terem um aparelho no quarto de dormir. Este aparelho era especialmente bonito, redondo, um objeto de design. De manhã, passava a telescola, à hora de jantar o telejornal e o fim da emissão era marcado pelo hino nacional, apelidado pelos seus conhecidos de “hino da bandeirinha” devido à imagem no ecrã. Durante a frequência da escola primária começaram as emissões à hora do almoço, notícias e desenhos animados (*Tintin*). Vinha a correr da escola para ver esses minutos de programa infantil. Entre o final da década de 1960 e o início da seguinte a programação começou a aumentar. Marcas na sua memória deixaram as transmissões televisivas da chegada da nave espacial Apollo 11 à Lua, a 20 de julho de 1969. Os pais acordaram Joana para presenciar essa emissão especial, fora de horas. A revolução de 25 de abril de 1974, assim como a interrupção da emissão para comunicar a morte de Francisco de Sá Carneiro, a 4 de dezembro de 1980 -- por ser pai de uma amiga sua. No dia 25 de abril e seguintes toda a família esteve à frente da televisão a acompanhar as notícias, o pai não os deixava falar para não perder qualquer informação, não se sabia o que estava a acontecer no país. Ouviram também a BBC pelo rádio, pois eram as únicas notícias consideradas fiáveis. Não se falava no assunto às crianças e havia medo de represálias. Esta época ficou muito marcada na sua memória, também porque teve repercussões familiares e sociais durante alguns anos. O seu pai foi publicamente considerado comunista e a ostracização social agravou-se por viverem na Foz, zona na época ocupada sobretudo por residentes simpatizantes da direita política. Foi-lhe recusada entrada em casa de amigas e em festas por ser filha de um “comunista”. O pai perdeu bastante trabalho e o impacto desta revolução traduziu-se num

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

decréscimo de conforto material e social. A palavra Alentejo era de pronúncia proibida, e a região era uma área onde se acelerava quando iam de carro para o Algarve de férias

- Não se parava, nem para comprar uma água!

Havia um local imediatamente antes do início daquela região onde se parava para comer e depois:

- ... Prego a fundo para chegar ao Algarve!

No Alentejo “só havia cubanos e comunistas”, “maldito” e onde as pessoas do norte não tinham motivos para ir. Os conhecimentos que a família e outras pessoas do Norte tinham lá eram uns primos de Lisboa, que foram expropriados em 1975.

- Coisas tão estúpidas, e hoje em dia é chique ir para o Alentejo!

Considera, contudo, que a desigualdade vigente antes da revolução era gritante. Lembra-se de a mãe abrir a cozinha de casa e dar de comer às filhas da padeira, e dar os pares extra de sapatos dos filhos a crianças que não tinham calçado.

Recentemente, foram as imagens dos embates nas “torres gémeas” do World Trade Center, a 11 de setembro de 2001, que a impressionaram. Lembra-se do momento em que atravessava a sala de estar para ir buscar a sobremesa, pois estava a almoçar com a família no exterior da casa, e olhar por segundos para a televisão, que estava sintonizada na CNN. Em nota de rodapé, viu a notícia. Já não saiu e chamou a família aos gritos. O marido chegou e ao ver o sucedido disse que tinha sido um atentado:

-- Foi das poucas vezes que vi o meu marido em pânico.

Foi também a única vez em que o viu pegar na TV pequena que tinha em casa e levar para o escritório para ver as notícias, assim como indicar-lhe que às 15:15 horas, assim que fosse buscar os filhos à escola, voltasse imediatamente para casa sem passar por lado nenhum.

Joana também via teatro que passava à tarde na televisão, emitido em direto do estúdio. Fala sobre a “mania dos concursos” (como “o da vaca Cornélia, que fez sucesso”) que, entretanto, se instalou na programação televisiva. Recentemente começou a lembrar com os amigos, no Facebook, as séries antigas que viam na televisão. Uma que todas as meninas viam era a dos “Pequenos Vagabundos”<sup>25</sup>, e Joana chegou a mandar uma carta para a RTP a pedir para voltarem a passar. A programação era reduzida e todos os seus conhecidos já sabiam que à quinta-feira ninguém saía de casa, pois era o dia de emissão da série *Upstairs-Downstairs*<sup>26</sup>, às 21:00 horas.

---

<sup>25</sup> Série exibida ao sábado de manhã na televisão portuguesa (RTP) durante as décadas de 1970 e 1980.

<sup>26</sup> Série britânica produzida pela London Weekend Television, transmitida entre 1971 e 1975. Ao longo dos episódios desenrola-se a vida quotidiana dos criados e dos seus patrões de classe alta numa casa londrina em estilo eduardiano. A série documenta as evoluções sociais e tecnológicas ocorridas entre os anos de 1903 e 1930 e as suas repercussões no ambiente doméstico. A BBC Wales em parceria com a Masterpiece realizou uma sequência entre 2010 e 2012 (<http://www.imdb.com/title/tt1782352/>, consultado a 3.8.2017).





Imagem 10: Série televisiva britânica *Upstairs Downstairs*. 1971-1975.

Ao domingo passavam os filmes portugueses da década de 1940, que ninguém perdia. Assim, ou se ficava em casa ou se ia jantar a casa de amigos para ter acesso à televisão à hora da transmissão. No início do uso da televisão -- objeto de luxo -- era comum esta gestão do tempo em função dos programas, apesar da programação em geral ser "fraquíssima". Joana tinha amigos que iam para sua casa ver televisão, pois a aquisição deste aparelho, apesar de mais ou menos generalizada, não era algo considerado muito importante e demorou a entrar na vida rotineira da população. A televisão a cores foi uma revolução, mas a mãe comprou o aparelho um pouco mais tarde. Joana crê que as pessoas compraram mais televisões a preto e branco do que a cores, pois quando esta começou a ser comercializada estava ainda em período experimental e atingiam um preço muito elevado. Joana e os irmãos começaram por ir ver televisão a cores para casa de um primo. O pai achava inútil que o aparelho fosse a cores, pois só via o noticiário. Mas, frisa Lourença, depois de ela comprar o aparelho a cores era através dele que o marido preferia ver o telejornal. O pai de Joana, aliás, nunca comprou qualquer aparelho ou objeto para a casa, não tinha jeito para *bricolage*, máquinas de fotografar nem de filmar ...

Ficou célebre na família o episódio da compra de uma máquina fotográfica por Francisco. Recebeu uma bolsa para estudar alguns aspetos culturais de diversos países europeus e decidiu comprar uma máquina fotográfica para utilizar na viagem. O vendedor explicou como funcionava a máquina e configurou-a para fotografia de interior. Quando Francisco voltou da viagem e mandou revelar as fotografias viu que estavam todas estragadas, pois eram quase todas de exterior e ele não sabia (nem se lembrou de) regular a máquina para o ambiente a fotografar. Como era a mãe, Lourença, que comprava tudo com o dinheiro que ia juntando ou com algum extra dado pelo seu pai (avô materno de Joana), o pai ia utilizando.

As crianças estudavam à noite e não viam televisão, mas a programação também não ocupava muitas horas do dia, na altura. Joana pensa que não se deveria justificar o investimento em emissões televisivas quando uma grande percentagem da população ainda não tinha o aparelho por falta de

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

poder económico. Lembra-se de haver muitas pessoas a ver televisão nos cafés na altura em que o aparelho começou a aparecer no mercado. Hoje em dia isso acontece sobretudo em dias de jogos, pois a subscrição dum canal desportivo é um encargo adicional, que muitas pessoas optam por não ter.

O videogravador foi um grande avanço, e foi comprado para a casa dos seus pais pensando na gravação dos episódios de telenovelas. Adquiriram o primeiro por 500 contos no início da década de 1980. Era da marca Beta, e a mãe comprou desta marca porque o irmão estava convencido de que era o futuro, por utilizar cassetes mais pequenas que o VHS.



Imagem 11: Modelo Betamax produzido pela Sony a partir de 1975.

Joana crê que o irmão insistiu em comprar da marca Beta, porque os amigos que tinham leitores idênticos. O aparelho era grande e o exterior da caixa parecia de madeira -- Como as televisões! --, e durou muitos anos. Agora tenta-se dar aos aparelhos um ar mais *low profile*, usando cores escuras ou a cinzenta. A televisão vermelha, pequena, que a mãe comprou para ter no quarto era um objeto de design, Joana diz que deveria ser de fabrico alemão. Terá comprado por ser pequena e um objeto bonito, sendo que a avó materna de Joana possuía já uma muito similar, de cor branca. O aparelho existe ainda, na casa rural de Guimarães, hoje pertencente a Joana. Esta televisão foi comprada por Lourença como um luxo para si, uns anos já depois de terem televisão na sala.



Quando era pequena não tinha brinquedos mecânicos e nunca teve “os brinquedos da moda”, como Barbies:

- Mas tive uma Cindy, uma espécie de Barbie!

Bonecas, legos, cromos e panelinhas com que brincou até aos 13 anos eram oferecidos em ocasiões como o Natal, o aniversário e na Páscoa sobretudo pelos padrinhos, pelo que eram atesourados e cuidados de modo a prolongar a sua durabilidade. Ao contrário, sublinha constantemente, das gerações atuais. As suas filhas brincaram com bonecas até aos 6 ou 7 anos, depois tiveram outros interesses, após a entrada para a escola. No Porto da sua infância apenas havia o Bazar Paris, que vendia brinquedos caros, pelo que não eram largamente comercializados. O pai dava ao irmão, todas as semanas, um carrinho de coleção, importado. Joana lembra-se da primeira bicicleta nova.

Comprou-a com o dinheiro dado pelos padrinhos e avós quando terminou a 4ª classe. Era uma Vilar, que custou 1000 escudos. Por ser branca, custou mais 100 escudos. Foi nesta altura que também teve o primeiro relógio, um Calmy quadrado que usou durante anos, e uma caneta Parker de tinta permanente (que guardou até hoje) dada pela mãe para fazer o exame da 4ª classe, para evitar os borrões porque desclassificavam. Não se considera menos feliz por ter tido menos brinquedos que outras crianças. Aprendeu a manejar a máquina de costura com a costureira que ia uma vez por semana a casa da mãe. Entretinha-se assim, a confecionar roupas de bonecas, sabendo fazer um enxoval completo: roupas, carapins, casaquinhos, fraldas e vestidos, lençóis, travesseiros, colcha. Com a avó materna aprendeu a fazer peças em *crochet* e malha, e com a mãe *tricot*. Esta prática permitiu-lhe mais tarde fazer muita roupa para as filhas e para as bonecas delas. Tal como a sua mãe, teve em tempos uma máquina elétrica de tricotar, mas nenhuma das duas se sentiu confortável no manuseamento deste aparelho, pelo que não lhe deram uso.

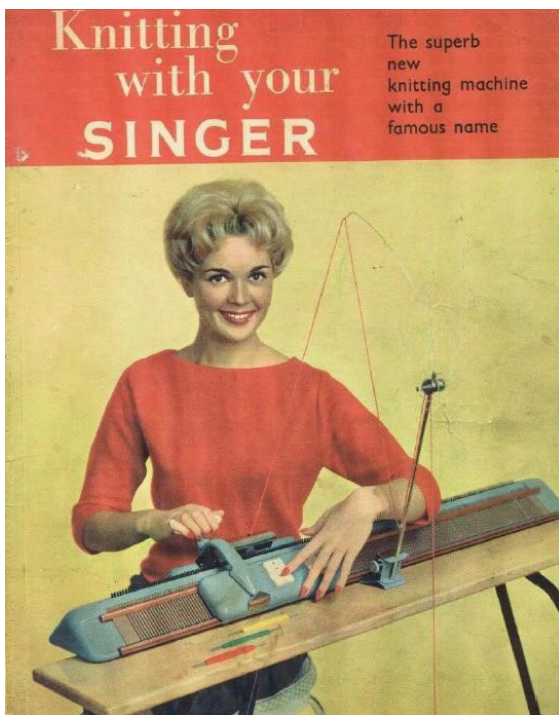


Imagem 12: Anúncio a máquina de tricotar Singer, modelo LK15.

Joana comprou mais tarde uma máquina de costura elétrica apenas porque a sua costureira, que ia uma vez por semana a sua casa quando os filhos eram pequenos, só gostava deste tipo de

equipamento. Joana não gosta, porque não consegue controlar o pedal. A antiga máquina manual da mãe está guardada na casa onde viveu antes de se divorciar. Diz Joana que a mãe costura maravilhosamente, e que ainda hoje em dia compra uma peça de roupa e adapta-a com facilidade. Dado este talento da mãe -- que fez quase toda a roupa que os filhos usaram antes de sair de casa --, Joana nunca teve de aperfeiçoar a técnica da costura, nem usar muito a máquina. A função da costureira da mãe era apenas coser os cortes que Luísa fazia com moldes, fazer pijamas, arranjos, apertar as calças, fazer umas saias muito rodadas que em tempos se usaram ...

Quando começou a vulgarizar-se o pronto-a-vestir a mãe continuou a arranjar a roupa que comprava para os filhos. Joana diz, aliás, que a mãe é dotada para todos os trabalhos manuais, não só a costura como para a limpeza e a cozinha. E executa-os com todo o rigor.

Joana não faz roupas na atualidade, porque a matéria-prima (como a lã) é muito cara, compensando comprar pronto nas grandes cadeias de lojas. Mas fez muita roupa de bebé, pois quando teve os filhos não havia a oferta atual. Além da Chicco e da Prénatal, a oferta restante era dispersa e pontual. Os tempos livres e as férias da sua juventude foram passados a encontrar-se com os amigos e a esfolar os joelhos de bicicleta na Avenida Brasil, sem obrigação de telefonar para casa avisando a hora de chegada; sabia que tinha de estar em casa às 13:00 para almoçar e às 19:00 horas para tomar banho e jantar.

A mãe sempre conduziu os automóveis que possuiu. Além dos recados diários a cumprir e do trabalho que exerceu durante alguns anos, transportava os filhos à escola, e, no verão, à praia “do Allen”, no Castelo do Queijo -- deve o nome ao banheiro que lá trabalhava -- e à de Leça, quando se tornou fino frequentá-la. Joana costumava ir de carro para a escola preparatória, revezando-se os pais de seis crianças para as levar. Um dos pais que fazia este transporte regular era Francisco Sá Carneiro, que possuía um Citroën “boca-de-sapo”<sup>27</sup>. Esta foi uma das razões invocadas por Joana para a proximidade que se criou com Sá Carneiro e para o choque que sentiu quando soube pela televisão da sua morte.

---

<sup>27</sup> Produzido entre 1955 e 1975, com diversas atualizações. Projetado pelo engenheiro André Lefévre e pelo designer Flaminio Bertoni, que tinham já desenvolvido o modelo anterior, Traction Avant (em Portugal apelidado de “arrastadeira”). O modelo DS popularizou-se pela suspensão de que era dotado. Roland Barthes dedica-lhe um ensaio nas *Mythologies*: “We are therefore dealing here with a humanized art, and it is possible that the Déesse marks a change in the mythology of cars. Until now, the ultimate in cars belonged rather to the bestiary of power; here it becomes at once more spiritual and more objectlike, and despite some concessions to neomania (such as the empty steering wheel), it is now more homely, more attuned to this sublimation of the utensil which one also finds in the design of contemporary household equipment. The dashboard looks more like the working surface of a modern kitchen than the control-room of a factory: the slim panes of matt fluted metal, the small levers topped by a white ball, the very simple dials, the very discreteness of the nickel-work, all this signifies a kind of control exercised over motion, which is henceforth conceived as comfort rather than performance.” (Barthes, 1991 [1957]: 89)

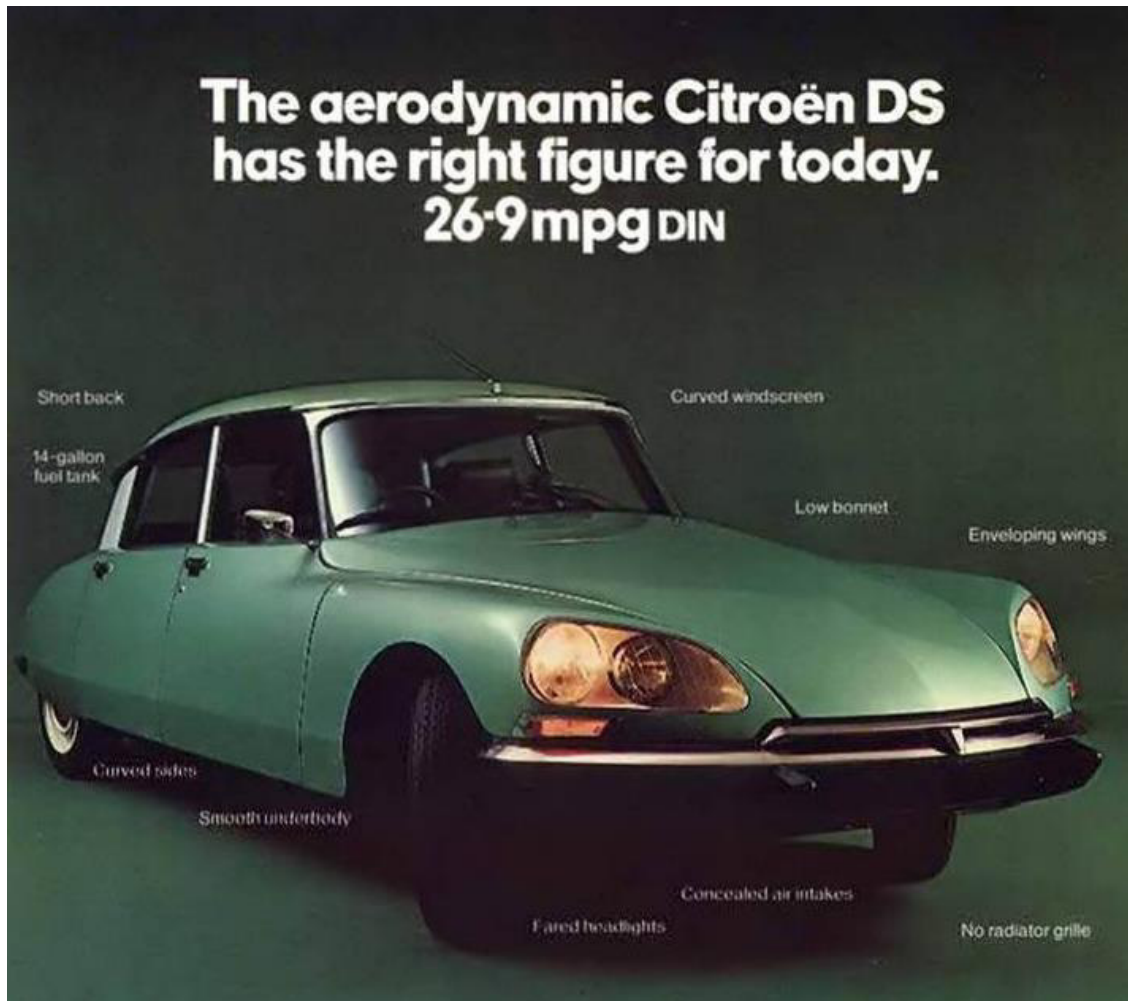


Imagem 13: Citroën DS – em Portugal popularizado com o nome de “boca-de-sapo”.

O automóvel serviu de elo de ligação entre a mãe e Joana. Cresceu numa época e estrato social em que as crianças só eram autorizadas a conviver com os pais a partir dos 10 anos e em que a distanciação à figura paternal era muito acentuada. O dono da casa costumava chegar tarde e cansado do trabalho, por vezes os filhos ainda não se tinham deitado e passavam para lhe dar um beijo de boa noite, sem reboição, pois o barulho incomodava o descanso após o dia exaustivo. A mãe de Joana, que não trabalhou durante a infância dos filhos, estava bastante tempo em casa, apesar de permanecer sempre nos aposentos que lhe estavam reservados e que se encontravam interditos às crianças. Contudo Joana recorda com prazer as viagens de carro com a mãe para a escola e, particularmente, ao mercado. Lourença utilizava o automóvel quotidianamente e com muita frequência, levando por vezes os filhos consigo quando saía para realizar alguma tarefa. Tornava-se, assim, mais próxima que outras mães que não possuíam meio de transporte individual ou que não queriam, simplesmente, ter a companhia das crianças nas suas saídas.

Aos 16 anos Joana era ainda infantil, ignorante dos assuntos relacionados com o sexo devido ao ambiente de censura que Portugal vivia, chegando-lhe algum conhecimento por avião: a amiga, brasileira, de uma sua amiga, vivia com o pai, que era divorciado. Este viajava com frequência para o Brasil e comprava lá revistas para adultos, tendo numa ocasião a filha subtraído uma para ver com as

amigas. Após o 25 de abril de 1974 acabou a censura aplicada aos filmes e a outros suportes de informação.

O seu único irmão nunca ajudou nas tarefas caseiras, e as filhas apenas começaram a colaborar em trabalhos domésticos, quando a família abdicou da empregada interna. Nesta altura Joana começou a aprender a cozinhar, apesar de nunca ter gostado muito. A mãe, Lourença, comprou também um carrinho *rechaud* elétrico para a empregada deixar a refeição pronta quando saísse às 19:00 horas e mantê-la quente para o jantar. Este foi um aparelho que Joana não viu em mais nenhuma casa. Entretanto houve a mudança de utilização da sala do andar de cima para a do andar inferior da casa, e como a partir da adolescência dos filhos a família já tomava as refeições em conjunto, a televisão ficava ligada para as notícias. Mas não estava virada para os comensais, foi relegada para um canto da grande sala. Viu-se demasiada televisão, diz, e depois de se casar nunca instalou um aparelho na sala de jantar. Mas, sublinha, antigamente conversava-se à mesa... A comida subia e descia num elevador construído na segunda casa dos avós maternos, edificada na década de 1950 na rua do Padrão, na Foz. Dado o desnível acentuado do terreno e a cozinha ter sido construída no piso térreo justificou-se a instalação do elevador para que as refeições não arrefecessem ao serem transportadas por vários lanços de escadas. Mais tarde, uma copa ao lado da sala de jantar foi transformada numa pequena cozinha para que os avós maternos de Joana não tivessem de ir à cozinha principal. Esta transformação deveu-se tanto ao avanço da idade dos avós, como à separação desejável entre os espaços usados pelas criadas e os dedicados aos patrões.

Joana tinha uma relação próxima com a avó, mas com o avô era de respeito e de algum receio. Lembra-se de em certa ocasião se baixar para apanhar um objeto e ter ficado com alguma pele a descoberto. Na época usava-se a camisa a bater na cintura das calças “à boca de sino”. O avô perguntou-lhe logo:

- Ó menina, não tens espartilho?

A avó (Lourença), por sua vez, contava-lhe muitas histórias da sua vida. Contou que a mãe dela – chamava-se Rosário – casou aos 13 [15] anos com um senhor de 47 [27], e levou a boneca com ela. Mais tarde ficou administradora de todos os bens, e casou com o irmão do marido da filha. O avô sempre culpou a mulher por não ter tido nenhum filho varão, e quando a avó, já nos últimos anos de vida, viu publicada a notícia de que os cientistas atribuíam ao homem a definição do sexo do bebé, ficou tão feliz que foi confrontar o marido.

Quando Joana era pequena gostava muito de ir para uma das casas de uma tia, em Fafe, e passava lá temporadas de alguns meses. Era uma casa rural sem eletricidade, onde o fogão funcionava a lenha, os candeeiros eram alimentados com petróleo e sem televisão, “o que era uma chatice”. À noite jantava-se à luz desses candeeiros, jogava-se um bocadinho às cartas e ia-se para a cama muito cedo, porque não havia nada para fazer. As crianças estavam proibidas de mexer nos candeeiros e Joana lembra-se que nas últimas férias que lá passou já teve autorização para levar o candeeiro quando se fosse deitar. Era símbolo de crescimento, a autorização dava estatuto. Mais tarde instalou-se eletricidade na casa, mas o aquecimento funcionava a lenha. O fogão tinha um contentor ao lado com água e, enquanto as crianças eram pequenas, tomavam banho em bacias de estanho. Já mais velhas, levava-se a água em jarros de metal esmaltado para a banheira do quarto

de banho. Havia já canalização, mas a água era apenas fria, “para lavar a cara e os dentes”. Depois instalou-se um esquentador. A casa onde a tia vivia durante o resto do ano era no centro de Fafe e tinha eletricidade, aquecimento e canalização.

Lembra-se dos frigoríficos da década de 1950, de manípulo, “muito redondinhos e engraçados”, que se fechavam e faziam muito barulho. Foi recentemente almoçar a casa de uma colega que não via há 20 anos. A colega tinha um desses frigoríficos na sala e Joana perguntou-lhe se estava a funcionar. A colega disse que era apenas decorativo, achava uma peça de *design* muito bonita, e funcionava como bar. Até tem os populares ímanes na porta, com recados.

De casa dos pais lembra-se que houve sempre aquecedores a óleo, “uns tubos redondinhos”.

Atualmente a mãe também tem a gás. Havia uma salamandra na sala que funcionava razoavelmente, mas que era muito complicado limpar, pelo que se ligou poucas vezes. Foi uma grande revolução quando a mãe fez obras e instalou convetores nas paredes. O design era muito bonito, discreto, e aquecia muito bem. Ainda lá existem, mas não se usam, porque consomem muita eletricidade.

- Isso são coisas que vêm do tempo em que a eletricidade era barata.

O lugar de Joana na sala, para ver televisão, era sentada num balde de folha para papéis da mãe virado ao contrário, com uma almofada e as costas contra o convetor ligado. Ia ajustando o termostato, e era no canto da sala onde estava este convetor que também estudava, numa mesa com um candeeiro, e ouvia rádio.

Quando se casou e foi viver para a casa onde está atualmente, o aquecimento era feito com radiadores a óleo, tinha também lareira sempre a trabalhar e dois aquecedores a gás distribuídos pela casa. Tinha sempre a casa muito quente, pois na altura não era muito caro.

Agora tem termoacumuladores postos pelos antigos inquilinos, que acumulam o calor durante a noite, porque a eletricidade é mais barata. Estão desligados por norma, e só tinha ligado na altura da entrevista (janeiro de 2012) o da sala no mínimo porque a casa se tinha inundado recentemente.

## Vida profissional

Joana tem duas licenciaturas; uma em História, tirada a partir dos seus 18 anos, e outra em Conservação e Restauro, acabada recentemente. Compara o acesso às tecnologias, dizendo que só no último ano da sua primeira licenciatura apareceu uma máquina fotocopidora na universidade. Uns dias antes da primeira conversa que teve com ela esteve num jantar no qual a sentaram próxima ao historiador José Mattoso e um outro historiador, mais novo que ela. Deu tratos à imaginação, pois não sabia o que conversar com pessoas que não conhecia, ainda por cima de idades tão distantes da sua. Acabou por ser uma refeição interessante, porque apesar de não se conhecerem a conversa derivou para as metodologias de investigação e as preferências de cada um. Joana diz-se espantada porque o historiador de menos idade defendia a pesquisa em livros. Utilizar a Internet para fazer pesquisa era perigoso dizia, porque não se consegue verificar a veracidade dos dados. José Mattoso, com cerca de 90 anos, achava que a Internet é essencial para as pesquisas, pois através dela têm-se bibliotecas inteiras à disposição. Este historiador perguntou a Joana se tinha um *tablet* para ler, se

achava útil, como se descarregavam os livros e quais os preços, pois estava a pensar comprar um. A conversa foi desencadeada a propósito da importância da tecnologia na vivência da atualidade e de Joana ter referido que antes da primeira fotocopiadora ter entrado na faculdade que frequentou ia para a biblioteca fazer resumos dos livros, em fichas A5. Apesar das facilidades tecnológicas atuais Joana ainda se sente mais segura a trabalhar com papel, caneta e lápis, que articula com a escrita no computador. Uns meses antes um vírus atacou o seu computador e apagou-lhe todos os ficheiros com 15 dias. Teve de se inscrever nos exames de recurso de duas cadeiras da licenciatura que estava a fazer para conseguir concluir o ano letivo, pois foi obrigada a refazer os trabalhos e relatórios perdidos.

Joana tem dificuldade em ler no computador, prefere imprimir em folhas em modo de rascunho com a resolução mais baixa da impressora. Tem muitos livros digitais armazenados num disco externo, mas são de consulta profissional, não de leitura:

- Eu vivo para os livros, levo para onde eu for. Abrindo a minha carteira de certeza há sempre um livro!

Acha que a geração dos filhos se preocupa menos em assimilar conhecimento:

- Para que hei de saber, se chego ao Google e tenho aqui a informação toda ao fim de cinco minutos?

Mas não se preocupam com a fiabilidade da informação recolhida. Ela tenta que eles leiam livros, mas tendem sempre para o computador. Faz-lhe impressão que a bibliografia dos trabalhos do liceu seja na maioria *sites*, e que todos os anos nas universidades se apanhem trabalhos plagiados, quando é de conhecimento geral que já existem programas de deteção para triagem dos trabalhos. A tecnologia:

- (...) facilitou e trouxe o facilitismo.

No trabalho usou muito o fax, como hoje se usa o e-mail. Havia, contudo, o inconveniente de gastar papel. Quando começou a trabalhar, em 1983, não havia computadores no local de trabalho. Aqui, os primeiros computadores foram MacIntosh. Havia também uma impressora da mesma marca que custou 600 contos em 1996 e que durou muitos anos. Em 1994, teve de fazer uma pós-graduação na Faculdade de Letras para progredir na carreira e teve pela primeira vez aulas de informática. No ano anterior tinha já feito uma formação,

- (...) naquela coisa horrível que era o MS-DOS.

Na pós-graduação usou um MacIntosh de secretária que comprou no segundo ano no hipermercado Continente; fantástico, porque se entrava diretamente no ambiente de trabalho. Custou cerca de 400 contos, porque o modelo tinha sido descontinuado. Durou muitos anos, mas ainda não tinha Internet. O irmão comprou na mesma altura um computador portátil cinzento MacIntosh, com ecrã preto e branco, que lhe emprestou porque Joana tinha acabado de ter um bebé e deste modo podia trabalhar e entreter-se em qualquer sítio da casa. Pesava “só três quilos!” Tinha um jogo de Mahjong que Joana jogava constantemente.



Imagem 14: Computador portátil Apple. Apple Museum, Moscovo.

Entretanto apareceu o Windows e comprou para casa o primeiro PC com este sistema operativo, que era muito semelhante ao MacIntosh, e utilizava disquetes. O ex-marido já quis dar este computador, numa altura em que estavam a pedir estes equipamentos para África, mas Joana impediu-o, pois tem lá todos os trabalhos da licenciatura e gosta de guardar os objetos que fazem parte da sua história. A primeira impressora e digitalizadora que compraram para casa era boa, da marca HP e custou cerca de 50 contos. Ainda era um objeto relativamente raro e achavam-na fantástica. Entretanto teve o primeiro computador portátil, Toshiba, que herdou da empresa do marido quando se compraram outros mais leves. O revestimento era preto, ainda tinha o ecrã a preto e branco e já funcionava com CD, sendo ligeiramente mais pequeno que o MacIntosh. Usou-o durante quatro anos, pois era muito resistente. Ainda o conserva.

No âmbito da cadeira de informática da pós-graduação fez uma visita de estudo à Universidade do Minho, em Braga. Perguntaram aos alunos o que queriam ver que estivesse em outro local do mundo, projetado em toda a parede da sala onde se encontravam. Pediram para ver um mapa português numa biblioteca americana. Foram almoçar e voltaram, e a imagem ainda não tinha descarregado por completo. Apesar de terem voltado para o Porto sem ver a imagem na totalidade ficaram fascinados com poder aceder a algo tão distante.

Na altura da minha entrevista tem um computador portátil grande, com que trabalha em casa, e um pequeno, que leva para todo o lado, sobretudo para aceder à Internet. Também já começou a usar o telemóvel para aceder à Internet. Agora o Facebook também tem Skype e é muito fácil falar, mas ela prefere usar o *chat*. Já não consegue viver sem estar acompanhada pela Internet, está em qualquer sítio e tem acesso a tudo. Mas também criou o facilitismo de não se sair de casa. Não consegue entender como é que os colegas de licenciatura faziam trabalhos sem consultar livros, além de

documentos digitais. Mas... nasceu numa casa cheia de livros, e o pai sempre lhes estimulou o interesse pela leitura. Não consegue passar sem o cheiro do papel. Na mesma conversa com José Mattoso sobre a eventual extinção dos livros em papel ela defendeu que talvez o livro técnico sim desaparecesse, mas o de lazer não.

Conta como se sente irritada com o computador quando alguma coisa não funciona bem, uma transferência bancária por exemplo. Faz tudo através do computador, não vai ao banco sequer. Já comprou muitas vezes na Internet, mas atualmente não o faz porque gosta de ver as frutas e legumes para escolher os melhores. Gosta de jogar Tetris e Mahjong no computador, são os únicos de que gosta. Do Tetris pela prática da destreza manual, e do Mahjong pela intelectual.

## Facebook

Desde que se separou, nos últimos três anos, a Internet é uma companhia. Utiliza a página pessoal do Facebook para ter notícias e informações relacionadas com a profissão, e também para ter contato com primos, colegas de vários anos de escola e conhecidos. Criou uma conta para todos os contatos e informações profissionais -- “já me chamaram a chata da cultura” -- e tem outra de grupo fechado para comunicar com os amigos com quem se encontra ao fim de semana. O *chat* permite falarem todos ao mesmo tempo, uns com os outros e, impossibilitados de estar num café a conversar por causa das responsabilidades familiares, conversam ao final do dia no *chat*. Este grupo tornou-se fechado, porque as fotografias das atividades conjuntas (passeios, caminhadas, jantares) estavam no Facebook e muitas pessoas as podiam visualizar indiscriminadamente. O episódio que decidiu a restrição no Facebook foi a chamada que recebeu de uma amiga a inquirir sobre o seu namoro. Joana espantou-se, pois não tinha namorado. A amiga disse que chegou a essa conclusão porque via no Facebook muitas fotografias onde ela aparecia sempre com o mesmo rapaz, e este escrevia sempre comentários às mesmas. Joana também se apercebeu de que começavam a circular comentários no seu círculo por um outro amigo colocar um “gosto” todos os dias de manhã no que ela escrevia e decidiu retirar a sua identificação de todas as fotografias. Mandou também e-mails a todos os amigos proibindo-os de a identificar seja em que situação for. Assim, as fotografias comuns são publicadas na página do grupo restrito e cada um tira a que quiser para o seu mural pessoal<sup>28</sup>. Joana tomou conhecimento do Facebook há muitos anos através de um amigo do Brasil, que lhe enviou o *link*. Ela não sabia bem o que era, o amigo até aí só usava Orkut, mas aceitou e de vez em quando ia vendo, mas o amigo não publicava nada no mural. Entretanto, numa viagem de estudo a Roma, ouviu as colegas da universidade -- que teriam cerca de 20 anos -- a falar muito do Facebook e perguntou-lhes como funcionava. Quando retornou a Portugal foi sendo adicionada pelas colegas e começou a ver o que elas publicavam. Entretanto a página de Joana foi sendo “descoberta” por

---

<sup>28</sup> Note-se que a partir do mês de setembro de 2011 o Facebook passou a disponibilizar aos utilizadores uma ferramenta que permite criar grupos específicos com opções de visualização definidas para cada um (<http://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/facebook-profiles-could-be-hiding-old-embarrassing-information-about-users-that-anyone-can-see-a6674831.html>, consultado a 2.2.2017).



pessoas suas conhecidas e familiares e a rede foi-se alargando. Nesta fase as pessoas publicavam muito pouco, uma música de vez em quando, algumas fotografias...

No início de 2008 Joana separou-se do marido, o filho foi estudar para os EUA e a filha mais velha para Guimarães. Estando mais só e tendo de fazer os trabalhos para a segunda licenciatura, tinha o computador sempre ligado. O Facebook começou a funcionar então enquanto elemento de companhia; ia respondendo ou comentando a tudo o que os amigos publicavam e falando no *chat* com quem ia aparecendo. Até que uma sexta-feira à noite deu por si irritadíssima, porque não havia ninguém disponível no *chat* para conversar. Fechou o computador e estava de tal modo nervosa e incomodada que não conseguiu dormir. A partir do dia seguinte e durante seis meses não acedeu mais ao Facebook. Um dia encontrou umas amigas que foram suas colegas de trabalho que comentaram não a ter visto ativa ultimamente nesta rede social. Joana decidiu então reabrir, com a intenção de voltar a fechar a conta se voltasse a sair do seu controlo, o que não aconteceu. Só a preocupa não ficar a par de alguma notícia profissional e falhar alguma conferência.

## Conviver antes das redes sociais

Nunca teve por hábito encontrar-se com os amigos em cafés nem frequentar bares, discotecas; e restaurantes raramente. Prefere estar e jantar em casa ou em casa de alguém. Os seus amigos de data anterior ao casamento são da zona da Foz, desde a infância, e foram-se encontrando em casa de cada um. Quando começou a namorar, o seu futuro marido já tinha automóvel e passaram a socializar em casa de amigos dele, sendo que a maior parte não era da Foz. Casaram-se mais cedo que todos os outros amigos comuns e a primeira casa em que viveram (aquela em que Joana vive atualmente) passou a ser o ponto de encontro quase diário. Na altura em que casaram não tinham muito dinheiro, tal como os amigos que estavam a pagar a casa e o carro, e não podiam gastar em saídas a restaurantes ou cinemas. Quando casaram o marido comprou a casa porque herdou do pai, mas Joana apenas levou consigo uma mesa e um sofá. O quarto tinha uma cama e uma cómoda, a mãe deu-lhe umas cadeiras que eram dos avós e compraram uma mesa em segunda mão. A sogra ofereceu-lhes a aparelhagem de som e a televisão e este era o único mobiliário da casa.

A sociabilidade fazia-se em casa de Joana, que cozinhava uma refeição e os amigos traziam a bebida e a sobremesa. Sempre teve empregada, pois era barato. A sua primeira empregada ganhava 2000 escudos e tinha sido anteriormente empregada de uma tia sua, pelo que já era conhecida e considerada digna de confiança. Apesar de Joana não precisar então de uma empregada a tempo inteiro decidiu mantê-la pois necessitaria de alguém em quem confiasse quando tivesse filhos. Esta empregada esteve, antes de ser contratada por Joana, a trabalhar numa casa de que não gostava muito. Dizia ela que nessa casa era hábito “pôr o tacho na mesa”. Ela estava habituada a que os tachos não saíssem do reduto da cozinha e que na mesa apenas se colocassem travessas e outra loiça de servir. Só queria usar a batedeira de varas, nunca quis usar um *robot* de cozinha Kenwood que lá havia. Usava o micro-ondas e a picadora com facilidade. Quando nasceu o filho, Joana contratou mais uma empregada interna (que estudava durante o dia), durante muitos anos. Apesar de

já ser considerado um luxo, não era muito caro, pois na altura abatia-se no salário a alimentação e alojamento. Atualmente é mais caro porque os critérios mudaram, o que se considera é o preço do tempo: de dia ou noite, dias de semana ou fim de semana. Em certa ocasião um vendedor da Kirby bateu à porta, procurando motivar a dona da casa para a compra do produto. Joana disse-lhe que até lhe interessava porque ela tinha asma, mas como não era ela a limpar a casa tinha de consultar as empregadas. Pediu ao vendedor que lhes fizesse a demonstração e no final perguntou-lhes se iam usar o aparelho caso ela comprasse. A resposta foi “nem mortas! Tão complicado!”, e Joana não comprou.



*Imagem 15: Demonstração do funcionamento do aparelho Kirby por vendedor ambulante.*

Uns anos depois mudou-se para outra casa, muito grande, e aí comprou uma máquina Kirby pois a empregada interna era a mesma, mas que, entretanto, se tornou externa e outra empregada esporádica de limpeza, “mais evoluídas”, a utilizavam. Continua nessa casa grande, onde ficou a morar o ex-marido, e funciona muito bem.

Joana também não comprou a Bimby porque tem empregada que cozinha.

- Vou comprar para ter eu de ir para a cozinha? Nem pensar!

Comprar eventualmente quando deixar de ter empregada, pois acha útil para ajudar na cozinha (fazer massas, etc.). Contudo, está contra o princípio de as máquinas fazerem o prato por inteiro, senão toda a comida terá sabor idêntico, sem o toque pessoal de cada cozinheira/o. Foi mostrando às empregadas como cozinhar os pratos conforme ela gosta, e sempre as tratou bem e não “como

uma coisa que está na cozinha”, o que contribuiu para o bom serviço que lhe prestaram. Ela própria apenas sabia cozinhar massa, arroz e rosbife, que aprendeu antes de casar, após a mãe ter dispensado a empregada. Um pouco antes de casar juntou os pontos que davam a compra do óleo e da margarina e mandou vir todos os livros de receitas para aprender a cozinhar. A mãe já tinha estes livros e dizia que eram os melhores, pois fazendo exatamente o que indicavam as receitas saíam sempre bem. A primeira empregada que teve sabia cozinhar poucos pratos e Joana decidiu experimentar outras receitas e depois ensiná-las. Hoje em dia cozinha com bastante rapidez, mas como convive com poucas pessoas e vive apenas com uma das filhas não se sente muito motivada para cozinhar. A convivência atual centra-se sobretudo em casa dos amigos cujos filhos ainda são pequenos e que, portanto, não têm tanto tempo disponível para sair.

Quando se casou, em 1988, as próprias empregadas já tinham eletrodomésticos e estavam à vontade com o seu uso. O micro-ondas é que ainda era caro e, portanto, raro. A grande vantagem, para ela, foi não ter de lavar fervedores de leite, tarefa especialmente desagradável. Foi-lhe oferecido pela sogra, a par das máquinas de lavar e secar a roupa, de lavar louça, o fogão, o forno e o aspirador. A marca de todos estes equipamentos era Miele, por ser considerada muito boa. Deu-lhes ainda a primeira televisão, julga ter sido da marca Grundig. A segunda televisão foi uma Sony, a aparelhagem de som Pioneer já com leitor de CD -- “que era caríssimo, na altura” -- e leitor de vídeo. As máquinas de lavar e secar roupa e de lavar a louça ainda funcionam. A sogra também deu os mesmos equipamentos a um seu outro filho quando casou. Joana crê que na altura já havia quem pusesse eletrodomésticos na lista de casamento. Ela não gosta de dar eletrodomésticos como prenda de casamento, nem objetos das listas. Mas ultimamente esta a ceder neste ponto, porque quer dar alguma coisa de que as pessoas precisem mesmo, e é difícil descobri-lo. Sempre gostou de dar uma peça em prata, que as pessoas vão manter e lembrar que foi ela a oferecer.

A mãe de Joana sempre gostou de ter os equipamentos modernos, mas o pai não ligava nada. Às vezes Lourença “chateava” o marido para fazer umas obras na cozinha, era hábito ela decidir tudo. Lembra-se de aparecerem em casa a varinha mágica a substituir o *passé-vite*, o micro-ondas, pouco tempo antes de casar, e de acabarem os fogões de peça única para passar a haver placa e forno, mais bonito. Também o telefone sem fios deu uma sensação de prestígio pelo avanço tecnológico quando surgiu:

- Mal sabíamos nós que íamos ter telemóveis passados uns anos!

Joana foi comprando pequenos eletrodomésticos antes do casamento, pois já trabalhava há algum tempo e tinha dinheiro disponível para si: varinha mágica, espremedor de citrinos, “1, 2, 3”. Quando se mudou com o marido para a segunda casa, em 1998, mandou vir os eletrodomésticos todos dos EUA, pois alugaram a casa onde Joana hoje vive equipada. Ficou muito mais barato encomendar as máquinas Miele dos Estados Unidos. Foi o marido que escolheu todos os equipamentos na altura, porque Joana não trabalhava nem ganhava e por isso não tinha possibilidade de escolher e comprar coisas. Como nunca gostou de pedir objetos, a não ser para o bem comum, abdicou da compra de vários aparelhos de cozinha que gostava de ter tido. A dada altura o marido percebeu que ela gostou da KitchenAid – que era muito cara -- e encomendou para ela, assim como uma picadora de alimentos grande, “parecia aquelas que há nos talhos”. Para fazer hambúrgueres, por exemplo, a

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

carne não fica bem picada no “1, 2, 3”. Estes dois objetos foram os seus preferidos. A picadora avariou, entretanto, e em Portugal ninguém a conseguiu consertar, pelo que ficou inutilizada. A KitchenAid ainda está funcional na sua cozinha, e ela nunca deixou ninguém utilizar a máquina.



Imagem 16: Anúncio da máquina KitchenAid, marca Whirlpool. 2011.

De uma viagem ao Brasil trouxe uma liquidificadora elétrica com copo de vidro, pois lá era muito barata. Era o que usava para fazer as sopas dos filhos enquanto bebês.

Comprou todos os restantes eletrodomésticos numa loja especializada em Matosinhos que consegue fazer os mesmos preços que as grandes superfícies e lhe faz assistência ao domicílio sempre que algum se avaria, deixando outro em substituição temporária. Era lá que a sogra sempre comprava, e tinha muitos catálogos. Vendiam desde os pequenos eletrodomésticos até ao maior e mais moderno aparelho. Quando se divorciou e se mudou para a casa onde está atualmente comprou lá os eletrodomésticos de que necessitou.

Quando casou investiu na compra de bons tachos, de fundo térmico, que utiliza até hoje, e comprou boas facas que não deixa ninguém utilizar. Leva sempre consigo uma ou mais facas, mesmo quando vai ao Brasil, pois “no Brasil as facas não cortam”. Todos os anos, quando vai visitar o seu amigo, oferece-lhe um conjunto de 12 facas, que desaparecem durante o ano e são utilizadas para fins vários, entre os quais cortar erva. Para todo o lado leva consigo também o canivete suíço, que sonhava ter desde que entrou para os escuteiros, mas apenas pôde adquirir já depois de casar. Nunca quis ter muitos objetos, mas sonhava ter determinadas peças e quando finalmente as possuía sentia-se muito feliz. Uma das peças desejadas foi um computador portátil bom, recente. Quando recebeu um, da marca Tsunami, no Natal de 2003 chorou de emoção, e ficou duas horas a olhar para a caixa sem conseguir acreditar que era seu. Os primeiros textos que escreveu ainda foram à máquina, mas rapidamente passou para o computador dado pelo marido, em segunda mão, para que

ela escrevesse os textos que ele redigia à mão sobre a biografia do avô. Na altura, dada a pouca prática que ainda tinha, estava até madrugada a inserir e rever os textos no computador. Foi nesta altura também que o marido começou a dar aulas e, como ele não usava a Internet, Joana fazia-lhe todas as pesquisas e as apresentações. O computador que então tinha era já antigo e o ecrã era pequeno, por isso o marido ofereceu-lhe – também recompensando a ajuda na preparação das aulas – o computador portátil pelo Natal. O marido tinha um, mas era da empresa e ninguém além dele o podia utilizar.

Hoje Joana tem um computador portátil Toshiba, constantemente ligado, e já é o terceiro ou quarto equipamento que possui. Os anteriores foram passando para os filhos. – Agora os miúdos já estão na fase MacIntosh, não é? –, só Joana ainda tem PC.

Os filhos já não se lembram de viver sem tecnologia e não entendem por vezes o que os mais velhos dizem. Acha que todos se lembram de receber o primeiro telemóvel. Tiveram computadores e Internet no colégio, desde o 1º ano. Relata um episódio acontecido com a filha, em 2011, que tinha o trabalho do ano inteiro de uma disciplina da universidade num ficheiro. Não conseguia abrir e imprimir para entregar para avaliação. Estava em pânico, desorientada, porque não concebia alternativas ao processo computadorizado. Joana não consegue compreender esta situação, pois quando não existe computador as pessoas aprendem e sabem como fazer, há sempre outros meios de realizar as coisas. Joana diz que se pode viver sem computadores e os filhos acham que não. Acha também que a televisão veio retirar os momentos de convívio e contato familiar:

– Enquanto ainda só há uma televisão, como eu tenho aqui, estamos todos a ver a mesma coisa e ainda podemos discutir. A partir do momento em que apareceram aquelas televisões pequeninas e mais de um canal e um quer ver a telenovela e outro o futebol, um fica na sala e outro vai para o quarto.

O pior para Joana é ver-se televisão à hora das refeições, a “mania que as pessoas têm de ter a televisão na sala de jantar”, que acaba por ser consequência da redução do espaço e de só haver uma sala na casa. O computador ainda é mais “autista” que a televisão. Quando vivia na outra casa, ainda casada, havia muitos dias em que estavam os cinco na mesma divisão, mas cada um alheado no seu mundo, no computador. Ela propôs que desligassem os computadores para que pudesse haver diálogo e o uso dos computadores na sala foi mais ou menos proibido.

Um dos poucos vícios que tem é o iPod, “é um aparelho fantástico, genial”, mas que individualiza as pessoas por não estarem todos a ouvir a mesma música. Teve o sonho de ter um walkman de cassetes, eram caríssimos na altura e por isso nunca juntou dinheiro para um. Teve um walkman de CD já o primeiro filho era nascido, comprado no estrangeiro. O que decidiu a compra foi ter um adaptador que se ligava ao isqueiro do carro, podendo-se ouvir CDs no automóvel. Fazia um sucesso enorme e nesse ano, na viagem de férias para o Algarve, puseram a tocar um disco que tinha sido lançado pelo Carlos Alberto Moniz e tinha uma música sobre um patinho [entoa] e que a filha, então muito pequena, queria ouvir constantemente. Tinha tomado um comprimido para o enjoo que teve o efeito secundário de excitar, em vez de dar sonolência, esteve a chatear toda a tarde para ouvir a música.

– Se não tivesse o walkman não sei como teria entretido a miúda!



Ainda guarda o CD, como tem hábito de fazer com os objetos que marcaram a sua vida.

Os filhos já tiveram os walkmans pequenos. Depois começaram os MP3 e hoje em dia já não tem aparelhagem de som em casa, apenas o *deck* para o iPod com colunas. Quando se divorciou e mudou para a casa atual trouxe consigo apenas os seus CDs, tendo copiado para o computador todas as músicas que gostava dos que lá ficaram. Ou liga o computador às colunas – investiu na compra de umas de boa qualidade – ou coloca o iPod no *deck*. Os seus esforços para contrariar o individualismo tecnológico não surtiram muito efeito, pois ainda hoje vive com a filha mais velha e tendem a isolar-se nos computadores. Quando tem os filhos em casa tenta não usar o computador, porque se absorve muito. A filha mais velha navega no YouTube e no Facebook e mostra-lhe as fotografias, procuram coisas em conjunto...

Acha que na sua infância eram mais divertidos, quando chegava o bom tempo estavam sempre ao ar livre a brincar, juntavam-se na avenida e tinham de inventar coisas para fazer. Havia meia dúzia de jogos, reuniam-se em casa de um e de outro, jogavam às cartas, não havia jogos para se jogar sozinho, por isso procurava-se companhia. Eram miúdos até muito mais tarde. Joana brincou com bonecas e às escondidas durante muito tempo, já com amigas adolescentes que pintavam os olhos... As coisas chegavam-lhes às mãos no tempo certo. Hoje em dia não, qualquer miúdo de cinco anos já tem todos os brinquedos que pode desejar. As crianças não acham piada ao que eles achavam em miúdos, como ir para a casa do caseiro na quinta e aprender a fazer os regos na horta com a enxada, a plantar batatas. Os filhos dela queixavam-se que na quinta só havia dois canais de televisão e não achavam graça ao campo, apesar de até estarem habituados ao ambiente rural em casa da avó em Trás-os-Montes. Quando vão ao Brasil e não há televisão nem Internet reclamam, mas acabam por se esquecer e aproveitam a praia, fazem surf e entretêm-se. Quando apareceram os Gameboys e, mais tarde, a Playstation, Joana não os deixava jogar durante a semana, só ao fim de semana após os trabalhos de casa feitos.



Imagem 17: Consola Gameboy.

Também permitia que jogassem durante as viagens de avião. Os filhos nunca usaram muito a Playstation, porque ela obrigava a que só se jogasse na sala e quando alguém queria ver televisão não se jogava. Também nunca os deixou ter jogos muito violentos – estes tinham de ir jogar a casa dos amigos.

Se tivesse de ir de carro para o Algarve e entreter os filhos durante cinco horas se calhar também os punha a ver o DVD do Rei Leão, da Disney, porque os miúdos são insuportáveis nas viagens. Mas tem uma postura bastante crítica dos pais que por hábito anestesiavam os filhos com este equipamento. Entretém-se imenso a ver televisão no carro, que é uma carrinha familiar da marca Mercedes. O sistema de segurança faz com que só funcione quando o carro está parado, mas pode emitir som quando está em andamento. Joana utiliza muito esta última funcionalidade de manhã, como se fosse rádio, para ouvir o trânsito, as notícias e os resultados dos jogos de futebol. Quando comprou este carro os filhos ainda eram pequenos e ficava muito tempo à espera deles nas explicações, natação, colégio, por isso encomendou o carro com televisão e leitor de DVD... Há alguns anos a família foi a Andorra esquiar e levou este carro, que então era novo. Entraram na autoestrada em Burgos e telefonaram para Trás-os-Montes para saber se a fronteira estava aberta devido ao nevão, pois tinham de ir lá à missa de sétimo dia de uma tia. O primo informou-os de que as notícias diziam que na zona onde se encontravam havia um nevão muito grande e que não se devia circular. O aviso já foi tardio e ficaram presos durante 24 horas, sem assistência, sempre a abrir a porta para a neve não acumular na parte de fora. Como levava crianças no carro Joana tinha algumas provisões, e o depósito do carro cheio permitiu tê-lo ligado durante bastante tempo e ouvir as notícias pela televisão espanhola. Mas este episódio causou uma impressão profunda em Joana, que passou a gostar ainda menos de conduzir e andar de carro.

## Limpezas

O ex-marido de Joana é colecionador de arte, o que colocou problemas na gestão das limpezas domésticas. Considerou-se que seria preferível ser ela a fazer as limpezas dos objetos e móveis delicados, para os riscos de estrago serem menores. Mas, dado que as peças de coleção eram também de decoração da casa e, assim, usadas, eram muitas e de diversas tipologias. Joana viu-se a fazer quase toda a limpeza de uma casa solarenga de grandes dimensões, pois até os tapetes tinham de ser aspirados com sensibilidade e pouca sucção. Esta foi a razão principal para deixar o emprego que tinha, na área da cultura.

Os filhos nunca se habituaram a ajudar nas tarefas domésticas, pois sempre houve empregadas na casa. Atualmente Joana arrepende-se de não os ter educado nesse sentido, pois a sua falta de colaboração nas tarefas mais simples origina alguns conflitos entre mãe e filhos. Decidiu, por exemplo, não entrar nos quartos deles, para não se incomodar. Quando se divorciou e se mudou para a casa atual decidiu impor regras:

– Chateei-me anos a fio. Vim para aqui e impus regras. Aqui não tenho o mesmo tipo de vida que tinha lá, não tenho o mesmo nível de vida que tinha lá, não tenho as mesmas possibilidades.

Não consegue, contudo, que os filhos as cumpram. Foi então que impôs que nos espaços comuns haveria arrumação segundo os seus ditames, e que nos quartos dos filhos não entraria para não ter de ver a “miséria”. Acha, contudo, que os jovens da geração dos seus filhos têm todos comportamentos semelhantes, pois os filhos de uma amiga, que tem dificuldades económicas e é ela

a fazer todo o trabalho doméstico, têm o mesmo comportamento. Impressiona-a que os filhos não tenham vergonha de levar amigos ao quarto dada a desarrumação.

## Socialização

Algo de que tem muitas saudades é do projetor de *slides*. Ainda tem o seu, e milhares de *slides* catalogados. Gostava deste suporte porque tinha uma profundidade que a fotografia não dava. Este projetor era usado nos jantares de amigos, muito animados e onde se mostravam os *slides* das férias. Cada um trazia os seus *slides* e faziam uma projeção geral numa parede branca (mais tarde num ecrã comprado por Joana para o efeito), na sala às escuras e bebendo cerveja. Havia sempre percalços, como *slides* em posições incorretas, a lâmpada fundia, alguém pedia para voltar atrás... Utilizaram muito o suporte em *slide* até aparecer a fotografia digital, tendo passado por uma fase em que privilegiaram a fotografia impressa em papel. Joana continuou a fazer *slides* pontualmente, como na viagem de núpcias que fez à Índia em 1988. Nessa viagem de um mês e meio ficou incomunicável. Nunca conseguiu ligar para Portugal, mas um dia ficaram num hotel com telex e conseguiram enviar um para a empresa avisando que estava tudo bem. Como o telex era usado nas empresas, a do ex-marido tinha um que usava para comunicar com África. Mantiveram-no mesmo depois de aparecer o fax, porque as comunicações em África funcionavam muito mal.



Imagem 18: Operadora de máquina Telex. 1959.

A família continuou com o hábito de imprimir todas as fotografias em papel, pois os olhos doem se forem visualizadas no computador. Tiveram várias máquinas fotográficas. A primeira que Joana teve era da marca Fuji e foi-lhe dada pela avó quando fez o 9º ano do liceu. Antes utilizava uma que havia em casa dos pais e fotografava a preto e branco, por ser mais barato revelar.



Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

– Eu era de uma família que tinha tudo, mas as coisas eram muito partilhadas e muito cuidadas. Antigamente eu sonhava com uma coisa o ano inteiro. E depois vinha, bestial, e tinha de se cuidar!

## Aparelhos de higiene e estética

Foi uma revolução quando a mãe lhe ofereceu o primeiro secador de cabelo. Ela tem o cabelo muito volumoso e teve muita dificuldade em domesticá-lo. Quando era nova sempre o usou à rapaz por essa razão, e apenas o deixou crescer a partir dos 16 anos, quando a mãe lhe comprou um secador profissional no cabeleireiro Jorge Lima. Os que se vendiam em outras lojas não conseguiam secar o seu tipo de cabelo. Quando se casou teve uma grande discussão com a irmã porque queria levar o secador consigo, que ainda é o secador que usa atualmente.

– Foi um presente maravilhoso que eu tive, caríssimo – e que lhe permitiu usar o cabelo comprido como então estava em voga.

A primeira máquina depilatória Epilady foi também algo de fantástico, que ainda tem e usa. Deixar de usar cera derretida em máquinas elétricas foi muito bom. As filhas também têm, mas já modernas, pequenas. Quando começou a fazer a depilação a cera derretia-se num púcaro, fervia, queimavam a pele... Depois a mãe comprou-lhes uma máquina para derreter a cera da marca Braun, de configuração semelhante às atuais. Estes aparelhos adquiriam-se em Espanha. Os ingredientes da cera compravam-se na farmácia e as pessoas derretiam e usavam em casa. Quando se casou teve de negociar os aparelhos com a irmã, que ficou com esta máquina de derreter cera. Joana, com a Epilady.

Foram duas prisões que deixou de sentir: o drama dos pêlos e a domesticação do cabelo. A partir do momento em que começou a trabalhar e ganhar dinheiro colocou sempre algum de parte para ir ao cabeleireiro uma vez por semana:

– É o meu luxo, posso não ter dinheiro para mais nada. Prefiro isso a ir jantar fora, porque o meu cabelo é muito complicado.

Na década de 1960 as suas primas, que tinham o cabelo liso, passavam-no a ferro para alisar ainda mais e usar os penteados da moda. Joana nunca fez isso, porque tinha o cabelo ondulado e era uma intervenção demasiado violenta.

Make sure one's an Epilady this Christmas.



Some girls have the enviable task of choosing between their men. So this Christmas, make sure the right man gives you an Epilady.

Make sure he knows that you want sheer legs without the sheer fuss. And that you want the effect to last for weeks.

Make sure he's discovered too that only Epilady has no hard edges, just a smooth coil that quickly lifts hairs right out from the root. So easy, you'll soon get used to the feel of it.

But what if they both bring you an Epilady? Well, choose either. Both men obviously know what you want in your stocking.



EPILADY™ from **BaByliss**

AVAILABLE FROM ARGOS, BOOTS, DEPARTMENT STORES AND LEADING ELECTRICAL STOCKISTS

Imagem 19: A importância social de uma máquina Epilady.

## Natalidade

Quando nasceu a primeira filha comprou os aparelhos de audição entre divisões (intercomunicadores), que na altura já havia à venda. Joana valorizou-os muito porque ampliavam o

som e se conseguia mesmo ouvir o bebé a respirar<sup>29</sup>. Conta um episódio engraçado com uma vizinha. Um dia o bebé de Joana esta a chorar e a vizinha telefonou-lhe a perguntar se estava tudo bem porque, como tinham intercomunicadores da mesma marca (Chicco) e o recetor de sinal do de Joana estava ligado, o recetor da vizinha apanhava o sinal do emissor de Joana. Joana lembra-se de os intercomunicadores infantis serem usados por pessoas já desde a década de 1980. Mais tarde a família usava os intercomunicadores para brincar com os filhos, “às guerras” e jogos do género. Quando se mudou para a casa atual deitou-os fora.

Quando nasceu a sua terceira filha (1994) o Hospital de São João tinha adquirido uma máquina elétrica de extração de leite às mães, o que foi um alívio para Joana pois sofria bastante quando este processo não era mecanizado. Assim que chegou a casa vinda do hospital ligou “para todas as farmácias boas do Porto” inquirindo se em alguma havia bombas elétricas à venda. Conseguiu comprar uma portátil que funcionava a pilhas e tinha a opção de regular a força de sucção.

Emprestou a todas as suas amigas, uma das boas consequências da portabilidade. Na altura era comum entre as mulheres o receio de dar de mamar por ser doloroso, e o empréstimo da máquina por Joana às amigas teve a vantagem de convencer algumas mais renitentes a dar de mamar aos filhos. O facto de funcionar a pilhas era um atrativo securizante, pois Joana tinha algum receio de haver algum problema elétrico com uma que funcionasse com esta fonte de energia e que isso tivesse alguma repercussão no seu corpo. Esta máquina portátil, aliás, tinha também um carregador para ligar à eletricidade que Joana nunca usou.

Também a panela elétrica para esterilizar os biberons foi uma inovação importante. Antes dela, comprava-se uma panela com o fim específico de ferver nela os biberons e não podia ter mais nenhum uso. Estes equipamentos rodavam depois pelas irmãs, cunhadas e amigas:

– Hoje em dia toda a gente compra tudo novo. Eu sou da segunda geração, em que tudo rodava por toda a gente.



Imagem 20: Panela para esterilizar biberons. 1950.

<sup>29</sup> Este aspeto tem alguma relevância por ser generalizado entre as mulheres que acabam de dar à luz o receio da morte súbita do recém-nascido. Este medo é acentuado pela comunidade dos profissionais de saúde, que costuma dar um conjunto de indicações para que tal não aconteça. Mas também ultrapassa a linha dos cuidados racionais para entrar no campo da “mitologia”.

Outro aparelho prático que teve foi o aquecedor de biberons. Punha-o na mesa de cabeceira, acertava o termostato e quando a criança chorava deitava-se o pé na água e aquecia.

Usou maioritariamente biberons de vidro, sobretudo em casa, pois acha, e “dizia-se”, que era um material melhor que o plástico. Como, sobretudo com a última filha, já não queria perder tempo com a esterilização dos biberons lavava à mão após usar e colocava na máquina de lavar a louça para os lavar depois a 60º C. Eam em vidro e resistiam melhor a estas lavagens a altas temperaturas.

A Prénatal foi uma revolução na altura do nascimento e infância dos filhos (entre 1990 e 1995), foi a primeira a fornecer todos os equipamentos elétricos de puericultura no Porto. Antes havia a Chicco, boa marca, mas não inovava muito.

Joana nunca pôs fraldas de pano aos filhos, apesar das descartáveis serem muitos caras na altura. Preferia abdicar de outras coisas, como jantar fora, para ter dinheiro para as adquirir. Uma sua prima utilizava fraldas de pano e Joana achava uma escravidão todo o trabalho que isso implicava, desde a lavagem em água a ferver à passagem a ferro bem quente de ambos os lados. Na altura, contudo, a utilização das fraldas descartáveis pela maior parte das famílias cingia-se a ter um pacote para quando saíssem de casa, porque eram demasiado caras. Joana fez contas aos gastos de água e eletricidade (além do seu esforço físico e gasto de tempo) e chegou à conclusão que era um investimento compensatório. Os preços começaram a baixar quando apareceram as marcas brancas, pois na altura podia-se identificar no pacote onde eram feitas. As fraldas da marca branca do Continente eram feitas pela Dodot, pelo que as pessoas compravam com facilidade dada a confiança na marca.

Os ecógrafos que havia no Hospital de São João na altura em que ela estava grávida eram excelentes, melhores do que os dos consultórios externos. Nunca quis saber o sexo dos bebés, mas o médico disse-lhe que havia pessoas que davam entrada de propósito nas urgências para lhes fazerem ecografia e saberem o sexo do bebé, pois era muito caro fazê-las na altura. Lembra-se de, quando adolescente, as grávidas que tinham possibilidades irem a Paris fazer um exame do qual saía uma espécie de fotografia que mostrava o sexo do bebé: a ecografia! Quando Joana ficou grávida já era utilizado com alguma frequência.

Recorda-se do nascimento da irmã mais nova. Um dia houve uma grande azáfama:

– A minha mãe chamou um táxi para ir para a casa de saúde porque o meu pai nunca ia, aparecia sempre já as crianças tinham nascido.

Mas não houve tempo e a mãe chamou a parteira, tendo a irmã nascido em casa. O pai não gostava de hospitais, estava sempre muito ocupado com trabalho e achava que não era necessário ir logo ao hospital. Quando nasceu o irmão mais velho de Joana o pai apenas foi ao hospital da Santa Casa da Misericórdia três dias depois dele ter nascido, pois era necessário deixar um depósito em dinheiro e como ele não tinha, não queria aparecer com receio que lhe exigissem a quantia devida. Foi o pai de Lourença que teve de emprestar esse dinheiro.

## Família

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

O avô materno do marido – chamava-se Alberto e que morreu com 100 anos em 1998 – era uma pessoa muito curiosa e inteligente. Comentava ao pegar num telemóvel:

– Como é que é possível... quando eu nasci andava-se a cavalo, vínhamos para o Porto de carruagem, e agora temos o mundo na mão.

Ele lembra-se de ver passar o primeiro avião a partir da aldeia natal, em Trás-os-Montes, tendo as pessoas fugido a correr para a igreja rezar, assustadas por acharem que tinha chegado o fim do mundo. Era muito curioso e queria saber como funcionavam todos os aparelhos, como era constituído o seu interior, e chegou a avariar o computador de uma cunhada de Joana durante os seus intentos. No final da Segunda Guerra Mundial, Alberto tinha algum dinheiro aplicado e reuniu a família (a mulher e a filha única) para lhes perguntar o que fazer com o dinheiro: darem a volta ao mundo, comprar uma grande propriedade para adicionar às muitas que já possuíam em Trás-os-Montes ou comprar um carro. Escolheram a última hipótese e adquiriram um Citroën 7 CV “arrastadeira”, que ainda existe e foi oferecido ao ex-marido quando este fez 18 anos. Foi restaurado e transportou Joana e o marido no dia do casamento de ambos, funcionando enquanto objeto de *status*. Entretanto houve um incêndio na fábrica do marido, o carro ficou queimado e foi restaurado uma segunda vez e tem estado funcional até hoje.

Até há poucos anos o ex-marido recusava-se a utilizar computadores sob o pretexto de que não sabia lidar com eles. O computador portátil Toshiba de Joana foi-lhe dado para que ela pudesse digitar o texto do livro que o ex-marido decidiu escrever sobre este seu avô.

## Telemóvel

O primeiro telefone móvel que o ex-marido adquiriu foi para usar no carro. Em 1994, ele comprou um telemóvel Bang & Olufsen, e como eram caros na altura, Joana herdou-o, tendo sido o seu primeiro.



*Imagem 21: Beocom 9500. Modelo fabricado pela marca Bang & Olufsen em parceria com a Ericsson entre 1994 e 1997.*

Teve o primeiro Nokia, comprado e com antena, e a partir daí comprou sempre desta marca. Joana guardou-os todos, tanto por achar que mais tarde vão ser aparelhos engraçados, datados, como por achar – sabendo que não acontecerá – que vai recuperar as mensagens que ficaram nos aparelhos na altura em que avariaram. É muito ligada aos objetos e lembra-se de episódios da sua vida relacionados com cada telemóvel, pelo que se vincula aos mesmos emocionalmente.



Na sua vida diária está totalmente dependente do telemóvel, não consegue sair de casa sem ele. Tem noção que formatou a sua vida para não conseguir viver sem ele mas encara-o como fonte de tempo e não de *stress*. Não conhece muitas pessoas que se relacionem assim com o telemóvel; as mães que conhece usam para controlar a família e o seu ex-marido também o faz. Joana não controla os filhos através do telemóvel nem entra em pânico quando eles não atendem, como vê muitas pessoas fazer. A maior parte das cunhadas e amigas dizem aos filhos para ligarem quando chegarem ao destino de uma viagem, e inquietam-se se já passou o tempo necessário para o percurso e ainda não telefonaram avisando que tinham chegado bem. Mas fica incomodada se lhes liga e eles não têm bateria ou saldo para retornar a chamada, porque acha que o telemóvel deve estar em condições de ser usado numa emergência.

O telemóvel permite-lhe resolver todos os assuntos sem ter de ir a casa, por exemplo, se se esquecer de dar um recado à empregada. Antes tinha de ir a um sítio com telefone fixo...

– A vida hoje está feita para resolvermos as coisas por e-mail ou por telemóvel.

Até aos 27 anos (1988), altura em que casou e teve o primeiro automóvel, a sua vida estava programada para andar de autocarro, pois era o transporte de que dispunha. Nele tinha tempo para ler, mas desde que começou a andar de automóvel ganhou duas horas por dia que empregou a fazer outras coisas. Se hoje em dia tivesse de andar de autocarro não saberia como arranjar tempo para cumprir todas as suas obrigações. Com o telemóvel é a mesma coisa.

– Até já se mandam e-mails pelo telefone.

Usa muito pouco a Internet no telemóvel, só em situações de urgência, mas dá-lhe jeito. Não tem hábito de telefonar muito às pessoas, de vez em quando lembra-se de uma amiga que foi viver para outra cidade há uns meses e liga-lhe para saber como está, mas não tem o hábito de conversar por telemóvel. Se viajar durante duas ou três semanas não telefona para casa, por norma. Manda apenas uma mensagem ou telefona a dizer que chegou bem. Quando foi a Israel ficou em casa de um amigo que a pôs à vontade para telefonar de sua casa aos filhos, mas ela disse que não era necessário. Sabia que os filhos estavam bem senão receberia notícias, e vice-versa.

– Não posso entender o telefone como um meio de me pôr nervosa, não é? Estar a gastar fortunas a mandar mensagens quando eu sei que está tudo bem ...

O ex-marido era o oposto. Quando iam para fora tinha de levar o telemóvel e sentia necessidade de telefonar com frequência à família: mãe, irmã, filhos.

– Eu sou muito ligada emocionalmente às pessoas, mas sou muito desligada de qualquer coisa que me dê obrigação de telefonar, de dar notícias.

Para a geração dos filhos o telemóvel “é o sexto dedo”, a par do computador. É incompreensível para eles não terem telemóvel. Nem têm a noção temporal de que há 20 anos, na altura em que nasceram e a mãe foi para o hospital, não havia telemóveis. “Eles acham que não havia telemóvel há 100 [anos]!” Faz-lhe muita impressão que eles praticamente não falem por voz. Às vezes diz a um dos filhos para ligar ao irmão ou irmã com algum recado, mas eles acham mais fácil mandar SMS, apesar do tarifário que todos têm – Extravaganza, da Vodafone – lhes permitir telefonar sem gastar dinheiro por chamada. Só para combinar coisas é que falam por voz. Joana acha que o telefone foi criado para falar por voz; ela própria só manda SMS quando tem receio de incomodar as pessoas ou

quando não está muito à vontade. Acha que o contato entre as pessoas deve processar-se por voz, quando não puder ser presencial. Pela voz dá para perceber se a pessoa está bem ou não, qual o estado de espírito... incomoda-a que haja a possibilidade de falar e que não se aproveite. Acha que as relações humanas hoje em dia são muito banalizadas. Todos são amigos, mas tratam-se as relações como algo de conveniência. Vê muito nos filhos e nos da geração deles que conhecem alguém num fim de semana e já lhe é dado o título de amigo, a par dos que o são desde os tempos da escola.

– Para mim um amigo é amigo para toda a vida. E quando um amigo para toda a vida me corta as pernas por alguma coisa de que eu não gosto faz de conta que para mim morreu. Ou é amigo ou não é amigo, esta coisa do meio termo para mim não existe. É por isso que tenho muito poucos amigos, tenho uma rede muito restrita de amigos, e cada vez mais curta.

Tem alguns conhecidos, com quem toma um café de vez em quando, mas não lhe interessam muito. Dos dois filhos mais velhos sabe quem são os amigos, mas da mais nova tem muita dificuldade em saber. Esta constatação assusta-a.

O e-mail é ótimo, pois Joana tem amigos no mundo inteiro e manda um e-mail a saber se está tudo bem, é prático mas banaliza um pouco a amizade. Antigamente sentávamo-nos para escrever uma carta, “Olá meu querido amigo, como está tudo...”, demorava uma semana a chegar ao Brasil, depois havia a emoção de receber a carta de resposta... O e-mail facilita a comunicação de trabalho, mas perde-se no relacionamento humano. O filho esteve um ano nos EUA a estudar, no ano em que Joana se separou do marido e começou a viver sozinha na casa atual. Começou por falar com ele por telefone, mudando a operadora do telefone fixo para a ZON, pois as chamadas entre números fixos de Portugal e dos EUA eram grátis. No início estavam cerca de uma hora ao telefone, ele tinha muito para contar. Entretanto os assuntos escassearam e decidiram passar a comunicar pelo Messenger. Foi ensinada pelo filho, e depois passaram a usar o Messenger com vídeo. Não funcionava bem e o filho instalou-lhe o Skype à distância no computador. Ele chegava a casa à mesma hora que a mãe. Joana tinha o computador portátil na cozinha ou na sala e o filho no quarto, com o Skype sempre ligado, e iam falando quando lhes apetecia. Sempre que estavam em casa o computador estava ligado, e falavam como se partilhassem o mesmo espaço físico. Aconteceu várias vezes o filho ter de lavar a roupa na máquina e mostrar-lhe as peças, perguntando se era clara ou escura, pois nunca tinha lavado roupa. Depois de ele ter regressado Joana nunca mais ligou o Skype. No dia anterior a esta entrevista o filho foi jantar a sua casa e ficou a ver um filme que estava a passar com o Will Smith, ator de quem ele gosta muito, tendo ido para casa do pai no final. A mãe comentou com ele que quando estava nos EUA falavam muito mais do que agora, que vivem na mesma cidade...

## Saúde

Joana recorreu a um engenheiro português que desenvolveu uma máquina criada por alemães para medir energias e calcular quantidades de medicamentos homeopáticos. Esta máquina obedecia ao princípio de que o corpo humano tem energias em equilíbrio no seu interior. As energias de cada órgão são diferentes entre si e a máquina, pequena, do tamanho de um computador, tinha um sensor

que se punha na mão para ler as de cada pessoa. O sensor estava ligado a um ponteiro que indicava se a energia de cada órgão estava em equilíbrio ou não. Ao lado do ponteiro havia um prato/ balança onde ia colocando frascos com medicamentos que os pacientes teriam de tomar em casa, diluídos em água, segundo doses (ínfimas) apuradas pelo engenheiro com ajuda da máquina. A busca da raiz dos problemas não era inquirir com a máquina diretamente a parte do corpo que doía, mas a que estava relacionada com essa segundo os princípios homeopáticos.

Quem recorreu em primeiro lugar a este homeopata foi o ex-marido, que teve um problema grave no esófago. Um amigo seu, sócio da empresa que vendia estas máquinas (e hipocondríaco), encaminhou-o para uma consulta. Resultou bem e esteve a ser tratado durante anos.

Joana começou a consultar este homeopata quando a tiroide deixou de funcionar. O marido convenceu-a a ir, para não ter de tomar a medicação química. O tratamento resultou e durante sete anos a sua tiroide funcionou. Continuava a fazer análises de medicina convencional para se certificar que tudo estava bem, e a dizer ao médico que tomava o remédio Tirax. Quando a tiroide deixou de funcionar de novo teve preguiça e não voltou ao homeopata, pois a manipulação e preparação dos medicamentos era muito morosa e complicada. – Perdia horas por dia com aquilo! – Este mesmo homeopata curou as enxaquecas de uma das filhas. A postura de Joana é ambivalente em relação a esta máquina e às opiniões e métodos do engenheiro/ homeopata: assegura a eficácia e admira o poder da homeopatia, mas não comenta com ninguém a sua experiência porque a sociedade ainda é cética sobre estes métodos. Mais tarde o engenheiro alterou a máquina pois chegou à conclusão que perdia muita energia por ser em metal. Fez uma caixa em madeira, material menos condutor, e foi melhorando gradualmente o desempenho da máquina. Este engenheiro deixou o seu trabalho de venda de máquinas e abriu um consultório, mas quando Joana e a família recorreram a ele ainda dava consultas em casa, à noite.

## BEATRIZ

A entrevista a Beatriz foi feita em 2013 e na presença da mãe, Joana, que contribuía pontualmente com comentários. Quando Beatriz não se recordava de algumas coisas a mãe avançava prontamente com as suas memórias, que tanta facilidade e rapidez tem em convocar.

Beatriz lembra-se da televisão desde sempre, a cores. O computador HP era fixo, a ligação à Internet era má e era preciso perguntar se alguém queria telefonar antes de ligar. Fazia muitos barulhos e demorava muito tempo a ligar. Em criança usava a Internet sobretudo para o *chat*, falar com as amigas, e para jogar. A mãe diz que esse computador foi mesmo comprado com a intenção de que eles pudessem jogar, pois os pais não queriam que eles tivessem consolas. Os filhos tinham muitos jogos, todos didáticos. Tem a ideia de que a sua família foi das primeiras a ter Internet, não havia muitas pessoas que tivessem na altura. A mãe obrigava-os a gravar todas as conversas do *chat* para depois ler.



O primeiro telemóvel que teve foi um Ericsson com antena, presente dos padrinhos, no quarto ano:

– Eu recebi um Ericsson, mas eu queria era um Nokia, porque já não tinham antena!

Os pais não davam telemóvel, e como os padrinhos acharam que ela já tinha idade deram-lhe. Não fazia quase nada no telemóvel, só chamadas e mensagens para amigas e pais. A mãe não concordava que eles tivessem telemóvel pois não havia necessidade. Estavam no colégio durante o dia e se precisasse de falar com os filhos ligava para lá e se os filhos precisassem de ligar iam à receção do colégio e ligavam. Se os irmãos precisassem de telefonar Beatriz tinha de os deixar usar. Já havia colegas com telemóvel, mas ela nunca sentiu vontade de querer os que os colegas tinham. Teve, entretanto, um Nokia 3310 cinzento, com ecrã a preto e branco, que toda a gente tinha e que ainda funciona hoje em dia. Herdou de uma avó, depois de o “namorar” durante muito tempo. Depois comprou Nokia com revestimento antichoque de borracha, e ecrã a preto e branco. Em seguida, um telemóvel antichoque novo com ecrã a cores, mas na altura queria um que dava para ir trocando as capas de diferentes cores e que as amigas todas tinham.



Imagem 22: Telemóvel Nokia, modelo 5210.

Também se lembra de ter um vermelho e branco, em que dava para ouvir música de lado. Não sentiu que o tipo de telemóvel tivesse impacto na relação com os colegas e amigos: – Desde que tivéssemos telemóvel... estava tudo bem –, claro que queriam um sempre mais leve, o primeiro era pesado, sem antena... Hoje usa o telemóvel para “tudo e mais alguma coisa”, chamadas, mensagens, Internet, Facebook, e-mails... Uns dias antes da entrevista o seu telemóvel ficou com os colegas da faculdade sem querer. Ao fim de 20 horas sem ele já estava a desesperar.

– É o vício, não sei... ver o que se está a passar.

Usa a agenda e faz-lhe falta também. No computador MacIntosh costuma utilizar a Internet para pesquisas para os trabalhos da faculdade, e-mail, Facebook e para ver séries (*Grey's Anatomy*, *White Collar*) e filmes. Também o usa para trabalhar, e vê as séries e filmes enquanto trabalha. Como estudou no Colégio Inglês tem capacidade para ouvir sem estar a ver a imagem. Quando não põe séries para trabalhar, põe música no iTunes, pois os trabalhos que tem de fazer são práticos de arquitetura. Não joga e quase não vê televisão hoje em dia. Passou um ano em Erasmus em Itália e

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

não teve aparelho de televisão em casa, pelo que se habituou a fazer tudo no computador. Não segue telenovelas, e acaba por ver telejornais só porque em casa alguém liga a televisão. Mas a página de abertura de Internet no seu computador é o jornal *Público*, configuração que fez antes de ir para Itália para ter notícias diárias de Portugal.

Tinha todos os filmes da Disney em cassete VHS, é uma recordação forte da infância. A mãe gravava-lhe desenhos animados da televisão em cassetes de vídeo. Mas a sogra de Joana era uma cinéfila e gravava tudo, pelo que não houve um hábito muito implantado de gravarem em casa de Beatriz. Quando queriam ver algum filme iam a casa da sogra/ avó buscar. Também alugaram filmes no clube de vídeo, que inicialmente era um espaço enorme e, quando começaram a alugar DVDs, passou para um espaço pequeno. Compravam filmes piratas na feira, todos os sábados. A mãe começou por adquirir os de desenhos animados, e depois começou a trazer as novidades. Uns tinham boa qualidade, noutros ela era muito má, mas era a opção que havia pois ainda não se conseguia copiar filmes para o computador.

Desde que Beatriz começou a ver filmes no computador não alugou mais, nem foi ao cinema pois os bilhetes são muito caros. Quando andava no colégio costumava ir com quatro amigas, todas as sextas-feiras ao cinema, levadas pela mãe de uma amiga. Era, contudo, mais uma forma de sair de casa à sexta-feira à noite do que interesse em ver o filme. Agora já nem se lembra de ir ao cinema, foi recentemente com a mãe apenas por sugestão desta. A mãe, hoje em dia, também só vai ver filmes específicos.

Beatriz ouve cerca de duas horas por dia de rádio no carro, pois vai e vem quase todos os dias para as aulas na faculdade, em Guimarães. Prefere a RFM e a Smooth FM (rádio que passa sobretudo jazz), mas fora do automóvel não costuma ouvir rádio. Só ouve no carro porque não tem ligação MP3, senão nem o ligaria. Gosta mais de ouvir pessoas a falar do que música, pois consegue concentrar-se melhor. Por vezes acorda com muito sono e liga o rádio para se manter acordada. Quando os pais ainda não se tinham divorciado houve noites em que o pai desligava a televisão e ligava o rádio para ouvir o programa Oceano Pacífico.

Beatriz em tempos quis muito ter um rádio arredondado que dava para usar ao ombro, que a família alcunhou de “tijolo”. A mãe trabalhava na câmara municipal do Porto, que por costume dava presentes aos filhos dos funcionários todos os natais (até determinada idade, cerca dos 12 anos). No último ano davam uma prenda melhor, e nessa altura foi-lhe oferecido o dito rádio. Num dos aniversários recebeu também uma aparelhagem boa, que ainda hoje utiliza. Se vai andar a pé ou correr leva sempre o MP3 com música, pois parece que o tempo passa mais depressa.



Imagem 23: MP3 AGPTEK R2S.

Tirou a carta de condução aos 20 anos, não quis tirar antes por preguiça, porque estudava em outra cidade e não era prático ter de ir ao Porto para as aulas. Também não sentia necessidade. Se hoje em dia lhe tirassem o carro já lhe era difícil organizar-se. Assim que tirou a carta teve logo carro, uma carrinha Opel antiga de serviço da empresa do pai. Já não consegue imaginar-se a andar só de transportes públicos, por razões de comodidade, pois a rede de transportes de sua casa para os locais onde costuma ir é muito completa. Desde pequena (oito anos) que viaja de avião, nas férias para Porto Santo. Antes a família ia para o Algarve, mas decidiram mudar de destino pois havia muita gente, muita confusão, “muitos almoços, muitos jantares”, achavam os algarvios demasiado rudes e as férias saíam muito caras. No ano seguinte foram para Marrocos e depois para o Brasil, de avião. Aos 10 anos foi numa excursão com a escola à neve em Espanha, foi a primeira grande viagem que fez de camionete. Aos 16 anos fez uma viagem pela Europa da mesma forma com o grupo da catequese, foram cerca de 20 dias.

Na cozinha utiliza o fogão, o micro-ondas e a varinha mágica. Os aparelhos de casa da mãe usam-se pouco (máquina de pão, etc.) por só viverem as duas na casa, e não têm aparelhos como a Bimby. A mãe tem duas amigas que cozinham muito e dizem que a Bimby é uma ótima ajuda na cozinha, já não a dispensam.

– É uma espécie de um criado que vai fazendo umas coisas enquanto nós fazemos outras. – O micro-ondas é quase como o telemóvel – intervém Joana.

Quando Beatriz chegou a Itália não teve micro-ondas nas primeiras duas semanas e “foi um desespero total”. Joana lembra, entretanto, que o primeiro micro-ondas que viu foi em casa da sogra, quando construiu uma casa em Miramar (c. 1980). Eram caríssimos e não tinham funcionalidades atuais como o grelhador.

Em Itália, Beatriz não tinha máquina de lavar louça e não sentiu falta. Eram apenas três estudantes e usavam pouca louça: três pratos, três garfos, três copos. Em sua casa (e da mãe) a que existe também está avariada. – E assim vai continuar – diz a mãe. Na casa que alugava em Guimarães também não tinha máquina de lavar a loiça.

Em Itália andava de bicicleta para todo o lado, o que não acontece em Guimarães, onde ainda estuda, e no Porto. Em Portugal anda sempre a pé ou de carro. A (pequena) cidade italiana estava bem preparada para o uso da bicicleta e toda a gente andava. As viagens turísticas que fez em Itália e para os países próximos foram quase todas de comboio, pois havia boas ligações. Para o sul de Itália viajou de camionete, numa viagem organizada pela associação de Erasmus. Nesta viagem a camionete capotou porque o motorista adormeceu, e Beatriz diz que não quer andar mais neste meio de transporte. Diz: – Se eu posso ir de avião, barato, na Ryanair, porque hei-de ir de autocarro? – apesar de reconhecer que de autocarro é mais barato. A mãe diz que andar de carro, sobretudo conduzir, lhe é penoso, e sempre que pode passa o volante a outra pessoa. É um tormento pensar numa viagem até ao Algarve, e esta aversão piorou desde a vez em que ficou presa no nevão perto de Burgos. As companhias *low-cost* vieram modificar o mapa de viagens. Joana foi recentemente a Madrid ver uma exposição, saiu de manhã e voltou na tarde do mesmo dia a um preço mais barato que ir a Lisboa. Também Beatriz foi numa excursão a Londres no mesmo dia com a escola, porque a professora disse que ficava mais barato que ir e voltar de Lisboa.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

– Desde que apareceu a Ryanair não quero outra coisa.

Beatriz lembra-se da ocasião em que recebeu o primeiro Gameboy, objeto muito desejado: foi fazer um teatro com a escola ao Palácio de Cristal, no seu dia de anos, e no final a avó ofereceu-lhe um Gameboy Pocket<sup>30</sup> de caixa transparente ainda com o ecrã a preto e branco. Os pais não ofereciam este tipo de coisas, só acessível através de familiares como os avós. Depois teve outro, cor de rosa, com o ecrã a cores.

A primeira consola de jogos foi uma Sega Saturn<sup>31</sup>.



*Imagem 24: Consola de jogos Sega Saturn. Fabricada entre 1995 e 1998.*

Mais tarde juntou o dinheiro do Natal com os irmãos, com a contribuição final da mãe, e encomendaram a PS2 (Playstation 2)<sup>32</sup>. O irmão teve todos os jogos e *hardware* para jogar, mas nunca jogaram muito porque os pais faziam de propósito para ocupar a única televisão da casa nos tempos livres (à noite, sobretudo). Acabavam por jogar nos computadores. Os amigos (sobretudo os rapazes) jogavam muito:

– Tinham as Playstation todas, se fosse preciso. E hoje em dia os rapazes da minha idade ainda jogam, dizem que não, mas jogam.

Joana acrescenta que nunca quis jogar Farmville no Facebook com medo de achar muita graça ao jogo e ficar viciada. Conhece pessoas – que ainda continuam a colher as plantas e os morangos. Joana ficou furiosa quando a sua mãe ofereceu uma televisão Sony a cada um dos netos (filhos de Joana) para terem no quarto. Ainda mantêm estas televisões, dadas quando se mudaram para a segunda casa do casal e os filhos passaram a ter cada um o seu quarto. Os pais deixaram-nos ter computadores nos quartos muito tarde, e os computadores portáteis também entraram tarde na posse dos filhos. Beatriz lembra-se de juntar dinheiro para comprar o seu primeiro portátil, estava no

---

<sup>30</sup> Lançado em 1996.

<sup>31</sup> Lançado em 1995.

<sup>32</sup> Lançado em 2000.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

10º ano, um HP. Este passou depois para a sua irmã mais nova e comprou o MacIntosh, pois o HP não aguentava os programas que necessitava para estudar arquitetura, como o Autocad e outros. Os três irmãos tinham uma escova elétrica para compartilhar, cada um tinha uma escova com cor diferente. Discutiam em que quarto de banho ficava a parte elétrica da escova.

Chegou a ter um Tamagotchi<sup>33</sup>, toda a gente tinha, e ainda recentemente esteve a falar destes aparelhos com os colegas da faculdade porque há um jogo de telemóvel que é similar ao Tamagotchi.



Imagem 25: Tamagotchi Friends - Dalmatian.

Joana comenta que os telemóveis são computadores, antes de ter o telemóvel Nokia atual, levantava-se de hora em hora para ver os e-mails no computador. Agora consulta no telemóvel, se tem de responder vai ao computador do escritório porque o ecrã do telemóvel ainda é pequeno. Como queria um telemóvel da Nokia teve de se habituar ao sistema operativo Windows Phone, mas diz que foi: – Um bocado aldrabada!

O irmão de Beatriz não liga nada ao telemóvel, quanto mais básico melhor, se o ecrã for a preto e branco é o ideal. A mãe comprou-lhe um muito básico no aeroporto antes de embarcar para os EUA por precisar de uma rede diferente e foi o que usou durante quatro anos, até ir para o Brasil. Ao fim destes quatro anos estava em muito mau estado. Não gosta do novo, com *touch screen*. A mais nova “chora porque não tem um iPhone”, liga mais à moda, ao que os outros têm. Beatriz vai tendo conforme as necessidades, a mãe comprou-lhe um Samsung quando foi para Itália para poder ter dois cartões. A mais nova, quando foi a moda do Blackberry acabou por ter um, dado pelas amigas no aniversário. Agora quer o iPhone, mas é muito caro.

---

<sup>33</sup> Lançado em 1996.



Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.



Imagem 26: Blackberry Curve 8520.

Beatriz também teve um *discman*. Sempre gostou de ouvir música, e com ele podia ouvir os seus CDs sem ter de ir para o rádio familiar da sala. Também era útil para as viagens de carro e quando ia para Trás-os-Montes, até porque lá só havia os quatro canais públicos de televisão.



Announcing the newest way  
to take them on tour.

**THE SONY POCKET DISCMAN  
— NOW TAKE THE MUSIC YOU  
WANT WHEREVER YOU WANT.**

Sony has created what could be the world's smallest concert tour.

The amazing new Sony Pocket Discman™ Compact Disc player. Designed to let you hear the exciting new 3-inch CDs on the street, at school or even in your car.

Just slightly larger than the CD-3 itself, the Pocket Discman player comes complete with its own headphones, rechargeable battery A/C adaptor and a carrying case that holds up to six 3-inch discs.

Yet it still has all the talents of a full-size CD player with features like Repeat, Shuffle Play and Music Search. It's even remote control capable.\*

Best of all, the Pocket Discman shown plays not only CD-3s, but the thousands of 5-inch CD titles available today.

The new Sony Pocket Discman. Now you can get great digital sound without having to carry around all that "heavy metal."



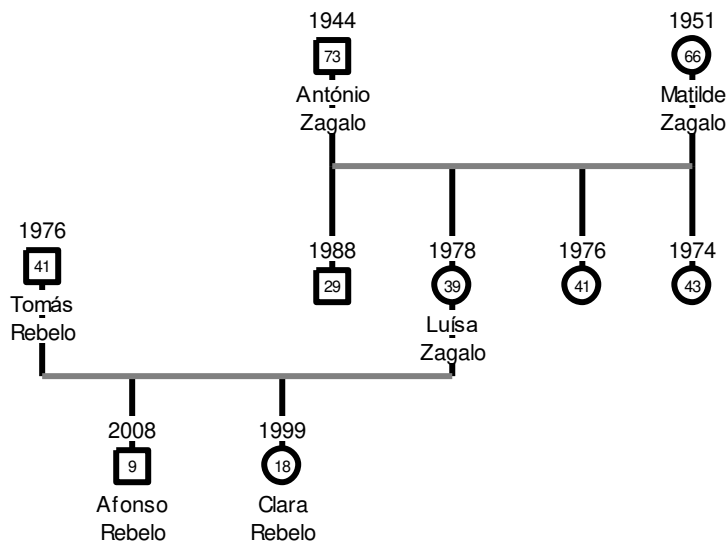
**SONY**  
THE LEADER IN DIGITAL AUDIO™

© 1988 Sony Corporation of America. Sony Pocket Discman and The Leader in Digital Audio are trademarks of Sony Model shown: D-88. \* Remote control optional.

Imagem 27: Discman Sony D-88. Anúncio de 1988.

## CAPÍTULO 4. FAMÍLIA ZAGALO

**Matilde Zagalo** nasceu em 1951 e vive com o marido, **António Zagalo** (n. 1944), e com o filho (n. 1988), num apartamento. Matilde nunca trabalhou fora de casa. António trabalhou no setor industrial até se reformar. Além do filho têm três filhas mais velhas, uma das quais é **Luísa Zagalo** (n. 1978). É casada com **Tomás Rebelo** (n. 1976). Luísa é *designer* e Tomás trabalha na área da multimédia, ambos a partir do escritório que criaram no rés do chão da sua casa. O casal tem dois filhos, **Clara Rebelo** (n. 1999) e **Afonso Rebelo** (n. 2008).



Ano de elaboração do diagrama  
(através do programa GenoPro): 2017.

## MATILDE E ANTÓNIO

Entrevistei o casal em conjunto, no seu apartamento de um pequeno prédio de quatro andares da Foz do Douro. Cheguei por volta das 14:00 e fui convidada a sentar-me num sofá da sala, onde decorreu a primeira parte da entrevista, e à hora do lanche (por volta das 17:00) passámos para a cozinha, onde continuou a conversa. A sala está subdividida em duas zonas por intermédio da disposição da mobília: uma, com sofás dispostos à volta de uma lareira em mármore e uma mesa de centro, local destinado sobretudo à convivialidade. A segunda consta de um sofá comprido e dois individuais dispostos defronte do aparelho de televisão. Do conjunto faz ainda parte uma secretária com a respetiva cadeira. Todos os móveis são em madeira maciça e em estilo dito inglês. A preferência pelo estilo poderá dever-se, em parte, à origem escocesa do meu interlocutor. Sobre os móveis e a chaminé, várias molduras com fotografias e pequenos objetos decorativos em prata e madeira. Nas paredes dispõem-se quadros pintados a óleo e aguarela, de artistas do século XIX e início do XX. A cozinha é pequena e branca, simples e funcional. Além dos apetrechos comuns nas cozinhas do ano de 2013, destaca-se um forno pequeno, colocado sobre um dos balcões. Na varanda coberta a família tem uma arca congeladora horizontal, onde se guardam refeições feitas em casa e prontas para descongelar e outros alimentos. O resto da casa compreende uma entrada, uma casa de banho de serviço, e, separados por uma porta das partes comuns, três quartos e duas casas de banho. Uma grande sala de jantar finaliza o conjunto de divisões. Foi adaptada de uma antiga sala de costura e do quarto que à época da construção do prédio era destinado à empregada. Aparadores e louceiros revestem as paredes desta divisão, e o centro é ocupado por uma grande mesa com capacidade para cerca de 10 pessoas. Sobre a mesa, castiçais em prata. O estilo do mobiliário é idêntico ao da sala de estar.

Recostam-se nos sofás e iniciamos a conversa.

### Infância e juventude de António

Os pais de António viviam na Praça de Liège, na Foz. Quando tinha os seus 15, 16 anos, dos amigos da vizinhança apenas dois, a Manuela Correia e o Jorge Amaral, tinham televisão em casa. Ao sábado à noite todos se portavam bem com o “Jorginho”, para poderem ir ver a série *Bonanza* a casa dele. Entrava a “gangada” toda para a sala, onde já se encontravam sentados os pais e a avó do Jorge, cumprimentavam respeitosamente e sentavam-se para assistir. Diz Matilde: “nós também íamos ver o “Festival da Canção” para casa do pai Barros, em Santo Amaro [de Oeiras]” [1960]. O “pai Barros” não tinha filhos, ou tinha só um, e ia para lá “uma data de macacada piquena”. Agora, diz António, temos três televisões aqui no apartamento, na casa de férias de Cerveira mais três ou quatro, os aparelhos que vão ficando obsoletos são levados para lá. Os pais da Manuela Correia tinham uma firma de importação de produtos de *ménage* para a casa. Não era preciso ser rico para



se comprar uma televisão, na altura (“o Barros nem era gente rica”), mas “não se ostentava como agora”, diz António. Quem possuía aparelhos eram algumas pessoas de mais idade e outras muito abastadas.

Mesmo depois de terem comprado o aparelho, em casa dos pais de António estudava-se, não se via televisão a não ser ao fim de semana. A televisão foi colocada na sala de estar. O pai é que controlava a visualização da televisão, não era como hoje em que os filhos [dá o exemplo do próprio filho, o único que ainda vive em casa] chegam a casa, ligam o aparelho sem pedir autorização. “Havia um certo cerimonial”, observa António, “quem mandava era o chefe!”.

Na casa do Porto dos pais de António os aquecedores eram todos da marca PE (Produtos Estrela)<sup>34</sup>. O pai era amigo de António Parente, o proprietário, e compravam-se os aquecedores elétricos (convetores) todos nesta fábrica.



*Imagem 1: Fábrica de Produtos Estrela, Porto.*

Na quinta dos pais de António, numa aldeia de Viana do Castelo, havia um frigorífico pequeno já na altura em que António nasceu. Mas, na quinta da sua abastada madrinha, em Castelo de Paiva, não existia frigorífico. Uma mina de água fazia o papel. Uma das criadas estava encarregue de ir buscar e levar a manteiga do pequeno-almoço, por exemplo. Mas, sublinha Matilde, a madrinha de António tinha “um batalhão de criadas”. Aliás, Matilde ouviu com frequência esta justificação para as pessoas não comprarem eletrodomésticos: “para quê, para as criadas estragarem tudo?” Ainda não havia preparação, nem de patrões nem de criadas, para manipular os eletrodomésticos.

O aspirador de casa dos pais de António e que este se lembra desde a sua infância era da marca Eletrolux, não tinha rodas, deslizava como se fosse um esqui e durou muito tempo. Matilde acha que os eletrodomésticos entraram mais cedo na classe média do que na muito abastada, que tinha muitas criadas.

---

<sup>34</sup> A Fábrica de Produtos Estrela, no Porto, esteve ativa entre 1948 e 1990 (<https://alvaroparentegp2.wordpress.com/a-biografia>, consultado em 23.12.2016).

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.



Imagem 2: Anúncio em revista de Buenos Aires, 1926



Imagem 3: 50 anos da Electrolux: evolução do aspirador.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

Um alfaiate da Foz, que fazia roupas mais económicas, costumava pôr o ferro a carvão na parte de fora da oficina para arejar e arrefecer, lembra António. Em simultâneo, ele nunca conheceu um ferro que não o eléctrico em casa dos seus pais.

Nem Matilde nem António se lembram de casas sem eletricidade, na cidade ou nas quintas que frequentavam, se bem que as mais pobres não tivessem. Mas havia um grande problema: tinha de se usar estabilizadores de corrente. A tensão da alimentação eléctrica não era constante e, sobretudo em aparelhos mais sensíveis como as televisões, tinha de se usar o estabilizador.

O pai de António usava também uma máquina de barbear Philishave nas décadas de 1940 e 1950, o que era muito raro na altura. António e o pai de Matilde, contudo, nunca usaram máquina de barbear por não gostarem.

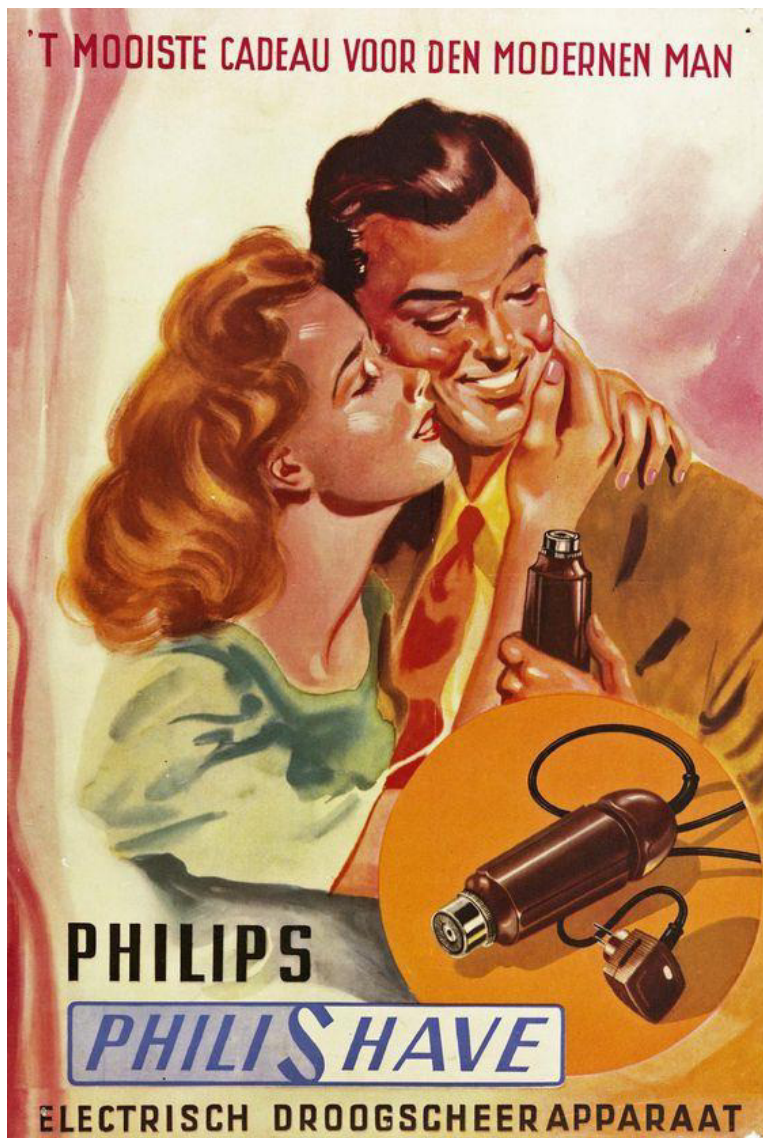


Imagem 4: Anúncio Philishave de 1946.

### Infância e juventude de Matilde

Na minha infância, diz Matilde, havia *certas* casas que tinham o frigorífico na sala. Eram objetos tão prestigiados para os proprietários que se exibiam. Duas das suas irmãs mais novas foram convidadas certo dia para a casa de uma amiga da escola. A irmã mais velha vinha encantada com a amiga; a mais nova indignada, porque as pessoas tinham colocado o frigorífico na sala. “A minha irmã X era mais nova mas percebia!”, ri-se Matilde. António lembra que o hábito de enfeitar o aparelho de televisão em algumas casas também pretendia realçar o objeto<sup>35</sup>. Quem sentia necessidade de o fazer adereçava-o com um paninho de renda em cima, um vaso de flores, o galo de Barcelos, o busto do padre Cruz<sup>36</sup>...<sup>37</sup> [risos]

Em casa do pai Barejona, em Santo Amaro de Oeiras, Matilde e os irmãos viam a série *Bonanza* e, sobretudo, o Festival da Canção, “era um acontecimento nacional”. Era costume as pessoas juntarem-se numa casa, fazia-se um jantar para toda a gente e depois assistiam ao concurso. O pai de Matilde sempre protestou contra a “télévisão” (fazia questão de pronunciar deste modo), porque nunca mais se conversaria nas casas. Apesar de se começar a tornar comum comprar um aparelho, o pai nunca quis fazê-lo. A primeira que tiveram em casa foi herdada de um avô de Matilde.

“Realmente foi bom” não haver televisão em casa, diz, apesar de se habituarem a “conversar um bocadinho demais” (alusão às frequentes discussões que havia entre os muitos irmãos). Em 1969 o avô de Matilde via sempre um programa que adorava e que era transmitido depois do almoço: *Green Acres*, com Zsa Zsa Gabor. Toda a gente ia ver para casa dele, na altura, era um programa muito engraçado.

Quinze dias antes do Festival da Canção ou de qualquer outro festival o colega de brincadeiras Manuel Janeira era tratado que nem um príncipe, ninguém lhe batia, recorda António. E se houvesse algum desaguisado, ele dizia logo que não deixava ver televisão. Matilde lembra que um sobrinho, que ia com o pai fazer compras ao Continente todas as 6<sup>as</sup> feiras, fazia o mesmo tipo de “chantagem” com as suas filhas. Elas adoravam acompanhá-los porque não costumavam ir ao supermercado. António nunca foi às compras ao supermercado até se reformar, detestava. Agora até se diverte. Aos 12, 13 anos, Matilde e as irmãs ainda não tinham secadores, era um objeto requintado de atriz de cinema. Certo dia decidiram usar o aspirador para secar o cabelo. Começaram por secar na saída do ar, com a cabeça pendurada. Depois passaram a encaixar o tubo na saída de ar, deixavam funcionar um pouco para sair o pó e depois secavam o cabelo. Foi na altura em que se começaram a usar os cabelos muito compridos e esticados, que demorava muito tempo a secar<sup>38</sup>. Quem tinha o cabelo encaracolado passava a ferro na tábua.

---

<sup>35</sup> A revista *Crónica Feminina* assinalou a entrada da televisão em Portugal com um passatempo, onde se pretendia conseguir propostas para a localização do aparelho na casa. Aconselhava-se que estivesse integrada num móvel de suporte e disposta em biombo, num canto ou com bar. Também que o móvel tivesse espaço para bibelots, bebidas, revistas... para decorar e dar ambiente ((18) N° 1, 29-11-1956).

<sup>36</sup> Padre Francisco Rodrigues da Cruz (1859-1948). Notabilizou-se por acudir aos setores desfavorecidos da população com atos de caridade.

<sup>37</sup> A prática de enfeitar os aparelhos de televisão com pequenos objetos ocorreu(u) em outras culturas além da portuguesa. Um exemplo é o relato da israelita Orit Kuritsky-Fox, lembrando a presença deste objeto da parafernália que lhe estava associada em casa dos seus avós: “Decorated with doilies and crystal swans, my grandparents’ successive television sets were always the biggest and the most advanced models available [...]” (Kuritsky-Fox, 2008: 56)

<sup>38</sup> Na Revista *Mulher Moderna* de 29 de março de 1989 existe uma reportagem intitulada “Inventos que mudaram a vida das mulheres” (14-18). O secador de cabelo figurava entre eles, além do frigorífico, máquinas de lavar loiça e roupa, aspirador, ferro a vapor, *viewdata* inventado em 1975 para ligar à TV – que por sua vez se



## A máquina de lavar roupa

Matilde conta como a dada altura ela e as irmãs queriam convencer a mãe a deitar fora a primeira máquina de lavar roupa que comprou por volta de 1950, mas a mãe dizia “não, não!”, agarrada à máquina. Uma tia de Matilde comentou que Helena nunca a deitaria fora, pois para a comprar até chegou a empenhar as peças em prata que possuía (muitas delas recebidas como presentes de casamento).



**HOUSEWIVES RESCUED  
FROM WASHING-DAY  
DRUDGERY**

**THE NEW  
HOOVER ELECTRIC  
WASHING MACHINE**

does the full weekly wash for a large family

**T**HE marvellous new Hoover Electric Washing Machine has already rescued many thousands of housewives from hard washing-day drudgery. And it can do the same for *you*.

It is astonishingly quick, very gentle with the clothes and washes everything spotlessly clean. Just exactly what you've wanted for years.

**WORTH WAITING FOR!** There is such an enormous demand for the Hoover Electric Washing Machine that your Hoover Dealer may not be able to deliver at once. Which is all the more reason why you should place your order *now*. There is absolutely nothing to compare with it, so even if there *should* be a little delay — it's *well worth waiting for!*

**Remember,**  
it does the full weekly wash  
for a large family

AND IT'S MADE BY

**HOOVER**  
TRADE MARK

MAKERS OF THE WORLD'S BEST CLEANER

**£25**  
(plus £6.5.0d. tax)

Demand is heavy, so see  
your Hoover Dealer now. Hire  
Purchase available.

Imagem 5: Anúncio a máquina de lavar roupa Hoover. 1950.

O pai de Matilde entusiasmava-se muito com máquinas: robôs de cozinha que fazem milagres e coisas do género, mas nem tanto com máquinas do tipo das de lavar a roupa. Esta primeira máquina, da marca Hoover, era um paralelepípedo esmaltado de branco por fora e forrado com metal prateado

---

ligava a um computador central por linha telefónica (para obter informação sobre produtos, comprar, extratos bancários, contas, documentos transmitidos) – máquina de costura, fogão de cozinha, forno elétrico, microondas, bebé-proveta (“o grande invento do século XX”), o nylon (para meias) e a pílula contractiva.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

(que nunca oxidou) por dentro. Tinha uma pá giratória ovalada e um orifício em baixo, para escoar a água para fora através de uma mangueira. Deitava-se água a ferver e sabão às lascas para dentro e ligava-se à corrente para fazer girar as pás. Depois escoava-se a água suja e voltava-se a deitar baldes de água a ferver por cima da roupa, punha mais sabão se necessário e ia-se pondo água por cima até o sabão sair da roupa. Por fim espremia-se a roupa numa calandra acionada por uma manivela com dois rolos de borracha que estava sobre a máquina e a roupa sai “tipo bacalhau”. “Era o único trabalho da casa que eu via a minha mãe fazer, e nunca deixou ninguém fazer por ela! Ninguém tocava naquela máquina. Era o ruído da segunda-feira, bum, bum, bum, um cheirinho a sabão pela casa fora...”, lembra Matilde. Em casa dos pais de António a situação repetia-se, e no mesmo dia da semana.

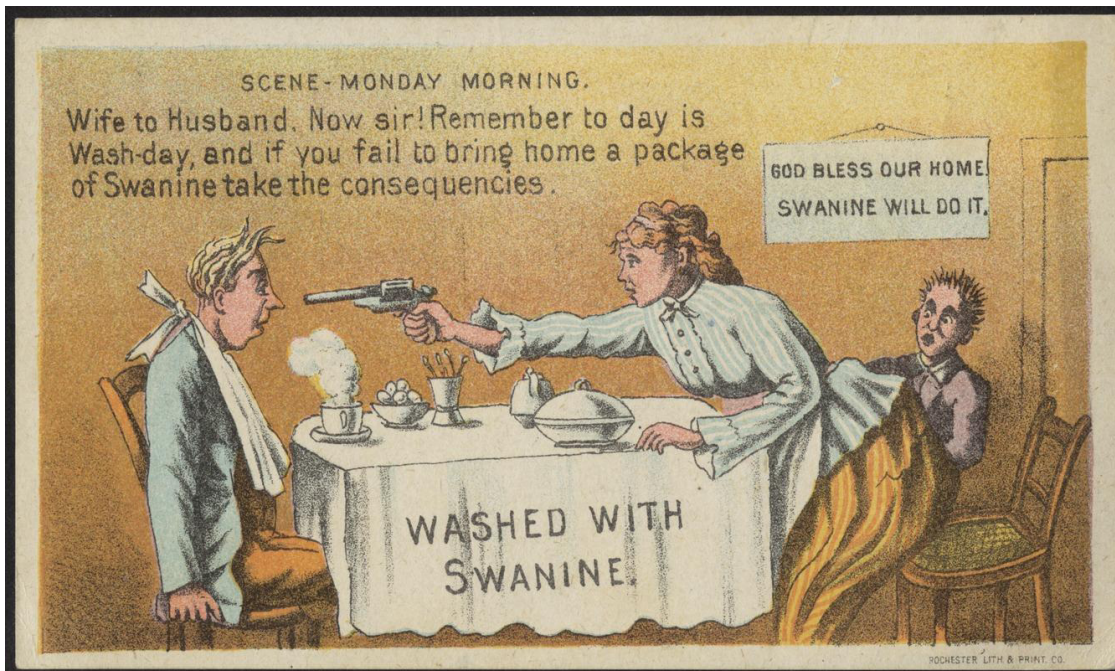


Imagem 6: Este anúncio da sabão Swanine da empresa estadunidense Flower City Soap Co. (1870-1900) alude à tensão gerada pela sobrecarga de trabalho feminino às segundas-feiras, dia reservado a esta tarefa em diversas sociedades.

Esta máquina de lavar roupa comprada por Helena era de tal forma útil que a acompanhou até África, para onde foi, com os filhos, ter com o marido que trabalhava como engenheiro na construção de barragens. A máquina de lavar roupa dos pais de António era também branca, mas mais antiga: enfiava-se a roupa através de uma abertura na parte de baixo e o escoamento da água era feito através de mangueira. Por isso, a máquina estava na casa de banho. A parte de cima da máquina era um tambor centrifugador onde se colocava a roupa que se tirava da parte de baixo após estar lavada. A água que saía da centrifugação ia para o espaço onde a roupa tinha sido previamente lavada. Todas as funções eram automáticas e funcionavam a eletricidade. O pai de António mandou-a vir da Bélgica, seria um protótipo que ele queria experimentar antes de se tornar representante da marca (que não vingou no mercado português). Na altura ninguém sabia o que era uma máquina daquele género, “eu até era importante na escola por causa da máquina!”, lembra.

Na casa dos pais de Matilde o número de criadas foi diminuindo. Costumavam ser quatro, depois apenas duas, e a certa altura [1966] a mãe de Matilde despediu essas duas e contratou uma outra,

estando à procura de uma segunda. A que ficou sozinha “era muito boa e ficou muito tempo”, e as criadas da vizinhança perguntavam-lhe como conseguia dar conta sozinha de todo o trabalho da casa (dois adultos e nove crianças). Ela respondia que tinha máquina de lavar roupa (Hoover), aspirador (Hoover) e frigorífico, e que o trabalho diminuía com estas ajudas. Possuir estes eletrodomésticos não era tanto uma questão de riqueza mas sim de investimento extraordinário que as pessoas se permitiam fazer.

Na altura não era tão fácil arranjar trabalho como se costuma pensar. O pai de Matilde tirou o curso de engenharia civil, e não eram muitos os engenheiros em Portugal nessa época. Contudo, foi o seu pai (avô de Matilde) que lhe conseguiu o primeiro trabalho, na empresa Eteli.

Matilde conta um episódio relatado por uma ama que a família dos pais teve: o pai de Matilde pediu para as empregadas lhe passarem um par de calças porque ia sair. Quando chegou ao quarto e viu que não estavam passadas foi ter com elas a resmungar. Uma das empregadas disse “vai já menino<sup>39</sup>, vai já”, e passou as calças com um ferro de brasa frio à frente dele. Ele agradeceu e foi-se embora com as calças, “era a pessoa mais fácil de enganar”. Gostava dos objetos de tecnologia e por sua vontade a mulher teria todas as máquinas do mercado.

Na década de 1960 a maior parte das pessoas não tinha automóvel, diz António. Mesmo os que tinham utilizavam o autocarro para ir para o centro do Porto trabalhar, inclusive os doutores e engenheiros. Havia outras práticas, como a da Câmara Municipal do Porto, que recolhia os engenheiros numa carrinha com *chauffeur*. Matilde conta que havia pessoas da geração dos seus pais que viviam na Foz e iam de elétrico trabalhar ao Porto. Ao meio-dia uma recoveira ia a casa desses senhores buscar uma caixa com o almoço e ia de elétrico ao Porto entregar-lhes a refeição. António diz que este hábito se desenvolveu no final da Segunda Guerra Mundial, num clima de austeridade em que as pessoas se preocupavam em não ostentar. Mesmo as pessoas mais abastadas e com cargos públicos utilizavam os transportes coletivos.

O avô de Matilde deu-lhe uma bicicleta aos oito anos e ela só a largou já mulher, andava de manhã à noite, sobretudo no verão. Enquanto a família esteve em Miranda do Douro porque o pai dela trabalhava na barragem de Picote, o estaleiro forneceu jipe e *chauffeur* a todos os engenheiros. Quando voltavam ao Porto, nas férias, uma carrinha enorme “pão de forma” (Volkswagen) da empresa levava a família toda, as criadas, o farnel e as trouxas até à estação do Pocinho.

---

<sup>39</sup> Menino/a é uma expressão utilizada pelas criadas de muitos anos nas casas particulares que viram crescer as crianças e os jovens. Pode por isso usar-se em relação a pessoas que qualquer idade.



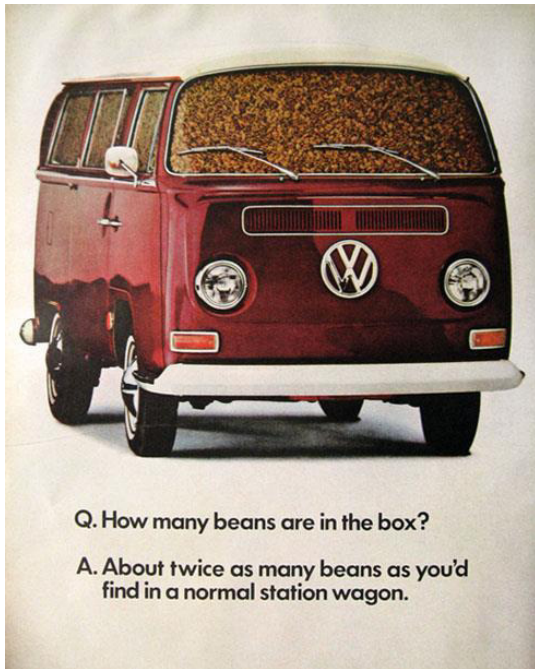


Imagem 7: Carrinha modelo Standard Station Bus da marca Volkswagen – vulgarizada em Portugal com o nome de “pão de forma”. Anúncio de 1968.

Achavam que os pais davam uma importância exagerada às criadas porque ia sempre uma ao lado do *chauffeur*, porque não ia a mãe? No Pocinho, às 6:00, o comboio estava vazio e ocupavam um vagão inteiro. “Não era uma viagem, era uma aventura!” Matilde julga que se o pai quisesse poderia vir de jipe até ao Porto, mas não cabiam todos. Quando o pai acabou esta barragem<sup>40</sup> comprou um carro Borgward Isabella, bege com os estofos castanhos, potente.



Imagem 8: Anúncio Borgward Isabella. 1958.

<sup>40</sup> A barragem do Picote foi construída entre os anos de 1953 e 1958.



Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

Na altura todos os carros tinham três lugares à frente. A polícia não impunha limites e ia sempre o mais velho à frente, quatro no banco de trás, e os pequenos iam ao colo dos maiores e a ceira do bebé. Andavam todos à bulha e de vez em quando o pai de Matilde parava o carro e batia em todos, sem querer saber de quem era a culpa. Antes deste carro teve um Citroën “arrastadeira”, que vendeu ao irmão quando foi para as obras de construção da barragem de Picote. O irmão, que era colecionador de carros, manteve-o operacional durante 30 anos.



Imagem 9: Anúncio Citroën Traction Avant 11cv – vulgarizado em Portugal como “arrastadeira”. 1954.

## Casamento

Depois de casarem, em 1972, viam televisão todas as noites. Uma noite passava uma série, em outra teatro, numa outra cinema... No dia em que passava teatro na televisão (que era sempre português e “não prestava”) combinava-se ir ao cinema. Ao sábado passavam variedades (Maria José Valério, Tony de Matos...), o que “era ótimo porque ao sábado ninguém via televisão, era o dia em que as pessoas saíam”. Filmes e outros programas bons eram raros porque se tinham de comprar no estrangeiro. A maior parte dos programas era feita em Portugal. Por vezes passavam os filmes antigos portugueses, das décadas de 1940 e 1950, mas na atualidade até são emitidos mais vezes que então. Os programas não eram tão aliciantes que fizessem as pessoas novas ficar em casa para ver televisão.

Matilde refere que um objeto muito revolucionário foi a máquina de café de tipo italiano, em metal. Veio substituir as de balão de vidro, muito frágeis, e já não se precisava de fazer no sacco, mais demorado. E o sacco geralmente tinha cevada. A varinha mágica foi também um eletrodoméstico revolucionário, porque as sopas eram feitas no *passe-vite*. Fazia-se a base da sopa, aplicava-se o *passe-vite* sobre a panela, moíam-se as batatas, cenouras e outros legumes e depois juntava-se o resto a ferver. Não era difícil, mas trabalhoso e moroso. Na altura em que casaram, em 1972, não se incluíam coisas utilitárias nas listas de casamento, comenta Matilde.

Na década de 1970 a família de Matilde (ela, irmãos e pais) mudou-se para o Porto e não conhecia muito bem o meio, pelo que a contratação de criadas não foi fácil. Além disso, deu-se entretanto a revolução do 25 de abril de 1974 e a mãe de Matilde e uma tia tinham pavor de contratar criadas sem conhecerem, porque temiam que fossem espias do Partido Comunista. Se a mulher a dias estivesse em casa não se podia falar alto, a mãe e a tia diziam “cuidado, ainda morre a família toda porque vocês não sabem fechar a boca”.

Mas esta situação de carestia de criadas começou antes, na altura em que o PIB subiu de forma extraordinária (1960-1973). As criadas eram raras, “pediam mundos e fundos” e furtavam, diz em unísono o meu casal de interlocutores. António, que geria uma fábrica, queixava-se que a falta de mão de obra era tal que havia uma grande disputa entre as unidades fabris pelos empregados. Ninguém queria ser criado, e sobretudo após a revolução de 1974, o trabalho de criada começou a ser desprestigiado e achincalhado, “mas pelas classes delas!”, exclama Matilde. Na altura havia criadas que eram “uns monstros que roubavam e que eram umas porcas e ganhavam fortunas, as pessoas estavam ainda habituadas a depender do pessoal e cediam no fundo a muita chantagem, foi uma época pesada nesse capítulo”, comenta Matilde. Aí deve ter sido a época em que se massificou o consumo das máquinas, Matilde diz que quando se casou já toda a gente tinha as máquinas básicas em casa. Das marcas mais conhecidas na altura era a Electrolux, que hoje é pouco divulgada, diz António. Agora as mais conhecidas são a Bosch, a Miele, a Fagor, etc. “Antigamente Electrolux era o melhor que havia.” A empregada que contrataram em 1973 ganhava 600 escudos por mês, e ao começar a trabalhar em casa deles ganhar mais, 1000 escudos.

Comentam como era comum, na sua infância, contratarem-se criadas adolescentes. Entravam ao serviço desde os 12 ou 13 anos, para aprenderem o ofício a troco de alojamento e alimentação nas casas. Algumas iam para brincar com as crianças da casa; outras, mais velhas, para tomar conta delas. António diz que era rara a semana em que não tinha gente à espera dele na fábrica a pedir trabalho para os filhos, queriam que eles aprendessem uma “arte” e diziam que não se importavam que não ganhassem. Tinham, no entanto, esperança que viessem a ficar “afetivos” [efetivos] na fábrica. Em 1968 ordenado de uma aprendiz por dia eram 20 escudos, na fábrica de António, e ele causou uma revolução ao ter estabelecido um muito diferente, mais alto. O ordenado mensal de um profissional era cerca de 2100 escudos, e o ordenado mínimo depois do 25 de abril de 1974 foi estabelecido em 3300 escudos. No primeiro Natal a seguir à revolução as lojas esvaziaram-se, a televisão foi filmar. Os donos das lojas disseram que tinham de fechar as portas porque não tinham mais nada para vender.

António almoçava em Ermesinde por quatro escudos: prato principal, vinho, sobremesa. E conseguia encher o depósito do Volkswagen Carocha com 100 escudos! O custo era proporcional ao que se ganhava. Nessa altura era uma alegria, ninguém fazia contas.

Quando conheceu Matilde, António tinha um Mini (desde 1968). A seguir teve dois VW Carocha (na altura custavam cerca de 40 contos) e depois começou a ter carrinhas (cerca de 13) de diversas marcas.



### **1973 Volkswagen Super Beetle**

Engine: 1584cc OHV H4 Transmission: 4 speed synchromesh  
Weight: 1984 lbs Length: 163.0 in.  
Width: 62.4 in. Height: 59.1 in.

*Imagem 10: Anúncio do modelo Super Beetle da Volkswagen – vulgarizado em Portugal como “carocha”. 1973. Mudava de carro a cada dois anos, porque a firma renovava. Para não se gastar muito em oficina a frota renovava-se com frequência. Mas como António se tinha de sujeitar aos carros que a empresa escolhia, a certa altura decidiu acordar com a firma que ele compraria o seu carro e os custos eram todos pagos pela empresa. Uma das maiores empresas da zona e que empregou muita gente conhecida do tempo de António foi a Sacor, para a qual ele chegou a concorrer.*

## Computadores

O primeiro computador instalado na firma onde António trabalhou, em 1979, era da marca americana NCR<sup>41</sup>. Precisava de estar numa sala com ar condicionado para ter uma temperatura ideal e constante. Tinha de ter um fio de terra muito bom, senão variavam valores e outras funções no computador. Na altura havia os chamados computadores de grande porte, usados em bancos, companhias de seguros e firmas do género, e os de pequeno porte, como este. A impressora ligada ao computador era enorme, do tamanho de uma secretária. A dada altura o computador da firma avariou, misturou os dados todos e foi preciso voltar a inseri-los de novo. Chamou-se a assistência, pois à época os computadores vinham programados de fábrica, e vários testes depois veio-se a perceber que o fio de terra não funcionava. A firma situava-se numa zona industrial e já havia máquinas mais ou menos sofisticadas que precisavam de fio de terra, pelo que o solo estava com excesso de eletrificação e já não absorvia. Teve de se cavar um buraco muito profundo só para o computador, compraram-se sacos de sal para ativar o escoamento, e só depois foi reinstalado o aparelho.

---

<sup>41</sup> National Cash Register, firma fundada por John Patterson em 1884. Em 1979 estava em segundo lugar no volume de vendas de computadores, atrás da IBM (Reilly, 2004: 271).

Nessa época não havia muitas empresas com computadores, só as maiores. Matilde intervém, dizendo que o primeiro computador pessoal visto em Portugal apareceu numa série policial que se chamava *Banacek*<sup>42</sup>. A personagem principal era um inspetor que trabalhava para companhias de seguros. Ganhava milhares de contos e utilizava um computador pessoal para a sua investigação. Mas, diz António, quem teve o primeiro computador pessoal da zona com Internet foi Matilde, por volta de 1990. Foi a Telepac, um terminal de uma rede à qual se ligavam empresas como o Continente e agências de viagens. Funcionava por contrato com a empresa de telefones, que instalava o aparelho em casa. Matilde nunca soube como funcionava, mas com António faziam a ligação através do telefone com o Continente. No computador aparecia uma lista com os produtos que se podiam adquirir por essa via e escolhia-se o código para comprar. As compras eram entregues em casa. Mas Matilde deixou de usar esta via para comprar no supermercado, porque os produtos ou eram de má qualidade, ou a escolha era muito reduzida e constava dos produtos mais caros. As filhas ficavam encantadas a olhar para o computador quando se faziam as compras, e as amigas também vinham ver.

A conversa deriva para os meios de transporte. António tem comprovativo de batismo de vôo numa avionete, onde só se podia pôr os pés numa barra porque o resto era em tela. Barco, motorizada, bicicleta, carro de bois, carro de cavalo, comboio, avião, são todos meios de transporte que utilizou na sua vida. A partir do momento em que começou a trabalhar (1968) utilizou mais o avião e o comboio. Na tropa também andou muito de comboio, porque nunca se ficava num quartel perto de casa. Tanto Matilde como António viajaram para África de vapor (navios grandes de transportes de passageiros). António viajou no *Niassa*, e esteve a fazer o serviço militar em África entre 1966 e 1968.

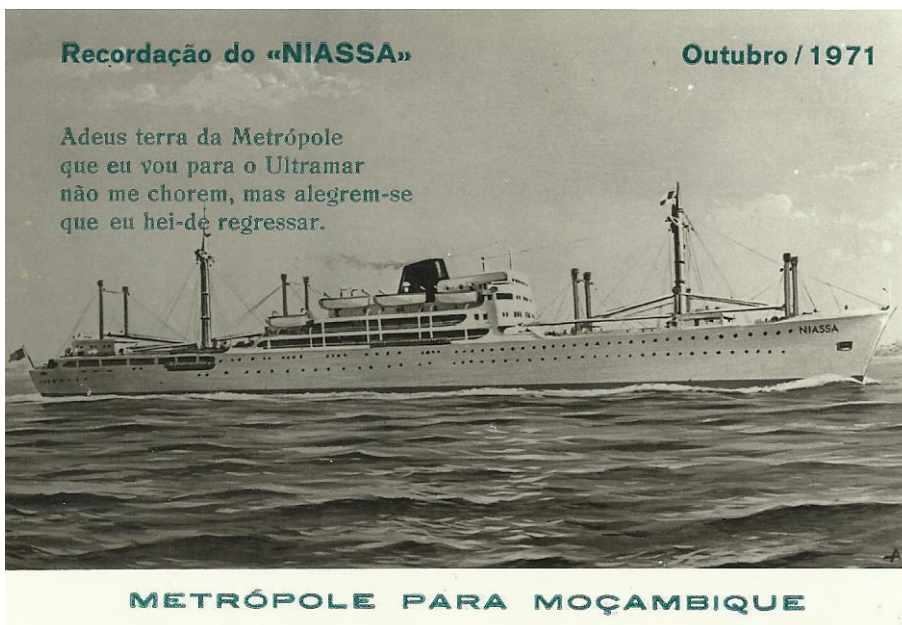


Imagem 11: Paquete Niassa. 1971.

<sup>42</sup> Série policial realizada nos EUA e emitida entre 1972 e 1974 no canal NBC. (<http://www.imdb.com/title/tt0068044/>). Em Portugal foi emitida no ano de 1974, às segundas-feiras a partir das 22:00.

A primeira vez que Matilde viajou de avião foi na lua de mel, para a Madeira. Não era comum viajar de avião. Matilde lembra-se aos 15, 16 anos ir com as irmãs para o aeroporto de Lisboa, sítio chique naquele tempo, ver as pessoas que entravam e saíam dos aviões, muito bem vestidos. Geralmente eram pessoas importantes. Ia-se de carro para lá, tomar um café (porque só tinham dinheiro para isso) e ver quem passava. “Metermo-nos no machimbombo<sup>43</sup> [autocarro] para ver gente chique no aeroporto também era ridículo!”, exclama Matilde.



Imagem 12: Esplanada do restaurante do aeroporto – Portela de Sacavém. 1947.

Os vôos do Porto eram muito poucos, tinha de se ir para Lisboa apanhar o avião. António ainda andou de [Lockheed] Super Constellation, a turbo-hélice<sup>44</sup>, que leva cerca de 100 pessoas. Fez muitas viagens em que o avião só levava um terço desta capacidade, a na maior parte metade. Era comum as hospedeiras convidarem para se ir para a primeira classe, que ia vazia ou com uma pessoa apenas, “ofereciam champanhe e tal...” Foi a Inglaterra, Paris, Alemanha de avião. Só a partir de cerca de 1985/ 1990 é que se começou a popularizar a viagem de avião e os aviões enchiam. Matilde lembra-se da emoção geral quando constou que os americanos já tinham aviões a jato, “aquilo era um foguetão, para a altura!”<sup>45</sup> Achavam que se estava numa era super-sónica.

<sup>43</sup> Palavra proveniente “do inglês *machine pump*. Machimbombo é “ascensor mecânico: qualquer veículo pesado e ronçeiro”, e, em Angola e Moçambique, “autocarro de transporte público” (*Dicionário da Língua Portuguesa*, 2008).

<sup>44</sup> A TAP encomendou pela primeira vez em 1953 três aviões Lockheed Super Constellation L-1049G (<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2013/10/avioes-super-constellation-da-tap.html>, consultado a 27.4.2016).

<sup>45</sup> O primeiro avião a jato americano foi o Bell XP59 de outubro de 1942.



## Telefone

António conta como na década de 1980 a telefonista da fábrica onde trabalhava estava a tentar ligar aos fornecedores de Guimarães e Santo Tirso e não conseguia falar porque a linha estava permanentemente ocupada. António acabava por ir de carro ter com os fornecedores, e isto aconteceu várias vezes! Teve de ir ao estampador a Rebordões, e a Guimarães, só porque não conseguia ligação telefónica. Após a entrada na União Europeia (1986) esta situação acabou. Depois apareceu o Telex, a seguir o Fax e entrou-se noutra era, a informação era rapidíssima. Em tempos a companhia dos telefones era inglesa e o diretor, da mesma nacionalidade, morava na rua do Crasto, à frente dos seus pais, recorda António.

Matilde lembra-se de um episódio da adolescência de uma amiga sua. A dada altura esta pediu à telefonista a ligação para determinado número. A telefonista apressou-se a informá-la que a avó não estava em casa: “ligou-lhe a tia X e a avó saiu!” Os telefones não eram assim tantos, diz António. Em Carreço (Viana do Castelo) ia-se à mercearia do senhor Vale telefonar porque não havia mais telefones na zona. O avô paterno de Matilde<sup>46</sup> tinha o número de telefone 1 em Coimbra, e havia só mais três ou quatro telefones na cidade.

Quando os pais de Matilde se mudaram para Caminha, em 1966, estiveram dois anos à espera de telefone. Tinham de ir à pastelaria de vila telefonar. Antes, quando viviam em Santo Amaro de Oeiras, a linha “dos Amarais” era conhecida por estar sempre interrompida porque a prima Isolda estava a tarde inteira ao telefone com o namorado. “Não diziam nada! - Tás aí? - Tou. - O que é que estás a fazer?” Chegava-se a telefonar aos vizinhos para dar recados, porque já se sabia que o telefone estava ocupado. Na mocidade de Matilde (1965) já todas as pessoas tinham telefone, e ainda sabe de cor os telefones das amigas da época.

António teve dos primeiros telemóveis por volta de 1987/ 1990, aparelho que lhe custou 250 contos. Era da marca Ericsson, pesado apesar de não muito grande. Funcionava com bateria, e tão bem como os atuais, diz António. Quando começou a trabalhar com os suecos estes aconselharam-no a comprar o telemóvel por causa das viagens.

---

<sup>46</sup> Nasceu em 1888 e faleceu em 1976. Foi professor na Universidade de Coimbra e deputado.



*Imagem 13: Modelo Ericsson Hotline 900 Pocket.*

Em Portugal já havia, da Telecel. Quando estava num hotel, em trabalho, havia várias chamadas a fazer: para a firma, clientes e outros contatos, além de uma chamada todas as noites para Matilde. Uma das fontes de receita dos hotéis na altura era o telefone. António não telefonava muito mas a conta de telefone dos hotéis eram sempre vários contos de réis. Os suecos disseram-lhe que se comprasse o telemóvel ficaria autónomo e que em pouco tempo pagaria o investimento, “e tinham toda a razão”. Acabou por lhe ser furtado do carro, estacionado à porta de casa. Agora tem telemóveis de duas redes, Vodafone e Optimus. O de Matilde é da Vodafone.

## CLARA

Clara nasceu em 1999 e é uma rapariga alta, franca e de opiniões claras. Tudo na sua indumentária mostra que é uma adolescente que segue o que está em voga na sua faixa etária, desde a camisa de ganga apertada até ao colarinho sob um camisolão verde com um fio e pendente por cima às calças justas e sapatilhas práticas. Foi-me relatando a sua vida quotidiana na escola. Desde os 10 anos que tem telemóvel, um Nokia que era da mãe. Com essa idade começou a frequentar o 5º ano de escolaridade e mudou de escola, pelo que a mãe lhe deu o telemóvel para telefonar em caso de necessidade. A mãe diz que foi “torturada” desde o 3º ano de Clara para lhe dar um telemóvel, ao que a filha comenta: “A Maria Sousa tinha...” Quase todos os colegas e amigos têm telemóvel, se bem

que sejam mais as raparigas a possuir/ utilizar que os rapazes. Tem colegas raparigas que são mais “mimadas” [hesita na procura do adjetivo adequado] que pedem qualquer coisa aos pais e estes dão. Por norma pedem o que vêm que as amigas têm. Ocasões como o Natal ou o aniversário são normalmente escolhidas pelos parentes para oferecer os telemóveis aos seus colegas. Clara vê os colegas a ir substituindo os telemóveis por outros aparelhos mais recentes e de tecnologia mais avançada. Alguns juntam dinheiro, mas se pedissem aos pais decerto estes lhes comprariam. Uma colega sua que tinha sempre os melhores telemóveis, entre outros objetos, acedia pontualmente à Internet (Google) para obter informação para algum trabalho da escola. Mais generalizado é o acesso ao Facebook ou ao Ask<sup>47</sup> através do telemóvel. Clara utilizou o seu apenas para falar com os pais, numa fase inicial. Depois, começou a comunicar também com os amigos, sobretudo através de SMS por ser mais barato.

Herdou depois um telemóvel Sony Ericsson de uma tia, “daqueles de abrir e fechar, cor de rosa, com borboletinhas...” Esta oferta tinha um problema: o telemóvel funcionava apenas com cartões Optimus. Como os amigos e o pai são todos da rede Vodafone as chamadas entre si ficavam muito caras. O pai foi procurando uma alternativa barata e boa. Certo dia estava a folhear um catálogo da TMN e viu um modelo de telemóvel chamado “TMN Kids”, com chamadas grátis para os pais e “era muito barato, custava 25 euros”. O aparelho era básico, “muito bom, sem câmara nem tecnologias avançadas” e teclado semelhante ao de um computador. O ecrã era pequenino, “para crianças tipo 5º, 6º ano, que estão a ir para a escola”. O pai e Clara conversaram e viram que era uma boa solução, pelo que o pai comprou. Mas, chegando a casa, tentaram desbloquear para Clara poder utilizar um número da rede Vodafone e não conseguiram, pelo que ela ficou a utilizar um número da TMN. Passado mais ou menos um ano, no Natal seguinte, recebeu dinheiro dos familiares, como é costume. Decidiu então juntar e comprou um telemóvel “muito bom, com novas tecnologias” e estava toda contente porque já tinha um número da rede Vodafone e comunicar com mais intensidade com os amigos. Mas ao terceiro dia “o meu irmão percebeu que eu tinha tido uma prenda nova e então encheu-se de ciúmes, apanhou-me o telemóvel e atirou-o contra uma parede. Depois ainda caiu numas grades de ferro e estragou-se todo. Foi horrível. Depois comecei a chorar. O meu pai também ficou muito chateado, porque era dinheiro para o lixo. O telemóvel nessa altura foi caro, custou 60 euros.” O pai disse-lhe para juntar de novo dinheiro para comprar outro telemóvel, ou para esperar pelo Natal seguinte para comprar um novo. Ficou sem telemóvel durante algum tempo. No verão do ano seguinte foi sozinha para a casa de férias dos avós maternos, no Minho, de camionete. O pai arranhou-lhe um telemóvel na altura, “daqueles velhos. Era um calhamaço mínimo, que só tinha as teclas e o visor, era horrível”, para a viagem e para poder falar com os pais enquanto eles não chegavam. Passados uns tempos encontrou em casa outro telemóvel antigo, mas menos do que o que usou no verão. Ficou com este para ir telefonando aos pais e aos amigos enquanto não tivesse um novo. Tinha oferecido entretanto o telemóvel TMN Kids ao primo Henrique, de 10 anos, como prenda de Natal. No 8º ano (poucos meses antes da entrevista) foi com a mãe comprar o telemóvel que tem atualmente, Optimus Sydney, igual ao que o irmão partiu.

---

<sup>47</sup> Página com um funcionamento algo similar ao Facebook. Podem-se adicionar amigos, fazer perguntas e dar respostas, dar presentes e manifestar gostos.





Imagem 14: Modelo Smartphone Optimus Sydney NOS.

Talvez como prenda de aniversário (Clara não se recorda bem), foram à loja da Optimus onde trabalha uma amiga da mãe para comprar o telemóvel. Usufruíam do desconto de funcionária da amiga da mãe e o telemóvel ficava por 14 euros, pelo que a mãe achou barato e acabou por comprar um também para si. Conseguiu desbloquear na Internet e agora já tem um número Vodafone. Alguns dos colegas têm um *tablet*, dado pelos pais ou a que alguns dos pais e avós têm direito através dos seus trabalhos (em universidades). Uma amiga sua estava a juntar dinheiro para comprar um dos mais baratos, de marca branca. Utilizam-no para jogar e para aceder à Internet. Sobretudo, “está na moda”. Clara ia a casa de um amigo que morava muito perto de sua casa para ver no iPad dele episódios de telenovelas. Também jogavam, iam ao Facebook e ao Ask. Este amigo usa mais para jogar e para a irmã de 4 anos ir ao Youtube ver os vídeos de que gosta. Decorou o símbolo e ao carregar aparecem os mais vistos, que ela então seleciona para ver. Clara também tentou ensinar o seu irmão de 5 anos a jogar jogos de animais, apropriados à sua idade, na consola Nintendo. Diz contudo que ele é um pouco “trapalhão” e quer acabar depressa o que está a fazer (jogar, no caso). Até aos 10 anos Clara precisava de ouvir rádio (qualquer estação), de um peluche e que a mãe lhe lesse uma história e fizesse cócegas nas costas para adormecer. Entretanto mudaram de casa e a mãe não a deixou trazer o aparelho de rádio que Clara se lembra ter desde sempre. “Eu queria trazê-lo, era o meu rádio de estimação, já estava muito velho mas eu gostava muito dele, mas a mãe não me deixou trazer, disse que não ia combinar com a estética da casa nova”. À medida que foi crescendo e percebendo como funcionavam as estações percebeu que gostava de ouvir a música que passava na Rádio Comercial. Os pais tentaram convencê-la de que ouvir música clássica em vez de pop e rock, à noite, era mais agradável, mas Clara nunca conseguiu gostar. Agora ouve as músicas que põe no telemóvel, ou ouve no computador quando o está a utilizar. Apesar de ter computador em casa desde os 9 anos (no 4º ano a escola vendeu o portátil Magalhães a um preço mais barato que no comércio, mas nunca usaram nas aulas), só aos 12 começou a utilizá-lo. No primeiros anos apenas o abria de vez em quando para jogar. Quando se mudou para a casa nova, estava a frequentar o 7º ano, é que começou a aceder à Internet. O pai diz que

procuraram incentivá-la a usar o computador para guardar documentos, fazer trabalhos em Power Point para a escola... Clara criou uma conta de Facebook porque todos os amigos tinham, assim como Tumblr e Twitter. A mãe, num aparte, comenta que a filha faz em média 100 entradas no Facebook por dia. Segue os dos amigos, re-bloga as imagens deles, vê frases e imagens de que gosta na Internet e publica as de que gosta (arranjos de unhas e cabelos, paisagens, imagens de infinito). São sobretudo as amigas que têm estas contas nas redes sociais, e expõem conteúdos sentimentais, os rapazes da turma dela não ligavam muito ao computador. Exceto o Martim. “Mas o Martim usava sapatilhas douradas, por isso... era de desconfiar.” Todos os dias as raparigas põem fotografias novas; “é assustador”, diz. E os rapazes? Querem jogar futebol nos intervalos da escola e chegar cedo a casa para jogar futebol na PS3 e no computador. E depois ainda têm treinos de futebol. Na Internet, aparecem nas fotografias das raparigas. Apesar desta tendência maioritária havia alguns rapazes “que eram mais como nós, queriam ir sempre ao Facebook, Tumblr, Twitter.” As raparigas publicam conteúdos “mais de amor e essas coisas, mais fotografias”. Na altura da entrevista não tem computador, que foi para arranjar. Teve o Magalhães até há pouco tempo, estragou-se e a avó emprestou-lhe um, que entretanto também se estragou. Usa o computador sobretudo para aceder à Internet, e ainda não está muito à vontade na redação de documentos (em Excel, Word e Power Point). Agora que não tem estuda mais, brinca mais tempo com o irmão e utiliza o da mãe, quando esta sai de casa para ir buscar o irmão mais novo (trabalha no domicílio). Os pais já tinham, aliás, estipulado que apenas usaria a Internet uma hora e meia por dia. Este é o tempo que os pais calcularam que seria suficiente fazendo o balanço dos acessos dela à hora de almoço e ao fim do dia. Tomás consegue desligar a rede da Internet, pelo que assim conseguiam controlar o tempo de acesso de Clara. Esta é uma prática de que a família se socorre de vez em quando, quando considera que não é necessário usar a Internet na casa. Quando pergunto se Clara gosta desta oportunidade de brincar mais com o irmão ela diz que não, porque ele lhe bate, mas se ela não brincar com ele ainda mais ele lhe bate. O pai comenta que também não sabe o que prefere, pois quando eles brincam juntos é uma algazarra.

Se Clara não tivesse Internet talvez se encontrasse mais com os amigos. Hesita ao dizer-me isto, e o pai intervém: “Eu acho que esta geração não sabe disso, sabes? Não sabe o que seria se não tivessem o telefone e a Internet.”

Na escola primária ia jogar cartas para o computador da mãe. Quando estava no 2º ano (7 anos), juntou dinheiro para comprar numa loja uma consola de jogos Nintendo em segunda mão, que custou 100 euros. A mãe diz que toda a família e amigos sabiam que ela queria comprar uma Nintendo e contribuíram, pelo que ela juntou o dinheiro num instante. Todos os colegas tinham e podiam-se partilhar os jogos, de modo que conseguia jogar com eles nos intervalos.



*Imagem 15: Nintendo DS Lite. 2006.*

Jogou nesta Nintendo até ao verão de 2013, tendo dela usufruído ainda o irmão e o primo. Comprou um jogo do Super Mário, por insistência da mãe, mas queria ter comprado um com cães. Entretanto os amigos evoluíram nos modelos de consola de jogos mas Clara não, apesar de querer uma Nintendo DSi.

O pai ganhou um MP3 num concurso e deu-lhe. Nessa altura apenas Clara e uma colega da escola (3º ou 4º ano) tinham MP3, e por coincidência o aparelho que o pai ganhou era igual ao da colega, que Clara ambicionava. Os pais dizem que hoje em dia os miúdos têm acesso às tecnologia muito cedo e que não sabem como as utilizar. Foram eles a mostrar as potencialidades aos filhos, que depois se autonomizaram. Clara não sabia muito bem o que fazer com o MP3 no início e o pai ajudou-a, perguntou-lhe quais as músicas de que gostava (Black Eyed Peas, Mamma Mia, Michael Jackson e António Variações) e colocou-as no aparelho. Com o tempo foi passando para o domínio da filha e ela foi gerindo. Agora os pais dizem que ela tem muito jeito para procurar músicas e bandas novas, sozinha, e por isso ouve música muito mais variada que os amigos. Os pais sempre tentaram incutir-lhe o gosto pela música, mas Clara não consegue gostar da clássica. A mãe queixa-se que quando viajam de carro queria ouvir música clássica mas a filha reclama e por isso não ouve. Os pais deram-lhe uma coluna portátil quando ela tinha 10 anos pois estavam preocupados por ela passar muito tempo com os auriculares dentro dos ouvidos.

Clara conta um episódio que lhe ficou na memória: uns dias depois de receber o MP3 estava no ATL com a amiga que também tinha um e, apesar de saberem que era proibido usar brinquedos pessoais, foram as duas buscar os MP3 e sentaram-se num sofá a ouvir. Mas entretanto não se conseguiram conter e começaram a cantar e dançar, pelo que apareceu a cuidadora que as impediu de usar os aparelhos.

Tomás diz que quando ia levar a filha à escola de autocarro ela não se queria sentar ao pé dele e que ia toda a viagem a ouvir o MP3, o que o entristecia por não conversarem. Também teve de a advertir muitas vezes para não atravessar a rua a ouvir o MP3, pois poderia ser perigoso.

Clara também teve máquinas fotográficas digitais, uma delas dada pelo avô materno e outra antiga, pertença da avó paterna. Levava-as para as visitas de estudo, “tirava-se” fotografias, usava as fotografias tiradas para pôr no ecrã do computador. A mãe intervém: “não sei se a Clara mencionou que tem no quarto um cemitério digital...”

Via na TV anúncios de Playstations e Nintendos que pedia aos pais, além das Barbies na altura do Natal. Os pais dizem que ela pede muitas coisas sobretudo da publicidade impressa que é posta na caixa de correio (“das Staples, Rádios Populares...”), como telemóveis e *tablets*. Barbie recebeu uma, que a mãe decidiu comprar-lhe no El Corte Inglés porque sempre quis ter uma quando pequena e os pais nunca lhe deram.

A família teve TV paga (com vários canais) durante pouco tempo, sempre preferiram ter apenas os quatro canais públicos da televisão portuguesa emitidos em sinal aberto. Os pais de Clara acham que se tivessem mais canais ela teria outra reação em relação à vontade de consumo de bens publicitados. Comentam a diferença entre os interesses da filha, que vê pouca televisão, e os das filhas dos amigos, que têm TV Cabo e sabem os nomes (e estão sempre a falar) de todas as “princesas Disney” que aparecem no Disney Channel. Luísa diz que a filha não tem um conhecimento tão alargado do universo de desenhos animados mas que sempre teve uma gama de interesses bastante variada que vai da leitura à Botânica e à Zoologia.

## LUÍSA

Luísa nasceu no Porto, em 1977. Vive com o marido, Tomás, a filha Clara e o filho Afonso numa casa construída na década de 1950 na zona da Boavista. Esta casa tem dois andares. No primeiro andar vive Luísa e a família, e no segundo a irmã de Tomás com a sua família. Esta é arquiteta e fez o projeto de recuperação da casa, comprada entre todos. O rés-do-chão (antiga garagem da casa) funciona como gabinete comum, uma vez que são quase todos trabalhadores independentes. Um jardim nas traseiras completa o espaço. O andar de Luísa é composto por uma entrada, cozinha, despensa, casa de banho completa, casa de banho pequena de serviço, sala de jantar e de estar, corredor e três quartos. A decoração da casa é sóbria, em cores pastel, mas respira uma modernidade que conjuga a influência nórdica com a recuperação de mobiliário antigo português das décadas de 1930/ 1940. O equilíbrio entre os diversos elementos é calculado, dele resultando uma coerência estética. Jovialmente vestida segundo as últimas tendências da moda (camisola à marinheiro branca com riscas azuis, calças de ganga justas e botins), serviu o almoço à família e à antropóloga na sala de jantar/ estar sobre uma toalha branca tecida por uma avó do marido. Ao lado da pequena mesa de refeições, um armário vintage de marcenaria portuguesa da década de 1930. Reconvertido em louceiro, exibia como se de uma vitrine se tratasse taças em cerâmica vidrada em tons pastel dispostas no seu interior com um cuidado estratégico e localização milimétrica. A entrevista foi feita em primeiro lugar à filha Clara, tendo os pais chegado quase no final desta e participado. Terminando a de Clara, ela saiu da sala e prossegui com uma entrevista em que Luísa e Tomás foram interlocutores em simultâneo.

Continuando-se a conversa sobre os eletrodomésticos, Luísa diz que na casa dos pais foram uma presença constante e que o pai tinha uma “obsessão” com eles. As prendas de Natal eram muitas

vezes eletrônicas, assim como as de aniversário (rádios-despertadores e relógios de viagem de fechar). As prendas dadas pelo pai à mãe nestas alturas eram por norma eletrodomésticos, “a minha mãe tem um santuário”. O pai chegou a ter um abridor de cartas elétrico e um abridor de latas que funcionava a eletricidade. “Uma vez o meu pai apareceu com um computador, numa altura em que ninguém tinha computadores, chamava-se Mordomo e era do Continente”, para fazer as compras *online* que depois levavam a casa. Todos os vizinhos iam ver, era novidade no bairro. O pai também comprou um microondas cerca de 1985, quando ainda ninguém tinha nas redondezas. As pessoas iam vê-lo a casa deles e perguntavam se era uma televisão. O pai teve dos primeiros telemóveis, que se guardavam e transportavam ainda dentro de uma mala. Deixou de comprar todas as novidades tecnológicas quando se reformou, “foi automático”. Continuou a comprar alguns eletrodomésticos para a mulher, como a máquina para fritar batatas sem gordura, um espremedor de sumos, um forno pequenino, uma placa de indução... Comprar para a cozinha sempre foi muito importante para ele, para ajudar a mulher. Só não lhe deu a Bimby porque a mãe de Luísa não quis, nunca achou que correspondesse à eficácia que eles propunham através da experiência que observou das irmãs e da mãe com esse eletrodoméstico. Luísa esteve “obcecada” com a Bimby durante anos e achou que quando a tivesse seria uma excelente cozinheira. Entretanto uma amiga emprestou-lhe e ela não usa, chegou à conclusão de que é capaz de ser sobretudo um objeto de estatuto.



*Imagem 16: Robô de cozinha Bimby.*

Conhece pessoas que têm a Bimby e não usam muito, compram porque acham que lhes vai facilitar a vida mas não são grandes cozinheiras. Acha que deve dar um certo jeito a alguém que cozinha muito para ir fazendo a massa enquanto está a fazer outra coisa, mas não cozinha por si só. Luísa não gosta especialmente de eletrodomésticos para a cozinha, se puder dispensa. Gosta muito de acessórios de cozinha (talheres, etc.) mas não elétricos. Em sua opinião o pai sempre se preocupou com os eletrodomésticos da cozinha por remorsos: nunca ajudou a mulher a cozinhar, levantar a mesa ou lavar a loiça, e procurou ajudá-la proporcionando-lhe a maior quantidade de máquinas para facilitar o trabalho dela.

Luísa nota que o pai sempre se excedeu na compra de eletrodomésticos para o jardim, como cortadores de relva, corta-galhos e máquinas para apanhar coisas do chão.

O pai ofereceu a Luísa um *scanner*, aparelho que se tornou a referência determinante da sua vida. Também lhe deu um computador (PC) e uma impressora enquanto ela estava a estudar, mas quem explorou o computador ao máximo foi o seu marido. Depois de acabar a licenciatura em Artes Digitais, Luísa estagiou com um artista plástico e decidiu que era esta via profissional que queria seguir. Procurou um compromisso entre o curso que tinha tirado, no qual investiu e que estava na moda por ser digital, e o seu gosto pela pintura. Passados dois, três anos percebeu que o caminho a seguir seria desenhar, pelo que pediu ao pai o dito *scanner* (da marca Epson) e não parou mais de desenhar até hoje, tornando-se ilustradora de profissão.

Não passa um dia sem ir ao computador, mesmo aos fins-de-semana e férias, e acha que na altura em que estava a frequentar a licenciatura e o pai lhe comprou o PC deveria ter insistido com ele para lhe comprar o da Apple que ela queria (um pouco mais caro). Acha que se teria sentido mais motivada para o utilizar. Depois desse primeiro PC herdou um antigo da Apple do marido e gostou mais de o usar, mas era lento dada a idade. Juntou então dinheiro durante dois anos e comprou o iMac que usa até hoje. “Cá em casa é tudo Apple, e será sempre”, não só por ter as ferramentas mais adequadas às suas profissões nas áreas da ilustração e das artes digitais, como pela qualidade e confiança que depositam na marca. Nunca têm problemas com os computadores, como vêm outras pessoas ter.

Luísa diz ter discussões diárias com o marido sobre a importância e papel da televisão. Tomás acha-a dispensável, mas para Luísa a TV é imprescindível ao final do dia. Gosta de parar os afazeres às 22:00 ou 23:00 e ver um “disparate” (do género das séries *Irmãos e Irmãs* ou *Dexter*) para relaxar. Sente-se preenchida, vai para a cama satisfeítíssima. Não se considera dependente dos conteúdos mas sim do hábito de ver um bocadinho de televisão ao fim do dia. Tomás, por seu lado, acha dispensável. Porque não tirar dois bons filmes da Internet por semana? Para ele é a situação ideal. Luísa diz que é raríssimo deitar-se de madrugada por estar a dar um filme que quer ver na TV, não é dependente. Já tiveram leitor de VHS e DVD, utilizados sobretudo pelos filhos apesar de eles também terem comprado e gravado filmes. Hoje em dia tiram filmes da Internet, que armazenam num disco externo, e ligam um *player* (caixa de media) à TV para os ver. 80% dos filmes que a família tem e vê são de animação, o filho de 5 anos adora e habituou-se (“por razões também práticas”) a ver um todos os dias antes de dormir. Os familiares e amigos ficam chocados por uma criança ver filmes de animação como os do realizador Tim Burton e com um ano e meio já saber textos de filmes que são para crianças mais velhas. Os pais foram deixando ver, tal como o *Harry Potter* e outros, porque não viram consequência negativas. A partir do momento em que viu da primeira vez, os pais não encontraram argumentos para dizer que não poderia ver mais. O filho foi cultivando o gosto pelo cinema de animação e gosta de filmes *sui-generis* que aterrorizam outras crianças, como *Coraline Jones*<sup>48</sup>. A maior parte é falado em inglês, ele apenas vê as imagens e ouve os sons. Começou a ver antes de ter consciência do que visualizava, tornou-se natural e não tem medo. A dada altura o filho ficou obcecado com o *Harry Potter*, pediu à mãe para lhe fazer uma capa e varinha mágica que envergava logo que chegava a casa. Tinha muitas brincadeiras em que o motivo era a magia e as

---

<sup>48</sup> Filme de animação produzido pela Focus Features, lançado no mercado em 2009 ([http://www.imdb.com/title/tt0327597/companycredits?ref=tt\\_ql\\_10](http://www.imdb.com/title/tt0327597/companycredits?ref=tt_ql_10), consultado a 12.12.2016).

lutas, com espadas também. Como vê muitos filmes com espadas (*Peter Pan*, além de *Harry Potter* e outros) e bruxas também adora estas figuras e adereços.

Na casa dos pais de Luísa nunca os filhos puderam ver TV durante a semana, nem mesmo quando Luísa já tinha 20 anos. No dia seguinte havia aulas. O pai chegava a casa, via o telejornal das 22:00 às 23:00 e em seguida apagava-se a TV. Nunca se criou o hábito de ver TV na casa dos pais, apesar da mãe (doméstica) ver por vezes à noite. Sempre houve o hábito de conversar muito, sobretudo à mesa, prolongando as refeições. Em casa de Luísa pelo contrário, come-se bastante rápido porque ela não gosta de prolongar a estada à mesa, põe-se um filme para o filho mais novo, lê-se um livro e os filhos vão para a cama. O filho tem este hábito que a família procura não quebrar. Luísa diz: “mesmo que eu arrumasse tudo e ficássemos a conversar, é a televisão que substitui isso.”

## TOMÁS

Tomás fala de forma clara e segura. Raciocina antes de comunicar as suas ideias, sendo o seu discurso articulado por um fio condutor bem definido no seu cérebro logo desde a primeira palavra que emite. De estatura baixa e rosto afilado, é magro e de tom de pele escuro, vestindo camisa branca e calças de sarja bege. É crítico/ consciente em relação ao uso da TV e da tecnologia em geral, também os seus pais foram. Mas tem presente que a sua infância foi passada num local residencial sossegado e seguro (perto da casa que hoje habitam, na zona da Boavista), a brincar na rua com os amigos. O bairro onde morou com os pais entre 1981 e 1992 era novo, com edifícios de apartamentos para onde foram viver muitas famílias da mesma geração. Assim, o seu grupo de amigos e amigas era muito grande. Lembra-se de ter aparelho de televisão em casa desde sempre, mas preferia ir para a rua brincar ou para casa de um amigo. Acha que hoje, como a rua é insegura, as crianças ficam mais em casa, vivem mais longe umas das outras e a TV ganhou protagonismo, ocupando este espaço físico e temporal. Os pais de Tomás tinham trabalhos com contrato, pelo que, apesar de por vezes terem de trabalhar à noite e durante os fins de semana, eram muito rígidos no que respeitava à reserva do sábado e domingo para estar com os filhos. Saíam para passar o fim de semana fora, levavam os filhos a praticar atividades, sempre gostaram muito de ar livre e natureza. O pai levava-os mesmo quando tinha de fazer medições de vento. Tomás só começou a prestar atenção à televisão aos 16/ 17 anos (altura em que o pai faleceu).

A avó materna foi contabilista e o avô materno foi vendedor e gestor de seguros. A avó paterna foi doméstica e o avô paterno foi economista e professor. Os pais de Tomás, apesar de terem profissões e interesses ligados às tecnologias, não receberam essa influência dos seus pais. A avó paterna tinha uma ligação às tecnologias que passava pela prática da agricultura, pois tinha uma quinta. Luísa nota que a avó materna de Tomás é contudo uma das poucas pessoas da sua geração que sabe usar o telemóvel e mandar mensagens. O avô materno de Tomás, por seu lado, “era um zero à esquerda a lidar com tecnologias, não percebia nada de ligar televisões...”. Não tinha aversão pela tecnologia (possuía até um pequeno rádio pelo qual tinha uma “obsessão”, gostava muito de ouvir futebol) mas



sim falta de jeito. Era um péssimo condutor de automóvel, por exemplo. Os avós paternos de Tomás também tinham automóvel. O avô paterno de Tomás teve o mesmo carro, Toyota Corolla, durante cerca de 30 anos, e foi o único que ele conheceu. O avô adorava este carro e tratava-o muito bem, pelo que quando o vendeu estava como novo. A avó paterna de Tomás tinha uma apetência natural para lidar com objetos de tecnologia e tirou a carta aos 40 anos. Mas o marido reagiu mal quando ela a dada altura bateu contra outro automóvel (segundo ela, por culpa do marido, que seguia também no carro e a estava a enervar), e a partir desse dia ela não mais conduziu. Esta avó era autodidata, aprendeu a fazer tapetes de Arraiolos, *crochet* e renda sozinha, e costurava muito bem. Dominava na perfeição a máquina de costura e todas as técnicas, fazendo as roupas para si, para os filhos, netos e bisneta Clara. Também dominava todos os aparelhos de cozinha. Na casa destes avós tudo se consertava quando estragado, nada se deitava ao lixo, o que contribuiu para desenvolver o conhecimento dos objetos e do seu funcionamento. O avô era muito “forreta”, e Tomás diz que ele viveu já crescido as duas guerras mundiais e que teve um início de vida muito difícil porque o bisavô de Tomás casou segunda vez e foi viver para o Brasil. Tomás não sabe com certeza a história de vida do avô porque este nunca quis ser muito claro, mas crê que, após a ida para o Brasil do bisavô, o seu avô teve de se sustentar a si a às suas duas ou três irmãs. Viviam na Rua de Santa Catarina e o seu avô estudava e trabalhava em simultâneo para se manterem. Tirou três cursos (Economia, Finanças e Química) e teve também dois ou três empregos, além de ter herdado da família o conhecimento do ofício de ourives. Entretanto conheceu a futura mulher, e depois de se casarem ainda ficou um irmão dela, mais novo, a viver com eles. Tomás diz que, apesar de os seus avós serem “remediados” e poderem sustentar uma boa casa, empregada e carro, tinham hábitos de poupança decorrentes das suas histórias de vida e das épocas que viveram. Um dos empregos que o avô teve foi na Efanor – Empresa Fabril do Norte (Matosinhos/ Senhora da Hora), para o qual se deslocava de carro. A avó, entretanto, ia para a praia de Leça da Palmeira de elétrico. Todos os fins de semana iam de carro à casa que a avó de Tomás tinha em Baião, de onde era natural. Os avós maternos utilizaram o comboio até a filha ter 14 anos, altura em que compraram um automóvel. Tinham uma casa na Murtosa mas nunca deixaram de fazer nada, iam de comboio para todo o lado. Este avô, António, teve vários carros porque tinha direito pelo cargo que tinha na empresa em que trabalhava (Companhia de Seguros Império). “Apesar de não ter jeito nenhum para carros...”

Luísa conta que o avô paterno teve o primeiro carro Mercedes da Foz e que a mulher se chateava com ele porque por vezes não tinha dinheiro para as despesas familiares e domésticas.



Imagem 17: Cartaz publicitário da firma C. Santos, Lda. 1950. Em 1936 esta empresa tornou-se representante da marca Mercedes-Benz em Portugal<sup>49</sup>.

Gastava-o em carros e outras despesas que considerava supérfluas, além de negócios que acabavam por não correr bem. A avó de Luísa contou à nora que a dada altura estava com o marido e um casal de amigos à saída da igreja, após a missa. A senhora que estava com eles olhou para uma montra e disse: “que bonita mesa!” Uns dias depois a mesa foi entregue em casa da senhora, oferecida pelo avô de Luísa. A mulher dele nada soube desta oferta mas, mais tarde, encontrou a amiga na rua, e esta elogiou a generosidade e cavalheirismo do avô de Luísa. A mulher dele, contudo, sabia que não havia sequer dinheiro para pagar as despesas da casa... O pai de Luísa também não gosta muito de falar sobre o seu pai, sendo estas histórias reproduzidas na família por Matilde, mãe de Luísa. Luísa acha que o pai tem uma certa “obsessão” pela segurança e garantia devido a estas situações que testemunhou. Assistiu ao declínio económico da família, à venda de uma quinta que possuíam em Ponte da Barca que produzia muito e custava pouco a sustentar. A casa em que viviam no Porto era alugada, pelo que acabaram por ficar sem bens próprios de raiz. Quando António voltou do Ultramar, onde tinha feito o serviço militar, o pai decidiu fechar a casa alugada no Porto e ir viver para a quinta em Ponte da Barca. António teve assim de viver em casa de amigos durante um ano, até criar autonomia económica suficiente. Neste processo distanciou-se muito do pai e todo o seu percurso de vida foi feito sem ajuda deste. Luísa diz que a grande importância que o pai dá à preservação dos objetos que possui, e que por vezes parece incompreensível, deriva desta experiência de vida. Tenta colocar-se no lugar do pai, que se incomoda quando uma criança põe os pés num sofá, e diz que ele não se conseguiu adaptar à evolução do mercado de objetos. Luísa não compreende como é que o pai não conseguiu ir assimilando e diluindo, no decurso da sua vida, estes condicionalismos pessoais na relação com os objectos. Hoje em dia um sofá pode ser muito barato, vai-se ao IKEA e compra-se um com facilidade, diz...

<sup>49</sup> Em <http://www.soccsantos.pt/pt/historia> (consultado em 9.8.2017).

Não acha que a mãe tivesse passado a ter mais trabalho à medida que o marido lhe ia oferecendo os eletrodomésticos, “tanto é que ela ignora metade deles”. A mãe desnor-teia-se na cozinha, com ou sem eletrodomésticos. Se está alguém com ela distrai-se, atrasa meia hora o jantar, o marido entra, interrompe, diz “está atrasado!”, e esta pressão é terrível para ela. Note-se que se trata de uma senhora de quem uma das amigas das filhas disse que “não fazia sala, fazia cozinha”, por socializar nesta divisão mesmo sem estar a cozinhar.

- A minha irmã Beatriz este verão, todos os verões, quando estamos todos juntos [na casa de férias dos pais], teve imensas discussões com a minha mãe porque ela não entende porque se dá tanta importância à refeição e à cozinha e porque é que a dinâmica daquela casa se gera à volta da cozinha.

São discussões diárias, em que Beatriz (a irmã mais velha de quatro) pergunta à mãe se a solução é irem todas para a cozinha às 9:00 da manhã e despacharem três refeições para a mãe poder descansar, ou se a solução é saírem todos e só voltarem a casa para dormir para a mãe não ter trabalho com a família, ou se a mãe quer que fiquem todas na cozinha a descascar batatas o dia inteiro? Luísa crê que o que a mãe quer é estar entre três e quatro horas por dia na cozinha, com as filhas à volta, a descascar batatas. As filhas não se conseguem adaptar a este modo de estar.

- Eu às vezes penso: vou sair 2ª, 3ª e 4ª, 5ª fico em casa, ajudo, faço o que a senhora quiser. Se quiser descascar três horas de batatas, de maçãs, de feijão verde, o que ela quiser, eu fico e faço. Para agradar! Não é por vontade.

A mãe foi largando os interesses que tinha: pintava (trabalhou com um antiquário e recebeu bastantes encomendas de escudos de armas), quando chegava o Natal ia comprar gesso e fazia o presépio, chegava o Carnaval e ela fazia máscaras aos filhos na máquina de costura... Luísa já lhe pediu que lhe fizesse um casaco ou um cachecol em *tricot* mas a mãe não se mostra muito interessada, apenas tricota um casaquinho quando nasce um bebé na família. Tomás diz que também tem a ver com o avançar da idade, que faz com que as pessoas fiquem menos flexíveis e que não se consigam adaptar tão bem a alterações ligeiras do ritmo diário. Quando se vai de férias pode-se optar por outras coisas, por mudar alguns procedimentos, mas com a idade as pessoas tendem a ter mais dificuldade em se libertar de determinados hábitos, comenta. Além disso, ainda há as limitações físicas que vão surgindo, além das psicológicas. As coisas ficam mais difíceis: fazer uma refeição é mais difícil, mais demorado, exige mais concentração, é mais uma a acumular às milhares que já se fizeram... Luísa acrescenta que, quando a avó do marido se queixa de que não tem tempo para nada, a mãe de Tomás ouve irada, pois todos os dias dá aulas, escreve artigos, dá conferências, orienta teses de doutoramento, não almoça, sai de casa a correr, bebe só um café de manhã, chegam as 23:00 e ela está a abrir uma lata de atum. Ouvir um senhora de oitenta e tal anos, doméstica há 40, a dizer que não tem tempo é um contrasenso. E Luísa diz que a sua mãe também está a entrar nesta conceção mental de tempo.

- Porque é que não tem tempo? Porque está três horas na cozinha em vez de despachar as coisas em cinco minutos!

## A máquina de encher alheiras

Luísa diz que quando nasceu o segundo filho, em 2008, notou que o orçamento doméstico se tornou muito difícil de gerir. Nunca se tinha preocupado com a conta do supermercado e começou a andar desesperada, tinha a preocupação de dar bom peixe e boa carne ao filho mas eram caros. A mãe sugeriu que fizessem alheiras e Luísa pensou “ai, que provincianismo!”, mas experimentou só para fazer a vontade à mãe, pois não lhe apetecia nem tinha interesse. Fumaram as alheiras na casa da senhora que cuida da horta da casa de férias dos pais. Não ficaram muito boas mas decidiram fazer outras, tentando atingir a qualidade das que uma tia (irmã da mãe) fazia na sua quinta em Trás-os-Montes. Começou a criar-se uma “obsessão” pelo apuramento da receita e cada uma contribuía com uma ideia. A avó materna disse que achava que o que dava a qualidade era a carne caseira, o que começaram a utilizar. Depois uma das tias começou a fazer o pão e assim sucessivamente. Até que um dia alguém comeu uma das alheiras e disse que eram as melhores de sempre. A situação chegou a um ponto em que o pai pensou que valia a pena investir numa máquina para as alheiras, pois as “desgraçadas” perdem muito tempo a fazê-las: um dia para cozer as carnes, desossar, esfarelar o pão, outro para montar, é uma trabalhadeira. E no final, apenas há 20 alheiras para cada. Quando já estavam a fazer cerca de 150 alheiras o pai apareceu com a máquina.



*Imagem 18: Máquina Kenwood Multi Food Grinder AT950A com acessório para confeccionar enchidos.*

“E eu, quando vi a máquina, a minha sensação foi: estou tramada. Isto agora é um compromisso. Eu não gostei nada da sensação. Agora estou comprometida a vir duas vezes por ano fazer as alheiras. Eu não gostei da máquina. E quando olhei para a minha mãe comecei a perceber que ela também não estava a gostar da ideia. Mas a minha mãe por uma razão totalmente diferente da minha: por pura preguiça! É um bocado como a Bimby, isto é um compromisso e sentes-te obrigada a fazer melhor.” A tia materna que costuma colaborar no processo e é cozinheira estava entusiasmadíssima, tinha sido ela a sugerir (com insistência) ao pai de Luísa que comprasse a máquina de fazer alheiras.

Luísa começou a pensar que ir perder dois dias de trabalho de cada vez que se fizessem alheiras, e teria de ir senão a mãe ia ficar triste. Mas a verdade é que se tornou um ritual em que o pai assumiu o controlo da máquina da marca Kenwood com medo que alguém a estragasse, desligando de vez em quando, sempre que cheirava um bocadinho a queimado. Apesar de se “perder” o dia passava-se um excelente momento, a rir, foi uma forma de união. “Ficámos, de certa forma, mais amigos, mais próximos às custas do fazer as alheiras.” Entretanto uma prima, filha da tia materna que já colaborava, começou a aparecer e participar, e gerou-se uma dinâmica muito engraçada à volta das alheiras. A determinada altura a tia pediu ao pai de Luísa que fizesse um fumeiro na casa de férias, o que se concretizou, e mais uma vez a mãe de Luísa teve a sensação pouco agradável de obrigação. A tia estava muito entusiasmada, de novo, e Luísa pensou “que bom, agora posso ser mais experimental, queria fazer umas alheiras de cogumelos”, mas opuseram-se à invenção. A mãe, por preguiça de investir esforço em algo novo, a tia porque saía dos cânones da receita tradicional apurada. A confeção anual de alheiras é um hábito que continua a existir.

Quando era adolescente lembra-se de se sentir especial por ter na sua casa aparelhos que não eram comuns. Dizer na escola que tinha um microondas dava-lhe uma sensação de triunfo. O pai também trouxe da Alemanha uma consola Nintendo com quatro comandos que não se comercializava em Portugal. Dava para jogar Super Mário e Tetris. Os amigos pediam para ir lá jogar, tinham também um grupo de amigos do Colégio dos Maristas que lhes batiam à porta ao sábado à tarde para jogarem na consola... Gerou-se um movimento à volta dos jogos, faziam concursos de Super Mário, jogavam até às 6:00 da manhã e a mãe enlouquecia porque não se vestiam nem arrumavam o quarto. Era uma obsessão, ao ponto de se incomodarem com o pai quando este pedia para jogar de vez em quando. Como se perdiam pontos se alguém pegasse num jogo e jogasse menos bem, as filhas e as amigas ficavam muito tensas enquanto o pai de Luísa jogava. Ele apercebia-se e sentia-se na obrigação de deixar de jogar passado pouco tempo, e uma vez chegou a “amuar”. Nesta ocasião Luísa sentiu que estavam a ser muito injustas com o pai, assim como com o irmão mais novo, que só deixavam jogar depois de chegarem ao último nível e ganharem o jogo. Acabou por ser um problema em casa, sobretudo para a mãe, porque os filhos não arrumavam nem ajudavam em casa. O pai ia trazendo novas versões atualizadas do Super Mário e durante um ou dois anos não faziam mais nada senão jogar ao fim de semana.

Luísa teve o seu primeiro telemóvel aos 21 anos, quando estava grávida da filha. Uma amiga ia ter um novo e deu-lhe o antigo, pois preocupava-se que ela tivesse algum percalço e precisasse de telefonar. Luísa sentiu que não precisava, mas acabou por ficar com ele. Não o usou muito, até porque na altura era muito difícil para ela gastar cinco ou 10 euros para carregar o telemóvel. Teve este telemóvel durante dois anos e depois foi trabalhar para uma empresa onde teve direito a telemóvel. Esteve quatro anos nesta empresa e diz que, quando avaliavam as contas das comunicações no final do mês, ela era a que gastava menos. Nunca abusou do privilégio. Telefonava a todas as pessoas que precisava mas sempre detestou ficar mais tempo que o estritamente necessário ao telemóvel. Sempre que fala mais de dois minutos ao telemóvel sente que já está a fazer conversa por cerimónia. A irmã mais velha (que vive em Lisboa) telefona-lhe, por vezes com algum problema sobre o qual quer falar, mas Luísa a certa altura fica exausta e desliga, dizendo que

retorna a chamada mais tarde. “Descobriu” o Skype dois meses antes da entrevista comigo, porque um cliente que vive em Londres pediu para falar por esse meio. Sempre teve pavor do Skype porque a sogra lhe disse várias vezes para o ligar, porque assim podiam falar de graça. “Ligar um programa onde está a sogra do lado de lá, a querer conversar... Eu só pensava: isto não é bom, isto não pode ser bom!” Mas agora descobriu o Skype e está toda contente. Começou, sem se dar conta, a dar o endereço do Skype como dá o número de telemóvel aos seus clientes.

## Transportes

Tomás tinha um carro em solteiro, que era do pai. Quando se casaram a mãe dele ofereceu-lhes um outro, novo. Mas estava sempre a dar problemas, poucos meses depois de o receberem chegaram ao carro e, como tinha estado a chover, tinha 20 cm de água dentro. Tiveram de tirar com balde, e começou a cheirar mal. O motor parava de repente, uma vez estavam em plena VCI<sup>50</sup> e o carro parou de repente. A mãe de Tomás ficou assustada e deu-lhes o carro dela, tendo comprado um outro para si. Seis meses antes da entrevista a mãe de Tomás voltou a trocar de carro porque lhe apareceu uma boa oportunidade, e deu-lhes o carro que tinha, em muito bom estado. O namorado da mãe de Tomás também mudou na mesma altura, e ficaram com o dele. De repente viram-se com dois ótimos carros, porque os parentes preferiram dar-lhes em vez de os venderem por um preço irrisório, não obstante o excelente estado. Infelizmente, não teriam dinheiro para ter carro se não fossem estas ofertas, pois não conseguem juntar. Há sempre alguma despesa, uma peça de mobília como a cama, uma mesa, tapetes... Por exceção à regra Tomás comprou uma mota, em 2008, porque foi herdeiro da avó. Na altura pensou: por vezes Luísa precisava do carro para ir buscar ou levar a filha, e uma vez que ele trabalha na Baixa, adquirir uma mota “faz algum sentido”. Luísa discordou, porque na altura viviam em frente à estação de metro de Matosinhos, mas no dia seguinte Tomás apareceu com a mota Yamaha em casa. “Mas isso não estava decidido!”, disse Luísa. A casa onde vivem agora também está muito perto da estação de metro, e Luísa está sempre a dizer a Tomás para vender a mota, enquanto ainda é relativamente nova e vale algum dinheiro. Acha que é um luxo desnecessário. Tomás está a precisar de mudar de computador; Luísa disse-lhe que, no lugar dele, venderia a mota para comprar um novo.

Tomás diz que sempre teve noção de que os objetos que existiam na sua casa, antes de casar, eram diferentes daqueles que havia na casa dos amigos. Uns, os amigos nunca tiveram, outros surgiram primeiro na casa dele e só depois nas dos amigos. Surgiam primeiro, mas não eram por vezes as que depois apareciam. Lembra-se que os pais sempre lhe deram objetos muito cedo (um pouco como criticou um pouco antes na conversa, sobre as práticas dos pais atuais com os seus filhos), e ofereceram-lhe o Spectrum quando era muito novo, teria uns sete ou oito anos. Recebeu no mesmo Natal que um primo seu.

---

<sup>50</sup> Via de Cintura Interna, que atravessa a cidade.



Imagem 19: ZX Spectrum.

“Quando o Spectrum começou a aparecer nas casas dos meus amigos, uns anos mais tarde, eu já estava farto de Spectrum, e os jogos que existiam no mercado eram engraçados e tal mas eu estava habituado a jogar os jogos que o meu primo Marcos programava”. Como na altura em que os computadores Spectrum lhes foram oferecidos não havia jogos no mercado português, o primo, incentivado pelo tio (físico) e pelo pai (engenheiro eletrotécnico) começou a programar. Na altura não havia interfaces gráficos, era preciso programar tudo no computador. Tomás lembra-se de passar vários fins de semana a programar e jogar jogos com o primo em casa dele. O primo é hoje engenheiro eletrotécnico, decidiu que seria a profissão que teria assim que experimentou a programação. Em casa dos amigos apareceu o Spectrum 48K, e depois evoluíram para o 64K, depois para o Commodore Amiga. Na casa dele nunca houve esta evolução, apareceram outros computadores e objetos porque os pais nunca deram muita importância à parte comercial e lúdica das coisas. Luísa faz um àparte: toda a gente jogava o Chuky Egg<sup>51</sup> no Spectrum.

O pai de Tomás fez um computador quando ainda não existiam computadores pessoais em Portugal, foi mandando vir peças e construindo. Passou muitas tardes nos laboratórios dos pais (a mãe é da área da automação), “fartei-me de ver coisas estranhíssimas”, em áreas de investigação e desenvolvimento, nem existiam no mercado. Luísa acrescenta que em casa da mãe de Tomás sempre houve um voltímetro, só se deitam as pilhas fora quando estão totalmente descarregadas. Quando o pai de Tomás quis comprar uma caravana, em 1987, não comprou uma nova. Comprou uma carrinha para alterar por dentro com ajuda de um serralheiro, desenhou toda a morfologia da caravana. Luísa diz que os pais de Tomás sempre tiveram noção da relação justa e sensata entre qualidade e preço.

A certa altura o pai de Tomás mandou vir um kit de carros telecomandados do Japão, que para a altura eram fabulosos, e foi todo montado por eles. Arranjaram peças, alteraram componentes, etc. Ficou um carro incrível, depois todos os amigos tiveram carros telecomandados mas nenhum era como aquele. Luísa diz que por vezes deita alguma coisa que se estragou para o lixo e o marido vai

<sup>51</sup> Jogo lançado no mercado em 1983.



lá buscar, porque pensa que só tem de arranjar uma peça para que o objeto volte a ficar funcional. Ela interroga-se: “porque é que ele passa tanto tempo à procura de uma peça que não existe?”

Os carros telecomandados que apareceram inicialmente no mercado português eram fracos, mas depois começaram a aparecer os que funcionavam a gasolina ou com bateria, melhores. Quando surgiu essa vaga mais comercial, de coisas melhores, ele já estava farto dos carros telecomandados e os pais também se recusavam a comprar porque eram caros e já tinha passado a experiência.

Também teve uma *scooter* com 12 anos, que desmontou e montou vezes sem conta. Foi-lhe oferecida pelo avô, e apesar de não ter idade para conduzir fazia-o. Os pais ficaram furiosos com o avô. Andou de mota até aos 16 anos, quando teve um acidente uns meses depois de tirar a carta. A mota ficou desfeita e o pai proibiu-o de voltar a conduzir. Os pais negaram-se a dar-lhe mais alguma mota e as que teve a partir daí foram emprestadas (descartadas pelos proprietários).

A postura dos pais de Tomás em relação às suas vidas foi sempre experimental. Tomás lembra-se de ser miúdo e a mãe lhe dar cigarros para ele experimentar, porque achava que ele não ia gostar. A verdade é que ele começou a fumar muito tarde, e até começar achava horroroso. O pai de Luísa nunca proibiu os filhos, mas avisou que iam detestar.

Os pais compraram uma salamandra/ recuperador de calor, mandaram pintar e construíram todo o espaço para ela, sempre gostaram imenso de fazer coisas e de pôr os filhos também a fazê-las. Foi sempre espontâneo avançar com as novidades e a inovação, em casa de Tomás. Nunca teve problemas em desmontar e montar todo o tipo de equipamentos eletrónicos, como televisões, computadores e outros. Dados estes hábitos, sempre aprendeu a fazer coisas de forma autodidata, como por exemplo programar em algumas linguagens. Um dos primeiros empregos que teve foi-lhe dado porque disse que sabia programar. Na altura não sabia e teve de aprender. Luísa diz que em casa dos pais de Tomás sempre houve uma vontade constante e incontrolável de desmontar qualquer mecanismo e arranjá-lo. “Na semana passada era a manivela de um guarda-sol.”

Tomás diz que não foi dos primeiros dos seus amigos a ter um telemóvel mas foi o primeiro a ter um bip. Apesar deste desfasamento na propriedade de objetos de tecnologia, que apareciam na sua casa muito cedo ou muito tarde em relação ao seu meio social e ao mercado, Tomás sempre foi respeitado pelos amigos e nunca considerado “esquisito”, diz Luísa. Considera que sempre lidou bem com as diferenças. Viveu num bairro onde havia muitas pessoas com muito dinheiro, mas a sua família nunca se enquadrou neste conjunto. Frisa que também havia pessoas que tinham tudo o que queriam mas “não as sabiam ter”, não sabiam dar valor aos objetos ou não estavam satisfeitas. Dá o exemplo de um grande amigo seu, que tinha uns pais muito conservadores e muito distantes da inovação.

Sempre teve as coisas um bocadinho depois de Tomás, mas melhores. Houve um Natal em que o amigo recebeu uma série de coisas caras e de ótima qualidade, entre as quais um par de calças que estavam na moda, uma mota e um capacete novo. No dia a seguir ao Natal foram os dois passear na mota e o amigo caiu. Rasgou as calças novas, riscou a mota e o capacete, e ficou muito aflito porque não queria que os pais descobrissem. Andou a mancar às escondidas, com uma ferida grande no joelho, e assim que as lojas abriram no dia seguinte foi ao banco levantar dinheiro. Com ele comprou um capacete e um par de calças idênticos aos que tinha estragado, que deitou fora. Tomás diz que nunca mais se esqueceu deste episódio porque nunca teria este comportamento. Viu-se em

situações deste género mas teve sempre de as enfrentar e assumir perante os pais. Além de que dar um par de calças caríssimo a um miúdo de 15 anos é um contrasenso, comenta Luísa.

Aos 11/ 12 anos Tomás começou a fazer surf, com um primo, porque passava férias ao pé de Viana do Castelo numa praia com muita ondulação. Mais tarde todos os seus amigos começaram também a fazer porque se tornou moda. Mas nessa altura já compraram pranchas muito melhores e mais caras, apesar de surfarem apenas se as ondas cumprissem determinadas condições, assim como a temperatura da água e do ar. Normalmente andavam apenas a passear os apetrechos. Tomás fazia sobretudo no inverno porque gostava, mesmo com fatos rotos, pranchas partidas... Claro que por vezes gostaria de ter coisas novas ou em melhor estado, mas nunca se importou. Luísa diz que ele tem uma relação muito saudável com os objetos usados. No verão pediram ao pai de Luísa umas sacholas para limparem o terreno que a mãe de Tomás tem em Afife (Viana do Castelo). O pai de Luísa tem cerca de 12 sacholas, e Tomás escolheu a mais estragada. Luísa disse-lhe para levar outra em melhor estado porque a velha poderia partir-se, mas ele disse-lhe que deveriam escolher alguma das mais usadas porque ainda estavam funcionais mas ninguém as usava por serem velhas. Luísa observa que a sua infância foi muito animada, sobretudo porque tinha muitos primos com quem brincar, mas que ao comparar com a de Tomás vê que houve uma grande apatia intelectual na sua. Foi grande a discrepância entre o contexto familiar de Tomás, de académicos e cientistas, e a sua, onde os pais “largavam” os filhos no jardim para brincar. Ao fim do dia voltavam, tomavam banho, jantavam e iam para a cama. “Era uma vida muito prática, doméstica, à volta das donas de casa, das matriarcas.” Quando atingiam a idade considerada adequada eram ensinadas a costurar, fazer *crochet*, a limpar a casa... Tomás conta que, quando ele e a irmã eram pequenos, a mãe levava-os muitas vezes ao observatório do Monte da Virgem para verem algum fenómeno específico. Apesar de adorar astronomia, ter gostado de seguir essa profissão e possuir um telescópio, aprendeu com esta experiência de infância que o importante não é possuir um telescópio mas o que se vê de especial através dele. Sobretudo porque sabe que os telescópios realmente bons não podem ser comprados por um particular devido ao preço. A mãe sempre foi mais empenhada nesta pedagogia que o pai. A família de Tomás é pequena e os pais sempre conviveram muito com os padrinhos dele. Aos fins de semana viajavam, iam ao Gerês, andar de bicicleta, muitas caminhadas, passar muitos fins de semana em casas de guardas. Os padrinhos sempre fizeram questão de terem os apetrechos mais avançados em tecnologia: boas botas de caminhada, bons agasalhos, correntes para os pneus, e que traziam de fora do país porque sempre viajaram muito, tal como os pais de Tomás. Estes já tinham outra atitude, compravam não o mais caro mas algo de qualidade intermédia. Mas os padrinhos também tiveram percalços apesar de estarem sempre equipados com os objetos de maior qualidade. E Tomás diz que foi importante crescer observando essa competição saudável, e aprendeu que, além de bons objetos, há fatores como o acaso, critérios de decisão, capacidade física e coragem que não são controláveis através de “tecnologias”. Luísa diz que vive preocupada: “será que te estás a tornar um materialista porque vives obcecado com a cadeira que te custou tanto dinheiro? Não devias lidar com mais naturalidade com o envelhecimento dela e com a substituição dela? A mim incomodam-me as pessoas que vivem agarradas aos seus cacarelhos, não acho isso saudável.”

Tomás lembra-se de algumas viagens que fez entre Londres, para onde os pais foram viver depois de casar, e o Porto. Numa dessas viagens o vidro pára-brisas partiu-se com uma pedra projetada por um camião que seguia à frente. Estava a chover, o vidro estilhaçou-se, e o pai de Tomás foi ao porta-bagagens buscar um vidro de plástico, que aguentou até ao Porto. Luísa diz que na década de 1980 era comum as pessoas andarem com este acessório no carro, o pai dela teve um acidente semelhante e usou um vidro de plástico, mas a qualidade era péssima. O pai de Tomás não era consumista, mas por vezes interessava-se por coisas estranhas que ninguém percebia porque é que ele comprava. Ele dizia sempre que iria dar jeito. Luísa diz que Tomás também tem esta característica, que faz investimentos com que ela não concorda e não percebe. Ele conta que numa das viagens com os pais, em França, se partiu uma mola do carro. Tomás tinha apanhado um pequeno ferro, um pouco antes na viagem, e o pai disse para o guardar porque decerto iria ser útil. E assim Tomás sugeriu ao pai que fizessem uma mola para o carro com aquele ferro. Mais à frente o pai comprou uma mola nova mas deixou a improvisada, para ver quantos quilómetros ainda conseguiam fazer. Fizeram as férias todas e só a retiraram quando venderam a caravana, em 1992. O primeiro carro que o pai de Tomás teve foi um Honda 600, que um dia decidiu transformar num descapotável, o que fez pelas suas mãos.



*Imagem 20: Honda N600. 1967.*

Depois os pais compraram um Volkswagen Brasília, “um carro incrível” e que a mãe de Luísa também teve. Foi-lhe dado pelo sogro, e o pai de Luísa convenceu a mulher a tirar a carta. Matilde bateu com ele num banco de pedra que havia à frente da casa e disse que não queria voltar a guiar. O VW Brasília foi então para uma irmã de António.



Imagem 21: Volkswagen Brasília. 1973.

Este insistiu com a mulher para fazer mais 25 aulas de condução, que ela fez, e então deu-lhe um Mini que era também do pai de António. Mas mesmo assim Matilde não quis voltar a conduzir. Depois do VW Brasília os pais de Tomás compraram uma Renault 4 L, depois uma carrinha Ford Escort que tiveram muitos anos, a seguir dois modelos de VW Golf, um a seguir ao outro. Entretanto a mãe de Tomás comprou um carro para ela, um Nissan Sunny, e o último carro do pai de Tomás foi um Honda Civic. A mãe de Tomás ficou depois com um carro que o avô de Tomás comprou pouco antes de falecer, um Audi A3, que mais tarde foi herdado por Tomás e Luísa. A partir daí a mãe de Tomás só comprou esta marca e modelo, já é o terceiro que possui. Além de ser um bom carro, ela tem um aluno que é engenheiro na Audi e lhe consegue excelentes negócios na troca de carro. O VW Brasília e a Renault 4L davam imensos problemas mecânicos, a Renault estragava os platinados. Os VW sempre foram bons, mas “o Nissan Sunny era uma porcaria de um carro”. O Audi A3 herdado por Tomás e Luísa funcionou durante 20 anos e era muito bom, ficaram a perceber que era um tipo de carro diferente de todos os outros que tiveram.

A grande referência para Luísa e os irmãos foi a Renault Nevada de sete lugares que o pai teve.



Imagem 22: Renault 21 Nevada. 1992.

O lugar de trás era o mais apetecido por todos e havia horários e calendários para a sua ocupação. A irmã mais velha já era adolescente e achava ridícula a disputa pelo lugar de trás, por isso fazia questão de ir nos da frente. Adoravam chegar ao colégio no lugar de trás e acenar aos colegas. António, o filho de quatro anos de ambos, também faz questão de ir atrás no carro de sete lugares que agora têm. Mesmo que só vá Luísa a conduzir o filho ele quer ir lá atrás calado em vez de ir para ao pé da mãe e conversar com ela.

Tomás é bastante crítico da obsessão da sociedade com a atualização permanente da tecnologia, com ter os telemóveis e outros equipamentos sempre mais recentes. Luísa, ao lado, acrescenta que é doentio. Apesar de ter desacelerado com a crise, dizem que vêm esta postura continuar.

O primeiro computador (PC) de Tomás, sem ser o de casa dos pais, foi-lhe dado pelo pai e não era muito bom. Mas durou até à universidade porque foi habituado a utilizar os objetos até ao fim e esgotar a sua capacidade. O computador portátil Apple que tem agora já tem 10 anos e tenta trabalhar com ele da melhor forma. Luísa diz que os filhos herdaram um pouco esta postura dos pais, não gostam de deitar nada fora.

Apesar da aquisição de coisas novas estar relacionada com o poder de compra, quem não o tem acaba sempre por arranjar maneira de conseguir comprar. Ou pede emprestado, ou paga em prestações. Tomás já pensou muitas vezes em comprar um computador novo, de que precisa para trabalhar, às prestações, mas nunca o fez porque “há um momento em que uma pessoa diz assim: agora é bem pensado comprar”. Há vezes em que se penaliza por comprar determinadas coisas. Em 2012 comprou uma máquina de filmar pequena, que queria ter há muitos anos, a meias com outra pessoa. Passado pouco tempo, ao participar numa prova de remo em Inglaterra, a máquina caiu à água. Sabe que já devia ter comprado outra para substituir, tanto por dever para com o outro proprietário da máquina como porque já precisou, mas como se penaliza por a ter perdido tão pouco tempo depois de a comprar não consegue gastar mais dinheiro a comprar uma nova. Acha que deve deixar passar o “tempo lógico” de desgaste da máquina e só então comprar outra.

Luísa também tem dificuldade em deitar coisas fora, apesar de menos que Tomás. Faz reciclagem e lava e dobra as embalagens antes de as deitar fora. Quando faz compras no supermercado evita comprar coisas embaladas. Se só houver maçãs embaladas não as compra. Quando compra vegetais ou frutas em número reduzido não os coloca num saco de plástico transparente, leva na mão porque não quer contribuir para o consumo de plástico. Guarda os frascos vazios porque um dia podem dar jeito. Quando vai deitar o lixo na reciclagem pensa que poderia estar a explorar aqueles materiais, estar a fazer uma escultura ou outras coisas.

Tomás frequentou escolas públicas e privadas, e as pessoas com quem convivia tinham poderes de compra diferentes. Estudou no Colégio da Paz, privado, onde era comum os alunos irem passar algum tempo a esquiar no estrangeiro durante o inverno. Os pais de Tomás não tinham este hábito porque os preços eram demasiado elevados nestas épocas. Após as primeiras férias de Natal ouviu os relatos dos colegas que tinham ido passar as férias numa estância de esqui. Estavam a gabar-se e, a certa altura, Tomás disse a um colega que estava a contar as suas férias num local do Monte Branco que conhecia a região e em particular um local que, afinal, era uma estância de esqui cara e sofisticada no inverno. Quando lhe perguntaram o que tinha ido fazer no verão para um local de férias

de inverno respondeu que tinha estado lá nas férias de verão do ano anterior, também a esqui mas com um método diferente. Os esquis assentam em lagartas e pode-se descer montes com acidentes e pedras, é um sistema flexível. Em geral as pessoas desconhecem que no verão estes locais têm desportos muito apelativos. No inverno não é acessível a toda a gente fazer tobogã porque atinge grandes velocidades, mas no verão há pistas de quilómetros pelo monte abaixo, feitas em metal e que qualquer pessoa pode usar. Também há pistas de gelo artificiais. Contrapôs todos estes desportos de verão aos relatos dos amigos, que faziam esqui e *snowboard* “para se armar”. Tal como o iPhone, frisa Luísa. A maior parte dos amigos deles não sabe usar um. Utilizam para fazer fotografias em Instagram, para mostrar que estão a fotografar com um iPhone, para mandar e-mails, ir ao Facebook e dizer que estão *online*. A maior parte dos amigos têm o mesmo curso deles, Artes Digitais, e tinham obrigação de saber explorar o iPhone e conhecer várias aplicações. Não só conhecer mas até ter ideias para criar aplicações, mas nenhum o faz. Uma amiga usa uma aplicação (da Bimby?) que sugere lista de supermercado e receitas durante cinco dias úteis, apesar de não cozinhar. Mas vai ao supermercado e muda as sugestões, substitui ingredientes. Por norma “substitui o saudável por uma porcária”, tem sempre Coca Cola e pacotes de batatas fritas na mesa. Essa amiga usa outra aplicação que sugere indumentárias para a semana, feita por marcas de roupa como a Allsaints e Zara. As sugestões baseiam-se no género de que a pessoa gosta e seguem critérios de variedade que fazem com que se vista saia ou calções pelo menos uma vez por semana. Luísa pergunta: porque se investiu 500 ou 600 euros numa ferramenta à qual não se dá uso? “Nós vivemos num momento e num contexto um bocado ignorante e ditado pelo poder de compra”, afirma Tomás. Porque tudo o que é fabricado para ser utilizado com alguma finalidade é tecnologia. Relata uma aula da universidade sobre interatividade, em que e outros alunos estiveram a explicar ao professor que a interatividade existia sempre que dois objetos se tocam, e não é um resultado da tecnologia digital. Tomás diz que este tipo de ignorância faz com que as pessoas tenham noções pouco claras e confusas do que é a tecnologia e para que serve. Muitas acabam por associar tecnologia ao poder, e por extensão ao poder de compra, o que reduz a tecnologia a algo minúsculo e ignorado. Luísa diz que em criança e adolescente viveu deslumbrada com o que os outros tinham e que a mãe lhe dizia que o que ela via e ambicionava não correspondia à realidade. Na altura não percebeu. Achava que se eles tinham era porque tinham muita sorte e muito dinheiro, e sentia inveja. A mãe tentava cativá-la para outros interesses e despertar-lhe a atenção para outros aspetos da cultura, mas ela continuava a não entender a discrepância. Após Clara nascer e já a partir dos dois ou três anos começou logo a manifestar desejo, ânsia de ter coisas iguais às que os colegas tinham. Luísa diz à filha exatamente o que a mãe lhe dizia: são as amigas que menos poder de compra têm que possuem esses objetos invejados (as sapatilhas, o telemóvel, a camisola mais caros). Não podem comprar uma casa, ter umas boas férias em família nem visitar um museu porque não sabem o que fazer lá dentro. A mãe diz que Clara já vai entendendo mas ainda lhe custa, não sabe observar verdadeiramente uma pessoa. Infelizmente ainda não se interessa por pessoas com mais valor intrínseco mas identifica-se com as que se sentem vitimizadas pela sociedade. O pai diz que também é um aspeto de personalidade, mas a mãe diz-lhe que não entende porque é que ela prefere identificar-se com esse vazio. Vai tendo o que quer,

as sapatilhas Nike e as calças da Zara que os pais lhe compram nos saldos ou no *outlet*, e a aparência dela é uniforme com a das colegas, “não é a coitadinha”, mas também não é a que aparece sempre com a peça da moda. “A Clara é neutra”. Desde sempre que os pais levam os filhos aos museus, ao de Serralves, aos sábados vão à biblioteca Almeida Garrett e cada um traz um livro. Procuram mostrar que há mais além do telemóvel, do MP3 e afins.

Tomás atribui uma parte da sua atitude distanciada do consumismo à formação dada pela professora primária, militante do Partido Comunista e excelente pessoa. Leu livros nesta altura que agora aconselha à filha, apesar dela ter o dobro da idade que ele tinha quando leu. Mas estes livros, como “Meu pé de laranja lima” (José Mauro de Vasconcelos, publicado em 1968), têm efeitos determinados de acordo com a idade com que se lê. Quando se é confrontado com algumas coisas já se tem alguma bagagem para poder tomar opções. A mãe e a professora primária de Tomás deram-lhe para ler obras sobre vidas difíceis, pessoas sofridas, obras de Jorge Amado apropriadas à sua idade, que contribuíram para ele pôr em perspetiva muitos aspetos da realidade. Assim, quando foi confrontado com as invejas, os maus sentimentos relacionados com a posse de determinadas coisas e pessoas, nunca os sentiu nem lhes deu importância. A inveja e o ciúme são aliás sentimentos considerados horríveis por Tomás.

Luísa encontra um paralelismo entre o atraso no desenvolvimento das leituras da filha e o seu próprio percurso. Quando acabou de ler os livros dos *Cinco*, *Os Sete* e *As Gémeas* (Enid Blyton) não sabia o que ler a seguir. Pediu livros à mãe e ela deu-lhe biografias históricas “pesadíssimas”, de que Luísa leu um bocadinho para não a entristecer mas que não a interessaram. Demorou quase 10 anos a descobrir autores como Gabriel García Márquez e a entusiasmar-se de novo pela leitura. Teve de ser ela a descobrir e a ir buscá-los fora de casa porque não estavam entre as leituras dos pais. Clara está agora a ler o *Meu pé de laranja lima* mas não fala muito sobre a leitura porque os amigos têm a saga *Crepúsculo* (traduzido para português em 2005) de Stephenie Meyer.

Tomás conta que o pai dele tinha uma predileção por um modelo de sapatilhas de andebol da marca Adidas, de que Tomás também passou a gostar. Um dia chega à escola com as suas sapatilhas novas e foi gozado. Além disso um amigo seu tinha umas sapatilhas visualmente fabulosas, com um pormenor muito importante na altura: possuíam um bolso na língua para guardar o dinheiro, o que era fundamental pois eram assaltados muitas vezes a caminho da escola. Claro que Tomás massacrou a mãe para lhe comprar umas iguais, e diz que isto é normal nas crianças e jovens. A mãe acabou por lhe comprar um par, mas só depois de gastar as que tinha. Tomás observa que este amigo era e continua a ser uma pessoa muito especial, com uma presença forte, e que não seria por ter umas sapatilhas iguais que se iriam transferir estas qualidades (importantes quando se frequenta o 5º/ 6º ano). Luísa acaba por dar sempre à filha o que ela pede porque fica muito incomodada ao vê-la perder tempo a sofrer dias a fio por um objeto que, na opinião de Luísa, não tem interesse nenhum. Prefere gastar o dinheiro e fazê-la parar de pensar naquilo. Foi o que aconteceu com o último telemóvel. Como ficou sem o que o irmão estragou uns dias depois do Natal, a mãe disse que ela teria de juntar dinheiro para comprar um novo. Ela esteve a torturar-se, e aos pais, até que a mãe já não a conseguia ouvir e disse que lhe pagava metade de um novo para ela se calar. O filho de quatro



anos já percebe que não pode ter logo o que quer, que tem de juntar dinheiro, e para isso vai buscar as moedas às carteiras dos pais que põe no seu mealheiro.

Tomás diz que hoje em dia existe um tipo de coisas muito baratas que não havia antes. Quando o filho anda transtornado porque quer alguma coisa vai-se à loja dos chineses comprar o que ele quer por 50 cêntimos ou um euro e ele fica feliz durante uma semana. Quando os pais lhe dizem que não lhe comprem alguma coisa ele diz que podem ir aos chineses comprar, porque é muito barato. Luísa acrescenta que se lhe pode comprar uma plasticina, por exemplo, e ele fica duas horas a brincar. Nesse tempo, ela pode trabalhar, “tem imensos benefícios”. Tomás observa que o filho pertence a uma geração em que não comprar porque é caro já não é opção, há sempre uma alternativa barata. Já percebe que há sítios que não aceitam pagamento por multibanco e quando os pais lhe dizem que já não têm dinheiro ou moedas ele não entende este fim de recursos. Está habituado a ter coisas com alguma regularidade, quando vão ao supermercado pede sempre alguma coisa, como cereais, e por isso Luísa tenta nunca levar os filhos quando vai às compras. Quando vai com o filho acaba por ceder e dar-lhe alguma coisa para ele se calar, diz-lhe para escolher o que quer. Depois ele fica meia hora a escolher entre um pacote de cereais e um iogurte, é muito desgastante para ela.

Antes de existirem telemóveis e bip's Tomás e os amigos iam ao café do senhor Pereira telefonar para combinar coisas entre eles, pois não queriam que os pais ficassem a par das suas vidas pessoais. O dono do café ia assentando os gastos e havia um dia em que iam todos ao café fazer as contas dos telefonemas. Havia uma certa aleatoriedade nas combinações entre as pessoas, ia-se ter com elas aos sítios que se sabia que frequentavam mas se houvesse desencontros não havia problema. Hoje as pessoas dependem demasiado da tecnologia, se falha algum encontro ficam frustradas. Muitas vezes Tomás e os amigos foram a pé da Boavista até Matosinhos, por vezes encontravam alguém no caminho, outas pediam boleia a um conhecido ou iam de autocarro. Com a idade da filha e ao contrário dela, Luísa tinha muito mais amigos, falava muito mais com eles e ia a sítios diferentes.

Tomás conta que no dia anterior estava a trabalhar e a filha estava no computador ao lado; entretanto ela perguntou-lhe qual tinha sido o brinquedo preferido da infância para responder a uma pergunta qualquer do Ask. Ele começou a pensar que este tipo de perguntas, feitas não se sabe por quem, são as mesmas que se fazem na altura dos registos em áreas pessoais na Internet (e-mails, sites, etc.), e que podem ser um risco potencial. Luísa diz que recentemente tem acontecido o furto de identidade no Facebook, em que alguém entra na conta e faz publicações falsas. Esta é uma das razões da observação inicial de Tomás, que frisou a ignorância geral e falta de crítica das pessoas em relação à tecnologia, o que faz com que corram estes perigos. Há quem perca imenso dinheiro em jogos *online* e quem perca o emprego por fazer comentários sobre ele no Facebook. Nem só nestas tecnologias há ignorância no presente. Tomás conta que um sobrinho de 10 anos, rapaz, que vive em Lisboa, não sabe andar de bicicleta. Percebeu isso no verão, quando toda a família se preparava para andar de bicicleta numa ciclovia na zona da casa de férias de António e Matilde. “É tão esquisito como quando eu era miúdo conhecer alguém que não sabia andar de bicicleta”, diz. Este sobrinho está sempre em casa a jogar Playstation e não pratica o uso de outras tecnologias como esta.

Tomás acha que as pessoas da geração dele, que cresceu numa altura em que Portugal estava a começar a desenvolver-se e a contatar mais com o exterior, teve um historial com os objetos de acordo com o contexto. Dá o exemplo do primeiro skate que pediu aos pais, básico e nada sofisticado mas que era o que então havia à venda. Quando começaram a vulgarizar-se os skates no mercado e os amigos compraram, ele achou que eles já eram crescidos para andarem de skate. E não podia ser qualquer skate, tinha de ser um específico, que correspondia aos critérios estabelecidos no seio daquele grupo. Tomás nem se atrevia tirar o dele, antigo, do armário, com receio de ser gozado. Via os amigos a discutirem se o skate tinha este ou aquele apetrecho mas não sabiam andar bem nele. Um colega de Tomás tinha a técnica de skate muito apurada, o pai dele comprava-lhe os melhores e tinha mesmo um *half-pipe* em casa. Era totalmente “americanizado”, tinha tudo o que era de melhor e desde cedo. Apesar de ser da idade de Tomás parecia ter mais cinco anos que ele. Um dia o colega estava a tentar ensinar-lhe umas manobras de skate mas Tomás não conseguia fazê-las. Jorge comentou que o skate era muito mau e emprestou-lhe o dele, e Tomás já conseguiu concretizar as manobras. Luísa observa que, quando ouve os relatos da infância e adolescência de Tomás recheados de memórias sobre quem tinha o quê e que ensinava os outros a utilizar, pensa como foi inativo esse período da sua vida. Entre ela e as suas amigas nunca havia o fator da novidade, o mostrar e ensinar às outras como se fazia determinada coisa. Ela, as irmãs e as amigas não tinham a menor capacidade para descobrir novidades. As músicas que ouviam não era descobertas mas tinham passado no Cais 447, por exemplo, e alguém tinha gravado no rádio e copiado. Cresceu sem ambição, nunca ninguém lhe ensinou o que isso era e nenhum dos seus irmãos tem espírito ambicioso.

Tomás conta que a dada altura, quando o pai comprou o Honda Civic, combinou encontrar-se à porta de sua casa com o grupo de amigos de infância.



*Imagem 23: Honda Civic. 1990.*

Acha este grupo saudável, com pessoas generosas, sensíveis e inteligentes, e como se conhecem desde pequenos qualquer assunto é resolvido sem problemas. Um dos amigos, que para ele concentra tudo o que não se deve ser, sobretudo na importância dada à aparência, comentou que tinha visto o pai de Tomás passar num carro novo. Depois perguntou qual era o modelo, e Tomás, sabendo onde ele queria chegar, disse que não sabia e que devia ser o mais fraco. Um outro do

grupo disse a esse amigo para “ir para o túnel”, jogo onde se passa entre duas filas de pessoas que lhe batem com as mãos, e que servia de castigo quando alguém se portava mal no grupo. Este amigo dá muita importância às aparências, quando socializa está sempre a falar no “carrão” e nas férias que faz, mas Tomás e Luísa constataam que a família não é assim tão abastada como quer dar a entender.

## Sobre as empregadas

A empregada dos pais é muito sensata na avaliação dos patrões, segundo diz Luísa. Quase nunca critica Matilde mas é mais crítica de António, pois considera que ele interfere mais com o trabalho dela. Aprende bem a trabalhar com eletrodomésticos novos e raramente dá problemas. Uma vez até foi ela que mostrou a Matilde um picador novo de cebola que estava à venda no Lidl e que achou muito prático. Esta empregada trabalha em outra casa da família, de uma cunhada de Matilde, que não tem qualquer interesse pela cozinha e tem apenas uma máquina Kenwood de há 30 anos. A empregada não dá muita importância à evolução tecnológica, gosta de limpar sentindo a água e a lixívia, mas lida bem com as inovações que os patrões vão introduzindo. Esta empregada trabalhou em casa de Luísa e Tomás porque a tia lhes ofereceu como prenda de casamento o pagamento de dois ou três anos de trabalho da empregada. Quando Luísa ficou grávida do segundo filho a mãe teve pena dela e ofereceu-lhe o pagamento de mais dois anos de trabalho da empregada. Ela achava que a casa deles era uma desarrumação, não tinham os vidros a reluzir. “Não tinha entusiasmo, nem interesse, nem deslumbramento por nada do que nós tínhamos. Em casa dos meus pais sim, há outro respeito e outra admiração”. A empregada anterior dos pais, Ester, sempre foi moderna para o seu tempo. Era também cozinheira e percebia bastante da mecânica dos eletrodomésticos. A mãe de Luísa tinha livros de receitas antigas, da sua avó, e que tinha recolhido enquanto solteira, e Ester trazia muitas novidades para a cozinha da casa. Introduzia ingredientes novos como o maracujá, e ensinou Matilde a utilizá-lo. Sempre lidou muito bem com eletrodomésticos e ensinou muito a Matilde. Pedia-lhe que não comprasse o ferro mais moderno, com vapor, porque gostava de passar as camisas humedecendo-as e usando depois com o ferro sem vapor. Tinha muitos truques para lidar com os eletrodomésticos, e aprendeu tudo sozinha.

Em casa dos pais de Tomás nunca houve muitos eletrodomésticos na cozinha. A mãe de Tomás comprou há muitos anos um robô de cozinha Kenwood em Inglaterra, que quando Tomás era pequeno usava quase todos os dias. Entretanto deixou de utilizar. Na cozinha deles havia o que era comum: microondas, frigorífico, etc.



*Imagem 24: Robô de cozinha Kenwood Chef A901. Década de 1970.*

Tomás lembra-se de, em pequeno, ter visto a empregada Manuela, “ótima”, a encerar um móvel aparador do quarto dos pais com a enceradora elétrica. Noutra ocasião também a viu tentar encerar a porta de um armário com a mesma máquina; “ela era um bocado maluca”, diz. Eram frequentes as rebeldias contra os eletrodomésticos, pois não gostavam do ferro que havia, por exemplo. A mãe de Tomás é muito exigente consigo própria no seu trabalho e tem por hábito pedir o mesmo às empregadas, pelo que já despediu algumas dezenas. A avó de Tomás também tem o mesmo problema, porque tem conceitos de processos de limpeza desatualizados e exige que as empregadas limpem tudo à mão e até ao último grão de pó. Como a mãe de Tomás nunca teve um horário que lhe permitisse encontrar-se com as empregadas, costuma ser a avó que as orienta em casa da filha.

Luísa teve uma demonstração da Bimby em sua casa e quis convencer a sogra a ir, porque achou que ela deveria ter um destes aparelhos. Como chega muito tarde a casa, em 10 minutos fazia uma sopa, enquanto o arroz cozia, achou que a iria ajudar. A sogra assistiu cética à demonstração e não comprou a Bimby. Disse a Luísa: se tu não usas porque achas que eu deveria usar? E Luísa explica que adora cozinhar, para ela é um processo criativo, gosta de escolher o peixe no mercado... E a sogra diz a Tomás que já teve um robô de cozinha, que sabe o que é e que não serve para nada. Apesar desta afirmação Tomás diz que, com o robô Kenwood, a mãe fazia bolos todas as semanas, e o pai fazia pão. O pai chegava a fazer concursos de pão com os amigos ao fim de semana. Os tios de Tomás que participavam no concurso na altura tinham uma máquina idêntica. Cada pessoa do grupo chegava com o seu pão e pela degustação decidiam qual era o melhor.

Um dos amigos de Tomás mudou-se cedo do bairro em que viviam para uma casa fantástica, com um cozinha enorme que impressionava, cheia de eletrodomésticos como um frigorífico industrial. E lembra-se de a empregada da casa, que já tinha muitos anos de profissão, estar sempre a resmungar contra a casa e estes eletrodomésticos. Talvez fosse por causa da idade.

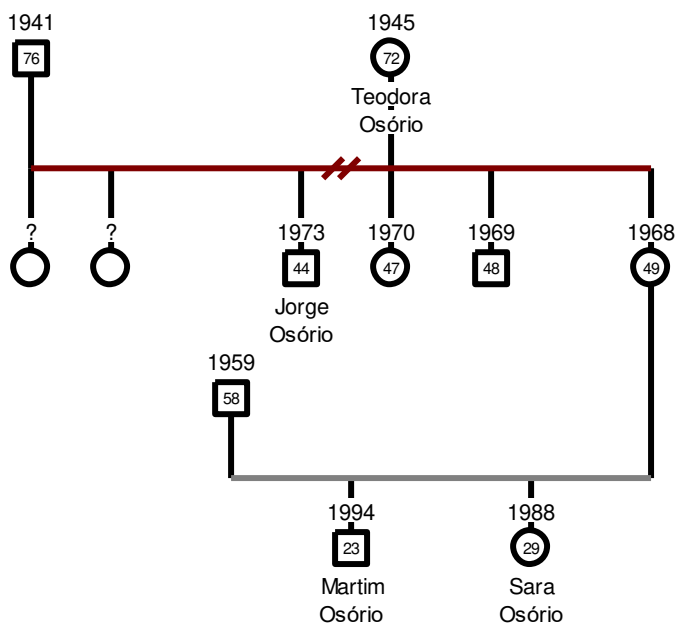
Luísa sempre teve péssima impressão das empregadas das amigas, a limpeza não era exemplar e nunca gostou dos cozinhados. Sempre achou que uma empregada deve ter orientação da dona da casa para trabalhar convenientemente. Explica a uma amiga que não está a rentabilizar a empregada a que está a pagar. Devia dar-lhe o livro de receitas da Bimby e dizer-lhe para cozinhar segundo as receitas. A empregada não explora nada, só lhe faz uma sopa básica, uma feijoada e almôndegas, “uma comida horrorosa”. Só cozinha estes três pratos e se se olhar para o lavatório está encardido com sujidade incrustada. Luísa comenta com a amiga: diz à tua empregada que a sujidade do lavatório só sai com Cif e o esfregão verde, vê-se que ela só passa o pano! Mas a amiga não se incomoda, não se importa de gastar 400 euros por mês e não ter resultados satisfatórios.

A mãe de Tomás nunca deu a chave de casa às empregadas. Na casa dela sempre houve portas Fichet de segurança e dizia que eram complicadas de manipular, mas as empregadas diziam para lhes deixar a chave e evitar as confusões de vir alguém abrir a porta porque ela nunca estava em casa. Quando se mudou para a casa onde vive hoje acrescentou uma razão para não dar as chaves às empregadas: o alarme.

A empregada da casa dos pais de Luísa lidou com muita dificuldade com o alarme, na altura em que foi instalado. Não lhe era fácil ouvir uma voz de homem perguntar-lhe quem era e a palavra passe. E sente-se vigiada enquanto está dentro da casa porque há câmaras. Tomás explicou-lhe que, numa base de confiança, a empresa não grava enquanto está gente dentro de casa, e que deve existir um mecanismo qualquer que faz com que não se grave a partir do momento em que o alarme está inativo. Ela percebeu que não está ninguém a vê-la mas continua sempre a sentir-se desconfortável.

## CAPÍTULO 5. FAMÍLIA OSÓRIO

**Teodora Osório** tem 72 anos e é divorciada. Nunca trabalhou fora de casa. Vive num apartamento da década de 1970 em frente ao mar, na zona da Foz. Com ela moram dois netos, Sara e Martim, filhos de uma das suas filhas. Teodora tem duas filhas e dois filhos, um dos quais, **Jorge**, contribuiu para este estudo. A sua neta **Sara** foi a terceira entrevistada. Jorge é solteiro. Trabalha como administrativo e vive sozinho num apartamento T1, de construção recente e bem localizado na cidade do Porto. Sara também é solteira e está a concluir a sua tese de mestrado na área das Humanidades.



Ano de elaboração do diagrama  
(através do programa GenoPro): 2017.

## TEODORA

### Infância e juventude

Nasceu no Porto, no Hospital de Santo António, em 1945. Tem um irmão e duas irmãs mais velhas, e uma irmã mais nova. Antes de Teodora e depois dos irmãos mais velhos nasceram quatro bebês, que não sobreviveram aos primeiros meses de vida. Um deles faleceu de tuberculose, transmitida por uma criada. Teodora era assim chamada de “a menina do milagre”, por ser sã e rechonchuda, e sempre se sentiu mais próxima da irmã mais nova da qual faz uma diferença etária de apenas dois anos. Os pais viviam na Rua António Cardoso, num *chalet* de telhado inclinado, tendo deixado a casa em 1956, aquando do falecimento da mãe. A casa tinha uma cave, um andar com as salas, um com os quartos e ainda um terceiro sobre estes. Escadas articulavam os pisos, aos quais se acedia através dos patamares. Havia um jardim enorme, cheio de árvores, “que faz parte do meu património mágico”. Recorda que quando tinha nove anos a família tinha uma criada que tomava conta dos filhos da casa, uma cozinheira e uma outra criada, que estaria encarregue da manutenção da casa. Dois anos depois, quando a mãe ficou doente, só tinham a ama e a cozinheira. O fogão ainda funcionava a lenha, com os metais amarelos sempre reluzentes. Havia água quente canalizada e a geleira tinha a forma de uma arca frigorífica vertical e quadrada, grande. De madeira pintada com um isolante por dentro, guardava blocos retangulares de gelo. Servia para conservar os alimentos e Teodora achava fascinante a chegada do gelo numa carrinha, o gelo em blocos era bonito.



Imagem 1: Armário-geleira. C. 1900.





Imagem 2: Venda de blocos de gelo. Berlim, 1957.

Até à 4<sup>a</sup> classe Teodora estudou em casa com uma professora, a D. Maria Emília, que adorava. No 5<sup>o</sup> ano Teodora e a irmã começaram a estudar num colégio. Teodora ia para o Colégio Nossa Senhora de Lurdes, perto de casa, de eléctrico. Achou que era uma promoção enorme poder andar de eléctrico acompanhada apenas pela irmã mais nova, era uma responsabilidade. Mas durou pouco tempo (um ano e pouco), só até a mãe falecer, quando Teodora frequentava o 2<sup>o</sup> ano do liceu. A família só usava o automóvel quando ia à missa ao domingo à igreja “feíssima” do Santíssimo Sacramento em Massarelos (ou à igreja de Lordelo), ou visitar alguém. O pai, diretor de uma empresa de comércio de vinho do Porto, utilizava no quotidiano, para se deslocar para o trabalho em Vila Nova de Gaia e outros sítios onde precisasse de ir. Ela acaba por não ter uma noção exata porque antigamente as crianças estavam com a *mademoiselle* ou as criadas. “Não quer dizer que não me ligassem, está a perceber, ligavam, mas era aquela moda. Não é como agora, as crianças se não estiverem na escola passam o dia inteiro com os pais”. Os pais de Teodora tinham automóvel, “uma carripana” Austin. Até recentemente lembrava-se da matrícula porque tinha um significado específico para ela.



Imagem 3: Austin A40 Somerset. 1952.

Usavam-no também para ir à Granja visitar o irmão do pai, que lá vivia. Quando em 1956 o pai de Teodora iniciou as obras da casa que lá possuía para se mudarem estiveram a viver em casa deste tio provisoriamente. Nessa época viajavam sempre de carro porque os transportes públicos eram poucos e de abrangência reduzida. O comboio demorava muito a chegar ao Porto. Além do comboio existiam *trolleys* e elétricos, nessa época. A mãe de Teodora não conduzia o carro, apenas o pai, e não tinha *chauffeur*. Após 1956, data do falecimento da mãe, mudaram-se para a Granja (Vila Nova de Gaia). O pai mandou remodelar a casa de férias que lá possuíam e aí já dotou a cozinha de frigorífico. Esta casa está construída em altura e é geminada com outra, onde vivia a madrinha de Teodora. Depois de se terem mudado para a casa dos tios na Granja, Teodora e a irmã iam com os primos estudar para o Porto, transportados pelo *chauffeur* numa carrinha Peugeot do tio. Tinha bancos atrás, no meio e à frente. O *chauffeur* era contratado por um irmão da tia, que vivia ao lado. Essa tia foi a única que casou, e os primos eram a única descendência de uma série de tios e tias solteiros que faziam tudo para lhes suavizar a vida. “E nós, enquanto lá estivemos, usufruímos disso.” Lembra-se de haver luz elétrica em todas as casas onde esteve. Exceto na quinta dos sogros, em Fonte Arcada. Lembra-se de ir para lá com os três filhos mais velhos ainda pequenos e usava-se fogão a lenha, candeeiros de petróleo, ferros com carvão. Entretanto o sogro acabou por instalar a eletricidade. Havia água quente mas não sabe de onde provinha, eventualmente de uma caldeira. Dois anos e meio duraram as obras de renovação da casa da Granja do pai, e nesse período de tempo viveram na enorme casa de três andares dos tios, que tinham 11 filhos. Essa casa tinha uma comodidade enorme que não havia na casa onde viveram no Porto: aquecimento central. Ainda na Granja havia uma casa grande, dos primos de umas amigas de Teodora, que também estava sempre muito aquecida. Os proprietários eram abastados, e o aquecimento era central, feito através de radiadores. Na casa do Porto dos pais de Teodora, por sua vez, havia uma salamandra grande no patamar de entrada. Uma das portas era em “mica” e ficava incandescente e transparente. “Hoje já só se vê nos filmes”, diz Teodora. A casa tinha ainda um fogão na sala e um em cada quarto. Uma das criadas acendia de manhã os fogões da casa, no inverno. Não se lembra de ter a sensação de frio na casa do Porto, mas lembra-se de ter sensação de calor na casa dos tios, “estava sempre

aquecidíssima”. Os radiadores eram dos antigos, em tiras finas, e Teodora não sabe se funcionavam com óleo ou com água. “Agora só quem fosse muito rico...”, diz<sup>52</sup>.

Nesse tempo almoçavam nos dias de colégio numa casa “ótima” na Rua do Rosário, onde a tia tinha vivido em solteira. Essa tia e o irmão, que era o proprietário, tinham fechado a casa<sup>53</sup> mas não tinham retirado qualquer móvel ou outro objeto. Na altura moravam lá duas senhoras idosas, que guardavam a casa. Todos os dias de escola vinham uma empregada da tia com o almoço de Teodora, da irmã e de quatro dos primos que ainda estudavam no colégio, aquecia a comida na cozinha das senhoras idosas e almoçavam sobre uma mesa redonda de uma salinha, aquecida por um fogão. Quando fossem horas das aulas voltavam para o colégio. “Tínhamos uma vida de princesas, fomos muito mal habituadas nesse aspeto.” Portavam-se muito mal na escola; as freiras eram bastante permissivas por acharem que elas davam prestígio ao colégio. Quando as freiras as queriam castigar faziam com que elas almoçassem no colégio, porque a comida não era muito boa e o ambiente era frio, sem aquecimento. Os primos mais velhos de Teodora já eram mais crescidos, estavam a estudar na faculdade e tinham carro.

A casa da Granja do pai, onde hoje vive a irmã de Teodora, já pertencia ao avô do avô materno de Teodora. Era uma casa de praia e as obras que o pai fez foram significativas, para poder ser habitada no inverno e no verão. A porta de entrada foi modificada, as escadas mudaram de sítio, criou-se uma grande sala de jantar, sala de estar grande, cozinha e copa grandes. Nessa casa já havia frigorífico Philco com um congelador muito pequeno em cima e um fecho em metal de alto a baixo. Durou muito tempo, antigamente não era tudo tão descartável como hoje em dia, comenta. Na época eram investimentos, por serem caros.

---

<sup>52</sup> A cidade do Porto e arredores foi beneficiada pela aplicação de tarifas de eletricidade muito baixas durante a década de 1960 e início da seguinte devido à proximidade às hidroelétricas. A intenção foi incentivar o consumo para rentabilizar o investimento feito na construção de barragens e desenvolver o comércio de equipamentos elétricos. Como consequência, houve uma tendência para utilizar aparelhos elétricos no aquecimento da casa, de águas para banhos e de comida, enquanto que em outras zonas do País como Lisboa se utilizavam aparelhos a gás. Nesta altura grande parte das casas ainda não tinha frigorífico nem máquina de lavar [roupa], mas possuir estes objetos era um objetivo almejado e atingido à medida que o poder de compra foi subindo (Branco, 2013: 842).

<sup>53</sup> A expressão fechar a casa não é literal. É empregue nesta classe social para indicar que não é utilizada para residência permanente pelos proprietários, mas podem nela viver caseiros ou pessoas encarregues de manter e guardar o imóvel, que é o caso.

Imagem 4: Anúncio a frigorífico Philco. 1956.

Sempre houve um tanque para lavar a roupa no jardim (que a irmã preservou), mas quando Teodora teria 15 ou 16 anos o pai comprou uma máquina de lavar roupa. A máquina já se inseria nos modelos atuais, com centrifugação.

Esta casa do pai da Granja era aquecida por meio de fogões. O pai não podia custear o aquecimento central, ao contrário dos abastados tios em casa de quem tinham vivido provisoriamente. Havia um fogão muito grande na sala, em pedra de Ançã, copiado de uma casa de Paris que pertencia a um amigo do pai. Um dos entretenimentos que o pai lhes propunha era desenhar o fogão em papel. No piso térreo havia ainda sítio para uma salamandra pequena, e durante o dia, no inverno, acendiam-se ambos. No piso superior localizavam-se os quartos. Todos tinham um fogão que as criadas que acendiam à noite, “era um trabalhão carregar lenha”, diz Teodora. Viveu nesta casa até se casar, aos 22 anos. As recordações de infância que tem, relacionadas com o telefone, são de falar com as telefonistas. Quando Teodora era pequena dizia-se uma coisa “estranhíssima” que Teodora não sabe para que servia nem qual o significado da palavra: “troncas”. Havia, portanto, telefone em casa dos pais de Teodora, mas não falavam muito. Utilizavam o telefone para dar recados. Agora também não se fala ao telefone, diz, toda a gente fala ao telemóvel. “Há pessoas até que não têm!” O telefone da sua infância era muito grande, de pousar na mesa, preto e sem disco. Teodora recorda que nas

décadas de 1950 e 1960 havia na Praça da Liberdade, ao pé da Ateneia e da Arcádia, um local com telefones públicos, em cabines para preservar a privacidade da conversa. Apenas depois de casar tentou tirar a carta de condução, nessa altura já era comum as mulheres conduzirem. As mulheres mais velhas não tiravam a carta, mas as raparigas novas sim. A irmã mais nova tirou a carta e comprou o carro, talvez a prestações, não se recorda com exatidão. Foi educadora de infância e ia para o emprego no Porto de carro (um Mini branco, que teve durante bastante tempo).



*Imagem 5: Morris Mini Minor Salon. 1959.*

Comprou o carro para ter mais mobilidade, porque vivendo na Granja era difícil deslocar-se e o comboio demorava muito. De elétricos Teodora recorda-se desde sempre. Devia ter uns 12 anos quando apareceram os *trolleys*, que faziam menos barulho.

## Casamento

Não chegou a acabar o antigo 7º ano do liceu (atual 12º) e entretanto casou-se, em 1967. Fez o antigo 7º ano tendo explicações, não aulas. O seu marido, então, dizia que ela não precisava de estudar. Não valia a pena fazer os exames, pois passasse ou não não faria nenhum curso superior nem trabalharia. Para quê matar-se a estudar?, perguntava ele. Teodora gostava das matérias que estudava, português, literatura francesa, gostava muito de ler. Depois de casar deixou de ler tanto, foi uma grande diferença. Não foi por falta de tempo, porque tinha empregada, não sabe explicar o porquê mas faltava-lhe a vontade. Não trabalhou, mas gostaria de ter tido uma profissão na área da decoração. Arrepende-se de não o ter feito, mas como casou e teve os filhos sem grandes intervalos de tempo não tinha muito tempo livre. Sem curso era também difícil arranjar trabalho, e acha que era muito nova e inexperiente pelo que não conseguiu tomar decisões firmes que se refletissem no seu futuro. Sempre dependeu do que o marido ganhasse. O pai teve pena que ela não desenvolvesse uma carreira, até porque ela já tinha adquirido algumas competências, como o domínio da língua



francesa. Falava e lia como se fosse nativa porque teve lições de literatura francesa com uma senhora dessa nacionalidade, e acabou por nunca aplicar esse conhecimento. Nessa época o francês era a segunda língua mais falada em Portugal, hoje é o inglês, que ela não domina. Os netos riem-se, porque na geração deles já contatam com o inglês desde a nascença.

Quando Teodora se casou foi viver para uma casa tipo *chalet*, independente e com jardim, na rua Sousa Rosas (paralela àquela em que vive agora) e não tinha telefone. Teve de esperar (não muito) e entretanto ia telefonar à mercearia do senhor Moreira, na esquina da rua. A casa tinha um fogão a lenha na sala e de resto era aquecida por uns aquecedores grandes a gás, que funcionavam com botija. A casa era fria. A cozinha tinha fogão elétrico e frigorífico. Máquina de lavar loiça teve muito tarde. A casa tinha um jardim com tanque, mas acha que comprou a máquina quando nasceu a primeira filha, para lavar as fraldas, as calças de plástico, os bicos e as ligaduras. “O bebé dava mais trabalho do que hoje em dia”. Teve uma panela apropriada para ferver os biberons de vidro, com uma grade. Quando estava grávida o médico ouvia os bebés com um aparelho em forma de funil, nunca fez ecografias.



*Imagem 6: Pinard horn. Aparelho para monitorização dos batimentos cardíacos fetais desenvolvido no séc. XIX pelo obstetra francês Adolphe Pinard.*

“Que antiga que eu sou! Às vezes penso nestas coisas e parece-me noutra encarnação, já é tudo tão diferente, mesmo a vida.” O papel da criança hoje em dia é diferente, “hoje é rei”, diz. Antes não se analisava a criança psicologicamente, não se categorizava de hiperativas, ou terem défices de atenção. “E não era por as pessoas serem ignorantes, algumas seriam mas os meus pais eram pessoas cheias de sensibilidade e não eram de todo ignorantes. Até determinada altura os meninos não tinham quereres, não havia esta coisa das marcas, a gente vestia o... [que nos mandavam]. Por um lado acho bem que se preste mais atenção e que a criança tenha os seus direitos bem definidos, mas por outro lado acho que eles não podem ser... porque eles tornam-se um bocado déspotas, se falhar um bocadinho na educação... Na altura havia uma espécie de autoridade em que se se falhasse um bocadinho na educação não dava brecha para eles entrarem por ali dentro.” Na classe social de Teodora os homens não colaboravam na casa nem no cuidado dos filhos, era ela e as empregadas quem se encarregavam. O marido de Teodora nunca mudou uma fralda, e era ela quem se levantava de noite para cuidar dos filhos sempre que necessário. Os filhos também nunca fizeram nada quando viviam em casa dela, nem arrumar os quartos, mas hoje em dia ela vê-os a partilhar as tarefas com as mulheres nas suas casas.

Acha que tinham uma relação distante com os pais, na sua geração. As crianças começavam a sentar-se à mesa muito tarde, quando já sabiam comer. “Hoje em dia os bebés estão sempre ali. Quando havia visitas nós estávamos no quarto de brincar e só vínhamos dar boa noite.” Os filhos hoje estão menos tempo com os pais mas nos períodos em que estão são mais próximos, comunicam mais. Sobre os netos que vivem com ela desde que nasceram diz que por vezes é difícil fazê-los sair do computador. Se estivessem com os pais talvez não dispendessem tanto tempo nesta atividade. Não ligam tanto à televisão, mais gostam de ver séries, no canal AXN. Antes os avós também não tomavam conta dos netos, como ela faz agora com os seus. Eram vistos como pessoas de idade, distantes. “Dantes uma pessoa com 60 anos era velhinha”.

No ano em que nasceu o terceiro filho, Jorge, a família mudou-se para o apartamento onde Teodora vive hoje. Uma secretária do ex-marido, no banco onde trabalhava, tinha um armário secador de roupa. O marido comprou-lhe um igual, era bom para secar lençóis e outra roupa grande e difícil de secar. Apesar de nas traseiras do apartamento onde vive existir um coradoiro grande (arames para estender roupa) e permanecerem ainda os tanques de lavar roupa, havia anos em que chovia muito e dava jeito secar a roupa nesse armário. Quando decidiu tirar a carta estava grávida deste terceiro filho. Pensou que se estivesse à espera de não estar grávida nunca mais conseguiria tirar a carta, e decidiu então nessa altura. “Chumbei no código e fiquei traumatizada para sempre”, diz. Ainda se lembra de o instrutor lhe dizer que ela não teve culpa nenhuma, que o examinador tinha embirrado com ela. Ficaram-lhe gravadas na memória as palavras do examinador: “volte cá depois de ter... (apontou assim para a barriga com um ar de desprezo)”. Os examinadores costumavam ser muito grosseiros na altura, afirma. O exame de código era um suplício, porque era feito com o aluno sentado no carro. Se se passasse, continuava-se com o de condução. Perdeu desta forma uma hipótese de independência, para não estar sempre dependente do marido ou dos transportes públicos, para ir tratar dos assuntos mais básicos. Sentiu muita falta do carro, para ir à baixa do Porto, que de autocarro se demora muito tempo (25 minutos), para ir buscar os filhos ao colégio... Das coisas de que mais se arrepende é de não ter tirado a carta de condução. Acabou por não tentar mais também porque a vida entretanto complicou-se, e o marido foi preso após a revolução de 25 de abril de 1974 por ser de direita. Fugiram para Espanha (Vigo) nessa altura, onde viveram um ano. No dia 25 de abril de 1974 estava com o marido em Lisboa, onde tinham ido porque ele tinha de tratar de assuntos de trabalho e Teodora decidiu visitar uma irmã que lá vivia. Na sua casa do Porto tinha ficado uma empregada e a *babysitter* com os quatro filhos pequenos. No dia 25 de abril foram jantar a casa de um amigo do marido e quando voltaram para casa da irmã, às 4:00 da manhã, as ruas estavam cheias de tanques e tropas, o que acharam muito esquisito. Mas como já tinha havido uma situação semelhante, chamada a revolta das Caldas<sup>54</sup>, o marido disse que deviam ser apenas manobras. De manhã uma empregada foi acordá-los dizendo que tinha havido uma revolução e que ninguém podia sair de casa. Ficaram muito aflitos e telefonaram aos irmãos para irem buscar os filhos ao Porto, apesar de nesta cidade não ter havido registo de perturbações. Parecia que não havia perigo no Porto mas na viagem de regresso ao Porto, no dia 26, não se cruzaram com carro algum na estrada, o país estava parado. O marido disse que lhe ia acontecer alguma coisa de certeza, porque

---

<sup>54</sup> Tentativa frustrada de golpe de estado ocorrida a 16 de março de 1974.



as posições políticas dele eram públicas, e conhecia-se a posição do COPCON em relação à direita. Decidiram não passar o dia 1 de maio no Porto e foram para a casa do pai de Teodora na Granja. “E ainda bem que fomos porque o COPCON veio cá de noite e partiu o vidro da janela do meu quarto, como se fôssemos criminosos, e debaixo da janela estava o berço onde o filho mais novo costumava dormir. Remexeram tudo, devem ter pensado que o meu marido tinha armas, e estiveram não sei quanto tempo dois jipes aqui à porta. Quando houve o 28 de setembro<sup>55</sup> o meu marido soube que andavam à procura dele e esteve uns dias escondido em casa de uns amigos nossos em Ofir. Eu estive lá alguns dias com ele, o irmão ia comprar-lhe comida e outras coisas necessárias.” Quando estavam à procura do marido para o prenderem a família estava na quinta de Fonte Arcada. Souberam que o procuravam porque o COPCON se enganou e foi procurar o marido à quinta onde vivia o irmão, em Cête. O irmão empatou-os, avisou o marido de Teodora por telefone e este teve tempo de fugir. Ajudou o facto de a quinta de Fonte Arcada ficar muito retirada das estradas principais e não ser fácil de encontrar. Durante esse dia esteve escondido no monte, e Teodora foi-lhe levar o almoço, e à noite foi para o Porto. Entretanto conseguiu passar a fronteira para Espanha com um amigo que a passava todos os dias com a mulher. Ficou num hotel numa localidade logo depois da fronteira e cada vez que Teodora o ia visitar era toda revistada. Depois o marido alugou uma casa em Vigo e a família juntou-se-lhe. Só quando se deu o 25 de novembro de 1975 é que puderam voltar, e já passaram o Natal no Porto. O ano que passaram em Espanha foi duro. O marido arranjou lá um emprego a vender camisolas, nada que se comparasse com o que tinha no banco no Porto. Gostou de ir para umas praias ótimas no verão, todo o dia com os filhos. Mas tinha saudades, o andar era pequeno e já tinha quatro filhos, entretanto ficou grávida de novo, e o tempo era triste porque chovia muito. Entretanto contrataram uma empregada mas nessa altura com quatro filhos e só uma empregada a ajudar era pouco. Hoje em dia é impensável mas na altura era assim, tinha de se cozinhar, tratar das roupas, limpar... A empregada cozinha e limpava e Teodora tomava conta dos filhos. Viviam muito perto do Corte Inglês, dava para ir comprando bens de consumo apesar de estarem numa situação financeira precária. Teodora habituou-se a congelar alimentos para ir cozinhando. Lá possuíram um carro “muito pior do que tínhamos normalmente, acho que era um 2 cavalos [Citroën]”, diz. Trouxeram o carro para Portugal e ainda o usaram bastante tempo.

---

<sup>55</sup> Manifestação de apoio ao presidente da República António Spínola em 28 de setembro de 1974.



*Imagem 7: Citroën 2cv. 1970.*

Na altura mudaram todos os pertences para Espanha, foi uma grande mudança mas Teodora não tinha tantas coisas como agora, porque ainda não tinha herdado do pai. Lembra-se de ter levado tudo menos a mesa da sala de jantar. A irmã mais nova, que entretanto tinha casado, foi viver para o apartamento do Porto, porque não convinha deixar a casa vazia. Havia o perigo de ser roubada e/ ou ocupada. Quando voltaram de Espanha foram para casa do pai, na Granja, para dar tempo à irmã de se mudar de casa deles.

Quando estive a viver em Vigo não tinham telefone em casa e se quisessem telefonar iam a uma central de telefones, do género da que existia na Praça da Liberdade. Lembra-se de começar a ver os telemóveis, grandes, na década de 1980. Quando alguém os queria contactar via telefone ligavam para a empresa onde trabalhava o ex-marido ou talvez combinassem uma hora para a ligação, Teodora não se recorda bem. Os vizinhos, que também eram portugueses, não tinham telefone. Se tivessem ficado lá mais tempo teriam tido telefone, mas como era uma situação provisória acharam que não valia a pena. Quando o marido estava refugiado no Porriño, antes de começarem a viver em Vigo, Teodora telefonava-lhe para o hotel. Sempre que ia lá alguém (o ex-marido tinha muitos irmãos) mandavam-se cartas. Estas poderiam seguir por correio mas ele não gostava porque tinha medo que as abrissem: “não podia ser preso em Espanha, mas na altura era bom não arriscar”.

Teodora ia com frequência para a quinta que os sogros possuíam em Fonte Arcada (Penafiel) quando os filhos eram pequenos. Na altura era longe mas hoje em dia demora-se 20 minutos de carro. Não havia eletricidade e a iluminação era com candeeiros de petróleo. Havia água quente mas não se lembra como se aquecia. Normalmente só iam lá no verão ou num fim de semana já na altura da Páscoa, quando o tempo já estava a aquecer e os dias eram grandes. “Nos dias piquenos ninguém ia para lá, nem os meus sogros, era muito frio.” Moravam lá os caseiros para tomarem conta da propriedade, numa casa própria. Havia casas à volta que já tinham eletricidade instalada, Teodora não sabe porque é que a dos sogros não tinha. Recorda-se de se ter instalado eletricidade já os filhos eram crianças, não bebés. Apesar de não se lembrar do ano, sabe que no 25 de abril a eletricidade já estava instalada na casa. Os sogros instalaram porque já era comum ter-se, além de haver mais netos e de estes serem maiores, pelo que à noite era mais complicado gerir a casa. Esta é muito antiga, em pedra. Na Quinta de Cête, perto, houve eletricidade antes da de Fonte Arcada, mas a casa era de construção mais recente (século XIX). A casa dos sogros nas Antas, construída por eles na

década de 1950, tinha aquecimento central, com radiadores e caldeiras na cave. A sala de visitas (que era muito vulgar no Porto de antigamente) e a sala de estar (com biblioteca e televisão, mais acolhedora) tinham cada uma um fogão a lenha. A moradia tinha dois andares e uma cave. O aquecimento ligava-se sempre que estava frio, não tanto por eles poderem pagar uma conta de energia elevada mas porque o sogro tinha estado tuberculoso e feito uma operação, pelo que não podia apanhar frio. O marido de Teodora contou-lhe que se lembrava de ter ficado com a mãe porque o pai foi para o Caramulo fazer a cura da tuberculose. Recordava-se de ferverem os pratos e talheres com que o pai comia. Fez também uma operação que era comum na altura para tratar estes casos clínicos (corte de costelas)<sup>56</sup>.

Teodora não sabe quando teve o primeiro telemóvel, que pensa ter sido oferecido pelos filhos. Teve-o por insistência deles, que já tinham, e porque ficava muito caro telefonar entre as redes fixas e móveis. Não foi pioneira no sentido de ter logo dos primeiros que apareceram, o seu primeiro telemóvel já era dos pequenos. Não se lembra de ter quando o neto que agora tem 17 anos nasceu, pelo que acha que o deve ter há cerca de 15 anos. É mais prático que o telefone fixo, apesar de ela não sair muito de casa. Não se considera dependente mas entende que para quem tem uma vida movimentada seja importante para avisar de alguma coisa, e as mensagens escritas também são uma vantagem que não existia.

A neta Sara (23 anos) teve telemóvel aos 10/12 anos. Teodora deu o primeiro ao neto Bernardo (17 anos) também por volta dessa idade, quando passou da escola primária para o ciclo preparatório (escola Francisco Torrinha<sup>57</sup>). A sua preocupação foi a de que eles pudessem contactar imediatamente alguém caso precisassem. Foi uma infância diferente da sua, diz Teodora. Eles tiveram outra autonomia, e no que diz respeito à comunicação, então, nem se fala. Já tinha ido várias vezes ao cinema, mas quando viu pela primeira vez televisão fez-lhe confusão, não conseguia compreender como é que a imagem aparecia. “Achava aquilo um fascínio”. Agora vê que os programas não eram assim tão bons, a emissão acabava à meia-noite, depois de tocar o hino. Quando apareceu a televisão a cores foi fantástico. Os netos passaram a infância (desde bebês) a ver desenhos animados na televisão; Teodora não, quando a televisão apareceu já tinha 11 anos. Lembra-se da primeira televisão de casa dos pais, castanha por fora em imitação de madeira. A primeira vez que viu televisão foi no Natal de 1956, na Casa da Ínsua (Penalva do Castelo), que pertencia a um familiar (tio solteiro dos primos em casa de quem viveu na Granja). Foi no ano em que a mãe de Teodora faleceu, pelo que sabe a data com exatidão. A imagem era a preto e branco mas não se lembra dos programas que então via porque não lhe despertavam interesse, não estariam formulados para crianças. “Primeiro não havia esta cultura jovem que há agora em que as crianças são completamente endeusadas”. Mas antes exagerava-se para o outro lado. Não é que os pais não gostassem, mas crescia-se mais afastado dos adultos. Havia “mademoiséis” para tomar conta das crianças, jantavam antes dos adultos, “era uma maneira de estar completamente diferente de hoje em dia”.

---

<sup>56</sup> Toracoplastia, tratamento difundido a partir do final do séc. XIX e que consistia na extração de determinado número de arcos costais para provocar colapso pulmonar (Santos, 2010: 22).

<sup>57</sup> Escola situada na rua São Francisco Xavier, na zona da Foz. É um estabelecimento de ensino muito conceituado entre os habitantes desta zona, e onde estudam quase todos os seus filhos.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

Aos 13/ 14 anos já começou a ver programas que lhe interessavam, antes apenas a fascinava o aspeto técnico de ver imagens a mexer num ecrã. Mais tarde, já casada, via o *Zip Zip*. Antes disso via filmes e teatro, de que gostava. Assistia a noticiários mas não a interessavam muito. Quando já estava casada apareceu a telenovela, a primeira foi *Gabriela*, com a Sónia Braga<sup>58</sup>. “Era fantástica, essa telenovela”.

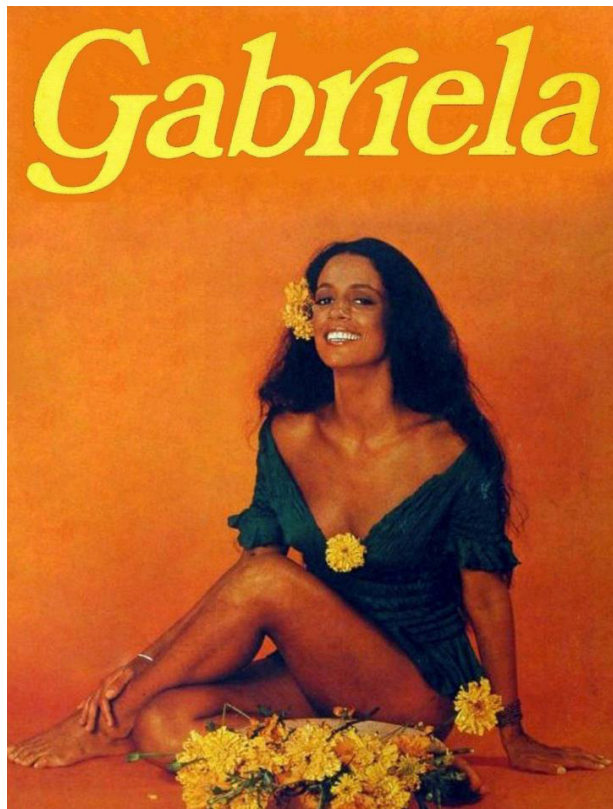


Imagem 8: *Gabriela*. 1975.

Seguiu, com o marido e os filhos, a primeira telenovela portuguesa, *Vila Faia*, com o Nicolau Breyner. Ainda viviam na primeira casa para onde se mudaram quando casaram, recorda. Quando casaram não compraram televisão, só passados uns tempos tiveram um aparelho pequenino, de imagem a preto e branco, porque foi dado pelo sogro de Teodora. Na altura não era prioridade no mobilar de uma casa, como hoje em dia acontece quando as pessoas se casam ou começam a viver juntas. Na época as prioridades no que diz respeito aos eletrodomésticos passavam pelo aspirador, o fogão, o frigorífico e a máquina de lavar roupa (que Teodora só teve um pouco depois). Máquina de lavar loiça nem toda a gente tinha, e nos primeiros anos de casada Teodora não teve (“também éramos só dois”). Quando se mudaram para a casa que ocupa agora, já com três filhos, compraram uma. O frigorífico de Teodora já tinha congelador (pequeno, em cima) e o fogão era elétrico. O tio das primas da Granja (dono da Casa da Ínsua<sup>59</sup>) ofereceu-lhe uma enceradora no casamento, que Teodora trocou por outro objeto de que não se recorda bem (alcatifa?). Nessa altura usava-se muito a alcatifa e a casa era toda revestida.

<sup>58</sup> Telenovela que começou a ser emitida em Portugal em maio de 1977, com enredo baseado na obra homónima de Jorge Amado (*Gabriela, Cravo e Canela*, 1958).

<sup>59</sup> Note-se que a Casa da Ínsua (na atualidade Hotel Casa da Ínsua, do grupo Montebelo Hotels & Resorts) é um solar barroco de grandes dimensões que data do século XVIII. O chão deste solar seria quase todo em madeira, o que pode ter motivado a ideia de que a enceradeira seria uma prenda útil.

Apenas os familiares mais chegados poderiam oferecer um eletrodoméstico como prenda de casamento, não era comum que os outros convidados o fizessem. O que os convidados ofereciam em geral eram peças em prata ou outros objetos do género. Não se usavam as listas de casamento nas lojas, como agora.

Quando casou não sabia cozinhar. A cozinheira que estava na casa dos pais desde que o irmão mais velho nasceu dizia a Teodora, quando solteira, que deveria aprender a cozinhar com ela, pois iria precisar dos conhecimentos. Mas Teodora só prendeu a fazer doces, porque gostava: bolachinhas, mousse de chocolate... Fritos e estrugidos não gostava de fazer mas lá foi aprendendo.

“Rapidamente veio uma empregada, graças a Deus!” Hoje em dia sabe o básico: fazer um arroz, fritar umas batatas, fazer uma sopa, e os doces saem-lhe bem. Mas “tinha um livro de receitas enorme, como se fosse... escritas por mim. Ainda o tenho ali.” Havia muitas empregadas na altura, e que “eram como família, pronto, fomos muito mal habituadas. Por termos ficado sem mãe o meu pai quis-nos amaciar o percurso”. Mas teve o seu lado negativo. Tem uma amiga que é ótima cozinheira e dona de casa que diz: “eu não percebo, tu não sabes fazer mas sabes mandar fazer tão bem! Explicas como se faz não tendo feito.” Em casa dos pais o que se comia mais era cozinha francesa, muitos pratos de ir ao forno, com molho béchamel, e esses Teodora sabia confeccionar, por isso era fácil para ela ensinar. Mas demoravam muito tempo e o marido não gostava nada, só gostava de cozinha à portuguesa. No início foi-lhe difícil lidar com a empregada porque ela era mais velha que Teodora, que na altura tinha 22 anos. “Mas eu nunca me tinha visto a mandar, porque as empregadas lá em casa [dos pais] é que mandavam em nós!” Para picar a carne havia umas máquinas que se fixavam à mesa e funcionavam com manivela, “ainda estou a ver a cozinheira a fazer isso, lembro-me que quando casei ainda era assim que ela moía a carne”. Não se recorda de em casa dos pais haver picadoras nem máquinas do género. A picadora que Teodora tem agora já é talvez a quarta que possui, foi comprando os eletrodomésticos para a sua casa depois de casar. Não se lembra de em casa do pai se usar a varinha mágica, mas em casa dela sim. Em casa dos pais não havia máquina de lavar a loiça, tinham duas empregadas.

Os filhos de Teodora ainda estudaram sem computador. Os primeiros que apareceram em sua casa foram os dos netos. Quando começaram a estudar no ensino secundário foi preciso comprarem computador e terem Internet. Não percebe nada de computadores, acha giro quando os netos lhe mostram alguma coisa mas não sabe usar. Nunca tinha tido uma impressora em casa, quando era preciso uma fotocópia ia-se fora. “E essas coisas todas que eles têm, ‘pens’ e essas coisas, para mim é tudo... continua a ser um mistério.” Se há alguma coisa que a interessa ou ela quer saber pede aos netos para procurarem. Os netos já a tentaram ensinar, Teodora acha que ainda vai aprender. Tem um leitor de DVD na sala, por baixo da televisão, mas não usa. Foram os filhos a dar-lhe o aparelho, mas quem usa mais são os netos.

O neto entra na sala e Teodora pergunta em que ano teve o primeiro computador. “Só meu? Acho que foi no 7º ano [2001]”, diz ele. O neto sai e continuamos a conversa sobre o aparelho de DVD. Teodora não acha complicado lidar com ele, e gosta de ver filmes, mas não o manipula, deixa que sejam os netos. “Eu sou muito preguiçosa...”

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

A partir do momento em que teve a primeira televisão costumava ver os programas que os filhos gostavam, quando chegavam das aulas. Na altura havia séries boas, da BBC, mas não sabe contextualizar no tempo. Lembra-se de ver *Bonanza*, ainda a preto e branco, *A Balada de Hill Street*, já a cores. Os filhos viam muitos desenhos animados, que não eram nada como os de hoje em dia, que Teodora apenas vê quando os netos estão em casa. “Hoje em dia são mais japoneses e na altura eram mais da Walt Disney e assim, mais cor de rosa.”

Teodora só teve uma aparelhagem depois de casada, rádio com gira-discos. Quando solteira uma tia que vivia na casa ao lado da dos pais tinha um rádio e “essa tia ouvia à noite rádio como a gente hoje em dia vê televisão”. A tia sabia quais eram os programas, quem apresentava, qual o tipo de música que ia passar. Teodora ia lá ouvir a *23ª Hora*, “que era um programa de música ligeira mas de que a gente gostava.” O *Oceano Pacífico*, também à noite e que Teodora “adorava”: “não era rock, eram músicas...” Em casa tinham um gira discos tipo malote que abria e ouviam muita música francesa, Charles Aznavour...

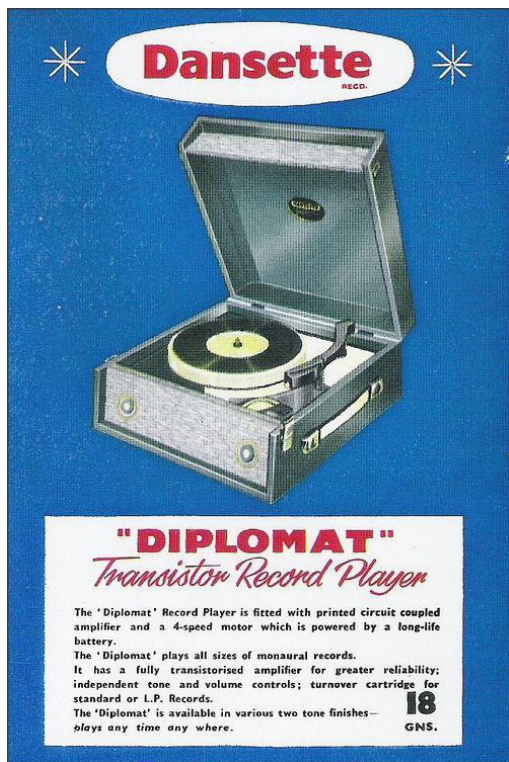


Imagem 9: Gira-discos transportável. 1960.

Depois de casada tinha rádio mas não ouvia muito, via mais televisão. Ligava de manhã o rádio para ouvir as notícias e ouvia música, antes de ter a televisão. Costumava ouvir música em CD mas desde que o seu leitor se estragou, já há bastante tempo, não tem ouvido, e nem sabe se vale a pena arranjá-lo. Os netos é que ouvem mais, o neto Bernardo “tem uma aparelhagem enorme no quarto”. Quando Teodora tem vontade de ouvir música liga a televisão e sintoniza no canal Mezzo, de música clássica.

Teodora não considera que os anúncios televisivos a influenciaram na compra de eletrodomésticos. Ou melhor, “talvez tenha sido influenciada mas não conscientemente, porque tinha a consciência de que a Miele é que era boa e não sei quê, portanto de algum lado me veio...”. Não eram marcas usadas em casa de familiares. “E Bosch, também era boa, pronto, e tendia a comprar essas, e depois



havia uma grande atenção relativamente à relação preço-qualidade, as Miele hoje em dia são mais caras”. Comprou muitas coisas para os netos sugestionada pela publicidade na televisão, “Natais e não sei o quê”, porque eles viam os anúncios e diziam que queriam muito. E para Teodora era mais fácil saber o que oferecer nas ocasiões festivas. Mas não se lembra de ter comprado qualquer máquina por sugestão televisiva. “Aliás tenho um bocado de aversão a... quando está a dar anúncios passo logo para outro [canal], irritam. Então quando está a dar um filme, é irritante, a gente está a seguir o filme...” Comprou os eletrodomésticos numa loja da Foz, no Lúcio Carvalho, que tem outras lojas pelo Porto. Comprava lá porque ele mandava arranjar as máquinas em caso de necessidade, não tinha de se esperar tanto como em outros locais, era por ser mais prático e não mais barato que em outras lojas. Quando o neto nasceu fez grandes obras de remodelação na cozinha e nessa altura combinou com o mestre de obras que seria ele a comprar os eletrodomésticos (máquinas de lavar loiça e roupa), tendo-lhe indicado as marcas que preferia. Nessa altura a máquina de lavar a loiça Miele estava há muito tempo estragada e era repositório de sacos de plástico. A máquina de lavar a loiça comprada na altura das obras entretanto estragou-se e Teodora substituiu-a por uma da marca Siemens, pois a irmã tinha uma de que gostava muito. A máquina de lavar roupa é da marca Miele, “que já tem a idade dele [neto], já tem 17 anos”.

Os filhos nunca executaram nenhuma tarefa doméstica em solteiros, e Teodora assume responsabilidade por isso. “Não faziam nada, nem sei como é que eles agora trabalham tanto! [...] A minha filha fazia. Ajudava bastante, ia às compras, fazia qualquer coisa de comida, era muito despachada, essa minha filha<sup>60</sup>. Mas os meus filhos não, eram autênticos lordes. Ao fim de semana, que eu não tinha empregada, deixavam os quartos indescritíveis. E hoje em dia vai-se a casa deles e está tudo impecável, e são eles que fazem a maior parte das coisas, quer deles quer dos filhos. Até cozinham, até tudo!” Têm empregada todos os dias mas poucas horas, não como Teodora tinha, de manhã e de tarde, porque eram bastantes pessoas (8). Agora Teodora só tem empregada três horas por dia, mas na altura (e até há pouco tempo) tinha das 9:00 às 17:00 aos dias de semana. É mais complicado agora, fica sempre trabalho doméstico por fazer, mas por razões financeiras teve de reduzir o horário. Teodora acha que as máquinas vieram aliviar bastante os trabalhos domésticos. “Eu quando casei ainda tinha um tanque no jardim, ainda me lembro de se lavar... Mas acho que tive quase logo máquina de lavar. As fraldas eram de pano, só aí... Era preciso lavá-las com água quente, as que tinham cocó eram preciso ferver.” Hoje em dia é impensável não ter estas duas máquinas, mesmo quando são poucas pessoas em casa, porque se junta a loiça do almoço com a do jantar e faz-se a máquina. Agora seria impossível as pessoas terem empregadas como antigamente, quando havia muito mais empregadas internas. Nunca achou que a aquisição de qualquer eletrodoméstico fosse um luxo, na altura em que os comprou. “Aquele secador [de roupa] de que lhe falei, isso achei que era um luxo porque nunca tinha visto nas outras casas, mas a máquina de lavar pratos não.” A rotina diária de Teodora mudou bastante após casar. O marido levantava-se antes dela porque ia trabalhar. Teodora levantava-se, tomava o pequeno-almoço, tomava banho, dava orientações para o almoço porque o marido vinha almoçar. “Em casa [do pai] não tinha nenhuma dessas preocupações, em casa ficava a dormir até ao meio-dia, ou até à uma, até à hora do almoço.” Depois de casada era

---

<sup>60</sup> Mãe dos dois netos que vivem com Teodora.



Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

muito comum ser visitada pelas irmãs e amigas. Também saía para fazer compras na mercearia mais perto de casa. Nessa altura traziam muita coisa à porta das casas: carrinhos com hortaliças, uma senhora vendia ovos caseiros, o leite e o pão eram entregues à porta.



Imagem 10: Vendedora de cebolas, Porto. 1902.

Teodora comprava a carne num talho da Granja porque a vizinha do pai dizia que era melhor, e mandava-lhe a encomenda através de algum conhecido. Agora para fazer compras é preciso sair, ou mandar vir, “mas isso já é para compras maiores”. Teodora nunca manda vir do Continente ou outro local de venda pela Internet apesar de os filhos insistirem com ela para o fazer. Não gosta de não poder ver as coisas. “Mas agora é impensável a gente não sair para ir às compras. E nessa altura era possível, ou saía-se para muito perto, não é? Quando eu casei não havia nada desses hipermercados, eram as mercearias. E os pomares assim do bairro.” Por vezes ia com o marido ao local de fornecimento dos militares (“casão?”), na marginal do rio Douro. Um irmão do marido, médico, tinha estado em Angola e tinha acesso. Como era mais barato muitas vezes Teodora e o marido iam lá carregar o carro com compras. O marido de Teodora trabalhou muito tempo na Fábrica de Tecidos de Lavadores, de um seu irmão, e lá havia uma cantina de revenda de géneros. O marido levava a lista, onde Teodora apontava as marcas que queria, e trazia o necessário. Mais tarde apareceu o Continente, o Carrefour e outros do género, “mas já era quando ele cá não estava [depois do divórcio] e normalmente ia um dos meus filhos, que tinham carro e iam fazer essas compras, às vezes comigo, às vezes sozinhos com uma lista.” Os filhos tiveram o primeiro carro, dado pelos pais, quando entraram para a universidade. Era um jipe amarelo. “Deram cabo dele, iam fazer piões não sei para onde...” Depois tiveram outro carro, durante muito tempo, e quando casaram ficou para o terceiro filho de Teodora. Os filhos levavam-na onde ela precisava de ir. Hoje em dia desloca-se de

transportes públicos (autocarro). Vai “ao Porto” (centro da cidade, “baixa”), à rua da Senhora da Luz, onde existe um supermercado Pingo Doce e outras lojas e serviços, fazer compras. “Devia ir a pé [por ser perto] mas raramente vou”. Utiliza o autocarro “com um bocado de preguiça porque demora muito tempo!”

Teodora transportou-se sempre de carro para o hospital de Santa Maria (particular, com boas instalações e onde foi bem tratada) quando ia ter os filhos: no de algum familiar, no do marido, ou de táxi. Intercomunicadores para ouvir os bebés só usou com os netos. Na altura em que os filhos nasceram não tinha. Os filhos tiveram brinquedos mecânicos, como carros a pilhas e bonecas que falavam, gostavam deste tipo de objetos.

## JORGE

Entrevistei Jorge na sala do seu apartamento T1, com vista para um jardim interior pertencente ao prédio. Quando cheguei tinha posto um bolo a cozer no forno, que comemos à hora do lanche após ter soado o tilintar da campainha do forno indicando o final da cozedura. Jorge, nascido em 1973 e com quatro irmãos, viu bastante televisão quando criança e adolescente e de forma não controlada. Costumava ver alguns programas quando chegava da escola, ao final da tarde, e depois do jantar, até bastante tarde. Reconhece que se deitava muito tarde para uma criança que tinha de ir para a escola no dia seguinte. Este facto não corresponde a um hábito familiar mas sim a uma fase da vida familiar em que houve uma separação dos pais. A mãe, profundamente abalada por esta rutura na sua vida, ficou encarregue dos quatro filhos. A tecnologia, aqui, tornou-se sua aliada para poder dispor de mais tempo para si, um tempo calmo e isento de conflitos.

Jorge sempre viveu no apartamento onde a mãe, Teodora, vive hoje em dia. Recorda-se de, em criança, se esconder no armário secador de roupa que estava na varanda. Na cozinha havia um aparelho de que ele gostava muito e de que se lembra de lá estar desde criança: uma batedeira enorme e pesada. Era muito utilizada e avariou algum tempo antes de ele sair de casa, senão gostaria de a ter pedido à mãe. Segundo se lembra era um aparelho muito potente.


Durante muitos anos os ferros de engomar que existiam em casa da mãe eram do género dos da Rowenta, pretos com uma pequena luz vermelha e sem vapor. Quando saiu de casa da mãe, em 2000, comprou um ferro ainda sem vapor porque foi o mais barato que encontrou à venda. Na altura achava que não precisaria do vapor, mas depois apercebeu-se do oposto. Segundo se lembra não havia máquina de lavar loiça na cozinha da mãe antes de ela fazer obras, no início da década de 1990, final da de 1980. A máquina de secar roupa deve ter sido comprada também nesta altura. Até sair de casa da mãe não ajudava nas tarefas domésticas, nem a cama fazia. Quando saiu para morar sozinho teve de “aprender”, a cozinhar e outras coisas. “Na altura não era preciso, eu lembro-me de quando eu era pequeno a minha mãe ter três empregadas. Uma que tomava conta da minha irmã mais nova e que também costurava, a Glória, que ainda é a empregada lá de casa hoje em dia, está lá há trinta e tal anos, houve outra que esteve alguns anos, outra que ia lá só para passar a ferro...[...]

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.


Hoje em dia é a Glória que faz tudo, menos a costura.” A irmã mais velha ajudava nas tarefas domésticas, às vezes. “Mas coisas mais ou menos básicas, pôr a mesa, levantar a mesa, coisas que nós [rapazes] também acabávamos por fazer.” Jorge ainda tem uma recordação remota de se lavar roupa no tanque, mas nem era a roupa toda, apenas algumas peças. As empregadas não tinham dificuldade em lidar com os eletrodomésticos, mas a Glória (que tem cerca de 50 anos) sempre teve uma queda para estragar aspiradores. A dada altura emprestou um aspirador que não usava à mãe. Passados uns meses já não tinha uma roda, tinha fita-cola à volta do cabo, estava partido em outros sítios. “A minha mãe farta-se de comprar aspiradores!”

FIRST ANNOUNCEMENT IN ANY MAGAZINE

*A Super-Cleaner*



For homes which demand extraordinary service of a cleaner—homes where only the finest will do—homes where cleaning is in the hands of careless servants.



*The New Two-Speed\**  
**“GOLD CHEVRON”** **HOOVER**

The New “Gold Chevron” Hoover is, frankly, a much more rugged cleaner than ordinary household use requires. If, however, your home makes unusual demands upon a cleaner—in daily hours of service or in careless handling—or if you simply enjoy possessing the finest, the most beautiful electric cleaner ever produced, this is The Hoover you will select.

It has been designed with only one idea in mind—to make it so stalwart and fine that literally nothing in the way of cleaning demands will wear it down or interfere with its perfect functioning.

It has been built with extra strength in all parts, with extra protection against every conceivable severity of operation, every imaginable abuse in the hands of changing maids. It embodies superior features that are not only unattainable in any other make of cleaner but are not available in other Hoover models.

Its price is surprisingly reasonable in view of the long service and satisfaction it will give. The remarkable New “Gold Chevron” Hoover will be shown by leading Hoover dealers everywhere. A telephone call is all that is necessary to arrange a home trial.

**\*“Two-Speed”**

*Because in luxuriously furnished homes some rugs are deep and thick while others are sleek and thin, the “Gold Chevron” Hoover has been equipped with a two-speed motor. High speed for the deep-pile rugs, low speed for the others.*

THE HOOVER COMPANY, NORTH CANTON, OHIO

The oldest and largest maker of electric cleaners - The Hoover is also made in Canada, at Hamilton, Ontario  
© 1931, The Hoover Co.

PRINTED BY J. J. JONES & SUTHERLAND, INC., WASHINGTON, D. C.

Imagem 11: Anúncio a aspirador Hoover. 1931. O discurso sobre o manuseamento descuidado do aspirador pelas empregadas sublinha a vantagem de adquirir este aspirador, resistente às provações físicas.

A Glória foi trabalhar inicialmente para casa da avó de Jorge, quando tinha 16 anos. Ficou lá pouco tempo e depois foi para a casa de Teodora. Jorge ainda se lembra de ela namorar, depois casar e ter filhos. Jorge recorda-se de sair com ela e com o carrinho de bebé do filho mais velho. Levava-os muitas vezes quando ia trabalhar para casa de Teodora quando eram pequenos por não ter onde os deixar. O único fogão de que Jorge se lembra de ver na casa é um elétrico. Gostava de ir para a

cozinha ajudar a Glória e quando lhe perguntavam o que queria ser quando crescesse dizia: cozinheiro. E no Carnaval mascarava-se sempre de cozinheiro, até porque era fácil. Mas quando começou a viver sozinho “cozinhar pode tornar-se rapidamente muito entediante, é chato estar a cozinhar só para uma pessoa, há muitos pratos que não dá para fazer só para uma pessoa, dão trabalho...” Começou a tentar diversificar o que fazia, comprou livros e revistas de cozinha (que enchem uma das prateleiras da estante que tem na sala). Acaba por nem o ver tantas vezes, e usa uns mais que outros. Foi ganhando o gosto e como é guloso por doces foi confeccionando diferentes receitas. Nunca experimentou usar a Bimby nem tem curiosidade em fazê-lo, porque gosta do processo de confeccionar a comida. Gosta de juntar, amassar, mesmo que seja com o robô de cozinha. “A ideia de meter tudo dentro de um aparelho e sair o prato feito... não sei... não me diz assim muito, para além de que é caríssimo.” Mas já lhe disseram que há muitos pratos que ficam muito bons quando cozinhados com a Bimby. Uma cunhada tem este aparelho mas Jorge nunca comeu nada feito com ele. (Toca a campainha do forno, onde está a cozer um bolo de avelãs, passas e vinho do Porto. Jorge levanta-se e vai buscar o bolo, que pousa em cima da mesa de jantar da sala. Comenta que ficou um pouco mais escuro do que pretendia, e que os tempos de cozedura de algumas receitas que segue não são os ideais, pelo que depois aponta à mão quais os tempos desejáveis no seu forno). Jorge conta que se distrai um pouco ao manejar os eletrodomésticos, contando que uns dias antes, quando estava de férias, se esqueceu do forno ligado e só reparou quando foi à cozinha às 4:00 da manhã. Também lhe custou muito adaptar-se às placas vitrocerâmicas, com as quais começou a lidar em 2010, altura em que se mudou para o apartamento onde vive. Em casa da mãe já havia este tipo de placa, mas Jorge não cozinhava então. Se cai água em cima das placas deixam de funcionar, outras vezes carrega em determinados botões e desliga todos os discos sem ele pretender. A placa é plana e fica na continuação do balcão, ele distraía-se e colocava objetos que não devia em cima, como *tupperwares* que acabavam por derreter... Inicialmente não tinha a espátula que é indicada para limpar este tipo de placas, mas depois procurou e adquiriu uma, útil para limpar resíduos sem estragar. A casa em que viveu entre 2000 e 2003 tinha um fogão elétrico. Depois morou em Inglaterra, onde o fogão era também elétrico, e quando voltou para Portugal o fogão da casa onde viveu era uma placa vitrocerâmica. Guarda ainda uma placa portátil com dois discos elétricos que usou numa casa onde viveu. Não tinha fogão nem espaço para um na cozinha, que era muito pequena.

No apartamento da mãe a água sempre foi e é aquecida com cilindro elétrico. A água quente nem sempre era suficiente para todos, e não se podiam abrir torneiras em outros locais da casa quando alguém estava a tomar banho. O aquecimento do apartamento da mãe foi durante muitos anos feito com aquecedores fixos nas paredes e que agora nunca se ligam porque gastam muita eletricidade. A mãe sempre usou e continua a usar o fogão de sala a lenha. Com 5 anos lembra-se de haver televisão a cores em casa da mãe, e que era uma novidade. Jorge lembra-se de que em muitas outras casas e sítios as televisões ainda eram a preto e branco, na sua infância. Via então os desenhos animados do Vasco Granja, “daqueles desenhos animados checos ou não sei o quê, que a gente via aquilo à espera que desse o *Bugs Bunny* ou *Tom and Jerry*. E eram sempre uns desenhos animados muito chatos.” Jorge acha que o Vasco Granja na altura falava para as crianças como se

estivesse a dirigir-se a um adulto, “na altura as crianças eram tratadas como pequenos adultos, e hoje em dia às vezes parece que são tratadas como deficientes, mas pronto...” Lembra-se de ver a TV Rural<sup>61</sup>, que dava sempre antes dos desenhos animados. Recorda que era apresentado pelo engenheiro Sousa Veloso e que achava interessante. Também seguia telenovelas, e fê-lo durante muitos anos quase até sair de casa, no final da década de 1990. Hoje em dia retomou o hábito e está a seguir uma telenovela, *Dancin' Days*<sup>62</sup>. “Lembro-me de se falar muito quando foi a *Gabriela*, que agora está a dar outra vez na SIC [versão atual]”. Recorda-se dos concursos, como o *1, 2, 3*, em que as pessoas ganhavam um Renault 5, “na altura era um carro novo, não é?, '84, '85”. Havia vários programas sobre vida animal (entre os quais os apresentados por David Attenborough), que continuam a existir na televisão hoje em dia, frisa. Em crianças Jorge e os irmãos viam cerca de duas horas por dia de televisão. Jorge via um pouco quando chegava da escola e outro tanto à noite, antes de se deitar (o concurso *1, 2, 3* ou outro). Ficava acordado até tarde para ver o *1, 2, 3*, o concurso durava mais de duas horas. Deitava-se muito tarde para uma criança que tem de ir para a escola de manhã por querer ficar a ver até ao fim. Quando lhe pergunto se os pais o deixavam ver televisão até tão tarde Jorge diz que o pai saiu de casa quando ele tinha sete anos (1980) e que a mãe esteve algum tempo deprimida e “ausente”, pelo que os filhos não eram muito controlados.

Enquanto adolescente, entre o 9º e 11º anos do liceu, Jorge privilegiou a rádio, que ouvia no quarto, ao pé da cama. Este era o seu espaço privado onde seguia os programas de rádio, até os irmãos com quem o partilhava chegarem para dormir. Como é mais novo que os dois irmãos três e quatro anos, respetivamente, a dada altura eles já saíam à noite e Jorge ainda não, pelo que tinha o espaço do quarto para si. Deitava-se cedo e ouvia uma rádio de Matosinhos que já não existe, que tinha programas “muito engraçados, as pessoas falavam, ligavam para lá”. Seguia um programa do psicólogo Júlio Machado Vaz e na RFM ouvia nessa altura, e até mais tarde, um programa de música calma (*Oceano Pacífico*) que o ajudava a adormecer. Em 2012 ouve rádio sobretudo no carro. Em casa também, no aparelho de televisão: a MTV ou através de uma aplicação da Vodafone, de onde escolhe entre a RFM, Rádio Comercial, TSF... Quando está em casa, a limpar ou a executar outra tarefa, ou sintoniza na televisão a MTV ou a VH1, ou liga mesmo a rádio. O computador (Acer, comprado na loja Media Markt) também lhe serve para ouvir música em CD, mas este aparelho está sempre a avariar. No dia da entrevista estava a arranjar e era já a terceira vez que se avariava. Felizmente está dentro da garantia, diz Jorge. “Desliga-se sozinho, desaparece tudo, depois diz que não consegue sair do estado de hibernação, e não sei quê, não consegue arrancar, e a última vez que tentei ligar só apareciam umas letras estranhíssimas que eu não sabia o que é que era e não saí dali, e dizia que não tinha ligação não sei de quê...” Jorge queria que a loja lhe emprestasse um computador de substituição mas um amigo dele que lá trabalha diz que a única política que têm é de dar um aparelho novo à quarta avaria. Jorge pagou cerca de 24 euros por uma extensão de garantia de um ano quando o computador se avariou pela segunda vez, porque viu que o aparelho estava a ter problemas com frequência. Fez o mesmo com a televisão que comprou na mesma loja. Pagou uma extensão de garantia de três ou cinco anos, mas nunca avariou. Já teve uma avaria com um

<sup>61</sup> Programa sobre agricultura, emitido na RTP entre 1960 e 1990. Era apresentado por Sousa Veloso.

<sup>62</sup> Telenovela emitida na SIC e feita em parceria entre este canal de televisão e a TV Globo brasileira. É um remake da homónima escrita por Gilberto Braga e emitida pela TV Globo entre 1978 e 1979.

robô de cozinha da marca Philips, que bate massa, tem batedor de claras, corta batatas em rodela finas, tem liquidificador, picador de gelo... Quando estava a triturar os brócolos cozidos no liquidificador para uma sopa uma peça de borracha derreteu e estragou a parte de baixo do vaso e o motor. Ainda estava na garantia e foi arranjar na marca. Aquando desta reparação também lhe substituíram o recipiente que estava rachado por ter caído ao chão e uma pequena peça que também tinha caído ao chão e que Jorge tinha colado. “Aquilo não estava com muito bom aspeto e eles substituíram tudo, foi ótimo! E só paguei para aí 20 euros, não foi muito caro.” Antes dessa ocasião já tinha encomendado a peça para bater claras, porque um dia estava a fazer um bolo e esqueceu-se de mudar a peça de bater as claras para a pá de bater a farinha. “Foi um dinheirão”, teve de vir de Lisboa de correio.

O frigorífico com congelador que está hoje em dia em casa da mãe é o que foi colocado na altura das obras da década de 1990, encastrado. Na mesma altura, pensa Jorge, a mãe comprou a arca congeladora que tem na varanda.

O primeiro contato de Jorge com o computador foi no liceu, no 11º ano. A escola decidiu começar a dar aulas de informática à turma dele para aprenderem a lidar com ficheiros Word e Excel. O contato mais aproximado com um computador que teve até essa altura tinha sido um aparelho para jogar Spectrum, mas Jorge nunca teve paciência nem gostou de jogos de computador nem Playstation, acha uma perda de tempo. Na primeira aula de informática que teve no liceu o professor ensinou a mexer no rato e no teclado. A certa altura Jorge chamou o professor porque não sabia como mexer mais a seta para ir para o sítio do ecrã que pretendia, e o rato já estava na ponta da mesa. Todos se riram, e esta é uma memória de que se ri mas que também o embaraça.

Em 2008 comprou o seu primeiro computador portátil, que não é o que tem agora. Não comprou por necessidade profissional, pois não trabalha no computador. Comprou para aceder à Internet, para lazer. “Felizmente nunca tive de trazer trabalho para casa.” Todos os dias consulta a Internet (“quando tenho computador”). Logo que chega a casa liga o aparelho, e às vezes nem liga muito à televisão porque está a ver coisas no computador. Procura séries de que gosta e outros conteúdos que estão no Youtube. Tem um leitor de DVD dos mais baratos que se estragou, e um de cassetes VHS que comprou há alguns anos porque ainda tinha cassetes neste formato. Não voltou a usar o leitor VHS mais ou menos desde a época em que o comprou: tem-no arrumado. Aquiriu-o em 1995, quando ainda se usava e havia muitos à venda mas já existiam leitores de DVD. Os leitores de VHS eram por isso já muito baratos, o que foi uma das razões pelas quais o comprou. Também o fez para ter um gravador de vídeo no quarto. A dada altura da sua vida em casa da mãe mudou de quarto, passando a ficar sozinho. Aí já tinha televisão e gravador de vídeo VHS só para seu uso. Quando saiu de casa da mãe para viver sozinho comprou a sua primeira televisão. Nesta altura do relato surge-lhe uma dúvida e já não tem a certeza se comprou o gravador de vídeo quando comprou a televisão ou se o fez antes.

Quando começou a viver sozinho sentiu a grande diferença de ter de fazer tudo sem ajuda. “Passei a dar mais valor...” O apartamento para onde se mudou não tinha máquina de lavar roupa, apenas um tanque na varanda onde ele lavava a roupa à mão, tinha de o fazer mesmo quando estava muito frio, “essa parte custava-me bastante. E depois tudo o resto, ter que fazer tudo, ter que cozinhar, ter que

limpar, ter que arrumar..” A adaptação foi um pouco complicada porque Jorge não teve tempo de se preparar, a sua mudança de casa da mãe aconteceu subitamente, “quase de um dia para o outro”. Zangou-se com a mãe e mudou-se para casa do pai. Mas em casa dele também não estava a sentir-se bem e decidiu morar sozinho. Mas acha que a adaptação não foi assim tão mal, começou logo a organizar-se e a cozinhar e a fazer a vida doméstica. Quando esteve a viver em Inglaterra notou diferença no tipo de aspiradores usados, verticais, que acha mais práticos porque não se reboca. Reparou que as casas que visitou tinham todas as divisões alcatifadas, inclusivamente o WC, o que ele achou “um bocadinho nojento”. Jorge viveu numa casa que partilhava com outras pessoas portuguesas e estrangeiras, que estavam habituadas a comprar comida pré-cozinhada. Jorge tentou não seguir este hábito mas acabou por o fazer, e espantava-se com o espaço dedicado pelos supermercados que conheceu à comida preparada e pronta a consumir. Pelo menos dois corredores com prateleiras de ambos os lados cheias de comida pré-cozinhada, muito mais variada do que a que se encontra em Portugal mas muito menos saudável do que a confecionada em casa, diz Jorge. Assim, quase não utilizou a cozinha da casa onde viveu em Inglaterra durante seis meses (novembro de 2003 a março de 2004). Começou a cozinhar mais a partir de maio de 2010, quando se mudou para o apartamento onde vive no presente. Talvez por ser uma casa melhor e “mais simpática, mais acolhedora”. As casas onde viveu antes também estiveram relacionadas com épocas da sua vida mais problemáticas, pelo que teria menos disposição para se entregar à cozinha. Adiciona ainda o facto de agora ser mais velho e ter mais disponibilidade mental para se interessar pela cozinha. “E hoje em dia é curioso porque dou por mim às vezes a cozinhar... ainda outro dia estava a fazer um bolo, se calhar faço de parvo a dizer isto, mas estava-me a sentir feliz ao estar ali a cozinhar, é uma coisa que me dá prazer e relaxa-me, sinto-me bem. Quando estou para aí virado é ótimo!” Uma coisa que lhe faria imensa falta se não tivesse e adorou ter comprado é o robô de cozinha. Gosta muito de comer batatas fritas muito finas mas não tem paciência para estar com um descascador manual. Assim, põe as batatas no robô com a lâmina adequada e já está. Usa para fazer bolos, bolachas, massas e massa para pizza (que congela em porções).

Em tempos pensou que o eletrodoméstico sem o qual passaria bem seria a televisão. Quando se mudou para o apartamento onde vive tinha uma televisão velha e como era “daqueles trambolhos grandes e achava que não ficava bem” quis comprar um aparelho novo. Quando ligou a televisão no novo apartamento havia todos os canais e foi vendo, achando que seria uma antena do prédio. Passado quase um ano os técnicos da TV Cabo tocaram-lhe à porta e disseram-lhe que o serviço estava ligado mas que tinha sido contratado por alguém que habitou a casa anteriormente, que não tinha pago e a TV Cabo nunca desligou. Nesse dia desligaram o serviço, pois Jorge não quis contratá-lo sem pensar se queria aquela operadora ou outra. A partir de então esteve vários meses sem televisão. Comprou alguns DVD's e usava o computador. Por vezes via televisão (RTP1) através do computador, que ligava ao aparelho de televisão através de um cabo. Achou entretanto que não fazia sentido ter o aparelho de televisão e não o usar, pelo que decidiu contratar um serviço (também por já ter o de telefone fixo e de Internet). Teve telefone fixo porque o pacote de Internet que na altura contratou oferecia, ou era vantajoso, já não se recorda. Depois de ter ficado sem o computador durante três semanas, na primeira vez que foi para arranjar, e pelo menos uma semana, à data da



Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

entrevista, começou a perceber que poderia passar sem ele, apesar de lhe dar jeito. Acaba por conseguir gerir melhor o tempo. À noite, “em vez de ficar ali no computador a ver porcarias”, vê a telenovela ou outro programa na televisão e depois vai-se deitar. “Não tenho aquela coisa de ficar ali agarrado porque uma pessoa às vezes está no computador, está na Internet, como também pode acontecer com a televisão e perde um bocadinho a noção do tempo”. Uma vez fez uma experiência, quando o computador funcionava bem. Fartou-se e tomou a decisão de não o utilizar durante um mês, “porque senti, parecia que estava a ficar de certa maneira viciado”. Gostou da experiência, sentiu-se bem, “quase foi um bocadinho uma libertação. Uma pessoa às vezes não se dá conta de que está tão presa à tecnologia...” Jorge não teve Facebook durante muitos anos.



Imagem 12: O objetivo do Facebook.

Há dois anos um amigo insistiu muito que criasse uma conta e ele fê-lo. O amigo recomendava-lhe amigos mas Jorge não conseguia adicionar porque o Facebook não deixava por alguma razão que ele não conseguia perceber. Acabou por fechar a conta porque “não tinha paciência como ele tem de andar a ver os perfis, depois mandar coisinhas uns para os outros”. Fala muito no Messenger mas muitas vezes está no computador e não liga o programa de propósito para poder estar a ver o que quer sossegado, sem ter de falar com as pessoas.



Imagem 13: No Messenger podes...

Nunca usou o Skype e não sabe como funciona. Acha que os irmãos só tiveram computador depois de casarem e saírem de casa da mãe.

O primeiro telemóvel que Jorge teve foi herdado do irmão, e já tinha sido o primeiro telemóvel deste. Entretanto o irmão comprou outro e Jorge ficou com o dele, em 1999. Não tinha intenção nem necessidade de possuir qualquer telemóvel, pelo que foi por acaso que se viu dono de um. Hoje sente necessidade de ter um mas na altura não, e usava-o muito pouco. Andava com ele mais para mostrar que tinha um, e como não trabalhava não tinha dinheiro para carregar o telemóvel. As chamadas então eram bastante mais caras, e não havia mensagens gratuitas. Crê que a marca era Siemens, era comprido e tinha antena. Lembra-se bem da altura em que o teve porque o deixou cair no passeio com o ecrã para baixo, que ficou estragado.

Depois desse teve muitos telemóveis. Não para mudar para aparelhos mais modernos, porque não dá importância a isso, mas porque se iam estragando (por descuido seu) ou os perdia. O telemóvel que tem atualmente é dos mais baratos e só usa para falar e mandar mensagens, não usa aplicações nem Internet. Também esteve a arranjar recentemente porque caíu. Antes (há 10, 15 anos) afligia-se quando os telemóveis caíam ao chão e se estragavam, porque eram mais caros. Hoje em dia não se importa, já chegou a comprar um telemóvel por 10 euros, com pontos acumulados na operadora. “Era uma porcaria mas... aliás, uma amiga minha comprou um igual mas da Vodafone e não consegue falar com as pessoas, não ouve, as pessoas não a ouvem, não é grande coisa. Depois pensei, tenho de comprar um Nokia porque os Nokia...” Entretanto teve vários desta marca e o atual é da marca Huawei, que acha bom. As baterias dos telemóveis mais recentes duram mais tempo que as dos antigos. Apesar de achar útil não se sente dependente do telemóvel. “Tento andar com ele, mas por exemplo, eu vejo pessoas que vão para o ginásio e estão com o telemóvel. Eu vou para o ginásio e deixo o telemóvel no cacifo, ou se saio de casa e me esqueço do telemóvel penso, olha, paciência, esqueci-me, quem quiser alguma coisa urgente as pessoas deixam mensagens ou assim. Dantes

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

também só havia telefones fixos e as pessoas conseguiam comunicar, lá se comunicavam de alguma maneira.” Há pessoas que ficam ansiosas se não têm o telemóvel ao pé de si, diz. Quando começou a sair mais de casa e a tornar-se independente passou a sentir mais necessidade de usar o telemóvel.

Os pais ofereceram a carta de condução a Jorge quando fez 18 anos (1992), tal como o fizeram aos irmãos. Partilhava o carro com os três irmãos, ou, melhor dizendo nas palavras de Jorge, quando os irmãos não o usavam ele conseguia andar com o carro. Em 1995 comprou o seu primeiro carro, que custou 120 contos: um Renault 12<sup>63</sup>, “uma banheira enorme”, bege, com 15 anos mas bem conservado.



Imagem 14: Anúncio Renault 12. Fabricado em França entre 1969 e 1980.

Foi comprado a custo, com o dinheiro de um trabalho que tinha ao fim de semana a distribuir panfletos do Continente. Esse carro apenas lhe durou dois anos porque teve um acidente, o único que teve de automóvel. Foi para a sucata e depois disso teve vários carros, alguns com bastantes anos. Pouco tempo antes da entrevista teve um que era de 1982, um Citroën Visa de cor castanho chocolate com motor de 2 CV, “não andava nada”.

<sup>63</sup> Fabricado pela Renault entre 1968 e 1980.





A capota já não funcionava muito bem quando o comprou, mas ele adorava o carro. Em 2010 acabou por comprar um carro novo (Smart), farto de ter carros velhos que estavam sempre a dar problemas. A prestação é de quatro anos, e escolheu o carro que sempre quis ter. Quando os Smart começaram a aparecer em Portugal a Europcar tinha para alugar, e Jorge por vezes alugava, para viagens de fim de semana. Por vezes até alugava um descapotável. Nunca tinha conduzido um carro com mudanças automáticas, e quando alugou pela primeira vez perguntou onde se abria o motor à frente para o caso de ter algum problema. Espantou-se quando lhe disseram que o motor estava colocado atrás naqueles modelos.

Mas o que Jorge gosta realmente de conduzir são motas, teve a primeira aos 14 anos. Não partilha do gosto que muitas pessoas têm por conduzir automóvel e utilizar as mudanças. Acha chato usar as mudanças e a embraiagem, e por essa razão pelo o seu último carro tem mudanças automáticas.

“Não é preciso tirar a mão do volante, eu nesse aspeto sou muito preguiçoso.”

Já teve várias motas (todas Scooter): uma quando adolescente, outra usada que comprou quando já estava a viver sozinho, no primeiro apartamento, e depois comprou ainda uma outra em segunda mão. Em 2007 comprou uma nova mas passado um ano foi-lhe furtada. A mota não voltou a aparecer e Jorge só tinha seguro contra terceiros. Ainda bem que comprou das mais baratas, mas custou-lhe 1200 euros, o que ainda é bastante dinheiro, diz. Tentou tirar carta de mota mas não passou no exame de condução porque não estava habituado a manejar motas com mudanças e pesadas, pelo que roçou com a roda no passeio ao fazer uma manobra em forma de 8. Não voltou a tentar, mas comenta que agora já se pode conduzir motas de 125cc com carta de automóvel ligeiro tirada antes de 1998. Quem tirou a carta de automóvel ligeiro depois tem de fazer um exame suplementar.

Jorge decide reproduzir-me um episódio que viu na televisão e que considera interessante para a minha investigação. Estava alguém a contar que estava numa loja do género da Worten e entretanto chega uma senhora com uma caixa de televisão num carrinho. A senhora não deve ter percebido as recomendações do vendedor, de guardar a caixa para o caso de ser necessário trocar ou devolver no prazo de 15 dias. A senhora dirige-se ao empregado da loja e pergunta se já pode tirar o aparelho de dentro da caixa, pois já passaram 15 dias desde a compra. Jorge achou imensa piada à história, que conta entre gargalhadas.

Acha que os sobrinhos têm mais afinidade com a tecnologia do que ele tem e teve. Isolam-se no quarto, ficam absorvidos na Internet, mas é que o deve acontecer a muitas pessoas, comenta.

“Dantes havia muito, as pessoas juntarem-se para verem um programa especial na televisão, hoje em dia as pessoas podem por a gravar, ou procurar na Net e ver se alguém pôs aquilo na Net...” Frisa que antes a emissão fechava e as pessoas não ficavam até altas horas a ver televisão. O sobrinho tem televisão e Internet no quarto, a sobrinha apenas Internet. Ambos têm computadores portáteis e fixos. O sobrinho sai bastante com os amigos, a sobrinha fica mais em casa e por isso deve passar mais tempo na Internet. Frisa que não o diz por saudosismo, mas acha que antigamente as pessoas tinham mais espaço e tempo para estarem juntas. Hoje em dia tudo é rápido mas muito individual. Lembra-se de ir com os irmãos para a quinta do pai em Fonte Arcada por volta de 1981 de e quererem chegar depressa para verem o programa de televisão *O Tal Canal*. Nessa quinta havia eletricidade e televisão, que nem sempre funcionava bem, tinha de se ajustar a antena em cima da

televisão. Era muito fria no inverno e o único aquecimento que havia era de um fogão de sala. Deitava-se na cama, no inverno, e os lençóis estavam molhados. Uma vez, no inverno, o pai desafiou os filhos para tomarem banho no tanque, à noite. Se o fizessem ganhavam 500 escudos. O pai costumava fazer estas brincadeiras com eles. Uma outra era dizer-lhes que estavam 500 escudos escondidos debaixo de uma pedra e desafiá-los e procurarem, de noite. Entretanto o pai aparecia-lhes disfarçado de fantasma para os assustar. A propósito destas brincadeiras Jorge lembra ainda que quando era pequeno não passou de ano na 2ª classe, pois pelo que diz a mãe ele não levava a escola a sério, apesar de ter estado no infantário. Levava carrinhos para as aulas e estava sempre a brincar com eles. Nesse Natal os pais organizaram-se para um hábito que ainda hoje cumprem, de colocar as crianças numa sala, dispôr os presentes debaixo da árvore de Natal, tocar uma campainha e dizer que já chegaram as prendas. Nesse Natal Jorge e os irmãos foram a correr desembulhar as prendas e o pai dá a Jorge um pequeno embrulho em papel pardo atado com cordel, dizendo que é o único presente dele. Jorge abre e vê que é um rabo de bacalhau. Lembra-se de ficar muito triste e de ir a correr para a cozinha procurar consolo junto da empregada Glória. Entretanto o pai chamou-o e deu-lhe outros presentes que tinham para ele, mostrando que a partida era para o assustar. “Hoje em dia se um pai fizesse uma coisa dessas a uma criança se calhar era um bocadinho impensável, não cabia na cabeça de ninguém. É engraçado que o meu pai não tem recordação, de certa maneira, de algumas dessas coisas. Diz - ah não, não fazia nada disso! -, mas a mãe lembra-se. Mesmo bater-nos, por exemplo, com um espelho da minha mãe de prata. Baixava-nos as calças e pimba! [...] Mas eram outros tempos, é uma mudança enorme, hoje em dia caiu-se no extremo oposto em que não se pode fazer nada às criancinhas, senão ficam traumatizadas ou não sei o quê. Eu apanhei palmadas, mesmo na escola levei reguadas, e olha, não morri por isso.” Conta que teve um professor na escola primária que batia com duas canas na cabeça de quem falava, e que doía! A sobrinha teve o mesmo professor e quando a mãe de Jorge perguntou ao professor se ainda tinha a cana ele disse logo que agora os tempos eram outros, se usasse a cana era logo expulso ou tinha um processo!

A água da casa de Fonte Arcada era e continua a ser aquecida com um esquentador mas nunca funcionou muito bem. Os caseiros sempre viveram na quinta e a família de Jorge costumava ir lá passar o verão. Lembra-se de um moinho manual de picar carne que se fixava à mesa e de que o forno funcionava a gás.



Imagem 17: Máquina manual para picar carne. Anúncio de 1931. Esta máquina tem a particularidade de ser adaptável à de lavar roupa da marca americana Maytag, que funcionava a gasolina ou eletricidade.

Passou muita da infância em casa do avô, na Granja, onde se lavava a roupa num tanque. Na quinta do pai em Fonte Arcada também se lavou a roupa à mão até há pouco tempo. À casa da avó paterna ia mais nas festas de Natal. Não se recorda de haver muitos eletrodomésticos em casa dos avós. Não tem qualquer recordação dos tempos em que a família viveu na Galiza, por ser muito pequeno. Jorge fala num programa da Rádio Comercial, *Caderneta de Cromos*. O apresentador, Nuno Markl, nasceu em 1970 e fala sobre objetos, hábitos e programas que coincidem com os da vida de Jorge. Ouve sempre rádio no carro, é raro ouvir CD's a conduzir. Quando comprou o carro pensou que viria com a tomada para ligar o MP3. Como trabalha perto de casa acaba por não lhe fazer muita falta, porque até costuma ir a pé. Quando comprou o carro estava a viver em Vila Nova de Gaia, senão nem o teria comprado. Quando se mudou para o apartamento que ocupa agora passou a usar o carro sobretudo ao fim de semana ou alguma necessidade eventual. Usava muito o MP3 quando morava em Gaia e vinha de metro para o trabalho, agora nem tanto. Utiliza mais no verão, quando vai à praia. Não usa no ginásio porque há música ambiente e sempre achou que iria interferir com a música do MP3, o que o levaria a desconcentrar-se. Tenta passar no ginásio o tempo minimamente indispensável, não conversa com ninguém, cumpre os tempos certos recomendados para cada exercício e vem-se embora.



## SARA

Sara tem 24 anos. Nasceu no Porto e viveu sempre a casa da avó materna. Dos primeiros eletrodomésticos que se lembra de ter foi o leitor de cassetes de vídeo VHS da casa da avó. Costumava ver os filmes de animação infantis da Disney desde os três anos e agora tem primos pequenos que adormece com as músicas destes filmes (*Branca de Neve, Rei Leão, Cinderela...*). Também usa os títulos dos filmes para fazer com eles jogos, como o da força. Desde os 13 anos que faz de babysitter dos primos, e à medida que eles vão nascendo relembra o repertório de músicas e filmes. Agora vêm o Disney Channel, que “já não é o que era”. Sara ainda se recorda de que os primeiros filmes da Disney que viu eram de tradução brasileira, só a partir do *Rei Leão* a tradução foi portuguesa. Os primos não se esquecem completamente do que Sara lhes foi mostrando porque ainda têm alguns puzzles e vão aparecendo algumas referências aos clássicos da Disney. Vai entretendo os primos (nomeadamente o mais pequeno, de três anos) com estes conteúdos vistos e ouvidos através do Youtube.

Quando era pequena Sara também via televisão, pintava, andava de patins e bicicleta, brincava com plasticina e brincava no jardim com as netas dos vizinhos de cima. Via televisão sempre que queria desde que não estivesse ocupada pelos tios mais velhos. Neste caso teria de ver o que eles queriam ou ir para outro sítio. Os tios costumavam ver ténis, futebol e filmes, não se recorda bem por não coincidir com os seus gostos. Sara gostava de ver inicialmente desenhos animados, depois começou a interessar-se por algumas séries (*Navegantes da Lua, Os Três Moscãoteiros...*) e foi começando a ver filmes que não de animação (*O Homem da Máscara de Ferro, Karate Kid...*). Hoje em dia vê séries do canal AXN e filmes. Como tem o serviço que permite ver os programas de há sete dias até ao presente desde novembro de 2012 já não se sente presa pelo facto de ter de estar a uma hora exata à frente da televisão para ver o programa. Quando não tem nada que fazer ou a sala está livre vê os programas que já deram na televisão. Não deixava de fazer coisas para estar em casa à hora em que davam os programas, mas pensava sempre “perdi e não sei se vou conseguir ver a repetição. Agora não me chateio!” Costuma ver televisão à noite, quando a avó está a jantar na cozinha e fica lá a ver as telenovelas, e Sara vê os seus programas no aparelho da sala. Por vezes a avó também fica pela cozinha à tarde e Sara aproveita para ver televisão na sala. Outras vezes vêm ambas, quando a avó escolhe algum programa com debates e Sara acaba por ficar na sala a ver. Quando a avó vê as telenovelas é que Sara se vai embora porque não gosta. Quando era mais nova ainda via mas hoje em dia não tem paciência porque a história é quase sempre a mesma. No final do 6º ano, início do 7º (11/ 12 anos), teve o primeiro telemóvel, herdado de um dos tios. Naquela altura os telemóveis eram grandes e ainda não havia muitos colegas que tivessem. Os que tinham eram dados pelos pais para poderem comunicar com eles, mas todos gostavam de mostrar que já tinham um aparelho. Só a partir no 9º ano começou a ser comum enviar mensagens. Havia um certo receio de que o telemóvel fosse furtado, sobretudo nas aulas de ginástica. Por vezes pousava-se em cima de um banco e “desaparecia”, pelo que se instituiu o hábito de colocar tudo no saco dos pertences de cada um.

Também no 9º ano começou a usar o computador e o Messenger. Na atualidade, se estiver em casa pousa o telemóvel e de vez em quando vai verificando se tem mensagens ou chamadas. Se estiver sozinha em casa transporta o telemóvel consigo porque pode precisar de alguma coisa. Se sai de casa leva mas a função do telemóvel é mais de relógio do que de comunicação. Não gosta do aparelho, atrapalha-se quando toca e está a fazer alguma coisa que depois não termina. Também lhe acontece atender o telefone e continuar a tarefa que estava a fazer, que fica mal feita e tem de repetir, ou não dá atenção à pessoa que está ao telefone. Por isso prefere deixar o telemóvel e verificar as comunicações de vez em quando, só então retribuindo chamadas ou mensagens. Prefere esse sistema do que estar a fazer tudo em simultâneo e ter de repetir porque sai tudo mal. “Uma vez estava no supermercado, estava à espera de uma chamada do meu pai, quando dei por mim estava a falar com o meu pai, estava a passear, estava à procura de uma coisa mas estava distraída, nem sequer estava a ver por onde andava. Portanto perdi muito mais tempo à procura disso do que propriamente...” Acha que normalmente as pessoas dão mais atenção que ela aos telemóveis e tecnologias, que pensa serem importantes mas às quais não se deve dar demasiado relevo. Os iPad são ótimos porque se podem levar para a faculdade para não estar presa dentro de casa a trabalhar, mas que também é bom saber desligar e estar com as pessoas. O irmão mais novo “está sempre agarrado aos telemóveis e aos jogos de computador, e os amigos a mesma coisa, e depois falam, estão a jogar e falam pelos microfones”. Mas também sai de casa e passeia.

No 8º ano teve o primeiro computador fixo com Internet incluída. Faz anos perto do Natal e tem as prendas sempre em conjunto, pelo que foi no ano de 2002 que os recebeu. Só depois de acabar a licenciatura comprou o computador portátil, com o dinheiro que juntou do aniversário e do Natal. A compra foi feita também a pensar no mestrado que iria fazer, com investigação em diversos arquivos e em que a portabilidade seria bem vinda. Ainda utiliza o computador fixo para armazenar ficheiros mais pesados e antigos de texto, filmes, fotografias e músicas. O computador portátil fica assim mais livre e rápido. O computador fixo já sofreu reparações e alterações, e foi muito utilizado por ela. A Internet da casa já funciona sem fios, mas houve uma altura em que teve imensos problemas com a Internet fixa. Telefonava muitas vezes para a assistência técnica e estava sempre a tentar solucionar os problemas cumprindo as instruções que lhe davam pelo telefone. Por vezes ainda trabalha no computador fixo porque o ecrã é maior e porque a versão do programa Word tem corretor de erros ortográficos, ao contrário do Open Office que tem instalado no portátil. Está a pensar arranjar um disco externo para passar para lá ficheiros do computador fixo, que tem a vantagem de ligar aos dois. Quando tentar fazer download de filmes da Internet o resultado não é o ideal (cortados a meio, desfocados...), acha que deve ser pela sua falta de jeito. Já não vê muito, agora costuma ver séries e filmes mais antigos através do Youtube. Reparou entretanto que se os vir no ecrã em modo completo do computador portátil pequeno a qualidade da imagem é melhor do que se os vir no ecrã grande do computador fixo. Usa o portátil sobretudo para trabalhar fora de casa, ouvir música e ver os filmes e séries. Quando leva para fora de casa para trabalhar faz grande parte das tarefas em casa, e depois só precisa de abrir os ficheiros ou janelas na Internet para verificar as informações. Mantém algumas músicas no computador para ouvir quando está a trabalhar fora de casa, porque por norma não tem rede para aceder à Internet nestas ocasiões. Também usa o MP3 para ter mais músicas prontas para

ouvir e não sobrelotar o computador. Usa o MP3 para ouvir música quando está na rua, para transportar apresentações em *slide* que tem de fazer e ligar ao computador do local. Lembra-se de fazer investigação em enciclopédias, escrever à mão, passar a limpo, fotocopiar as imagens, cortar e por nos trabalhos. O computador veio a facilitar o trabalho, pode fazer os rascunhos que quiser, pode tirar as imagens da Internet e colar logo no trabalho. Mas também nem sempre é fácil lidar com as imagens da Internet, têm formatos diferentes, é preciso cortar e tratá-las. Mas ainda hoje Sara escreve muito à mão, os rascunhos são quase todos manuais. Os pais vivem numa quinta em Felgueiras onde só havia televisão com os quatro canais nacionais e o rádio era para o pai ouvir os programas de que gostava, por isso os filhos tinham de levar o leitor de CD's portátil ou o MP3 para ouvir as músicas que queriam. Assim, quando Sara ia para lá levava os livros e cadernos para escrever e passava os dias entretida sem tecnologias. “Não tenho problema nenhum em ir uma semana para fora e não ter Internet. Quer dizer, dá-me jeito ir um dia ou outro a um cibercafé ver o e-mail, ou mandar um e-mail, ver uma coisa ou outra, ou ter aquelas *pendrives* de Internet portátil para ver e consultar isto ou aquilo mas não é uma coisa que... e às vezes até sabe bem.” Como não tem não usa, diz que por vezes é a melhor solução. O irmão está na área de artes e usa muito o computador porque tem de fazer trabalhos de fotografia e vídeo. Quando não está a fazer esses trabalhos normalmente está a fazer jogos. Agora ambos levam os computadores portáteis para casa dos pais e o pai tem uma pen para aceder à Internet. Não podem fazer downloads mas dá para ver os e-mails, o pai empresta-lhes ou vêm no computador dele. O pai agora também instalou o serviço MEO por isso dá para ver mais televisão. Na altura dos exames Sara ia sempre para casa dos pais estudar, não tinha a tentação de sair. Costumava levar uma amiga que adorava ir para lá, e que dizia que tirava melhores notas quando estudava lá.

Até há pouco tempo tinha aparelhagem de música no quarto, que os tios deixaram ficar em casa da avó. Mas à medida que foi envelhecendo o leitor de cassetes foi deixando de funcionar, o leitor de CD's seguiu o mesmo caminho e a certa altura já só funcionava bem uma estação de rádio, sem interferências. Depois fez mudanças de móveis no quarto e deixou de ter espaço para a aparelhagem. Agora usa o computador para ouvir rádio, apesar de escolher música sobretudo no Youtube, onde pode seleccionar o que quer. Mesmo quando tinha a aparelhagem no quarto não ouvia muito rádio.

Não tem carta de condução nem carro, mas quando viajava com o pai ouviam sempre música e programas (de entrevistas e notícias) de rádio. O transporte que mais utiliza é o autocarro, porque a estação de metro mais próxima de sua casa é a da Casa da Música, na Boavista. Por vezes anda de comboio, também. Não está interessada em tirar a carta de condução mas sabe que deveria porque há alturas em que daria jeito. Sente-se bem a andar de transportes públicos. Seria útil ter carro para ir para casa dos pais, para não ter de pedir boleia ou pedir ao pai para a ir buscar à paragem de camionete. Quase todas as pessoas que conhece da sua idade já têm carta de condução.

Sara gosta de cozinhar mas não o faz com frequência. Confecciona massas, salsichas, omeletes, almôndegas, alguns bolos, coisas simples. A empregada da avó deixa a comida pronta por isso nunca precisou de cozinhar. Só cozinha quando já não consegue comer o que a empregada preparou, ou se tem fome e não há nada na cozinha pronto a comer. Usa tachos, microondas, forno e

alguns aparelhos de cozinha básicos. Tem uma vaga noção de que a máquina de lavar loiça foi incorporada à cozinha da avó mais tarde que os outros eletrodomésticos. Lembra-se de em pequena lavar alguma loiça à mão mas são memórias difusas, porque não era uma tarefa sua e por isso não se preocupava com o assunto.

O aquecimento em casa da avó sempre funcionou a eletricidade, com radiadores fixos na parede. O fogão a lenha na sala de estar complementa o sistema de aquecimento da casa. Na casa da quinta dos pais em Felgueiras o aquecimento sempre foi feito com radiadores a gás, que funcionam com botijas. Nas salas instalaram salamandras porque os fogões a lenha são muito grandes. No inverno estão sobretudo na cozinha, onde uma laje com lareira aquece o ambiente. A casa é antiga e em pedra, e no inverno é muito difícil de aquecer. “É um bocadinho do género sair do quarto, meter as luvas e um casaco para ir para a cozinha para tirar tudo”. Com os aumentos do preço da eletricidade os pais cortaram ainda mais nesta fonte de aquecimento. Os aquecedores elétricos são apenas para ligar à noite enquanto se despe e veste o pijama. Lembra-se que a casa da avó “estava sempre um forno, e hoje em dia já não é bem assim”. As pessoas que iam a casa da avó até se queixavam do excesso de calor. Sara diz que se nota bastante a diferença de temperatura, nos dias de sol, entre a parte social da casa que está exposta a poente (sala de estar e sala de jantar) e a restante parte da casa.

O irmão tem uma televisão pequena no quarto mas Sara nunca teve, não fez questão de ter. Se quiser ver televisão no quarto utiliza algum dos computadores. Nunca foi costume da família ter televisão no quarto, e a do irmão é recente. Normalmente no inverno a família está na sala, não tanto para ver televisão (o que acabam por fazer) mas por ser a divisão mais quente. A cozinha é também local de eleição para fazerem as refeições no inverno, por ter televisão e ficar quente com o processo de cozinhar. A televisão na cozinha é usada pela empregada e pela avó, quando vai comer para a cozinha e acaba por ficar por lá a ver algum programa. Por vezes o irmão janta na cozinha com os amigos e fica por lá a ver televisão. Quando alguém está a ver um programa na sala e outra pessoa quer ver um programa diferente vai para a cozinha.

Sara e o irmão vão ensinando a avó a utilizar o telemóvel. Umhas vezes ela pede ajuda, outras vezes explora. Mas Sara também só sabe usar os da marca Nokia, se lhe derem algum de outra marca demora três dias a perceber como funciona. Acha que já o irmão não tem problemas em perceber como funciona o *software* de qualquer telemóvel. A avó só sabe ligar e desligar o computador. Pede aos netos para procurarem informações na Internet. Até ao final da licenciatura Sara só trabalhava no computador fixo, e a avó por vezes sentava-se ao pé dela para corrigir a redação do português. Dizia que não queria saber como funcionava o computador nem de que tratava o trabalho em questão, só corrigir o que estivesse errado. Sara ajudava-a a ir passando as folhas no ecrã e utilizar a roda do rato para o efeito. A avó apontava as alterações e Sara efetuava-as. A avó começou por fazer este tipo de correções em papel, quando Sara ainda não tinha computador, e continuou a fazê-las em suporte informático. Apesar de ser por imposição da avó, Sara também pedia porque ao escrever podia omitir palavras, fazer frases grandes demais ou não descrever bem o que pretendia. O primeiro DVD entrou na casa da avó quando Sara já estava na faculdade. Já tinha visto filmes antes em casa de amigos, mas nem tem muitos filmes neste suporte. Gostava de ter mais mas não compra porque

acha que não vale a pena. Os filmes são caros, e não vale a pena comprar para gravar os filmes que tenta tirar da Internet porque lhe saem sempre mal. Prefere pedir emprestados ou ver online.

Antigamente a avó pedia boleia ou andava de táxi. Hoje em dia já começa a ter alguma agilidade na utilização dos transportes públicos. Pediu a Sara para ver o horário e destinos dos autocarros. Agora, se vai para algum sítio fora das rotas habituais pede a Sara para ver no Google qual é o autocarro, o horário, o melhor caminho, se é melhor ir de metro. Sara tem de explicar bem os pormenores, como funciona a senha, e a avó apreende muito bem.

Sara gostava muito de brincar no jardim, com bonecas, aos tachinhos, e repara que os primos mais novos cresceram com as tecnologias atuais, iPads e objetos do género e faz-lhe confusão que as crianças utilizem com tanta facilidade. Mas isso também se deve ao facto de Sara não se interessar muito pelos aparelhos tecnológicos e não querer aprender. “É um bocadinho do género, se não preciso e não me interessa, também não ligo muito”, mas o mais pequeno dos primos, que tem três anos, já sabe ir ao iPad, à memória do Youtube buscar os clips de que gosta. Por vezes está em casa dos primos a ver algum filme, a certa altura pedem para parar e ela nem se apercebeu de que era uma gravação, mas eles já dominam a linguagem tecnológica. Acha que a influência vem do ambiente geral, não da escola ou de casa em específico. Até porque o primo mais velho, que tem 12 anos, quase não usa o telemóvel porque tem pouco dinheiro para o carregar, é uma forma de controlo dos pais que cederem dar-lhe o telemóvel a muito custo. Já utiliza bem o computador e a Internet, só é preciso ensiná-lo a usar os motores de busca. Eles ainda sabem o que é o vídeo em cassette porque apanharam os últimos anos em que se usavam, é uma grande diferença para a geração dela, diz Sara. Eles não imaginam o que era o escudo, ter de ir a Espanha e cambiar o dinheiro para pesetas... Não lhe parece que as tecnologias interfiram na convivência dos primos com os pais. Um dos primos teve como prenda de Natal uma Playstation e a primeira coisa que a mãe lhe disse foi “temos de conversar sobre as horas da Playstation”.



*Imagem 18: Playstation - PS3. Sony.*

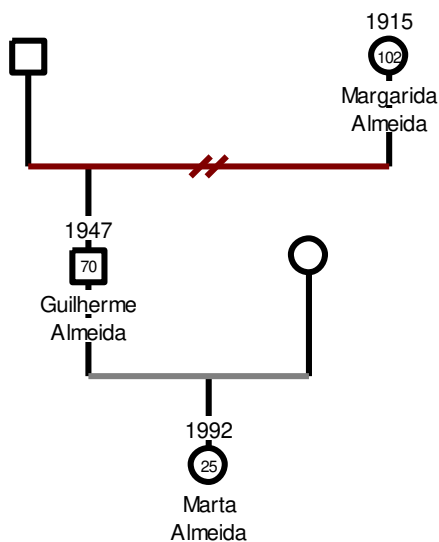
O uso dos jogos e da televisão é controlado pelo mais velhos. Quando Sara faz de babysitter dos primos durante o dia não os deixa ver televisão o tempo todo. Dá-lhes a escolher entre dois períodos do dia, e a outra metade do tempo é para fazerem outras atividades. Sara inventou jogos de caça ao tesouro, puzzles, fazer recortes para os ocupar, e eles gostam. Resmungam quando têm de sair dos jogos de vídeo ou da televisão, mas acabam por obedecer. Por vezes tentam negociar com Sara, ela

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

por vezes deixa e outras decide ser firme. Com os pais tentam também conseguir mais tempo com estes entretenimentos mas eles não costumam ceder. A educação deles ainda é deixar passar quando acham que não faz mal mas se lhes parece que não pode ser não deixam.

## CAPÍTULO 6. FAMÍLIA ALMEIDA

**Margarida Almeida** nasceu em 1915 e está reformada. Foi intérprete musical e professora. Vive sozinha numa casa na zona da Boavista e tem dois filhos. Um dos seus filhos é **Guilherme Almeida**, professor. Vive num apartamento também na Boavista com a sua segunda mulher, professora, e a filha – estudante de mestrado –, **Marta Almeida**.



Ano de elaboração do diagrama  
(através do programa GenoPro): 2017.

### MARGARIDA

Margarida nasceu em 1915, no centro do Porto (Rua de Malmerendas, atual Rua Dr. Alves da Veiga). A casa começou a ser pequena para a família, que contava já com três crianças. O avô materno de Margarida começou então a procurar uma casa maior para a filha no que à época eram os arredores



do Porto. Um dos locais explorados foi Cedofeita, sítio sossegado onde havia várias quintas (da Paz, de Cedofeita...). Em 1917 mudaram-se para a casa onde vive atualmente Margarida. Margarida e os irmãos, "apesar de terem jardim" chamavam muitas vezes os vizinhos para brincar na rua. Mas, sempre que os três irmãos passavam perto da casa onde viveram o início das suas vidas, diziam uns para os outros: "quem nasceu ali? Nós os três!" E quando passavam pela igreja de Santo Ildefonso diziam "nascemos na freguesia de Santo Ildefonso, para lembrar, para sabermos que nascemos naquela freguesia." Foi muito bom os pais terem comprado a casa, hoje as netas também aproveitam o espaço. Com cinco, seis anos Margarida e os irmãos reuniam-se na sala para ouvir as composições musicais do pai. Nessa altura, por volta de 1920, a iluminação da casa era elétrica. Na quinta de Viatodos (Barcelos) onde nasceu o pai é que se usava o gasómetro, ainda em 1925. À noite tinham este objeto na sala e transportavam-no quando iam para o quarto ou fechar o portão, que ainda era distante da casa. Também utilizavam velas. Deitavam-se cedo, quando escurecia acabava o dia. Apesar de Margarida não se recordar da data em que se instalou eletricidade na quinta sabe que foram dos primeiros da zona a ter. A empresa que instalou foi a CEVE, que ainda existe e era pertença de uma família local. A família de Margarida é sócia fundadora desta empresa, e por isso ainda tem direito a algumas regalias. Os primeiros aderentes à instalação de eletricidade na localidade foram proprietários mais abastados. O resto da população pôde ter, mais tarde, devido aos que foram pioneiros na instalação, frisa Margarida. A casa não tinha aquecimento, "era um frio danado, ali em casa, na casa toda!" Na cidade era diferente, desde 1917 reuniam-se na sala para fazer música. A mãe dizia: "Hoje à tarde vamos para a sala. Assim que acabarmos o jantar, vamos para a sala para ouvir as novas composições do pai. E realmente vínhamos, sentávamo-nos no chão, era um gosto enorme, e dávamos muitas palmas ao pai porque era muito bonito, festejávamos muito." Jantavam pelas 19:30, 20:00, mas "a noite era curta, íamos para a cama cedo". O sistema de educação dos pais era muito correto e adequado, cuidavam que se dormisse bem e que se comesse bem. Por volta de 1920 tinham duas empregadas, uma de cozinha e outra de quartos. Este era o hábito comum das famílias na época, e os pais estavam sempre ocupados a dar aulas particulares em casa. Quando Margarida e a irmã começaram a viajar para a Alemanha, em 1936, começaram a ver que o uso das famílias locais era diverso. "Quando chegámos [a Portugal] estranhámos ter tanto conforto, tantas empregadas, duas empregadas, e começámos a dizer: será melhor ter só uma, que faça tudo. Ainda me lembro que a alimentação era dois pratos, sopa e dois pratos [peixe, carne e no final sobremesa], e então viemos dizer, impor nova vida. Só um prato. Na Alemanha já tínhamos só um prato, o *abendbrot*, que era uma sopa e pão com fiambre." Os pais foram-se adaptando a uma nova vida, a uma nova maneira de estar, "porque os tempos eram outros". Na Alemanha Margarida e a irmã ficaram em casa de uma senhora, que recebia estudantes. Só tomavam em casa a refeição da noite, porque estavam todo o dia nos cursos de música para estrangeiros. De manhã apanhavam o comboio para Potsdam e do programa dos cursos faziam parte não só as aulas como também visitas acompanhadas por especialistas a museus de Berlim, para onde se deslocavam de carrinha. "Foi um tempo muito renovador." A primeira vez que foram à Alemanha foi também a primeira em que viajaram de avião. Foi empolgante porque estavam sozinhas. Lembra-se que antes da viagem os pais receberam em casa a visita de um violoncelista de renome internacional que, ao aperceber-se da

preocupação da mãe com a viagem de avião, Ihe disse que esse meio de transporte era muito comum na altura e que não se deveria preocupar. Ele próprio já tinha viajado muito de avião. Tirou uma das medalhas que tinha ao pescoço, de Santo Elias, protetor dos aviadores, e deu-a a Margarida, que ainda hoje a possui. Os pais tinham também um mapa, na sala, que representava o aeroporto de Berlim com todas as rotas que de lá saíam. À época eram já bastantes, e assim podiam sossegar-se pensando que viajar neste meio de transporte já era vulgar. Foram, portanto, apanhar o avião a Lisboa. Ainda não existia o aeroporto, ia-se a um campo militar fora da cidade, perto de Sintra. O avião era um quadrimotor da Lufthansa, onde viajaram 16 pessoas.



*Imagem 1: Embarque no quadrimotor da Lufthansa. 1936.*

O piloto, talvez sabendo que era o batismo de vôo de duas das passageiras, inclinou o avião depois de descolar de forma a que Margarida viu as hortas dos arredores de Lisboa em paralelo à janela. "Foi assim um choque um bocado grande!" Demoraram 10 horas a chegar a Estugarda, como se tinha desencadeado a guerra civil espanhola não podiam sobrevoar este país. "Foi um susto" voar sobre o mar num avião com rodas... Ao entardecer começaram a ver pela janela do avião que chamas saíam de um dos motores, e ficaram um pouco preocupadas. Estavam na altura a sobrevoar os Alpes suíços. Aflitas, as irmãs decidiram bater na portinhola do piloto para Ihe perguntarem se estava tudo bem. O piloto informou-as de que estava tudo bem, era uma ocorrência natural. Confiaram mas não totalmente, pois as chamas eram muito grandes... "Ficámos sem saber até hoje." Sentiram-se bastante aliviadas depois de aterrarem sãs e salvas. Dormiram nessa noite em Estugarda e apanharam o comboio para Berlim no dia seguinte, cedo. Antes de partirem ainda conseguiram dar uma volta para verem a que se dizia ser a cidade mais limpa da Alemanha. "Saímos

à rua, nem uma ponta de cigarro! Tudo espelhado, muito bem limpo..." Chegaram ao fim da tarde a Berlim, num deslumbramento porque as povoações por onde passavam estavam todas iluminadas com várias cores. Era a ideia que tinham do que seria chegar a Nova Iorque. As iluminações especiais deviam-se às Olimpíadas de 1936. Nesse ano a Alemanha sofreu várias obras de valorização estética pois esperavam-se muitos estrangeiros. Compraram bilhetes para ir ao estádio e viram o facho. Foi um deslumbramento "porque os alemães não fazem nada sem música." Lembra-se da entrada no estádio olímpico ao fim da tarde, às escuras. Ao fundo do relvado estavam grupos de diferentes países (entre os quais Portugal), que cantavam as suas canções populares. Uma enorme orquestra tocava a 9ª Sinfonia de Beethoven, e um elaborado sistema de microfones transmitia a música a todos os cantos do estádio. A organização desse evento foi impecável e sentiu-se deslumbrada com o ambiente, a *Ode à Alegria* e as ações populares a convocarem a confraternização e união das pessoas. As irmãs todos os dias escreviam para casa (e recebiam cartas) e telefonavam a cada duas semanas. Voltaram a estes cursos anualmente até 1939, e ficaram sempre cerca de um mês durante o qual se adaptavam "àquela comida um bocado especial". No dia 2 de setembro de 1939 estavam na quinta de Viatodos, depois de voltarem da Alemanha, quando ouviram pela rádio de Churchill a anunciar o início da 2ª Guerra Mundial. Ficaram todos tristes porque tinham colegas alemães e austríacos, grandes artistas musicais, que foram combater. À noite, quando saíam dos cursos, iam ver as montras com vestidos e *tailleurs* muito elegantes, e em 1939 começaram a ver a palavra "Jude" pintada nos vidros. "Não havia política em parte nenhuma. Não se falava. [...] À mesa ninguém falava. A gente via que não se falava em política."

Já depois da guerra [1958?] a irmã recebe um telegrama de um músico eminente para a convidar a assistir a um importante concurso na Rússia. Foi uma discussão na família, porque ela queria ir mas a família dizia que não havia relações diplomáticas com este país. Decidiram então falar com Joaquim Trigo de Negreiros, Ministro do Interior<sup>64</sup>, que disse que ela podia ir mas como não havia relações diplomáticas depois não se poderiam receber notícias. A família pediu-lhe para não ir e ela acabou por lhes fazer a vontade.

O pai, enquanto figura proeminente de uma associação musical do Porto, recebia os músicos convidados que chegavam inicialmente de comboio e depois de avião, instalava-os num dos melhores hotéis na Rua de Santa Catarina, e levava-os a conhecer a cidade de táxi, pois não possuía automóvel. Na infância de Margarida a ida aos concertos, à noite, era de carro de cavalos alugado, o "Galiza". Telefonava-se e dizia-se: "Olhe queria um carro que estivesse aqui às nove horas para nos levar ao Palácio de Cristal." Lembra-se maravilhada de entrar nos portões do Palácio de Cristal de carro de cavalos, ver o edifício imponente e ouvir os concertos. Na década de 1920 os concertos acabavam pelas 23:00/ 00:00 e a sociedade de musical dava indicação aos sócios nos programas de sala dos locais onde àquela hora poderiam apanhar um autocarro para casa. "É engraçado porque é como se fosse uma família." Os pais nunca tiveram automóvel. O pai trabalhava no conservatório de música, no centro da cidade, e andava a pé, atividade de que gostava muito. Os familiares do marido de Margarida, os avós, começaram a possuir carros. O avô paterno de Margarida era conhecido por esperar os omnibus (autocarros compridos) nas paragens sempre a ler ou escrever, "todos os

---

<sup>64</sup> Entre 1950 e 1958.

momentos eram de trabalho". Este seu avô viajou com frequência de barco e de comboio para outros continentes, onde deu concertos. Margarida interroga-se: como seria na altura contactar pessoas de países estrangeiros e organizar concertos em cada um? Não devia ser fácil.

Casou-se em 1936 e foi viver para uma casa na Rua das Artes Gráficas. No Hospital da Boavista (chamado Hospital da Carcereira), no Hospital do Carmo e no Hospital de Santa Maria (Lapa) nasceram os três filhos. O médico que a acompanhou foi sempre o mesmo mas os sítios variaram de acordo com a possibilidade que ele teve de a atender. Já "eram outros tempos" e usava-se muito ir à casa de saúde, em vez de ter os filhos em casa. O marido levava-a sempre no automóvel que possuía. A casa era pequena, "muito simpática", com jardim. Julga que o aquecimento seria elétrico, era fácil de aquecer porque as divisões eram pequenas. Depois mudou-se para uma casa (palacete) com jardim na Avenida da Boavista, ao pé da Foz. Aí havia um fogão de sala a lenha mas os quartos, em cima, tinham aquecimento elétrico. Tinham telefone, água canalizada quente (aquecida com cilindro) e fria. Na casa da Rua das Artes Gráficas o fogão era elétrico, tal como em casa dos pais. Depois de casar Margarida foi recebendo como oferta uma máquina de lavar a roupa, uma tia ofereceu uma de lavar a loiça, o processo de aquisição de eletrodomésticos foi gradual. Quando viu pela primeira vez um avião a jato, estava nesta casa da Avenida da Boavista, "foi um susto, foi uma coisa muito empolgante!"

Lembra-se de viver ainda em casa dos pais e no tempo da Guerra Civil de Espanha haver dificuldades em adquirir arroz e açúcar. Havia um espírito económico e os filhos viam os pais a trabalhar, por vezes com sacrifício devido a problemas de saúde ou ao elevado número de horas a ensinar. Custava-lhes observar este sacrifício e sentiam as dificuldades, por isso procuraram aproveitar convenientemente todos os bens. "É uma coisa fundamental nas famílias. É uma das coisas que é preciso inserir no espírito da comunidade: dos filhos, dos pais e do pessoal. A nível das ideias funcionam todos para aquele fim." À mesa deve-se conversar, porque é o tempo em que se está junto. Os pais ensinam aos filhos como se come, como se deve estar, e o que é fundamental é saber conversar com diferentes pessoas. É um momento muito importante da comunicação na família e aí se pode educar muita coisa. Ensinar a não conversar de forma pessimista, picuinhas, porque as outras pessoas não têm culpa se nos dói um braço ou uma perna, devemos ultrapassar isso para bem comum. "Hoje infelizmente vejo essa diferença, que as refeições não podem ter estas funções, muitas vezes. Porque a criança come da escola, já não está com os pais." A televisão desvirtua muito as funções da família porque deslumbra. "Eu vejo isso... Nós só víamos televisão em certos dias, ou porque se vai a casa de uma tia, ou porque se vai a casa de uma pessoa amiga, mas em casa, por hábito, não." A partir de certa altura os pais tiveram televisão. Antes iam a casa de pessoas de família de propósito para fazer um pouco de companhia e ver televisão. Costumavam ir a casa de uma tia, que tinha televisão. Voltavam e contavam o que viam, conversavam sobre os programas em casa. "A minha vida de criança e meninice foi o que se chama de sonho, de maravilha. Noutra dia estava num concerto e estava a dizer, que felicidade eu ter tido pais como tive!"

Em 1941 Margarida integrou as missões culturais da Secretaria de Estado da Cultura pelas capitais de distrito. Margarida tinha acabado de chegar da Alemanha e um funcionário da Secretaria convidou-a a fazer parte. A viagem de três meses começou em várias localidades à volta de Lisboa, e diversos

artistas deslocavam-se num autocarro com um compartimento construído especialmente para levar um pequeno piano de parede. Todas as noites exceto a de segunda feira a escritora Graciete Branco fazia palestras sobre a casa portuguesa e os músicos atuavam em seguida. Foi uma experiência fantástica, ficou a conhecer muito do país. Pessoas de Lisboa iam assistir aos concertos nos arredores, e tudo o que era nesta zona tinha muita assistência. A entrada era livre e os artistas sentiram alguns problemas, pois não era do conhecimento geral a forma como as pessoas se deveriam comportar nestas ocasiões. Em Estremoz o auditório estava preparado para 2000 pessoas e as pessoas faziam barulho ao conversar. Os artistas tinham de parar a atuação e pedir silêncio. Chamusca, Arrifana, muitas terras nunca tinham visto um concerto nem uma senhora a tocar violoncelo mas adoravam. Onde chegavam dirigiam-se de imediato às câmaras municipais, com as quais havia um protocolo de colaboração. A divulgação era feita pela rádio e pela televisão, além da imprensa. Os presidentes das câmaras ofereciam-lhes um jantar, sempre bom, antes dos concertos, e fazia um discurso no início dos concertos. "O que é facto é que as pessoas nem cinema tinham em certos sítios, em certas cidades, nem cinema tinham! Nada!" Não se recorda de locais sem eletricidade.

Margarida possui e usa telemóvel, tendo começado a usar estes aparelhos desde que se começaram a vulgarizar no mercado. Foram os filhos a dar-lhe o primeiro. Adaptou-se muito bem ao aparelho. Os pais foram sempre muito avançados para a época, e Margarida dá o exemplo de terem deixado ir as duas filhas sozinhas de avião à Alemanha em 1936, que admirava todos os conhecidos. As meninas eram por costume educadas em casa, pouco saíam. Mas sempre se habituaram a comunicar muito devido à presença e encontros com os alunos dos pais, os alunos delas e os músicos convidados estrangeiros que frequentavam a casa. Ainda hoje gosta muito de receber pessoas em casa e de comunicar, conviver. Considera portanto que a educação foi muito avançada para a época. Quando os pais reduziram o número de duas empregadas para uma (encarregue da cozinha e do resto da casa) as filhas ajudavam fazendo as suas camas. A casa dos pais tinha sempre muito movimento de pessoas a entrar e sair. Quando Margarida era pequena ia com os irmãos sempre a correr ver que alunos vinham lá, e eram muito acarinhados por quem chegava. Apesar de não haver máquinas, a redução para uma só empregada não fez sentir uma sobrecarga de trabalho na família, segundo o que recorda Margarida. Ainda existe na cozinha uma máquina de lavar loiça antiga que os técnicos de reparação comentam ser muito boa, "do bom tempo!". Mais tarde começou-se a difundir ("era sabido") a ideia de que as máquinas duravam pouco tempo, que se deitava fora quando se estragasse e se comprava uma nova. Os materiais já eram fracos, "já não eram a mesma coisa que antigamente."

Margarida e os irmãos aprenderam tudo em casa: Português, Matemática, Geografia, História... A professora ia ensinar a muitas casas. Os pais sabiam que se fossem à escola não teriam tempo para estudar música. Nesse sentido nasceram entretanto as escolas profissionais, com impulso dado também por membros da família de Margarida. Na sua família havia o costume de ir ver televisão e ouvir rádio a casa dos avós, que foram dos primeiros a ter. Lembra-se das séries *Os Cinco*<sup>65</sup>, *Os Três*

---

<sup>65</sup> As aventuras de *Os Cinco* originaram duas séries de televisão, uma em 1957 e outra em 1995. *Enid Blyton* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-11-22 12:14:41]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$enid-blyton](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$enid-blyton)

e *Os Sete*.

O sogro era médico, especialista em paralisia infantil. A sogra não trabalhava e Margarida ainda hoje sente saudades dos filetes de peixe que comia em casa dela, nunca mais comeu uns iguais.

Semanalmente iam almoçar ou jantar a casa dos sogros, na Foz (Avenida de Montevidéu), e a comida era apurada. Tinham empregadas, uma das quais de cozinha, e recebiam peixe fresco à porta. A cozinheira "era uma rapariga ainda nova mas... pertencia à família!"

Em 1960 Margarida separou-se do marido e alugou um apartamento na Rua Júlio Dinis. Os pais tinham entretanto falecido e a irmã vivia sozinha na casa deles. Os filhos, como não tinham jardim em casa de Margarida, iam muito para a casa da irmã. Decidiram então que Margarida se mudasse também para a casa que fora dos pais, com o motivo acrescido de que a irmã viajava muito e a casa ficava sem habitantes. E nesta casa vive Margarida até hoje. No apartamento da Rua Júlio Dinis a água era aquecida a gás, e na casa onde vive agora é-o com cilindros. Nesta casa existe um cilindro na parte de baixo, que aquece a água da cozinha e do quarto de banho. Existe um outro para aquecer a água da casa de banho de cima mas todos os que precisam utilizam o de baixo.

Uma aluna da irmã de Margarida ofereceu-lhe uma aparelhagem de som que tem rádio e leitor de CD. Também tem leitor de discos de 78 rotações. Margarida ouviu muita música neste aparelho, escolhida de acordo com a sua disposição. A família de Margarida é herdeira de consideráveis coleções de música gravada em discos e outros suportes, de livros, entre os quais de Arte, colecionados pelo seu pai, e de fotografias que eram oferecidas por artistas musicais à família. Os pais tinham máquina fotográfica, que usavam para fotografar os diferentes momentos familiares e os artistas que vinham a sua casa. Algumas das fotografias (datadas da década de 1930) retratam Guilhermina Suggia (1885-1950) junto do automóvel que conduzia, situação que era invulgar para a época<sup>66</sup>. Casada com um conhecido médico, em sua casa da Rua da Alegria, nº 665, recebiam a comunidade inglesa e muitos portugueses. A irmã de Margarida tirou a carta e comprou um Volkswagen, "e andava numas velocidades loucas!" Viajou muito, fez oito viagens de avião para concertos aos EUA. Numa das vezes que a irmã embarcou para os EUA Margarida estava em Lisboa e acompanhou-a ao aeroporto. O avião era muito pesado, acha que já era a jato. Nessa altura custou muito a Margarida ver a irmã viajar porque o avião, enorme, teve dificuldade em levantar.

Margarida conduziu muito automóvel pelo país. Todos os verões iam aos cursos internacionais de Cascais. Durante muitos anos ia com a mãe e faziam a viagem em duas etapas, ficando a dormir em Leiria ou onde fosse mais conveniente. Teve vários automóveis: dois Illman (um dos quais o primeiro carro que possuiu) e um Toyota muito grande e difícil de estacionar. Os filhos acharam que era grande demais e ela mudou. Teve também um Volkswagen, e uma pessoa amiga arranjou-lhe um

---

<sup>66</sup> A escritora Isabel Millet, que conviveu com Guilhermina Suggia, disse o seguinte em entrevista ao Diário de Notícias sobre o lançamento da biografia da violoncelista:

**“E: Que vida era essa que provocava tal indignação?”**

IM: O facto de ter vivido com o Pablo Casals sem ser casada. Depois teve vários casos. Atribuíram-lhe também um caso com o pintor Augustus John e isso era um escândalo. E quando voltou para o Porto era muito extravagante. Falava com muitas palavras em inglês e usava roupas garridas, gostava muito de amarelo vivo. Teve o primeiro automóvel que existiu no Porto, ao mesmo tempo que uma senhora alemã. Foi a primeira mulher a conduzir. Era ela quem se conduzia aos concertos. O meu tio dizia que era um Renault preto muito barulhento.” (<https://www.dn.pt/artes/livros/interior/imagem-no-espelho-reconstitui-vida-e-morte-de-suggia-1723050.html>. Consultado a 22.11.2017).

Toyota de que gostou muito. Quando deixou o Conservatório do Porto, em 1982, convidaram-na a dar aulas no de Braga, onde lecionou 15 anos. Ainda não havia autoestrada por isso conduzia por estradas secundárias atrás de camionetes a lançar fumo pelo escape, "foi uma época um bocadinho custosa mas muito gratificante". Durante quatro anos esteve a lecionar numa aldeia perto das Caldas da Saúde e durante sete em Vila Nova de Gaia. Deslocava-se sempre de automóvel, "ia para aqui, para acolá, tudo com uma facilidade enorme", comenta. E assim foi até que começou a ver mal e não podia passar no exame físico de renovação da licença de conduzir. A partir dessa altura começou a usar transportes públicos, como a camionete. Deslocou-se neste meio de transporte muitas vezes para o Algarve, porque havia lá pessoas muito dinâmicas que fundaram várias academias de música em Lagos, Portimão, Tavira e outros pontos. Margarida ia lá lecionar música. Recorda que das viagens que fez ao estrangeiro se destaca também a de Zermatt (Suíça), onde em 1950 foi frequentar um curso. Achou o sítio, onde se acedia por um comboio pequeno [cremalheira], lindo. As fotografias que tem desta ocasião e dos cursos em Berlim foram tiradas com a sua máquina. Outras pessoas também levavam máquinas de fotografar.

## GUILHERME

Nasceu no Porto em 1947. Frisa que pertence a uma geração pós-2ª Guerra Mundial, e das suas memórias de infância fazem parte os louvores a Oliveira Salazar por ter salvo Portugal desta guerra. Mas, mais tarde, apercebeu-se do reverso da medalha: o atraso em relação à Europa. A reconstrução implicou uma exigência nos serviços, na competição e em outros aspetos que Portugal não conheceu. Guilherme reproduz, a propósito, o dito jocoso sobre Salazar ter prometido deixar as estradas tal como as encontrou. Só depois da administração de Aníbal Cavaco Silva se viu a rede viária melhorar, diz. Os meios de transporte eram muito velhos, circulavam camionetes muito antigas, tal como os comboios, as linhas férreas e os automóveis. Quando comparava com os de outros países, pareciam a Guilherme pouco atualizados.

Guilherme lembra que quando ia de automóvel ao Gerês se passava, acima de Braga, por uma zona chamada a das "sete curvas". A estrada era em macadame, viam-se de um alto e tinha-se de descer por elas até ao vale. Também recorda ir do Porto a Lisboa pela estrada nacional, com a filha bebé no carro, era preciso parar para lhe dar o biberão... Eram viagens longuíssimas, na década de 1990, "hoje faz-se em três horas, regulamentares, mas nessa altura..." A viagem para o Algarve dava a sensação de ser ainda mais longa, as três horas a partir de Lisboa pareciam compridas. De certa maneira Guilherme tem saudades destas viagens. Os carros não tinham ar condicionado e por conseguinte abriam a janela, apanhando os calores do Alentejo. Era algo que hoje não se suportaria muito bem, não se acharia confortável, mas na altura achava fantástico. Gostava da sensação física que sentia. O pai, médico, possuía um apartamento em Faro e Guilherme fazia estas viagens quando tinha 17, 18 anos. Saía-se do Porto de madrugada ou ao fim da tarde, para não apanhar as horas de



maior calor. Atravessar a serra do Algarve ao som das cigarras, ouvir a Natureza, era fantástico. A autoestrada anulou este contato, assim como com as aldeias. A autoestrada racionalizou, simplificou, tornou as deslocações mais rápidas e aumentou a segurança das mesmas. Mas a paisagem tornou-se mais pobre, no sentido cultural. Atravessa-se e não se vê ninguém. Antes parava-se, ia-se ao "cafézinho" e tomava-se qualquer coisa. Agora a estrada é assética, tecnologicamente bem apetrechada, algumas estações de serviço muito bem organizadas e com a inspeção constante da ASAE, sem possibilidade de haver infeções. Na atualidade isso é importante porque as pessoas dispõem de menos defesas no organismo. A sua filha queixa-se que o pai conduz mais devagar que os pais das amigas, mas Guilherme diz que cumpre os limites da lei. Sem dúvida é mais prático, menos cansativo e mais rápido utilizar as autoestradas. Mas o corpo é afastado da Natureza, os bioritmos são amortecidos porque a tecnologia é um outro corpo que vai substituindo o físico ("é um *ersatz*"), "são projeções do nosso corpo que nos tiram a possibilidade de vivenciar, o calor, o frio, de reagir". Parece que o corpo vai ressoando menos, dada a progressiva sofisticação da tecnologia que tem sempre sensores. Os sensores dos automóveis, por exemplo: Guilherme passou a confiar na sensibilidade do carro [em vez de confiar na sua?] para fazer manobras. O exercício de audição, visão e movimentação que eram necessário deixou de o ser. No estomatologista é o mesmo, para se manter o cliente tem de se assegurar que não sente dor. "As pessoas são fragilizadas". Guilherme dá o exemplo dos barbeiros de aldeia, que na Idade Média arrancavam dentes sem anestesia. Havia pessoas que ficavam com medo e não iam ao dentista, mas a parafernália de instrumentos de que estes profissionais dispõem hoje é securizante, "aqueles braços todos, aqueles prolongamentos que já são projeções humanas..."

Guilherme recorda uma ocasião em que foi passar um fim de semana ao hotel Palace do Vidago, a convite de uns tios. Veio de comboio, numas carruagens com escadas à frente e atrás, com janelas que se desciam no verão. Vinha na parte de fora do comboio, a descer ao longo do rio Tâmega, sentindo o calor... As viagens neste meio de transporte no Douro e no Alentejo, para Montemor, em carruagens antigas com portinholas, também permaneceram vívidas. Na década de 1970 viajou na linha férrea entre Vila Real e a Régua em comboio a carvão, uma viagem fantástica porque parava em pequenas estações, onde estavam os pescadores do rio, figuras pitorescas.



*Imagem 2: Viagem de comboio Régua - Chaves. 1968.*

No Porto, tinha por hábito ir com o avô materno, a pé, ver o comboio passar num local ao pé do Liceu Carolina Michaëlis. O avô era um amante dos comboios. Guilherme também costumava ir de bicicleta até ao um local na Circunvalação chamado Biquinha, ver um comboio a carvão que parava ali e ia até Leixões. Gostava de ver a fornalha, o carvão, sentir o calor. A chegada de comboio a Lovaina, à noite, e as reproduções das obras de Paul Delvaux<sup>67</sup> alusivas aos comboios que decoravam a estação causaram-lhe forte impressão. O pintor tinha sido convidado para ser o chefe da gare durante o dia da chegada de Guilherme.

---

<sup>67</sup> Pintor belga que viveu entre 1897 e 1994, enquadrado na corrente artística do Surrealismo.

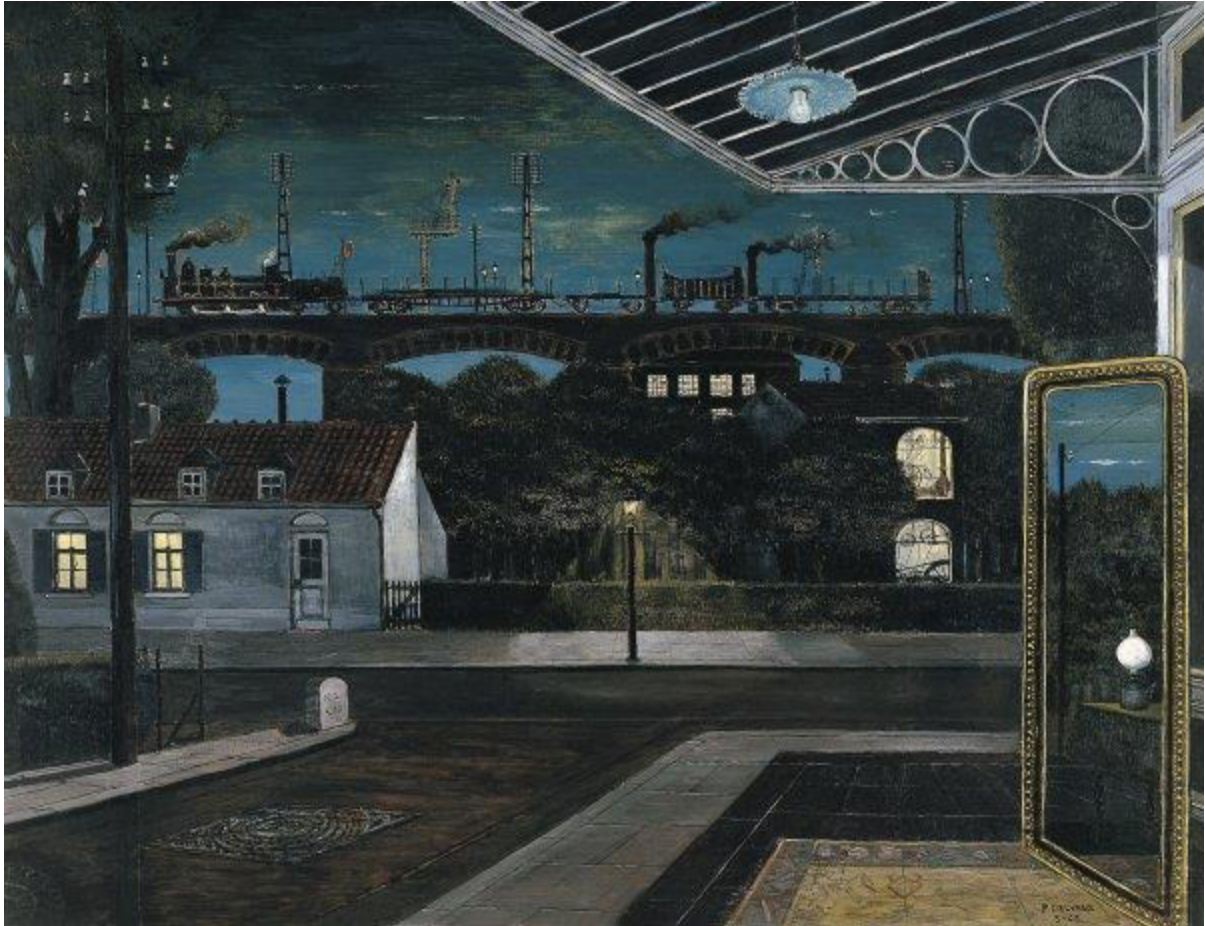


Imagem 3: Paul Delvaux - O viaduto. 1963.

O pai de Guilherme tinha carro, assim como o avô paterno. Os avós maternos não tinham, utilizavam o táxi quando precisavam de se deslocar. No lado paterno sempre houve carros, mesmo antes de Guilherme nascer, enquanto que no lado materno a tia foi a primeira a ter carro. Os tios paternos também tinham carro. Um deles, tio por afinidade, era médico no Porto, com "uma clientela escolhida". A tia, irmã da mãe, tirou a carta de condução e comprou um carro para passear com o pai dela (além de utilizar profissionalmente). Na década de 1950 teve um Volkswagen preto e a mãe, mais tarde (cerca de 1966) teve também. Ambas possuíram automóveis desta marca, modelo "Carocha". O da mãe era de cor azul-bébé. O pai teve vários carros, entre os quais um Citroën preto, "da guerra", que funcionava a gasolina.





Imagem 4: Citroën 11 CV, apelidado em Portugal “da Guerra”.

Depois desse teve um Simca, com qual deu a volta a Portugal com a mulher, com Guilherme (nessa altura com 13, 14 anos) e com um motorista.



Imagem 5: Simca Aronde. 1956.

Nesta volta a Portugal, em 1956, lembra-se de ver ceifeiros no Alentejo e de se estarem a construir

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

estradas, alcatroadas e poeirentas. Desceram pela Beira Litoral até ao Algarve, mas não foi uma viagem completa, não foram à Beira Interior nem a Trás-os-Montes. Depois teve um Volvo, "corcunda".



Imagem 6: Volvo PV544 Sport – em Portugal apelidado de “Corcunda”. 1963.

O avô paterno teve um Morris, com motor a gás. Sendo médico, na altura da guerra e para tratar a pneumónica não teve as restrições no acesso ao combustível que sofria a população geral. Guilherme tirou a carta de condução aos 18 anos (1964), mas passaram alguns anos até possuir um automóvel. Foi conduzindo carros da família e na década de 1980 teve o primeiro. Sentiu necessidade de ter carro antes mas não teve possibilidades económicas. Com o divórcio dos pais, antes de 1975, viu-se obrigado a trabalhar, enquanto estudava na universidade. Começou por dar aulas em Baião, onde viveu numa pensão. Depois passou a dar aulas num liceu do Porto, e em seguida em Vila Nova de Gaia. Entretanto começou a dar aulas à noite para poder preparar-se para os exames da licenciatura em Filosofia durante o dia. Lecionou também em Cinfães, e para todos estes locais deslocava-se de transportes públicos (comboio, autocarro...). Na altura em que se divorciou lecionou em Beja, e deu aulas durante um ano em Lisboa, outro em Anadia... E gostou de não estar sempre no mesmo sítio. Sempre resistiu a ter automóvel e quis viver numa cidade onde pudesse andar a pé, como foi o caso de Évora e Beja. Entretanto ficou colocado no Porto, onde continuou a viver, e ainda hoje tenta andar sempre de transportes públicos. Os pontos entre os quais se tem de deslocar são a Foz (onde trabalha) e a zona da Boavista (onde vive, assim como a sua mãe cuja casa frequenta regularmente), utilizando sobretudo o carro. Para ir à Baixa do Porto já tenta ir sempre de autocarro. Procura contudo manter uma relação pedestre com a cidade, embora saiba que o ambiente é poluído. O primeiro automóvel foi adquirido quando já estava casado, por necessidade. Como tinha uma filha pequena o transporte deste modo tornou-se mais cómodo. Todas as manhãs levava a filha à Escola Francesa, e mais tarde ao liceu. Também estava a fazer o



doutoramento e usava o automóvel para ir uma ou duas vezes por semana ao arquivo da empresa que se encontrava a estudar, em Vila Nova de Gaia. Foi assim que descobriu a cidade do Porto. Partilha da opinião de Eugénio de Andrade quando disse que os sítios mais característicos de Portugal são o Porto, o Douro e o Alentejo. Guilherme acha o Porto bonito visto do céu, e que ganha beleza com o rio Douro. Mas as zonas das Antas, de Costa Cabral, não lhe agradam. Quando esteve a investigar para a tese de doutoramento viu testemunhos dos transportes ao longo do rio Douro, os barcos rabelos, e do estuário para o estrangeiro.

Após a revolução de 25 de abril de 1974 houve uma campanha de alfabetização que levou Guilherme a Miranda do Douro. Guilherme participou na organização, e como pretendia ir para o local mais longínquo sugeriram-lhe a aldeia de Duas Igrejas, em Miranda do Douro. Ia-se de comboio até à linha do Tua e depois apanhava-se um outro comboio até Miranda do Douro. Depois ia-se de autocarro até Duas Igrejas. Foi fantástica a descoberta do interior, um dia inteiro para esta viagem. Em maio de 1974 Guilherme tinha estado acampado com amigos em Rio de Onor e não se recorda de ver tratores. Em Duas Igrejas lembra as relações entre rapazes e raparigas e os bailes na rua. Em casa, no Porto, redigiu uma monografia sobre a aldeia. Quando voltou, 10 anos depois, já não viu o mesmo. O número de filhos por casal tinha descido bastante (de uma média de 10 tinha passado para uma de quatro). Os habitantes tinham mecanizado em parte a agricultura, havia várias casas novas no extremo norte da aldeia, e o saneamento público estava a ser instalado. Havia televisão no café, em 1974. Neste ano António Reis e a mulher, Margarida Cordeiro, foram filmar *Trás-os-Montes*<sup>68</sup>. Quando chegaram a Duas Igrejas, à noite, a equipa toda entrou na aldeia para filmar a dança dos pauliteiros num ambiente que não aquele em que as danças ocorriam naturalmente, porque o tempo estava cronometrado. Guilherme não recorda bem se foi na escola que se filmou, com holofotes e outra parafernália. Foi um choque de tempos e de ritmos, o que o levou a questionar-se sobre a tecnologia, que por um lado serve a divulgação e preservação e por outro interfere. Refere que, agora, o que está a ser bastante mediatizado são as "festas dos rapazes"<sup>69</sup>, no Norte de Portugal. A propósito relata um episódio que lhe foi contado: uma equipa de filmagem da televisão, quando chegou, já estes festejos em determinada aldeia iam a meio. Pediram-lhes que parassem e voltassem ao início mas os habitantes recusaram.

Na quinta dos avós paternos havia um aparelho de televisão, na infância de Guilherme, na década de 1950. Na casa da Foz, onde viviam habitualmente, também havia televisão. Os sogros de Guilherme, que viviam em Lisboa, costumavam ir à casa ao lado (de uns vizinhos ricos) ver televisão. Mais tarde adquiriram um aparelho. Em Duas Igrejas (1974) apenas os homens viam televisão, no café do centro da aldeia. 10 anos depois Guilherme chegou à aldeia no mesmo meio de transporte (camionete), o dono do café estava no mesmo sítio, com os braços cruzados sobre o balcão a ler o jornal... Houve mudanças, sobretudo com a revolução de 25 de abril de 1974, mas também continuidades nos ritmos.

Na década de 1950 e início da seguinte Guilherme via na televisão um programa sobre história do cinema, sobretudo mudo, apresentado por dois irmãos (um dos quais tocava piano). Mais tarde,

---

<sup>68</sup> O filme denomina-se "*Trás-os-Montes*" (1976) e foi realizado por António Reis e Margarida Cordeiro.

<sup>69</sup> Sobre estas festas vd. <http://invernocommascaras.ielt.org/festadosrapazes.html#>

décadas de 1960/70, os programas do Vitorino Nemésio. Via também os filmes portugueses da década de 1940 com o Ribeirinho, o António Silva, e o Festival da Canção. A televisão em casa de Guilherme foi a preto e branco, no início, e a cores já em época recente. A televisão passa do espaço público, do café, atraindo clientes, ou em casa de certas famílias a casa de quem se ia ver, para a casa. "A progressiva intromissão, não é verdade, no espaço do jantar, do almoço, a progressiva diluição da conversa familiar, desloca-se o centro da família para..." Em casa de Guilherme sempre estiveram alerta em relação a esta noção, nunca se ligou o aparelho quando se estava à mesa da refeição. A televisão "veio interferir num espaço sagrado, o espaço da mesa, da convivência em torno de uma alimentação abençoada, que tinha [na década de 1950] alguns elementos de reza no início da refeição". É um contato "subreptício, ínvio", que provoca a substituição da troca de palavras à mesa por silêncios, e dar-se a palavra à televisão. Atua-se em função da televisão, é "um outro altar". Nota-se também a interferência familiar em outros espaços de tempo familiar, à noite, ao fim de semana. Mas Guilherme sublinha que o espaço de uma refeição, de consumo de um alimento que se dá graças por ter, corresponde a uma memória da miséria da década de 1940 em Portugal. O facto de ter alimentos, poucos ou muitos, agradecia-se. Em casa a mãe, que vive sozinha, tem uma televisão na sala de refeições. Na rádio ouvia o programa de João de Freitas Branco<sup>70</sup>.

Guilherme conhece um casal do Porto que em 2009 decidiu que em sua casa, pelo menos uma vez por semana, não ligavam nenhum aparelho (televisão, computador, rádio, etc.). Em vez, conversavam e jogavam. Não sabe se conseguiram manter esta resolução. Guilherme foca nas suas aulas a relação entre tecnologia e bem estar familiar, e não acha que se deva encarar esta interferência da televisão só como um perigo ou ameaça mas também como oportunidade. Na sua família, por exemplo, têm o hábito de ver o concerto de Ano Novo na televisão, em 2013 também o gravaram. Há outros programas interessantes e de boa qualidade.

A filha já tem uma postura diferente, mas os pais tentam que ela em casa e sobretudo à mesa não esteja a utilizar o telemóvel. O telefone e o telemóvel são mais difíceis de controlar porque se tem de agir de acordo com a pessoa que telefona. O computador é mais fácil, quem usa é um único agente. "A mediação computacional é quase inevitável", comenta, os programas e a informação que circulam ganharam relevo. Menciona o acesso a contas do banco através da Internet, a realidade virtual é incontornável e alguém lhe disse que até mais importante que a real. Há pessoas que se ligam e comunicam nas redes sociais mas que quando se encontram não param para falar ou não se cumprimentam, o que deixa Guilherme espantadíssimo. Uma amiga da filha foi jantar a casa deles e comentou que tinha encontrado alguém conhecido e não sabia o que lhe havia de dizer. "É curioso, é uma realidade que é mais forte", e refere a obra de Hermínio Martins sobre arte e tecnociência (Martins (2000 [1999]) onde o objetivo é a desencarnação: ter contas bancárias, análises clínicas, o genoma, a análise do ADN das pessoas no computador, toda a informação pessoal computadorizada. É curioso porque o Cristianismo dedicou grandes debates à dualidade entre o espírito e o corpo, das figuras santas e não só, e agora debate-se esta desencarnação pela tecnologia. É um futuro computacional em que está o melhor dos mundos, a memória está armazenada, os históricos genéticos, financeiro, histórico, tudo. Formar cidadãos que, sem diabolizar, consigam lidar com este

---

<sup>70</sup> A Emissora Nacional começou a difundi-lo em 1956 e os programas duraram 29 anos.



estado de coisas e manterem a sua humanidade na relação com a tecnologia, é uma tarefa a desempenhar pelas escola, pelos meios de comunicação.

Na rádio ouvia futebol, e sempre se impressionou com o virtuosismo descritivo do Artur Agostinho. Era difícil para Guilherme entender como se podia dar tanta vivacidade, rapidez e simultaneidade à palavra dita, descritiva do jogo, e a movimentação da bola no espaço. Como é que num ponto do estádio conseguia descrever a movimentação da bola com rapidez e geometria de percurso variável e imprevisível! Tinha uma sincronização tão fina entre o olhar, a percepção e a palavra, dizia os nomes de todos os jogadores sem engano. "Era uma descrição cinematográfica não havendo imagem". Com a intensidade da voz criava excitação, até atingir um clímax, quando a bola se aproximava da baliza. "Havia todo um treino vocálico, não sei se ele tinha tido treino como ator. Possivelmente teve esse treino para colocação e lançamento da voz para poder traduzir com a expressão da voz, de facto, as situações de perigo, e a aproximação das situações de perigo, e dessa forma cativar e manter presos com o ritmo, encostados ao rádio, os ouvintes", estimulando a imaginação destes. Havia também os noticiários, e lembra-se dos de 1958, 1959, anteriores ao ano da invasão de Goa, Damão e Diu, dos anos de guerrilha nas zonas fronteiriças <sup>71</sup>. Havia os folhetins, cuja produção era misteriosa para os ouvintes, e era difícil acreditar que não estava um cavalo verdadeiro no estúdio a relinchar ou cavalgar. A mesma dúvida se aplicava às lutas entre espadachins. Eram misteriosas estas coisas que não se viam nem se sabia como eram feitas. Era semelhante à curiosidade sobre como funcionariam os mecanismos atrás do palco de teatros e óperas ("como desce uma nave numa ópera de Wagner, por exemplo?"). Nesta altura teria cerca de 10, 11 anos. Os aparelhos de rádio eram comuns em todas as casas. Em casa dos avós maternos havia um rádio com uma tampa e gira-discos na parte superior e Guilherme "tinha uma obsessão com a Sinfonia nº 3 de Beethoven [chamada a *Heróica*]", sempre admirou D. Afonso Henriques. Chegava do liceu e muitas vezes, antes do almoço, ia para o gira-discos ouvir esta obra em disco de 45 rotações. Não diversificava muito as pesquisas musicais, mas quando encontrava alguma obra de que gostava ouvia muitas vezes. Tem uma ideia de haver grafonola com a imagem da marca *His Masters Voice* em casa dos avós maternos, quando era muito pequeno (1958). Era para discos de 78 rotações, com agulha grossa e ruído de funcionamento. Nesta altura (1958) lembra-se de ter havido em casa dos avós maternos um jantar em que foi convidado um professor suíço, que trouxe consigo uma novidade: um disco de 45 rotações. Lançou-o contra a parede e mostrou que este, ao contrário dos de 78 rotações, não se partia.

A televisão surgiu, na sua família, pelo lado paterno da família: na casa da Foz do avô, médico, e na quinta dos mesmos. Mais tarde os avós maternos também adquiriram um aparelho. Os avós paternos dispunham de mais dinheiro, aventa Guilherme como hipótese.

Na casa dos pais na Avenida da Boavista havia um fogão a lenha e aquecedores elétricos. Estava dotada de eletrodomésticos, apenas usados pelas empregadas. Os filhos foram contudo habituados a tratar das coisas da casa. O pai dele dizia sempre que "os filhos dos Condes de Paris, em Cascais,

---

<sup>71</sup> Invasão do estado português da Índia pela União Indiana em 17 de dezembro de 1961. Apesar da derrota portuguesa, só em 1974 estes territórios seriam formalmente reconhecidos como parte da União Indiana.

mugem as vacas!", portanto os filhos têm de saber fazer as camas e limpar o chão. O pai alertava-os para o facto de no tempo em que fossem adultos não haveria empregadas. Faziam algumas limpezas também mas não passavam a ferro nem cozinhavam, eram tarefas mais específicas que cabiam às empregadas. Nesta casa crê que a empregada lavava a roupa no tanque do jardim, assim como na casa dos avós paternos na Foz. A secagem era ao sol. Havia fogões elétricos mas não se lembra dos frigoríficos. Guilherme viveu nesta casa durante as décadas de 1950 e 1960, pelo que as memórias se reportam a este período.

Lembra-se do telefone mais antigo que viu (na década de 1950) ser uma tábua vertical fixada à parede onde se encaixava o auscultador, em casa dos avós maternos. Mas na casa dos pais o telefone já era de outro tipo, mais contemporâneo. Tem impressão que na casa dos avós maternos chegou toda a cultura material de inovação/ tecnologia mais atrasada do que a outras casas que via e frequentava (como as casas dos avós paternos e dos pais). O uso do telefone em sua casa não era muito, acha que não era um meio de comunicação que substituísse o convívio. As pessoas encontravam-se para falar, ainda não tinham dado ao telefone o papel de substituir o prazer do encontro pessoal. Agora a falta de tempo fez com que passasse a dar mais jeito estar ao telefone. O ponto de viragem terá sido o reflexo da Segunda Guerra Mundial, diz. Quando Guilherme estava a estudar no Liceu ia às aulas, por vezes ia de eléctrico até à Foz, outras vezes o grupo de amigos juntava-se no café Corcel, não havia o hábito de estar a conversar ao telefone. Utilizavam apenas para combinar encontros, e hoje em dia se vem algum amigo de fora ao Porto telefona também para combinar um encontro. Nunca conversa por telefone, mas a geração da filha já é diferente. Guilherme aderiu por acaso ao LinkedIn recentemente, através de uma rede da sua profissão. Mas não tem tempo para usar, assim como os blogs, o que é aborrecido por vezes porque as pessoas dizem-lhe "tenho um blog" mas Guilherme não tem disponibilidade para ir ver. "Entrar, depois fazer comentários, quer dizer..." Tem a noção de que as pessoas estão ligadas em rede, tenta encontrar um equilíbrio mas ainda está um pouco fora. Guilherme acha que não se pode por de lado o mundo virtual, a Internet, só há vantagens, mas ao mesmo tempo manter o contato presencial.

Resistiu a ter telemóvel, não via utilidade, não precisava nem via necessidade da intromissão do objeto no seu quotidiano. Resistiu talvez um ano, mas depois comprou um dos mais básicos. Ainda não tem um domínio muito apurado do aparelho. Tem-no quase sempre em silêncio e verifica os contatos de vez em quando. Quer utilizar como quer, onde quer, mas houve um período em que tocava e atendia logo, falava... Agora não tem som, escolheu esse modo por ser o mais básico. O aparelho que tem agora é o segundo que possui, já tem três anos. Se lhe chega alguma mensagem só a deteta passado algum tempo, não há intromissão. O primeiro teve-o por volta de 2004, e trouxe-lhe uma certa inquietação ao quotidiano. Sentiu que era uma intromissão legitimada pela sua eficácia ou utilidade. Depois de Guilherme ter reconhecido a sua eficácia "ele passou a usurpar e a encontrar aí o meu reconhecimento da sua legitimidade para me incomodar" [rindo-se]. Agora já está "domesticado", diz, já é outra fase em que o aparelho não perturba. A crise económica e a necessidade de cortar no orçamento ajudou à domesticação, apesar de até ter começado antes com estes cortes. Este processo começou em 2008 e a crise disciplinou o uso e "a completa afonia do dito veio ajudar a disciplina orçamental". Passou a usar mais o e-mail em vez do telefone, por ser gratuito.

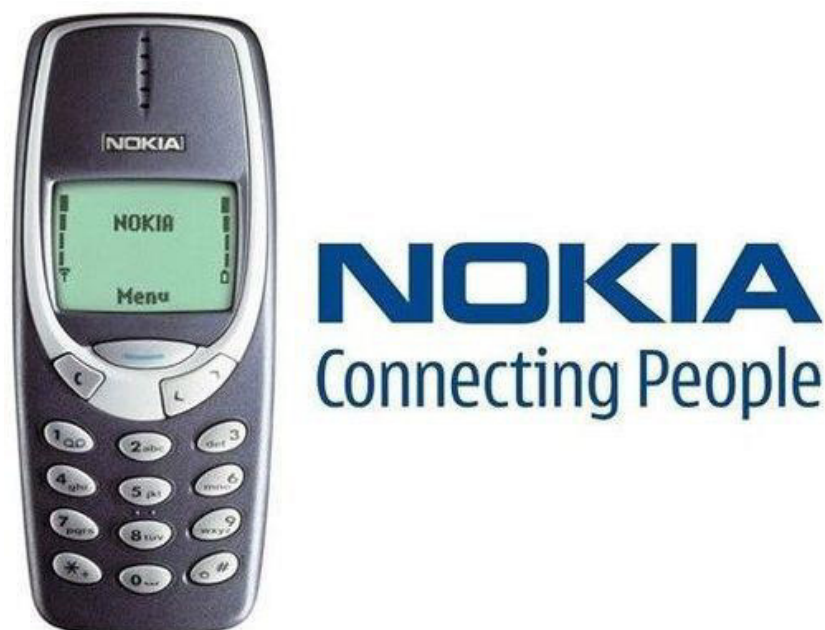
A mãe de Guilherme lida muito bem com o telemóvel, apesar da idade. É mais fácil do que usar o telefone fixo (portátil), pois é preciso detetar onde está e ela tem a visão muito reduzida. O telemóvel é também mais ergonómico, adapta-se melhor à mão. A habituação foi fácil, o irmão de Guilherme inseriu os contatos no telemóvel mas agora alguém tem de ligar por ela. Também começou a utilizar este aparelho por volta de 2004. Nessa altura todos tiveram números 96: a irmã, o cunhado, a mãe, dois tios e Guilherme, mas a filha de Guilherme tinha 91, e agora a irmã tem também um 91. Agora Guilherme tem um tarifário em que o preço é o mesmo para qualquer rede. A mãe teve telemóvel para estar mais contactável, devido à idade avançada. A iniciativa terá sido tanto dela como dos filhos. Em casa dos avós paternos na Foz, na década de 1950, havia aquecedores elétricos, mas permaneciam certas zonas de frio na casa. No inverno o avô usava um cesto de palha com jornais onde punha os pés enquanto escrevia e trabalhava. Guilherme recorda também a camilha, que não se usou em sua casa. Na casa dos avós paternos usava-se um sistema de salamandras a carvão com tubos para os andares superiores, perpassava quase todas as divisões. Numa sala, a sala amarela, antes do almoço punha-se álcool numa braseira de cobre, incendiava-se e produzia-se uma chama pequena mas que ia aquecendo. No final da década de 1960 e início da de 1970 o aquecimento de fogão a gás veio a substituir as salamandras, foi na altura em que o gás de botija se popularizou no Porto. Na quinta destes avós, na Trofa, não havia frigorífico na década de 1950 e usava-se sal e barras de gelo na cave (chamados de "baixos", frios e escuros) para preservar alimentos como peixe. Usavam-se candeeiros a petróleo, a água era só fria, e só se passavam temporadas no verão. Mas todas as 5<sup>as</sup> feiras se ia lá de carro para gerir a propriedade e o avô dar consultas (gratuitas).

## MARTA

Marta nasceu no Porto em 1992. Da infância a recordação mais presente são as cassetes e o leitor de VHS. Via os filmes da Disney, que adorava: *101 Dálmatas*, *Pocahontas*, *o Rei Leão*, ainda tem cassetes guardadas. Teria três, quatro anos. Na televisão via desenhos animados: *As Navegantes da Lua*, a série *Zorro*, o programa para crianças *Buéréré*. Foi crescendo e começou a ver telenovelas brasileiras, à noite. *New Wave* e *Laços de Família* foram as duas que seguiu com mais interesse. A primeira televisão que se lembra de ver em casa era antiga, pequena, com duas antenas grandes, mas já a cores. Foram aparecendo as telenovelas portuguesas: a primeira que viu foi *Jardins Proibidos*. Via as telenovelas com os pais mas sobretudo com as avós. Quando ia passar as férias a Lisboa com a avó materna via todas as noites. Com a avó paterna, do Porto, via as telenovelas brasileiras, não as portuguesas. Os pais impunham horários para ver televisão e para se deitar. Quando era pequena sabia que depois da *música dos patinhos* se tinha de deitar. Foi crescendo e tinha de se deitar mais ou menos às 23:00, quando acabavam as telenovelas. Agora Marta já vê telejornais e outros tipos de programas. Um filme que marcou a infância foi *Pai para Mim, Mãe para Ti* [note-se que os pais são divorciados]. Houve uma altura em que gostava muito de filmes românticos

e depois começou a gostar mais de dramas, de suspense, que agora é o género que prefere. Neste momento segue uma telenovela, vê o telejornal, e "o programa *Governo Sombra* com o Ricardo Araújo Pereira". Não tem o hábito de ver muita televisão. Agora vê um pouco mais, mas nos últimos anos em que esteve a estudar na faculdade tinha muito para estudar e não via muita televisão. Sentia que era perda de tempo ver televisão em vez de estudar ou fazer outras coisas, mas também não tinha muito tempo para explorar os conteúdos disponíveis. Via algumas séries. Agora tem-se deparado com alguns tipos de programas que até acha giros e não conhecia. Nunca teve muitos filmes em DVD, porque passou a alugar filmes nos videoclubes. Agora até são digitais, associados à MEO ou à ZON, e é mesmo raro Marta comprar filmes. Também vê na Internet, sobretudo nos últimos quatro meses. Vê online, no site Wareztuga, não faz download.

Aos 12 anos teve o primeiro telemóvel, foi-lhe dado no aniversário, acha. "Na altura era assim uma grande coisa, por isso era sempre nos anos ou no Natal." Devem ter sido os pais a oferecer, e as pessoas da idade dela tinham. Usava sobretudo para comunicar com os colegas, mas também com os pais. Estes não acharam o telemóvel uma ótima ideia na altura porque tinham receio dos efeitos das radiações e não queriam que ela usasse muito, "por isso devo ter sido eu a convencê-los". Antes comunicava-se mais através de mensagens escritas do que agora, que há mais tarifários com chamadas grátis. Com os pais falava através de chamadas. O primeiro telemóvel foi um Nokia 3310, o que toda a gente tinha na altura.



*Imagem 7: Telemóvel Nokia - modelo 3310. Lançado no mercado em 2000.*

Durante vários anos teve este modelo de telemóvel, se se perdia ou estragava comprava sempre o mesmo modelo. Entretanto teve mais um ou outro de outras marcas até agora, com o surgimento dos smartphones. Sempre teve telemóveis básicos, os mais baratos ("marca mesmo Vodafone"), apenas para telefonar e mandar mensagens, não queria gastar muito dinheiro. Agora sentiu a necessidade de comprar um telemóvel um pouco melhor, para ver os e-mails, achou que dava jeito ter. Por isso comprou um mês antes da entrevista o primeiro smartphone e já sente que é imprescindível. É o acesso à Internet que o torna tão necessário. Como trabalha na Casa da Música em part-time e tem

por vezes tempos em que não está ocupada, o acesso à Internet é ótimo para ver as notícias, "ver o que se está a passar, ler e-mails, mandar e-mails, para não ter de chegar a casa e ter de ligar o computador de propósito, assim ao longo do dia, em tempos mais mortos, vou fazendo o que ia fazer quando chegasse a casa. Ia ter de estar a perder esse tempo e assim não perco, é uma forma de economizar." Fez-lhe muita diferença no uso do tempo. Usa o Facebook, não coloca muitos posts nem expõe muito a vida, seleciona as raras fotografias que publica. Não descreve o que está a fazer, "não sou daquelas pessoas que está sempre a por a comida que está a comer ao jantar e ao almoço". Vê as coisas dos amigos para estar a par do que se está a passar na vida deles. Foi útil quando tinha amigos que estavam a viver fora de Portugal, para comunicar com eles. Utiliza o chat do Facebook de vez em quando, quando fala com pessoas que estão fora e não têm oportunidade de falar por telemóvel. Já usou muito o Skype, agora nem tanto. Depende de quem está fora, para comunicar. Marta tem carta de condução mas não tem carro. Vai usando o dos pais (uma carrinha de cinco portas Volkswagen) quando eles não precisam, à noite, por exemplo. O resto de tempo usa o autocarro. Houve uma altura em que queria muito ter um carro e insistiu com os pais para lhe darem um. Mas entretanto percebeu que tinha outras prioridades, e que preferia empregar o dinheiro a viajar em vez de o gastar a andar de carro no dia a dia. Assim, não tem automóvel por uma questão de prioridades. Gostaria de ter mas acha que há outras coisas mais necessárias. Como não tem de fazer longos trajetos quotidianamente anda bem de autocarro. Desloca-se sobretudo à faculdade e à Casa da Música, onde trabalha. Prefere andar de metro a autocarro, na cidade. Aborrece-se e fica com uma sensação de dores de cabeça a viajar de comboio, pelo que prefere andar de avião (mais rápido e confortável) para percorrer distâncias maiores. Mas prefere andar de comboio a andar de carro, porque pode escrever, ver filmes...

Em 1997/ 1998 os pais compraram o primeiro computador fixo para a casa. Entretanto o pai comprou um computador portátil, que Marta também usou, e teve o primeiro computador fixo, seu, por volta de 2003. Em 2010 comprou um computador portátil Samsung para si, uma vez que o fixo se avariou e precisava de o substituir. Comprou-o porque sentiu necessidade devido aos estudos na faculdade. No início usava o computador para jogar. Depois a Internet foi instalada e Marta usou muito o hi5 e mais tarde o Facebook. Na escola secundária começou a utilizar a Internet para os trabalhos, e mais ainda na faculdade. Quando estava a fazer o curso superior levava-o para a faculdade muitas vezes.

Quando começou a estagiar levava o computador para o trabalho todos os dias, era muito útil para o trabalho que exercia no estágio ou aproveitar tempos mortos para adiantar trabalho. Quando estava fora de casa também o usava para estudar. Para entretenimento apenas usa o computador em casa, nunca fora. Agora, com o telemóvel, acaba por conjugar as duas coisas.

Marta tem a impressão de que inicialmente o aquecimento da casa funcionava a gás (em casa da avó paterna foi sempre a gás), depois a óleo (de parede), e agora existem os de ventilação, também de parede. Em casa de outras pessoas o comum é haver aquecimento central. Lembra-se de o fogão ser a gás desde que nasceu até 2001, altura em que se mudaram para o apartamento onde agora vivem. O desta casa é elétrico. Sempre houve frigorífico nas casas onde esteve.

Acha que na sua família é notório que a habituação a novas tecnologias que foram surgindo foi mais difícil para as pessoas mais velhas. A avó até utiliza bem o telemóvel, apesar de não mandar

mensagens. Acha que a sua geração tem mais intuição para perceber como se usam determinadas ferramentas. A Internet, por exemplo. Isso é porque lidam com estas tecnologias desde pequenos. Às vezes vê irmãos pequenos de amigos seus com telemóveis melhores que os dela, e a saberem utilizar todas as funcionalidades. Sente que quando uma pessoa está ao computador se isola demasiado. O tempo que a família vê de televisão acaba por ser uma hora de aproximação na sua família. Antes praticamente não via televisão e, depois do jantar, costumava ir para o quarto usar o computador, fazer trabalhos. Agora que vê mais televisão acaba por conviver com os pais, vêm os mesmos programas. Trocam impressões, riem-se... Nunca foi costume ver televisão à hora das refeições, com uma exceção: aos domingos à noite vêm sempre os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa enquanto jantam. "É um dia diferente". Ouve bastante rádio quando está no carro e em casa gosta de ouvir, quando está a cozinhar, a lavar a louça ou a tomar banho. Quando era pequena ouvia programas, agora quase só ouve música para relaxar, vai transitando de estações (RFM, Rádio Comercial...) e pára onde está a passar uma música de que gosta. É raro ouvir algum programa. Como não tem carro nem a rotina de ir à mesma hora para um sítio não sabe a que horas dão os programas nem os ouve.

Em relação às outras pessoas da sua idade acha que tem a mesma relação com os aparelhos tecnológicos, exceto em relação ao telemóvel. Sempre foi mais desligada dos que os colegas e amigos, até agora que comprou um smartphone. Acha que usa menos as tecnologias que outras pessoas da sua idade, porque também nunca viu muita televisão. Acaba por se perder na Internet, no Facebook, fica horas a ver "coisas desnecessárias", acaba por ficar horas sem ter noção da passagem do tempo e de "estar a perder tanto tempo". Agora menos, porque com Internet no telemóvel já não tem a tendência de ligar o computador quando chega a casa. Não se considera uma pessoa materialista e por isso nunca ligou a "esse tipo de coisas".

## CAPÍTULO 7. ENVOLVÊNCIAS E INTERFERÊNCIAS

A cidade do Porto situa-se no norte de Portugal e é a segunda maior do País, com cerca de 238 mil habitantes<sup>72</sup>. Manifestou desde muito cedo na sua história a vocação comercial, propiciada pelo rio Douro e a sua ligação ao Atlântico. O rio tornou-se um eixo viário de grande importância, ligando o cultivo e fabrico de vinho do Porto ao local de escoamento<sup>73</sup>. A colónia inglesa cresceu assente sobretudo neste negócio, e aspetos do seu *habitus*<sup>74</sup> tenderam a ser copiados pelos portugueses que ascendiam na escala social e pretendiam diferenciar-se. É neste contexto que se devem entender algumas das observações e opções de cultura material doméstica dos entrevistados, como o mobiliário e a língua estrangeira prioritária fomentada pelos pais das gerações mais novas. O domínio do inglês sobrepõe-se ao do francês, língua que os estratos superiores da população portuguesa utilizavam com fluência até meados do século XX. Esta era, então, a língua que distinguia as elites.



Imagem 1: Foz do Douro - Avenida de Carreiros (atual Avenida Brasil).

<sup>72</sup> [http://portal.amp.pt/pt/4/municipios/porto/#FOCO\\_4](http://portal.amp.pt/pt/4/municipios/porto/#FOCO_4) (consultado a 22.11.2017).

<sup>73</sup> Sobre o tema ver, entre outros: Pereira, 1991, 2003, 2010; Schneider, 1980.

<sup>74</sup> Cf. Bourdieu 1992 [1984]. Sobre este assunto ver, por exemplo, Holland e Lave, 2001.



A opção por estabelecer residência na Foz enquadra-se no seguir de um dos aspetos dos hábitos ingleses no Porto.

Nesta cidade, reforçam-se as tendências históricas para a diferenciação geográfica dos territórios de habitação. Desde logo, no Porto, a assimetria é marcada por uma diferenciação Oeste / Este, com os valores do imobiliário, na residência como noutros usos, a marcar e acentuar a desigualdade. O lado ocidental foi caracterizado pela fixação da burguesia inglesa associada ao negócio de vinho do Porto e pela proximidade do mar que valoriza significativamente esta fachada poente, contribuindo para o prestígio que ostenta. Pelo contrário, o lado oriental foi a cidade de chegada e de partida, onde se fixaram os que retornavam da emigração para o Brasil e onde se construiu a principal estação de caminho-de-ferro da cidade, próximo da qual se instalou boa parte do contingente de nortenhos associáveis ao êxodo rural (Fernandes *et al.*, 2007).

Até ao início do século XX as famílias das elites do Porto estabeleciam-se em zonas da cidade periféricas, mas resguardadas dos rigores da costa, como o Campo Alegre e a Boavista. Em alternativa, também na avenida principal de Vila Nova de Gaia (atual Avenida da República), que acede diretamente ao Porto através do tabuleiro superior da ponte Luís I (inaugurada em 1886). Foi nestes locais que os meus interlocutores mais idosos viveram as suas infâncias. A Foz emergiu enquanto local de diferenciação social para os portuenses a partir das décadas de 1930/ 1940, coincidindo com a disponibilização de confortos como o aquecimento, a água canalizada e os quartos de banho em casas que até então não os tinham por serem ocupadas apenas no verão. Alberto Pimentel (1849-1925), escritor portuense, escreveu em 1893 sobre a primeira família da burguesia portuense a mudar residência permanente para a Foz:

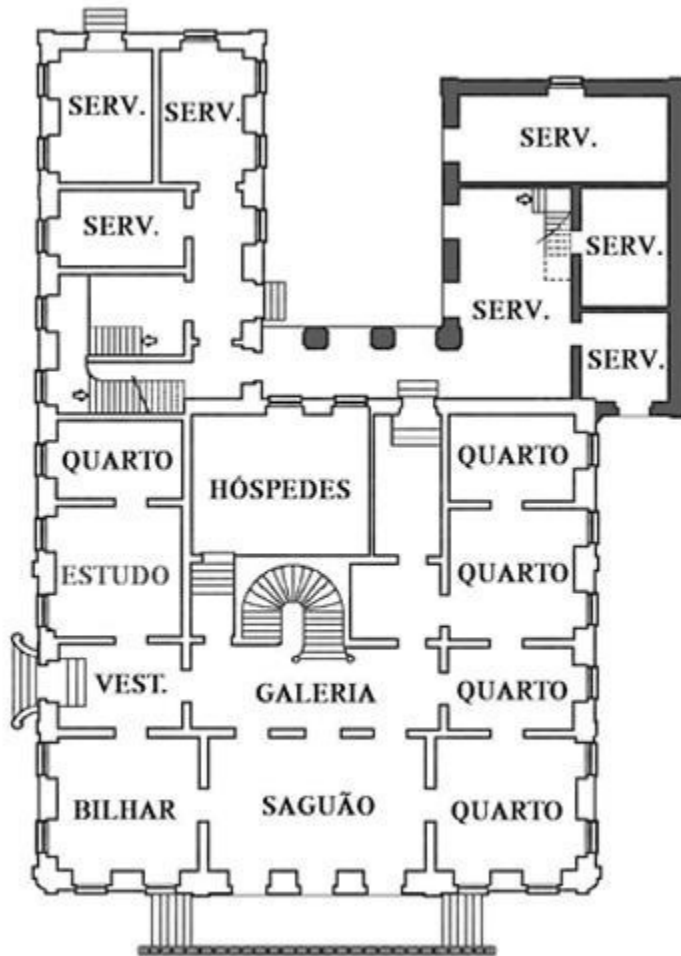
Viver ali todo o ano parecia horrível, coisa superior à maior energia de ânimo, e ao maior esforço de coragem. [...] Durante as tempestuosas noites de Dezembro, quando [cá] na cidade se ouvia o rumor longínquo do oceano, quem se lembrava de que os senhores Pestanas [família de Manuel Pestana] viviam na Foz, a dois passos das ondas bravas e clamorosas, receava pela sorte daquela distinta família (Basto, 1955: 161).

O preço dos imóveis foi crescendo ao longo do século XX e XXI até se tornar comportável apenas para os abastados, pelo que o local se associa, até ao presente, a classes sociais e/ ou posses económicas elevadas.

Surge então uma nova forma de habitar, virada para o exterior. As casas geminadas e construídas em altura, por norma apenas com duas frentes, que povoam o núcleo central do Porto, dão lugar a casas amplas, com janelas grandes para entrar a luz e o ar, e situadas o mais próximo do mar que é possível. É um novo conceito de conforto e higiene, que expressa com mais clareza a situação social dos proprietários/ habitantes. Nestas casas os espaços ganham uma definição que regula com rigidez a sua utilização e quem os frequenta. As áreas públicas, as privadas e as de serviço estão sempre

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

presentes nestas habitações, apesar dos seus limites terem ganho fluidez no decorrer dos séculos XX e XXI.



*Imagem 2: Reconstituição digital da planta do piso 1 do palacete do 2º barão de Piracicaba, São Paulo. A estrutura deste palacete, construído entre 1875 e 1877 por Rafael Tobias de Barros no centro da cidade, corresponde a modelos que na época se edificaram tanto em Portugal como no Brasil pela burguesia endinheirada. De salientar a área destinada às acomodações dos serviços neste primeiro piso, com ligação direta à zona destinada às crianças no piso superior, exatamente por cima.*



Imagem 3: Reconstituição digital da planta do piso 2 do palacete do 2º barão de Piracicaba, São Paulo. 1875-1877.



Imagem 4: Reconstituição digital a partir de fontes iconográficas da fachada do palacete do 2º barão de Piracicaba, São Paulo. 1875-1877. Pode constatar-se a grande semelhança formal com os edifícios congêneres construídos pela burguesia portuense.

Ao longo destes séculos as famílias dos entrevistados sofreram uma trajetória financeira descendente – devida a mudanças sociais e políticas – que se refletiu na menor disponibilidade de meios económicos. Houve como consequência uma adaptação dos hábitos: de uma regulação rígida passou-se a uma prática adaptada às necessidades quotidianas de um novo sistema de vida. As alterações na estrutura dos orçamentos familiares provocaram uma redução e, mais tarde inexistência, de criadas internas. As famílias adotaram o sistema da mulher-a-dias (empregada), que apenas é paga para desempenhar as tarefas que os habitantes da casa não podem e/ ou não desejam fazer: passar a ferro, limpar e cozinhar. Os espaços antes regulados tornam-se agora

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

multifuncionais, pois são mais reduzidos e não têm uma ocupação contínua pelas mesmas pessoas como acontecia com as áreas que no início do século XX se destinavam, por exemplo, às criadas e crianças da família. Há mesmo uma convivência estreita entre mulheres-a-dias e os proprietários (sobretudo a proprietária) da casa, o que era dificilmente concebível antes do declínio económico destas famílias. Em suma,

[...] the characteristic sign of living in the bourgeois style was to maintain a dignified residence and a full array of hired labor – whose wages were minuscule and rarely showed any increase. A bourgeois woman simply did no laundry, scrubbing, food provisioning, or other menial labor. It was also crucial that household operations at least pretend to be conducted with the same rationality as business enterprise, according to accounting rules that were codified in household ledgers (Grazia, 1996b: 153).

Victoria de Grazia sintetizou assim o estilo de vida<sup>75</sup> burguês por oposição ao das classes trabalhadoras, que privilegiam a aquisição de alimentos, de vestuário e de atividades sociais fora de casa quando os meios económicos o permitem.

A partir da década de 1950 fez-se sentir na vivência quotidiana portuense o avanço da indústria. Com ela, os mecanismos de disciplina do trabalho já não assentavam apenas na experiência da casa, mas incluíram padrões corporais associados à vida moderna, como os fabris e de serviços ao público. As mulheres começaram a ter mais acesso à instrução e a um mercado de trabalho formal, enquanto que o trabalho doméstico conhece alguma mecanização devido à estabilidade no fornecimento de eletricidade, gás e água. A crise de mão-de-obra doméstica fez-se sentir progressivamente, como aliás em todo o ambiente internacional (ver Carvalho, 2008). A inflexão de género, contudo, dá-se no círculo laboral, o que se reflete nos testemunhos de Matilde e António Zagalo sobre as mudanças nos seus contextos doméstico e fabril. Esta transição da mão de obra que se empregava nos espaços domésticos para as fábricas e outros serviços teve um conjunto de impactos importantes nas vivências das famílias entrevistadas.



*Imagem 5: Foz do Douro, Passeio Alegre. Século XXI.*

---

<sup>75</sup> Cf. Halbwachs: 1912; 1933.

## CAPÍTULO 8. RECONFIGURAÇÕES DA ARENA DOMÉSTICA: TECNOLOGIA E PODER

A memória transmitida pelas narrativas remonta ao final do século XIX, a mais antiga referente à avó de Joana Teles. A distância temporal reflete-se na inexatidão dos dados biográficos que foram passando através de gerações, ao ampliar a diferença de idade entre a avó de Joana e o seu primeiro marido. A referência à boneca que terá levado consigo quando se casou, e a ideia de que o casamento ocorreu quando ela tinha 13 anos (tinha 15) e o marido 47 (tinha 27<sup>76</sup>) são aspetos de singularidade que contribuem para que a memória de determinados eventos se perpetue (independentemente do grau de veracidade. Considero que neste contexto que o conceito de verdade da informação não é especialmente relevante, mas sim o que significa na narrativa de Joana Teles: "The reality of the stories is thus seen to lie in the way they are told and experienced by their tellers, and not in their reflection of some external world of meanings imposed from outside. In one sense the concepts of 'truth' and 'falsity' become irrelevant." (Finnegan, 1997: 94).

A mãe de Lourença Teles teve também uma biografia marcada pelas relações assimétricas de poder com os irmãos e o marido. Apesar de lhe ter sido permitido tirar a carta de condução e dirigir um automóvel, assim que se casou o marido proibiu-lhe tal coisa. Existia um *chauffeur* e um automóvel na casa, sobretudo ao serviço (profissional) do marido. Esta narrativa corresponde a uma fase da apropriação de tecnologia em que o objeto e os significados sociais e simbólicos associados tinham grande importância no contexto em questão. O automóvel significava liberdade, como aliás a publicidade da época induz. No caso das mulheres, a possibilidade de conduzir conferia ainda mais peso a esta noção. Nota Ruth Cowan, nos Estados Unidos da América: "For reasons that may be clear only to anthropologists and psychologists, automobile driving was not stereotypically limited to men." (1983: 83).

---

<sup>76</sup> Informações biográficas confirmadas em fontes históricas, não mencionadas para respeitar o anonimato dos interlocutores.



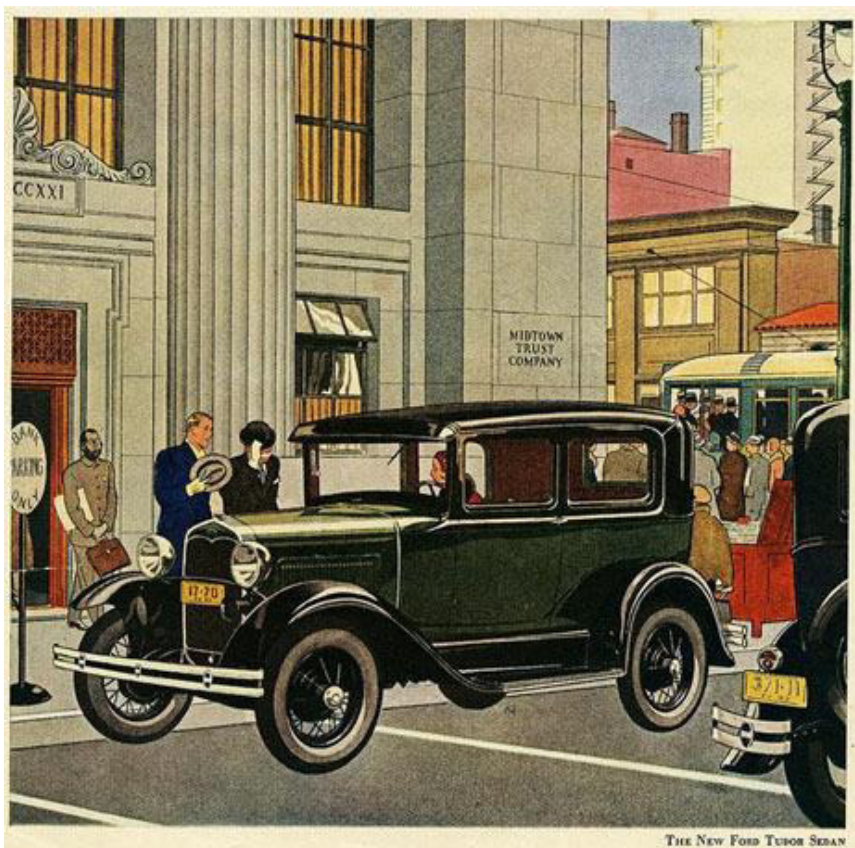


Imagem 1: *The new Ford Tudor Sedan (1931).*

Prossegue colocando a hipótese de este facto se dever à publicidade automóvel, que se dirigia também às mulheres, sobretudo a um novo ideal de mulher desenvolvida, educada, saudável e livre de estereótipos (1983: 83).

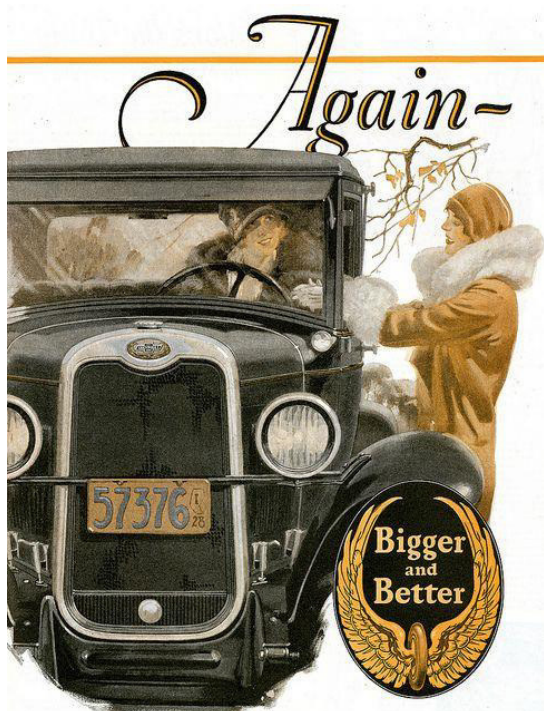


Imagem 2: *Anúncio Chevrolet (1928).*

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

Aqui poderá colocar-se a hipótese da mãe de Lourença Teles ter recebido influências culturais e sociais não só americanas devido ao negócio dos irmãos em Nova Iorque, como dos locais que a alta sociedade endinheirada frequentava à época – é exemplo a estância balnear francesa de Biarritz.



Imagem 3: Bugatti Atalante Type 57C (1939).

As práticas públicas de lazer das mulheres das elites burguesas são abordadas por Maureen Montgomery (1998) no contexto de Nova Iorque no final do século XIX. As suas observações sobre a função de demonstrar poder e riqueza e o pressuposto de as mulheres terem disponibilidade para estas atividades por não estarem vinculadas a um trabalho diário obrigatório aplicam-se aos testemunhos de algumas entrevistadas. O lazer e a filantropia eram exibidos como um distintivo de classe (Carvalho, 2008: 220), e a mãe de Lourença viveu num contexto decorrente da ideologia da domesticidade estabelecida no decurso do século XIX. Pormenores nos relatos dos interlocutores permitem adivinhar uma condenação dos estratos elevados na sociedade portuense de aspetos de urbanidade que eram já vulgares em outros países. Uma destas práticas era a condução de automóvel por uma mulher (casada). Como refere Needell (1993), em 1911, a mulher do Rio de



Janeiro já conduzia automóvel, facto que é apresentado favoravelmente como indicador evolutivo da mundanidade feminina. As estratégias matrimoniais tinham peso na reprodução social do estatuto; o controlo dos movimentos femininos era importante para esse efeito. Teixeira Bastos (1857-1901) definiu o homem como agente económico e sujeito político, dizendo que “À mulher pertence o governo da casa, a presidência do lar – a vida afectiva por excelência; ao homem, a luta exterior, a direcção dos negócios – enfim, a vida activa” (em Vaquinhas e Guimarães, 2011: 196-197).

«Dar à mulher o seu verdadeiro lugar de esposa e de senhora com a missão superior de prender o homem à vida de família pelo desenvolvimento do conforto e dos encantos do lar». Esse propósito vai-se perpetuando, com renovados argumentos, configurando um modelo social, de teor conservador, centrado na figura masculina, qualificado por Pierre Bourdieu de «violência simbólica, branda e muitas vezes invisível»<sup>77</sup>, mas que, ao ser adoptado, é reproduzido pelas próprias mulheres (Vaquinhas e Guimarães, 2011: 207).

A mãe de Lourença passou, por isso, de uma situação de mulher solteira, protegida física e moralmente pelos irmãos, a casada, salvaguardada nos mesmos aspetos pelo marido. A narrativa (transmitida por via feminina) acentua a noção de falta de liberdade, de imposição de limites físicos e psicológicos à mãe de Lourença, mas também informa que o controlo económico relatado, por exemplo, era comum na época e na classe social em questão. Resquícios ainda, talvez, do que aconselhava D. Francisco Manuel de Melo no século XVII, na "Carta de guia de casados":

Dissera eu, que á mulher se entregasse hũa tal porção de dinheiro, que pouco excedesse o gasto quotidiano. Não por exercitar com ella algũa avareza; porem porque tenho por sem duvida não convem às mulheres demasiado cabedal. Costumaõ gastar sem ordem [CG61v] aquellas que sem ordem recebem. Digalhe o marido, que elle se offerece para seu escritorio, que acuda a elle quando lhe falte o dinheiro, como pudèra a hũa gaveta de seus contadores; e façalho assí certo. Leve a pella vaidade de grande governo; mostre espantarse do muito a que chega sua industria. Não se vé o bom alfaiate donde há muito pano, nem o bom cocheiro nas ruas largas. Eu fico que se a mulher he gloriosa, para o seguinte mez gaste [CG62r] hum terço menos (Melo, 1651).

Contudo, 300 anos depois, a revista *Crónica Feminina* mantém o discurso. Indica, numa rúbrica intitulada "Independência feminina":

Comprar vestidos, sapatos, etc., embora com o seu próprio dinheiro, contra a vontade do marido, é absolutamente interdito a uma mulher que preza a sua condição de esposa. Deve-se ouvir a opinião da pessoa a quem se pretende agradar, no que diz respeito ao aspecto pessoal ((29),14, 28-11-1957).

---

<sup>77</sup> Ver Bourdieu, Pierre (1999), *A violência masculina*, Oeiras, Celta Editora.

Os relatos, feitos de forma cronológica, mostram que a flexibilidade também existia quando pretendido. Exemplo é a função de *chauffeur* que Lourença Teles exerceu para o seu pai, assim como a autorização que este lhe deu para votar aos 18 anos, na altura em que pretendia candidatar-se a um cargo político na câmara municipal. Este tipo de autorização era de tal forma incomum que motivou um telefonema para a sua casa pedindo a confirmação da veracidade do facto.

A dimensão simbólica da inserção da tecnologia no lar manifesta-se no relato do jantar de inauguração da nova cozinha, que funcionava a gás, na casa dos pais de Lourença Teles. A novidade justificou formalizar um jantar; mas a novidade também o inviabilizou, uma vez que a cozinheira não estava preparada para lidar com este novo combustível. A falta de preparação das empregadas para lidar com as novidades tecnológicas que foram sendo inseridas no lar era um problema debatido em várias publicações da época dirigidas às donas de casa.

Vânia Carvalho (2008: 255) e João Luiz Máximo da Silva (2008: 164) referem, em relação a São Paulo, também uma dificuldade de adaptação das criadas aos fogões a gás. Por outro lado, as criadas resistiram às inovações porque as suas formas de fazer se tornaram inúteis e teriam de aprender novas, mais adequadas ao manuseamento dos aparelhos recentes a gás e eletricidade. Há um “[...] desconforto inerente às mudanças dos padrões culturais de trabalho.” (Carvalho, 2008: 256) As narrativas recolhidas para este trabalho mostram dois fatores de resistência à adoção de inovações tecnológicas no lar: por um lado, a recusa das empregadas em manejar, e mesmo conviver, com os objetos. Por outro, a ausência de necessidade de aparelhos que poupassem trabalho por parte das famílias, que empregavam pessoas para executar os trabalhos domésticos. As empregadas resistiram por várias razões: 1) porque não tinham formação adequada para lidar com os objetos; 2) porque acreditavam que o resultado das tarefas era efetivamente melhor se estas fossem feitas da forma manual a que estavam habituadas; 3) porque os novos equipamentos exigiam grande perda de tempo para entender como funcionavam, e pareciam complicar formas de execução aperfeiçoadas e incorporadas (pode mesmo dizer-se automatizadas) ao longo de vários anos de experiência. Matilde Zagalo conta, por outro lado, como uma das empregadas da sua mãe elogiou os eletrodomésticos que lhe permitiam tomar conta de uma casa grande, com muitos habitantes, sozinha. Publicações que se debruçavam sobre o tema das ajudantes domésticas da época abordavam o problema do excesso de trabalho com que as criadas tinham muitas vezes de lidar:

Compreende-se que uma criada só não pode aguentar o trabalho de uma casa com cinco, seis e mais pessoas, se não for muito bem constituída. [...] Poderá uma criada só fazer o pequeno-almoço, preparar as crianças, ir às compras, arrumar os quartos, e a casa, fazer limpezas, almoço, lavar, engomar, aturar as crianças, fazer jantar, etc., etc.? Só uma rapariga com forças excepcionais (*Voz das Criadas*, 298, setembro de 1958: 1, em Brasão, 2012: 227).

Os eletrodomésticos vieram facilitar o trabalho destas profissionais, sobrecarregadas quando ao serviço de casas de classe média que não dispunham de meios para contratar mais do que uma criada para todo o serviço (Brasão, 2012: 226). Aparelhos caros quando ainda eram novidade, os eletrodomésticos representavam um investimento considerável, mesmo para famílias

economicamente desafogadas. Por isso, enquanto eram as empregadas a manipulá-los, as aquisições eram reticentes. A já mencionada inexistência de formação das empregadas neste assunto tornava mais ou menos inevitável alguma degradação dos aparelhos. O domínio da técnica enquanto fator de empoderamento e de agência transpareceu nas narrativas relacionadas com os eletrodomésticos contribuindo, também, para construir a diferenciação criada/ empregada - patroa. A resistência das empregadas à incorporação de eletrodomésticos novos deve-se na sua maior parte ao domínio da técnica no exercício da sua profissão. O saber fazer adquirido ao longo da sua vida laboral, e que lhes foi transmitido por via geracional e/ ou profissional, tornou-se subitamente obsoleto. Teriam de aprender métodos diferentes de executar as mesmas tarefas, utilizando ferramentas novas e complexas. Esta situação refletiu-se nas narrativas em âmbitos que não estão diretamente relacionados com os eletrodomésticos. Um dos casos é o do domínio da técnica de cozinhar, que no meio social em questão conferiu um poder às profissionais (cozinheiras) que lhes permitiu utilizarem o conhecimento (receitas) como gestor de relações (no caso, com a família empregadora). Este poder é acentuado pela transmissão e aprendizagem de técnicas que envolvem práticas de incorporação, socialização, memória de hábitos, tradição e sentidos (Sutton, 2001: 15). O episódio da passagem da receita de batatas da cozinheira à patroa ilustra esta gestão de poder. Também evidencia que os atos de cozinhar e consumir quotidianos e de festa estão relacionados, pertencendo ao mesmo sistema de significado (Sutton, 2001: 20). Num outro episódio, relativo à fricção familiar criada pela diferença da qualidade da comida confeccionada de acordo com as pessoas convidadas, manifesta-se a clareza com que os intervenientes constroem e sentem estes sistemas de significados. Deve-se salientar que no conjunto de empregadas que as famílias entrevistadas possuíram, a cozinheira era a profissional mais especializada, a quem se conferia grande responsabilidade e esperava-se que fosse perita.

São diversas as obras que apresentam o domínio do processo de alimentação enquanto fonte de poder feminino em diversos contextos culturais (p. e. Williams, 1984; Dubisch, 1986; Beoku-Betts, 1995; Counihan, 1999; Sutton, 2001). Contudo, existem presença e poder de decisão masculinos na cozinha atual, como foi narrado por Luísa Zagalo. Esta agencialidade masculina é também mencionada por Sutton (2001) no seu trabalho sobre alimentação e memória numa aldeia grega. A expressão do desejo masculino sobre a preferência pela forma de confeção dos alimentos, os horários de consumo das refeições, a forma como estas devem decorrer, pertencem ao âmbito do quotidiano. A situação esporádica, ritual, da confeção de alheiras, acentua a agência masculina, visto ser quem adquire a máquina e dita as regras da sua utilização. Esta é uma situação diferente da que se menciona em outros lugares deste trabalho: a da cozinheira profissional que existia nas casas das primeiras gerações de entrevistados, que não admitia interferência em todo o processo de que estava incumbida e que utilizava os seus conhecimentos especializados como moeda de troca por serem muito valorizados. Luísa Zagalo atribui a motivação do pai no âmbito da dotação tecnológica da cozinha a um certo sentimento de culpa por não colaborar nas demais tarefas manuais. Mas a sua participação entusiasta na confeção das alheiras parece denotar uma vontade de participar num ritual, em que se estabelecem laços sociais e memória familiar.

O processo de legitimação das mulheres em mercados de trabalho que não o doméstico ao longo do século XX não foi isento de conflito. Desde logo se associou à descida de salários, a uma menor exigência profissional e a concorrência desleal. No jornal “O Corticeiro” de 1910 escreveu-se: “Duas iniciais de duas palavras que mais [...] contribuem para a crise de trabalho que a classe corticeira vem atravessando, M e M: máquinas e mulheres” (em Vaquinhas e Guimarães, 2011: 198).

A partir da Primeira Guerra Mundial, as dificuldades económicas reduzem o número de criados, tornando mais comum a «criada para todo o serviço», ao mesmo tempo que a actividade servil se feminiza, tanto pelo carácter «mais acomodático» do sexo feminino, como pelos salários inferiores aos masculinos. A partir dos finais dos anos 1920, o serviço doméstico expande-se socialmente pela pequena burguesia urbana, ansiosa por sinais exteriores de riqueza. A entrada de mulheres no mercado de trabalho [...], faz disparar a procura de criadas de servir na população activa portuguesa (7,5% em 1930; 6,8% e 6,7% em 1940 e 1950), cuja actividade assume definitivamente, no Estado Novo, o estatuto de profissão feminina (Vaquinhas e Guimarães, 2011: 198).

Foi apenas com a subida do PIB (1960-1973) que a migração da mão de obra doméstica para as fábricas se intensificou e a procura de eletrodomésticos se começa a relacionar com uma mudança na negociação de poderes. Por um lado, o trabalho de criada estava a ser cada vez menos apetecido pelas profissionais que até então o desempenhavam em detrimento do emprego fabril e em serviços, que apresentava garantias laborais mais vantajosas e um contacto menos pessoal (logo menos sujeito a conflitos) com os empregadores. As relações evoluíram de uma regulamentação do foro privado e do costume para o público e do trabalho (Brasão, 2012: 232). Por outro, as famílias começaram a apreciar uma vivência do espaço diferente, mais íntima, que já não tinha de ser partilhada com pessoas exteriores ao agregado e drasticamente “diferentes”, mas apenas com objetos tecnológicos inertes.

Já em meados do século XX aparecem publicações sobre a domesticidade que censuram o recurso excessivo a criadas:

Nos países civilizados, onde não faltam recursos para a mulher executar facilmente os serviços de limpeza caseiros, a criada quase que desapareceu... Há elementos auxiliares para serviços de limpeza, mas que nunca aparecem para servir à mesa, com a travessa na mão, de lugar para lugar. [...] A criada é assim, em muitos lares, devido à nossa falta de civilização e à nossa errada educação, um elemento que vive, dia e noite, connosco, e que durante as refeições nos serve à mesa. Essa prática tira-nos, por vezes, o encanto de uma doce intimidade com o marido e filhos durante as refeições, intimidade perturbada por esse espectador que está sempre cheio de curiosidades sobre o que fazem e o que dizem os patrões... (“Como servir à mesa”, *Modas e Bordados*, em Brasão, 2012: 215)

A inovação que Margarida Almeida e a irmã trouxeram da Alemanha para a casa dos seus pais no final da década de 1930 enquadra-se neste espírito de redução de serviços domésticos para preservação da intimidade familiar e de identificação com hábitos culturais considerados evoluídos. Em 1946, organismos como a Liga Católica Feminina aconselham às famílias portuguesas a redução do pessoal doméstico, numa simplificação da vida quotidiana contrária a uma ostentação de riqueza assimilada às antigas casas da aristocracia que pressupunha ter um elevado número de criados ao serviço (Brasão, 2012: 230). O princípio de sobriedade e simplicidade da vida doméstica subjacente a este conselho parece ter sido largamente aceite pela sociedade portuguesa, pelas memórias que Matilde e António Zagalo narraram sobre o período pós-Segunda Guerra Mundial. Obras sobre a domesticidade publicadas na década de 1950, como a de Berthe Bernace (1956), indicam já que só casas com grande poder económico e hotéis dispunham de muitos serviços, devido a um aumento do custo de vida, de impostos e à construção de casas de estrutura mais simples (Brasão, 2012: 221-222). Além destas razões, também as conotações sociais e políticas das famílias de alguns dos meus entrevistados com o regime deposto em 1974 contribuíram para dificultar-lhes o acesso à mão-de-obra para serviço doméstico nos termos prevalecentes até ao 25 de abril, dando-se em paralelo nestas camadas sociais uma descida no nível dos recursos económicos disponíveis nos respetivos agregados familiares. Este foi o caso dos pais de Joana Teles, optando a sua mãe, Lourença, por comprar um *rechaud* (aparelho para aquecer comida) para dispensar a empregada horas antes de ser servido o jantar.



Imagem 4: Criadas de servir e cozinheira.

O *status* social dos meus entrevistados implicou partilha do espaço doméstico com as criadas de servir durante gerações. Elas poderiam residir na casa (situação mais comum no século XIX e início do XX) ou ser externas, o que começou a ser usual a partir de 1975. Hoje em dia nenhum deles tem já criadas internas, e esta não é uma situação lamentada, porque muitos dos seus testemunhos sublinham dificuldades que advieram da partilha do espaço doméstico. Recorde-se, a este propósito, o que Z. Bauman identifica como objetivo principal do civismo: interagir com estranhos sem reagir agressivamente às diferenças ou tornar obrigatória a cedência das idiosincrasias por parte do "outro" (Bauman, 2006 [2000]: 104). Diz, a propósito do uso dos espaços públicos:

If physical proximity – sharing a space – cannot be completely avoided, it can be perhaps stripped of the challenge of “togetherness” it contains, with its standing invitation to meaningful encounter, dialogue and interaction. If meeting strangers cannot be averted, one can at least try to avoid the dealings. Let strangers, like children of the Victorian era, be seen but not heard or if hearing them cannot be escaped, then, at least, not listened to. The point is to make whatever they may say irrelevant and of no consequence to what can be done, is to be done, and is desired to be done (Bauman, 2006 [2000]: 105).

Recontextualizando estas perspetivas no âmbito dos testemunhos que recolhi, verifica-se esta vontade de tornar o “outro”, com quem se é obrigado a partilhar o espaço de vivência, invisível e obediente. Esta forma de atuar é mais evidente nas narrativas relativas às criadas de servir. A partilha do espaço doméstico com as criadas não parece ter sido um problema nas primeiras décadas do século XX, aparecendo integradas com naturalidade nas atividades e memórias quotidianas dos interlocutores. Este dado encontra ecos em registos escritos da época. A dona de casa do final do século XIX e início do XX beneficiava

(...) de um prestígio idêntico ao que usufruía a fidalguia, a qual, na sociedade do Antigo Regime, se abstinha do trabalho manual, reservado aos não nobres. Também à dona de casa das classes dominantes não competia trabalhar manualmente, situação, aliás, completamente impensável, ou, como escrevia Julie de Fertault, numa obra várias vezes reeditada no nosso país no século XIX, «Passar sem criadas? Seria impossível! Que seria então de nós, que havíamos de fazer? Obrigadas a fazer o serviço mais pesado, mais vulgar e desagradável de uma casa... Deus me livre de semelhante coisa!» (Vaquinhas e Guimarães, 2011: 201).

Contudo, a partilha espacial estava sujeita a regras que podiam corresponder ou não a conceções de classe. A perspetiva sobre a importância atribuída à geografia do espaço interior no automóvel aparece na memória de Matilde, numa caricatura da forma como as regras sociais eram vistas por crianças e adultos. A separação física do *chauffeur* e das criadas do conjunto da família que os empregava enquanto ocupantes do automóvel foi uma continuidade da que se produzia no espaço doméstico. Memórias de serviçais recolhidas por Inês Brasão (2012: 213) confluem com a de Matilde. Nelas, sublinha-se uma organização hierárquica dos corpos também no espaço automobilizado, que designava o lugar da criada ao lado do *chauffeur*.

Mas na narrativa de Matilde as crianças, às quais era por norma atribuído o mesmo espaço de vivência que às criadas, percebiam as opções de ocupação de forma diferente: o que ditava a localização mais prestigiosa eram as condições objetivas de melhor vista, assento mais espaçoso e a continuidade de uma distanciação física das crianças. Matilde sentiu, no espaço familiar, a sensação de intrusão das criadas que se tornou particularmente preocupante com a revolução de 1974. A partilha do espaço doméstico com as criadas nesse período de fricções sociais e pessoais tornou-se parte de um jogo de poder em que os patrões se sentiam em desvantagem, após gerações de um *habitus* (cf. Bourdieu, 1992 [1984]) implantado e reproduzido. A alteração deste *habitus* provocou insegurança e medo, sentimentos que Matilde e o marido António frisam terem sido explorados pelas criadas/ empregadas/ mulheres-a-dias já desde um período anterior ao da subida do PIB (1960-1973). Coincide com o fenómeno que verificou Inês Brasão, enquadrado num contexto europeu que se estendeu de 1940 a 1970 e foi qualificado na historiografia como “revolução doméstica” ou *the servant question* (Brasão, 2012: 48).

Em Portugal, a década de 1950 corresponde a um período que acelera a condenação pública das serviçais domésticas, a cobro de se tratar de uma classe



profissional cada vez mais desobediente. Essa condenação atinge o ponto culminante dez anos mais tarde, e a progressiva diminuição do serviço doméstico «de portas adentro» deixa marcas (Brasão, 2012: 48).

Nesta narrativa, Matilde Zagalo utilizou uma apreciação categorizadora da limpeza das empregadas de então como distanciador/ categorizador social. O cheiro e outras percepções sensoriais fazem parte do processo de alterização (Low, 2005: 405) e a diferença de práticas de limpeza revela desigualdades entre grupos (Silva, 2010: 117), como manifestam as narrativas de Matilde e da sua filha Luísa. Através de apreciações diretamente relacionadas com conceitos de limpeza, através da observação e do olfato, as entrevistadas vincam a sua distância social em relação às empregadas. Operando em categorias polémicas, a construção do outro e da sua classe é também feita através dos sentidos (Low, 2005: 405). Este processo é importante porque acentua as bases sobre as quais os conceitos de identidade assentam. O conceito de capital cultural segundo Bourdieu estipula uma coincidência entre posição social, consumo e práticas (Silva, 2010: 117). No caso mencionado, os conceitos de limpeza são considerados um elemento de classe distintivo e que ajuda à criação do outro, numa construção social da higiene. No contexto das narrativas aqui trabalhadas, o sistema sanitário habitual não era o descrito por Ruth Cowan para os Estados Unidos da América: “By the end of the 1920's, in urban areas hot and cold running water had become the norm for middle-class American housing, and the architectural form of the modern bathroom had solidified.” (Cowan, 1983: 87), e a limpeza das habitações estava a cargo de criadas, cujo número variava em função do poder económico dos empregadores. Recorde-se que, em 1954, a casa da Foz para onde se mudou Lourença Teles quando casou não tinha água canalizada, e que a anterior ocupante, tia do marido, tomava banho de água fria numa banheira. O Porto do século XIX mostrou preocupação com a sanidade pública e privada, oferecendo soluções atualizadas para quem não tinha possibilidade de tomar banho em casa:

Há uns poucos de nomes gloriosos a quem o Porto deve o seu progresso material. O primeiro na ordem dos factos e na cronologia é o senhor João Coelho de Almeida, criador da barcaça de banhos. O segundo é o senhor Lucas dos Santos, homem videiro que criou os banhos de tina (em 7/3/1854 na Rua de Santo António). A limpeza é a primeira condição de uma terra culta. As estatísticas de ambos os estabelecimentos provam que se lava muita gente. São beneméritos da Pátria todos os que fomentam a limpeza, perfeitas inteligências de sabonete (Camilo Castelo Branco em *O Nacional* de 10.8.1857<sup>78</sup>).

[Esta barcaça, situada no rio Douro] Tem camarotes de um lado e de outro, sendo destinados uns a homens e outros a mulheres. Dentro havia retretes e lojas de bebidas. Cada camarote fecha sobre si, comportando 2 ou 3 pessoas que podem tomar banho sentadas ou a pé, sem receio de serem vistas de fora” – Os preços eram de 50, 60 e 80 reis cada banho. Quem fosse tomar banho tinha passagem gratuita para a barcaça (Basto, 2010 [1932]).

---

<sup>78</sup> *O Tripeiro*, Série V, Ano V, 1949.

Ao longo do século XX, e à medida que se processava a incorporação dos quartos de banho nas casas, o recurso adotado era muitas vezes a deslocação a balneários públicos como o da Rua do Viriato. Este processo deu-se de forma descendente na estratificação social, o que foi conotando estes balneários públicos com as classes mais desfavorecidas no avançar do século XX e no XXI. Contudo, o relato de Lourença Teles sobre a configuração da casa construída pelos sogros em frente à sua (não foi adiantada data na entrevista, pelo que apenas se pode deduzir que terá sido a partir de 1954) parece indicar que a introdução desta divisão na estrutura da casa foi faseada, passando os quartos de banho duma localização externa para uma interna.

Cowan defende que a canalização doméstica e fácil acesso a água quente e fria mudou a obrigação que a divisão de trabalho por sexos atribuía à mulher de “conseguir” água para cozinhar, tomar banho e lavar a roupa, para a de produzir espaços imaculados. As conceções de limpeza novas (ou até então privilégio de elites) difundiram-se com a água, sendo adotados por quase todas as classes sociais (Cowan, 1983: 88-89). A preocupação higienista do lar que foi aumentando de tom ao longo do século XX está ligada a uma ocupação progressiva das tarefas domésticas pelas donas de casa, num contexto de invenção de eletrodomésticos que se tornavam apelativos. Estas chamam a si as tarefas mais delicadas e o manuseamento inicial dos eletrodomésticos, como foi o caso da mãe de Matilde Zagalo. A aquisição de uma máquina de lavar roupa automática através do penhor das pratas, património familiar, ganhou a força da utilidade no seio de uma família com muitos membros e que habitava casas grandes. A necessidade criada pelo objeto foi evidenciada com o seu transporte para África, quando a mãe de Matilde se deslocou para lá. Apenas ela manipulava o objeto (único trabalho manual que realizava na casa), e a importância que a máquina adquiriu na gestão prática e simbólica do lar foi de tal dimensão que quis mantê-la depois de perder a utilidade. Na decisão de conservar a máquina também terá tido peso o facto de na altura da aquisição ser um objeto ainda incomum nos espaços domésticos, e por isso marcante. Por outro lado, a melhoria drástica na vida das mulheres causada por este objeto automatizado conferiu-lhe uma aura especial: “[...] that [machine] was the love of my life”, disse Joan Coffey, dona de casa canadiana quando conseguiu comprar uma em 1947 (Parr, 1997: 173). Para entender devidamente esta afirmação e a importância conferida ao objeto pela mãe de Matilde Zagalo é necessário recordar que o dia semanal de lavagem de roupa implicava trabalho árduo de uma mulher, em tempo proporcional ao tamanho do agregado familiar. Que era uma tarefa muito exigente no que se refere ao dispêndio de energia e força muscular e que manuseava água mais ou menos fria durante várias horas, no inverno e no verão. A reserva que as donas de casa continuavam a fazer para si deste trabalho, mesmo possuindo máquinas automáticas, pode ter-se devido a razões como as detetadas por Parr: brio em manter as roupas usadas pela família impecáveis e convicção de que uma máquina automatizada não cumpriria todos os requisitos necessários para o que era considerado “lavar bem”. Parr refere o exemplo de uma jornalista croata que em 1983 lavou pela primeira vez as roupas numa máquina nos EUA e ficou com a sensação de que não tinham ficado bem lavadas porque a água não atingia os 95º C e o tempo de lavagem era um terço daquilo a que estava acostumada (Parr, 1997: 156).

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

Como referiu António Zagalo, a aquisição de um protótipo de uma máquina de lavar roupa belga pelo pai conferia relevo social a António na escola, por ser um objeto raro nos ambientes domésticos portuenses da década de 1950. Mas é a partir desta altura que começam a ganhar projeção os anúncios a eletrodomésticos e artigos associados que louvam as suas potencialidades. Neles é comum a referência a um cuidado com peças delicadas (nomeadamente de roupa) que as empregadas por vezes não tinham, e à poupança, uma vez que as quantidades de sabão empregues, por exemplo, podiam ser controladas pela operadora da máquina (Brasão, 2012: 173).

É uma operação facilíma, que dispensa pessoal, e utilíssima para peças delicadas, que mãos rudes nem sempre tratam com o cuidado necessário. A máquina de lavar Hoover é indispensável ao serviço dos lares modernos. Ela substitui com vantagem o auxílio da mulher a dias e com menor dispêndio de sabão (“A verdadeira lavadeira ideal”, *Modas e Bordados*, 2099, 30 de abril de 1952).

As narrativas dos interlocutores mencionam o recurso a lavadeiras que recolhiam a roupa em casa para lavar e depois a entregavam. Antes da vulgarização das máquinas automáticas a norma no âmbito social em questão era mandar lavar fora as peças maiores e menos delicadas, sendo as restantes lavadas em casa pelas criadas ou empregadas.



Imagem 5: Lavadeiras do Porto. Fotografia de Artur Pastor. 1950/ 1960.

A moralização ligada aos tipos de espaços produzidos pela higienização emerge de forma pontual nas narrativas das entrevistadas. Luísa Teles relata o caso da empregada doméstica de uma amiga, que não limpa o espaço da casa como seria desejável. A ineficiência da empregada é também causada pela sua amiga, que não lhe chama a atenção. Afinal está a pagar a uma empregada para fazer um trabalho que não fica bem feito! Luísa, que tem prática de limpar a sua casa apesar de também ter empregada, ainda sugere a melhor metodologia a seguir pela empregada da amiga para que a limpeza seja eficaz. Contudo, e numa evolução da posição de Cowan, um espaço menos limpo não é aqui associado a uma condição social inferior, mas a uma perda de importância nas prioridades da proprietária da casa. Sobretudo, é ligado ao desperdício de recursos (dinheiro), que se gastam para garantir um resultado que não é conseguido. A limpeza torna-se secundária e há uma libertação através do dinheiro do que Cowan afirma ser um jugo das donas de casa e do género feminino em geral. A libertação é também da empregada, que torna o seu trabalho mais leve e recebe o mesmo retorno financeiro. A invisibilidade do processo de limpeza de uma casa é ambivalente nos relatos dos narradores: enquanto que Joana Teles confere agência e, por isso, visibilidade às empregadas, Luísa Zagalo frisa as diferentes invisibilidades que na sua perspetiva têm as empregadas da amiga e da sogra. Elizabeth Silva realça que a limpeza é um processo complexo que envolve juízos éticos, oportunidades tecnológicas e a construção de ideais de ordem (Silva, 2010: 98).

A invisibilidade das criadas foi acompanhada pela das crianças, como se leu na citação anterior de Z. Bauman sobre a localização cultural das crianças na época vitoriana. Estas partilhavam até aos 13, 14 anos o espaço de invisibilidade com as criadas que as acompanhavam durante o crescimento (que as “criavam”). Em algumas das entrevistas, isso é referido. Salienta-se o distanciamento espacial, que se refletia numa menor convivência com os pais, não significava que os pais sentissem pouco afeto pelos filhos. Consideram que era uma forma de educar natural na altura, e fazem comparações com a mudança drástica que essas práticas sofreram desde a sua infância até ao presente. O falecimento do irmão de Teodora devido ao contágio de tuberculose manifesta proximidade física com as criadas, que habitavam e trabalhavam nos espaços menos nobres das casas. Por norma, estes situavam-se nos pisos térreos ou caves, onde se encontrava também a cozinha e outras dependências. Enquanto as cozinhas e mais espaços de apoio doméstico eram de uso exclusivo de criadas e empregadas, não se dava muita atenção às suas condições de conforto, ventilação, iluminação e mesmo higiene<sup>79</sup>. A tuberculose ameaçou a classe profissional das criadas (entre outras) no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, propiciada por hábitos de vida e de higiene deficientes (Brasão, 2012: 238). A realização do primeiro Congresso Nacional contra a Tuberculose em 1895 e os que se lhe seguiram, resultou do escalar preocupante desta doença e da necessidade de estabelecer métodos de combate eficazes a nível médico, político e social. A consciencialização pública para o problema da tuberculose e da sua dimensão infecciosa tem repercussões no ambiente doméstico. O grupo social das criadas de servir foi dos que se viu mais associado à transmissão desta doença durante a primeira metade do século XX. Surgem então alertas sobre as formas de contágio doméstico, desde o tratamento das roupas ao contato com os alimentos que os patrões ingeriam (Brasão, 2012: 122). Estas preocupações e a sua concretização

---

<sup>79</sup> Sobre este assunto ver, por exemplo, Carvalho (2008).

em campanhas públicas não serão alheias ao acentuar da distância social entre patrões e criadas, numa concetualização de alteridade cada vez mais vincada. Em simultâneo, o mercado começava a oferecer eletrodomésticos que reduziam o contato com as roupas e os alimentos por parte da pessoa que tratava da sua limpeza e confeção. Vai-se sedimentando um novo conceito de higiene, que contribui para a permeabilidade da casa à introdução de eletrodomésticos.

Foi com a redução de pessoal doméstico e a decorrente ocupação progressiva destes espaços pela dona da casa que se começaram a modernizar cozinhas e a prestar atenção a aspetos funcionais, de otimização do trabalho e de higiene.



*Imagem 6: A chamada “cozinha de Frankfurt”, desenhada em 1926 pela arquiteta austríaca Margarete Schütte-Lihotzky para o projeto residencial Römerstadt (Frankfurt). Através da aplicação dos princípios de otimização taylorista do trabalho, estabeleceu um modelo de cozinha que continua a predominar no século XXI. Na fotografia de 1928 a arquiteta, sentada, está acompanhada pelos colegas do Departamento de Construção Municipal de Frankfurt.*

Como referiu Lourença Teles, a parte de baixo da casa que habita, onde se situavam as divisões funcionais e que era frequentada pelas crianças e pelas criadas, foi a última a sofrer obras na remodelação geral que fez com o marido desde que se mudaram para lá. O apartamento de Matilde e António Zagalo também possuía duas dependências ao pé da cozinha destinadas ao uso da criada na altura da construção<sup>80</sup>. Esta configuração espacial terá começado a implantar-se em Portugal a partir da década de 1940 (Brasão, 2012: 174)<sup>81</sup>. A proximidade à família que as criadas tiveram na primeira metade do século XX traduziu-se numa partilha do espaço residencial tanto por razões de ordem prática como de vigilância por parte dos patrões, numa tentativa de controlo do que pudesse advir de nocivo a nível físico e moral da frequência de espaços de alteridade social, não visíveis, nas horas livres das criadas (Brasão, 2012: 138-139). Entretanto, a diluição desta dupla proximidade profissional e espacial motivou novos usos das divisões destinadas às criadas. Na casa de Matilde e

<sup>80</sup> Não utilizadas com estas funções desde que Matilde e António o adquiriram, pois nunca tiveram criada interna.

<sup>81</sup> Sobre a evolução dos espaços domésticos e do habitar em Lisboa a partir de 1755 ver Acciaiuoli, 2015.

António, foram utilizadas como quartos para os filhos e após a saída das filhas de casa, remodeladas para criar uma sala de jantar e um quarto de banho.

O que se pode depreender das narrativas é que as pessoas incluídas na categoria de criadas utilizaram a conjuntura económica e social de Portugal na década de 1960 para se libertarem desta categorização. Neste processo foram fundamentais a industrialização e as condições de apoio social correlativas que se criaram. Tratou-se, portanto, de uma nova projeção de identidade assente numa dependência económica e de poder num organismo abstrato (empresa), em vez de se cimentar em relações de poder estritamente pessoais criadas-patrões como até então. Esta última modalidade apresentava desvantagens que se sintetizavam em relações de assimetria evidente, para o que contribuía a arbitrariedade a que estavam sujeitas. “Para os intervenientes nesta relação, criadas e patrões, o equilíbrio de contrapartidas tornou-se desejado à luz de um cenário de permanente convivência e permanente negociação dos limites da liberdade e da autonomia da trabalhadora em relação à tutela dos patrões” (Brasão, 2012: 247).

As mudanças nas possibilidades e conseqüentes hábitos de consumo que se foram criando no seio desta classe profissional contribuíram para a projeção das novas identidades e afirmação de poder perante o antigo corpo empregador, pois já não precisavam de manter aquele vínculo laboral para auferir salário. Levanta-se então um problema às donas de casa, e sua a menção num debate ocorrido na Assembleia Nacional sobre o tipo de bens alimentares disponíveis nas mercearias mostra que foi assumido de forma geral:

O Orador – Hoje em dia há um problema doméstico, complicado na sua resolução, que é o trabalho das donas de casa pela falta das criadas de servir, que tendem a desaparecer ou são de péssima qualidade. Portanto, a dona de casa ou se transforma em criada de servir da família ou procura ter ao seu alcance meios que lhe facilitem a resolução das necessidades domésticas.

O sr. Mário de Figueiredo – A teoria de V. Ex.<sup>a</sup> acaba no restaurante. Em vez da cozinha cozinhada em casa acaba-se por comprar a cozinha lá fora. É a última expressão do individualismo.

O Orador – Mas o que eu pretendo é evitar que se vá para o restaurante. Como resolver o problema de uma dona de casa com muitos filhos e sem criados?

O sr. Mário de Figueiredo – As condições económicas gerais de ocupação fora de casa de todos é que têm levado à completa desintegração da família. Ou vai ao restaurante cada um dos membros da família por si, ou vai a casa cozinhar o ovo que se recebe da mercearia, em fogões com tempo e temperatura marcados automaticamente, ou come qualquer coisa enlatada, que da mercearia vai também. V. Ex.<sup>a</sup> está convertendo a cozinha familiar num restaurante!

[...]

O Orador – Desaparecendo esse instrumento de trabalho que são as criadas de servir, e V. Ex.<sup>a</sup> não pode impedi-lo, vamos aliviar o trabalho da dona de casa, como trabalhadora, ou vamos torná-la escrava? (Secretaria da Assembleia Nacional, V Legislatura, Sessão nº 126, ano de 1952, 25 de janeiro<sup>82</sup>)

<sup>82</sup> Disponível em <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/03/126/1952-01-24?sft=true#p273>

As grandes exposições mundiais que se iniciaram no século XIX foram cimentando a capacidade de consumo de objetos relacionados com o cotidiano e o ambiente doméstico. Objetos estes cada vez mais tecnológicos, sendo um dos objetivos principais destas exposições o enaltecimento da inovação tecnológica. E o ponto culminante desta apropriação do cotidiano, aperfeiçoado e manejado comercial e politicamente, terá sido a *American National Exhibition* em Moscovo, no ano de 1959. Esta exposição provocou os *Kitchen Debates* (tratados adiante neste trabalho), cujo título representa a importância que o consumo dito feminino adquiriu ao longo do século XX. O confronto entre as ideologias comunista e capitalista tornam evidente quão políticas são as práticas quotidianas. Os debates nacionais, em meados deste século, já não tinham como pano de fundo as obras de arte enaltecidas do estado, mas a melhoria no conforto e eficácia da vida quotidiana proporcionadas pela tecnologia. Continua a ser válida no século XX a premissa que Auslander enunciou para o XIX: há uma interdependência entre política e sociedade que se reflete nas práticas do quotidiano, entre as quais a do consumo. Tentando perceber as lógicas que orientam as opções de compra entende-se a mudança nas formas de representação (Auslander, 1996: 101). Mas as mutações políticas ocorreram a par das do sistema capitalista, que transformaram o papel herdado pelas mulheres (cujas aquisições refletiam as necessidades da classe e da família) e homens (profissional e de chefe de família, encarregue da responsabilidade avassaladora do seu sustento e manutenção de qualidade de vida). A sobreposição das esferas da política, economia e sociedade perpassa de modo constante todas as considerações sobre o consumo (Auslander, 1996: 102).

No século XXI há cozinhas que continuam a ser arenas de confronto de posições decorrentes destas evoluções históricas. É o caso da cozinha de Matilde, espaço que parece ter proeminência especial na sua vida. Pelo menos é assim que as filhas, e amigas das filhas, o percebem. A preferência pelo uso desta divisão causa mesmo conflitos entre Matilde e as filhas, que surgem apenas por todas partilharem o mesmo género: o feminino. Da ocupação permanente da cozinha e das tarefas que nelas se executam estão excluídos o marido e o filho de Matilde. As filhas sentem-se coagidas pelo gosto da mãe em partilhar com elas este espaço, em particular nos períodos de férias passadas em família. A obrigação sentida é também de ajudar a mãe na preparação das refeições para a família, grande quando se junta nas férias e que inclui as famílias de cada uma das filhas de Matilde. A cozinha, que nesta casa sempre foi feminina, teve Matilde como ocupante responsável pela alimentação familiar. Quando as filhas eram mais novas acompanhavam-na neste espaço, o que foi mudando à medida que cresciam e saíam de casa. Matilde vive desde há alguns anos com o marido e o filho, pelo que a cozinha é agora um espaço mais solitário. Esta será uma das razões para desejar partilhá-lo com as filhas nas férias destas, além de poder reviver momentos e sentimentos de partilha do passado. A comunhão aqui não é à volta de uma refeição, mas da preparação da mesma. A comunhão é de género e de uma condição sentida por Matilde ao longo da sua vida mas não partilhada pelas filhas, que optaram por outros paradigmas para as suas vidas. Casadas ou não, nos seus ambientes domésticos decidem o tempo que querem passar na cozinha. Continuam a ser coagidas pelas responsabilidades assumidas (alimentar convenientemente os filhos e marido), mas

---

(consultado em 2.5.2016).



mantêm a liberdade de o fazer da forma que preferirem em cada momento. São donas das suas decisões, não estão limitadas por um acordo mais ou menos subliminar perpetuado – e por isso cristalizado – no tempo. As filhas, que decidiram não conceber o espaço da cozinha como de coação, nem por ele sentem especial apetência, entram em conflito com a mãe que pretende aproveitar o tempo de preparação das refeições para conversação e reforçar os laços familiares. O uso pontual da cozinha para exprimir criatividade gastronómica, por seu lado, já assume outro tipo de atitude (o que se reflete no êxito dos vários e populares programas internacionais de televisão sobre o talento culinário, como o *MasterChef* produzido pela BBC desde 1990<sup>83</sup>).

Luísa tornou-se ponto fulcral de um aproveitamento da cozinha, presente na sua narrativa, que merece análise detalhada: o processo ritual em que se confeccionam alheiras, que ocorre uma vez por ano, na cozinha do seu apartamento. Nesta parte da narrativa convergem vários aspetos da vivência da modernidade; desde formas de lidar com contingências económicas mantendo o que moral e eticamente se considera fundamental para o agregado familiar, à perceção do jogo de equilíbrios conseguidos entre pessoas e máquinas. O relato de Luísa sobre a preparação de alheiras revela dualidade de sentimentos próprios e percebidos sobre um momento singular em que a alteração que a máquina de encher alheiras poderia representar parece estar eminente. O receio é aumentado porque o operador da máquina é masculino, e é o dono da casa, pai de Luísa e marido de Matilde. Há uma noção de assimetria de poder assente no género e no papel desempenhado no espaço doméstico. É o homem que adquire a máquina (por pressão da tia de Luísa, cozinheira profissional), e é ele que a manipula e estabelece os critérios para o seu uso. A sua compra foi feita com o objetivo de aliviar o trabalho das mulheres, mas o poder económico que permitiu a aquisição permite também ditar os moldes em que a máquina vai funcionar. Há, neste aspeto, uma continuidade do reforço da proeminência masculina pelo poder económico que está presente nas narrativas dos entrevistados relativas ao final do século XIX e às primeiras décadas do XX. Os processos de compra e apropriação são lidos, de forma interessante, pelos elementos da família que não foram envolvidos na decisão de aquisição (espetadores). No caso, a leitura de Luísa sobre as razões da compra de aparelhos para o agregado familiar por António Zagalo é marcada pela sua perspetiva de género e por uma afetividade que salienta a preocupação do pai em amenizar a vida da família proporcionando-lhe recursos tecnológicos. Criou-se um espaço lúdico na cozinha, sem o peso quotidiano da responsabilidade de alimentar gente diversas vezes por dia. Já foi abordada por investigadores como David Sutton a relação entre as narrativas sobre os atos de confeccionar e consumir alimentos e os processos de memória (Sutton, 2001: 15). No que diz respeito aos interlocutores deste trabalho, a memória aparece aqui sob duas formas – nostálgicas –: a que orienta a preferência de Matilde por cozinhar acompanhada pelas filhas, reproduzindo práticas do passado antes das filhas saírem de casa; e a que define a qualidade do produto final. A primeira gera conflitos intergeracionais. A segunda torna a recordação do sabor das alheiras confeccionadas pela tia de Luísa em Trás-os-Montes, o objetivo procurado, que orienta as diferentes alternativas de confeção que se vão sucedendo. Em parte, a narrativa relacionada com a confeção de alheiras pode ser enquadrada num contexto de nostalgia generalizada em relação a produtos “autênticos”, confeccionados de forma

---

<sup>83</sup> <http://www.bbc.co.uk/programmes/b006t1k5> (consultado a 17.4.2017).

e com matérias primas “tradicionais”, em vigor na sociedade em que os entrevistados se enquadram. O motivo que originou esta experiência foi o de produzir alimentos de boa qualidade/ saudáveis com um custo baixo, e confeccionados pelos próprios consumidores. Apesar da aquisição da máquina por António, a atitude parece corresponder a uma postura de idealização pré-industrial e de reação a uma estrutura de mercado em que os produtos de maior qualidade são também os que mais custam. Apesar de frequentemente se encarar a introdução de eletrodomésticos na cozinha como uma fonte de declínio dos trabalhos colaborativos que podem acontecer neste espaço<sup>84</sup>, neste ponto específico pretendeu-se que a aquisição da máquina de encher alheiras atuasse como facilitadora do processo e por isso contribuísse para que a sua realização não fosse posta em causa. Por outro lado, verifica-se o oposto do que Counihan (1999) e Sutton (2001: 60) referem para as realidades que estudaram na Grécia e em Itália: a confeção de alheiras pelos meus entrevistados é um espaço de produção intensa de memórias (de familiares falecidos, de receitas e diferentes formas de realizar o processo...), que de outra forma dificilmente seriam convocadas. Mas, também, é um espaço de estímulo à imaginação enquadrada numa produção de alimentos enquanto “arte do quotidiano” (Brasão, 2012: 173), como se verificou pela sugestão de alheiras de cogumelos feita por Luísa Zagalo. Ultrapassa-se assim o mero lugar de reprodução para atingir um outro em que está presente a inovação. Nesta época do ano de confeção familiar de alheiras não se atuam estereótipos de “boa mulher” nem de “bom trabalho”. Contudo, enquadra-se o objetivo de querer fazer o melhor produto possível<sup>85</sup> (Counihan 1999). Esta narrativa contribui para perceber que a cozinha é ainda espaço de negociações de género, poder e intergeracionalidade. O catalisador neste caso foi o ato de confeccionar alheiras como forma de poupar na gestão alimentar com qualidade do agregado familiar. As narrativas de Luísa Zagalo e de Tomás e Clara Rebelo refletem perceções já abordadas por Daniel Miller: “Bad consumption is of course lower-class consumption.” (Miller, 2012: 25) Bradshaw, Campbell e Dunne (2013) trabalham também esta conclusão, num enquadramento de responsabilização pelos comportamentos de consumo tomados por indivíduos livres. Estes autores apresentam uma vertente moral do consumo contemporâneo como “pecado” político. E esta construção faz com que os consumidores contemporâneos se sintam obrigados a evitar ou redimir-se dos impactos que causam no meio ambiente e nos outros seres humanos. Cair na sedução dos anúncios comerciais e comprar coisas inúteis ou pouco saudáveis continua o argumento da responsabilização do consumidor (Bradshaw, Campbell e Dunne, 2013: 211). As preocupações como o impacto ecológico do ser humano e a de gastar dinheiro em objetos que poderão não ser úteis ou essenciais foram recorrentes nas narrativas dos entrevistados.

Two of the main conclusions I come to in *Theory of Shopping* (Miller 1998a) may be used to make this point. First, as just noted, the central ritual of shopping takes the discourse of shopping as an antisocial, hedonistic, and materialistic pursuit and turns it into a practice that consists of the dutiful attempt to save money on behalf of the household at large. By legitimating shopping practice in terms of money saved, the shopper ensures the larger sense that they are indeed carrying out a moral activity.

---

<sup>84</sup> Ver Sutton (2001: 60) e Counihan (1999), entre outros.

<sup>85</sup> Ver Counihan (1999), sobre as mulheres da Itália rural.

Mere individual and hedonistic desire is relegated to the specific category of "treat" that then become the exception that proves this general rule. This provides for a general objectification of the morality of the household, which complements the more specific objectification of kinship [...] (Miller, 2001: 133-134).

Miller prossegue realçando que a prática da economia ("thrift") em benefício da família é moral e não é compatível com a intenção de comprar "eticamente". No contexto da modernidade, comprar "eticamente" significa dar prioridade aos interesses de outrem em detrimento dos benefícios imediatos da família. "These others may be social welfare of producers or a general sense of the global environment, but they are defined as large and global in contradistinction to the parochialism of the household as a focus." As compras "éticas" são encaradas como mais dispendiosas. Assim, se a forma de comprar "moral" significar moderação na despesa, comprar "eticamente" significará cometer uma extravagância. A ética do consumo "verde" acaba por ser suplantada pela moral das preocupações imediatas com o espaço doméstico (Miller, 2001: 140).

What we have is a direct clash between the micro- and macro- perspective as experienced by the shopper. This, then, becomes a particular version of contradictions that are well established in political philosophy by Rawls and others between the problem of "care" and that of "justice", or more recently, between that of the consumer and that of the citizen (Miller, 2001: 134).

Um dos enquadramentos propostos por Daniel Miller é o da sacralização do que se consome (Miller, 2012: 21). Este processo seria fundamental para apazigar uma "entidade divina" que proporciona os bens e garantir a reposição dos mesmos através de uma oferta. A ausência deste reconhecimento pode implicar ingratidão e atrair consequências indesejáveis. Assim, há um intercâmbio de bens a consumir em primeiro lugar com o divino e depois com a sociedade. Estas formas de troca (elemento estruturador de relações sociais) legitimam o consumo. Será esta falta de legitimação que preocupa o entrevistado Guilherme Almeida, quando refere a ausência de reconhecimento da intervenção divina ao ter-se perdido o hábito de agradecer, rezando, antes de cada refeição? Miller avança que a performance ritualística da oração terá sido substituída pela da lamentação de um consumismo materialista, desenfreado e inútil, que apenas serve para afirmar valores morais antes de consumir (Miller, 2012: 21). A opção por alimentos considerados mais saudáveis e de produção menos agressiva para o meio ambiente, assim como a sua confeção no ambiente doméstico, poderão ser reações ao consumismo articulado da forma acima descrita. Este aparenta ser o caso do casal Luísa Zagalo e Tomás Rebelo, nas narrativas por eles transmitidas relacionadas com opções de compra de produtos no supermercado. Este espaço afigura-se como um local onde as formas de consumo doméstico mais recentes dos entrevistados parecem começar a sofrer modificações. O processo que se desenrolou entre os séculos XIX e XX, de transição da casa autossuficiente para a que depende do consumo feito no exterior (cf. Cowan, 1983), tem de ser revisto à luz de narrativas como a de Luísa Zagalo. O episódio por ela relatado sobre a produção caseira de alheiras obriga a repensar as formas de domínio do mundo material doméstico que este setor da sociedade decide ter no presente.

Na história dos ambientes domésticos tem-se feito o enquadramento do consumo como evolutivo de uma situação de produção e autossustentabilidade para um de dependência quase absoluta da oferta de mercado (Grazia, 1996b: 151). As exposições mundiais de bens de consumo foram um sintoma da mudança de paradigma. O clímax da conceptualização da cozinha enquanto maravilha tecnológica, concretização da passagem de uma era de obscurantismo higiénico e laborioso para outra em que a cozinha assume lugar de importância igual ou em alguns casos superior às demais divisões da casa e simboliza o ser humano aperfeiçoado, foram os *Kitchen Debates* motivados pela cozinha amarelo-limão da General Electric incluída na exposição internacional americana na feira de Moscovo (1959). As donas de casa ganharam capital de poder social – e, como consequência, político – nesta nova arena tecnológica desenhada e articulada de maneira a minimizar o trabalho e aumentar a eficácia. As antigas ocupantes desta arena, as criadas, eram seres silenciosos e silenciados, mudos no discurso político que a partir do início do século XX incorporou a casa como agente social e económico. Os *Kitchen Debates* expuseram a casa, e em concreto a cozinha, como plataforma tecnopolítica de articulação entre as posturas oficiais, a família e o mercado de consumo (Oldenziel e Zachmann, 2009: 3). A tónica colocada pelos EUA no consumo individual enquanto símbolo de avanço tecnológico revelou-se mais forte na imposição do regime capitalista de mercado do que o proposto pela União Soviética, que apostou no desenvolvimento da tecnologia destinado a uma melhoria da vivência coletiva (Oldenziel e Zachmann, 2009: 7). Com as donas de casa a privilegiarem a cozinha enquanto lugar de performance da domesticidade (Oldenziel e Zachmann, 2009: 8) inaugurou-se um novo ciclo em que a vida social desta divisão se alterou de forma drástica. Tornou-se alvo de investimentos económicos do agregado familiar; lugar de obrigações e deveres morais; palco de congeminação de estratégias financeiras familiares e de reforço de laços de amizade e parentesco; e, por fim, arena política onde se escolhe o tipo de alimentos consumidos: industrializados, biológicos, artesanais e com pegada de carbono reduzida, ou não. Estava agora aberta a porta de entrada do consumo doméstico que se alimenta a si mesmo, num crescendo que se perpetua pelo século XXI. O que se verificou desde o século XIX foi que os estratos sociais que tinham possibilidade foram deixando de assegurar a produção de bens de consumo doméstico em suas casas, tornando o lar dependente dos bens de origem industrial e adquiridos no comércio. Aquilo que agora se pode interpretar das narrativas de alguns interlocutores é uma vontade de dominar de novo este processo produtivo. Este facto obedece a razões económicas (de poupança), mas também de preocupação com a qualidade da alimentação e o seu reflexo na saúde da família,<sup>86</sup> enquadrando-se no conceito de "economia do cuidado" (cf. Zelizer 2008, Gama 2014). A família quer agora redefinir as suas relações de poder com a sociedade onde se insere, procurando uma posição de maior autonomia, que não a obrigue a estar dependente da oferta e das regras do mercado de consumo. Contudo, as narrativas revelam que este processo está numa fase embrionária, sendo difícil prever como se irá desenvolver.

A narrativa de Luísa Zagalo sobre a confeção de alheiras decorre numa cozinha dominada pelos proprietários. Mas esta divisão, no século XXI, é o resultado de práticas de utilizadores diversos. Em particular, e no caso dos interlocutores em questão, das criadas, empregadas e cozinheiras. Estas

---

<sup>86</sup> Como ocorre por exemplo com a escolha da alimentação macrobiótica (ver Calado, 2015).

últimas parecem ter assumido um papel preponderante no conjunto do corpo serviçal, devido à sua especialização. O equilíbrio de poderes que poderia ser conseguido com os patrões é evidente, por exemplo, no episódio recordado por Joana Teles sobre a cedência de uma receita de batatas pela sua cozinheira como agradecimento pelo empréstimo das facas de cozinha. As cozinheiras foram, nas narrativas recolhidas, agentes relutantes na incorporação de tecnologia no seu espaço de trabalho. Estas novas ferramentas representavam uma disrupção do *habitus* profissional, obrigando a uma reaprendizagem de modos de fazer. A inexistência ou fraca disseminação dos eletrodomésticos nas casas das criadas e empregadas num primeiro momento de comercialização em Portugal não facilitava a criação de uma relação mútua. Isto deveu-se em parte ao hábito / necessidade/ conveniência de as criadas residirem com as famílias, não possuindo por isso um espaço próprio onde pudessem exercer opções de aquisição, mas também à convicção de que as tarefas ficavam menos bem executadas se usassem eletrodomésticos que substituíssem o processo manual/ mecânico. E esta é uma ideia que parece perdurar ainda no século XXI, tanto em mentes patronais como nas de empregadas, pelo que demonstram as posições tomadas por Tomás e Luísa. A noção de que os eletrodomésticos podem substituir com eficácia elevada processos ligados à manutenção da casa pode ter sido um receio das criadas e empregadas quando colocadas pela primeira vez perante a possibilidade de terem de os acolher nos seus espaços de trabalho. Esta convicção sofreu mudanças decorrentes da prática e da evolução histórica do tecido social dos entrevistados, mas permanece de forma geral no discurso dos entrevistados. Luísa Zagalo e Jorge Osório servem de exemplos nos comentários tecidos em relação à Bimby, e de Guilherme Almeida, numa postura mais abrangente em que a tecnologia aparece como potencial substituta do corpo humano e de muitas das suas funções. Mantém-se a noção de que a comida confeccionada na Bimby tem um sabor diferente, e esta diferença não é associada a um fator positivo. Joana Teles tem um discurso um pouco diferente, que apresenta a Bimby (que não possui, mas já utilizou) como uma auxiliar, uma “criada”. E que não tem lugar na sua cozinha, porque a obrigaria a gerir e assumir a confeção, que na altura da entrevista estava inteiramente nas mãos da empregada.



Imagem 7: Nesta publicidade da máquina Kenwood reflete-se a noção de que o aparelho não pode substituir na íntegra a intervenção humana – feminina – na confeção de refeições. A dimensão vinculativa de cada um dos géneros tornou-a alvo de acesas críticas públicas.

As cozinhas atuais dos meus entrevistados são espaços definidos por memórias, sentimentos, relações de poder, processos negociais entre os utilizadores e o espaço da participação nas atividades que nela decorrem, (re)produção de relações pessoais e pela gestão do bem-estar quotidiano individual. Tal como no cenário inicial do diálogo imaginado por Miller na obra *Consumption and its consequences* (2012: 1), é um espaço que nas narrativas aparece como confortável, propício ao convívio próximo com família e amigos, onde é fácil partilhar sentimentos, pensamentos, e estreitar relações. As memórias parecem ser fundamentais na perceção atual do espaço da cozinha e na atribuição de importância dada por cada um dos meus entrevistados. Jorge Osório associa a cozinha às criadas que acompanharam o seu crescimento e com quem se entretinha e encontrava conforto em momentos de angústia. Ele, a par de Luísa Zagalo, encara o processo de cozinhar como potenciador de bem-estar, pelo que dispensam a aquisição de equipamentos vistos como substituição integral do processo anterior (manual) de confeção. Porém, não dispensando o recurso a pequenos eletrodomésticos com papéis auxiliares.

## CAPÍTULO 9. “AQUI EM CASA NÃO SE VÊ TELEVISÃO À MESA”: INTRUSÕES TECNOLÓGICAS

More Fun Less Work with the  
**Virtue** Tele-Party  
FULL-SIZE CHROME TABLE ON CASTERS

There are dozens of uses for the Tele-Party in your home

- Moves everywhere on large, freely rolling casters
- Sturdy and strong, just right for outdoor barbecues
- A big help with heavy lifting and carrying chores
- Room for six handed Canasta on the 30"x 46" top
- Convenient level for breakfast in bed, 29" high
- Saves space by closing compactly when not in use
- Your "TV cowboys" can have their grub around the television campfire on a TELE-PARTY with less trouble and effort for all

Send for informative, colorful booklet, "Guide to Selecting Chrome Furniture," Fully illustrated. **VIRTUE BROS. MFG. CO.**  
The World's largest manufacturer of chrome furniture  
LOS ANGELES 45, CALIFORNIA

349 TELE-PARTY Table shown with 621" Chairs. Available at all leading western furniture and department stores in Red, Blue, Green, Yellow, and Grey Pearl; Tan Mother of Pearl; and Wood Grain. Balanced MOLALITE plastic top. Chairs have STRAN plastic upholstery.

© 1957, 1958

Imagem 1: Anúncio de mesa transportável e cadeiras, comercializada pela empresa estadunidense Virtue Brothers.



O momento da refeição aparece como criador e reproduzidor de identidades, sobretudo de classe e familiares (Sutton, 2001: 5). As narrativas que recolhi evidenciam a dimensão que o consumo de alimentos em família atinge neste enquadramento. As casas das famílias entrevistadas dispunham dum espaço exclusivo para tomar as refeições. Variando consoante os casos, era independente (separado por paredes e chamada sala de jantar) ou delimitado dentro da sala de estar. Vânia Carvalho refere, a propósito da normalização do mobiliário para a sala de jantar transmitida pelos manuais brasileiros de orientação doméstica<sup>87</sup>, que

[...] o texto já indica que a sala de jantar tem a sua configuração fortemente estabelecida, não permitindo adaptações para além daquelas impostas pelo bolso. A fixidez do mobiliário filia esse espaço a valores tradicionais, reforçados pela impressão de durabilidade, solidez e robustez da mobília [...] (Carvalho, 2008: 118).

Sem prejuízo de ser comum tomar refeições pontuais ou rápidas na cozinha, as de socialização decorrem sempre na mesa/ sala de jantar. De aí que a sala de jantar fosse dotada de equipamento que a completasse na sua função: o inventário feito em 1911 do palacete de São Paulo de Veridiana da Silva Prado, por exemplo, refere um suporte para aquecer comida, um aquecedor de ovos e uma geladeira de metal (Carvalho, 2008: 128). Joana Teles lembra que na casa da sua mãe existiu na sala de jantar um suporte para aquecer comida (*rechaud*) e um armário forrado com metal que preservava o frio. A definição deste espaço e deste *habitus* aparece como primeira característica identitária de classe e de família, transversal a todas as entrevistadas. Uma segunda característica é o desiderato de que todas as refeições sejam tomadas em comum por todos os habitantes da casa. As formas de vida atuais obrigam a encarar com naturalidade as exceções: tomar alguma refeição a sós e com rapidez por razões profissionais, propiciar a socialização dos mais novos na cozinha, permitindo-lhes o uso temporário de um espaço não controlado pelos mais velhos – assim o refere Teodora Osório –, ritmos relacionados com a frequência da escola/ universidade... A aquisição e incorporação de objetos tecnológicos de comunicação, em particular o telemóvel e a televisão, são vistas como causa de instabilidade num ritual cristalizado de comensalidade e com significados dominados pelos intervenientes. O estado de alerta de Guilherme Almeida contra a intromissão tecnológica é permanente. Recorda que nos ambientes domésticos em que viveu a televisão era banida à hora das refeições, para preservar a solenidade associada ao consumo de alimentos e a coesão familiar forjada na conversação mantida nestas alturas. Uma exceção se regista: a da sua casa, na atualidade, na noite de domingo. Três membros do agregado familiar jantam na sala, frente à televisão, enquanto veem o programa do comentador político Marcelo Rebelo de Sousa<sup>88</sup>. Para analisar esta idiosincrasia é necessário considerar que o comentador em causa é uma figura que goza de prestígio social no segmento em que se insere (e que é o mesmo de Guilherme), assim

---

<sup>87</sup> À época, todos eles decalcados ou inspirados por publicações semelhantes portuguesas e europeias (Carvalho, 2008).

<sup>88</sup> Comentador político e professor na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Membro do Partido Social Democrático (PSD), desde cedo a sua atividade social e política esteve relacionada com a Igreja Católica (foi dirigente associativo da Ação Católica Portuguesa). Já depois destas entrevistas terem acontecido, foi eleito presidente da República (2016).

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

como académico e na área da cultura em Portugal, além de crédito de seriedade política. Considerando que no agregado familiar em questão dois dos membros são académicos e a filha está a estudar ao nível de pós-graduação, há um interesse acentuado nas temáticas culturais. Sendo um programa semanal, este hábito doméstico assume um carácter de exceção que o legitima. Tem inclusivamente a função de reforçar a empatia entre os membros da família, pois estimula a conversação sobre temas de interesse comum.

**How to catch the early, early show with an easy, easy dinner**

**Swanson TV Brand Dinners, the oven-quick meals that taste home-cooked**

Now Mom's in on the TV fun at the start, and thanks to Swanson she's ready to serve an extra-special chicken dinner: Genuine Swanson TV Brand, the frozen dinner that gives you more for your money than any other kind.

Who else but Swanson always gives you three such choice, luscious pieces of chicken? (A rich portion of breast, meaty wing, and a plump thigh or drumstick.) Who else makes fluffly mashed potatoes like this, with milk and creamery butter? Who else gives you buttered, garden-good mixed vegetables like these, with the crispness and tenderness a good cook prizes? (And how that skillful, careful Swanson cookery will remind you of your own?)

Try Swanson TV Brand Dinners. Compare the difference in those generous servings, cooked and seasoned as only Swanson knows how. Four delicious varieties: chicken, turkey, beef, fillet of haddock. Ready in 25 minutes or less—no work, no dishes. Remember, insist on genuine Swanson TV Dinners, and always keep a supply handy in your freezer.

**QUICK FROZEN BY SWANSON CHICKEN**

**SWANSON**

**TV Dinners**

MADE ONLY BY Campbell SOUP COMPANY

TV and TV DINNER ARE REGISTERED TRADEMARKS

Imagem 2: TV Brand Frozen Dinner. Este é um conceito de refeição – preparada no forno em 25 minutos – que nada apresenta em comum com as narrativas dos meus entrevistados. O chamado TV dinner popularizou-se nos EUA da década de 1950 pela mão da empresa C. A. Swanson & Sons, com o aumento do acesso feminino ao mercado de trabalho e o decréscimo de ajuda doméstica. Foi facilitado pela larga difusão de eletrodomésticos como a televisão, o forno e o frigorífico/ congelador.

No respeito os telemóveis, as narrativas mostram que são as gerações mais novas que tendem a fazer uma utilização deles à mesa. No estrato social em causa, a educação tem sido feita de forma mais ou menos rígida ao longo das gerações, sem margem para que os mais novos tenham espaço

para a questionar junto dos mais velhos. Munidos deste dispositivo tecnológico tão poderoso que o telemóvel revelou ser, as gerações mais novas parecem estar a tentar ganhar esse espaço. Os pais consideram não ter argumentos muito fortes contra um uso que veem como decorrente do peso do hábito instituído na sociedade, apesar de continuarem a tentar impor regras de utilização à mesa com algum sucesso.



Imagem 3: Uma das fotografias do artigo do Dailymail “Tech is taking over the dinner table: THIRD of kids distracted by phones at meal times and social media sites are the biggest draw”. 2014.

A refeição em família é apresentada por alguns entrevistados (Guilherme Almeida, Joana Teles) como uma das práticas afetadas pela “invasão tecnológica”. Sublinha Vânia Carvalho: “o ritual de comer possui um conjunto rígido e detalhado de normas mobilizado para reafirmar o poder da família, criar situações de negociação social e legitimar os valores de classe, discriminando aqueles que não têm o pleno domínio de seus códigos de etiqueta.” (Carvalho, 2008: 189) A interferência, no caso tecnológica, desestabiliza esta normatividade, propondo novas formas de agir que ainda não foram enquadradas num (eventual) ritual atualizado. Esta constituição poderá revelar-se complexa, pois como Inês Brasão constatou, a alimentação faz parte das três estruturas de consumo fundamentais, a par da “cultura e da apresentação/ representação de si” que a seu ver devem servir de orientação para compreender os mecanismos de distinção social e as formas de vida. E os regimes de mesa, articulados por Michel de Certeau como os processos de confeção e de consumo, podem ser (e nas narrativas em questão são-no) reveladores dos mecanismos de diferenciação social (Brasão, 2012: 171).

Daniel Miller encara parte do processo de consumir enquanto ritual sacrificial, tendo lugar entre a produção e o consumo final (2012: 78). Para os casos em análise, é útil o conceito no seu aspeto de prática que “sacraliza”/ reforça/ dá visibilidade às ordens sociais (Miller, 2012: 78). Este conceito está

presente nas narrativas de vários dos entrevistados neste trabalho, como as de Luísa Zagalo, Clara Rebelo e Jorge Osório. Luísa define com clareza a sua visão do equilíbrio de poderes (organização social) no espaço doméstico dos seus pais e qual o papel que o consumo desempenha neste processo. O poder económico e de decisão da tipologia de objetos a adquirir detido pelo pai é decisivo na prática "sacrificial" que este realiza para equilibrar a sua relação com a mãe de Luísa. Esta aparenta ser uma postura transmitida geracionalmente, a ajuizar pela narrativa da compra pelo pai de António Zagalo de uma mesa apreciada por uma senhora conhecida, motivado apenas pela cortesia. Aqui a decisão correspondeu a uma manifestação de estatuto, uma vez que não tinha o desafogo económico que lhe permitisse dar-se a essa despesa. Neste caso, o carácter sacrificial do ato de consumo pretendeu acentuar a ordem social (masculino/ feminino e de classe). Por seu lado, a refeição familiar enquanto ritual aparece como meio de "santificar" as relações evidenciadas pela realização do ato de consumir alimentos em comum (Miller, 2012: 83). As peças decorativas da mesa herdadas – pratos, por exemplo -- funcionam como repositório privilegiado de memórias<sup>89</sup> (Purbrick, 2007: 44). Luísa Zagalo recebeu-me ao almoço, e salientou que a toalha branca de algodão tinha pertencido à avó do marido. Apesar de Luísa afirmar que não privilegia o ato de passar mais tempo do que o estritamente necessário à mesa das refeições (ao contrário dos seus pais), é significativo que um dos (poucos) objetos intergeracionais em sua casa seja para uso em momentos de partilha familiar. Depois da refeição, as avós do marido foram largamente mencionadas nas entrevistas, tendo a toalha de mesa ganho a sua identidade enquanto significante e atuando na refeição enquanto representante da avó do marido.

Comprar de forma "correta" os alimentos que vão fazer parte da refeição é um contributo fundamental para que este ritual de sacralização se revista do significado devido. A compra de alimentos para a refeição enquadra-se no processo de aquisição enquanto "tecnologia de expressão de amor" (Miller, 2012: 85). De igual modo, o consumo consciente dos alimentos confeccionados faz parte do ritual. O consumo com interferência dos objetos de tecnologia que aparecem no discurso de alguns narradores como deturpadores da prática deste ritual perde parte da sua sacralidade (Miller, 2012: 84), talvez por retirar o cuidado humano a algumas fases da confeção e, como consequência, produzir refeições destituídas de singularidade/ afeto. Miller propõe, neste contexto, uma equiparação da casa/ agregado familiar à divindade. O consumo na relação entre a casa/ agregado, os seus habitantes/ membros e a divindade é também visto como sacrificial (Miller, 2012: 83). Aqui enquadra-se, entre outros aspetos, a importância que assume para alguns dos entrevistados o momento da refeição, e a perceção de interferência dos dispositivos tecnológicos neste momento ritual. Ritual que é complexo na medida em que tem várias componentes. Uma delas é o ato de rezar no início da refeição, uma ação-de-graças pelos alimentos<sup>90</sup>.

---

<sup>89</sup> Purbrick (2007) analisa, por exemplo, os serviços de mesa.

<sup>90</sup> Exemplo de oração: "Dignai-vos Senhor a abençoar o alimento que vamos tomar para melhor Vos servir e amar."





*Imagem 4: Oração de graças antes da refeição familiar.*

Refere Guilherme Almeida, a perda deste hábito corresponde a um desvanecimento da memória da fome passada. Sutton (2001: 32) registou a mesma postura numa aldeia grega em relação ao ato de deitar pão fora. Assim, a refeição configura-se como altura do dia em que, consoante as pessoas, se produz um lugar de memória, de relação social e de relação com a divindade. Qualquer interferência externa é extemporânea e por isso repudiada, sobretudo para os mais velhos. Miller (2012: 57) apresenta o consumo – e não a profissão exercida apenas para garantir a subsistência – entre os habitantes da Trindade, nas Antilhas, como uma forma de apropriação e singularização da vida de cada um. Entre os interlocutores deste trabalho verificaram-se contudo as duas situações: tanto a profissão de cada um como as opções de consumo individual são formas de criação de uma "vida inalienável" (Miller, 2012: 57). Estas constatações vão ao encontro do propósito de não encarar o consumo apenas como consequência da produção, evidenciando-se que as opções de aquisição e apropriação são fundamentais nas vidas de pessoas e famílias e na construção de sistemas de crenças e de valores (Miller, 2012: 90). As opções de aquisição são, assim, regidas pelos sentimentos que ligam as pessoas do mesmo agregado. Expressam as diversas formas do amor familiar, pelo que podem ser encaradas como método de as entender (Miller, 2012: 85). Quando surgem objetos que se intrometem nestes mecanismos instituídos de expressão afetiva, há necessidade de um período de tempo de adaptação. É nesse período temporal que se encontram vários dos meus entrevistados. As narrativas recolhidas refletem os processos de incorporação destes novos "entes" num universo familiar, onde se encontram posturas e sentimentos contraditórios como o receio da aniquilação da convivialidade e a propiciação de novas formas de manter laços familiares.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

No entanto, a evolução tecnológica fez-se sentir de maneira indireta em narrativas como a de Margarida Almeida. As mudanças no seu meio doméstico, inspiradas pelas práticas alemãs, foram possíveis devido à progressiva acessibilidade e aumento de frequência das viagens de avião. Conforme referido na narrativa, estas ocorreram num momento de transição, em que a incorporação deste hábito ainda não tinha acontecido. Considerando que as práticas alimentares têm uma dimensão de reprodução de identidades sociais (Sutton, 2001: 61), poder-se-á ver a agência na alteração dos hábitos vigentes na casa dos seus pais como uma vontade de aproximação a um modelo de vivência social otimizado percebido na Alemanha.



*Imagem 5: Abendbrot alemão. São notórias das diferenças entre esta forma alimentar e a portuguesa das décadas de 1930-40 praticada em casa de Margarida Almeida.*

O mesmo se aplica à reestruturação do corpo de criadas domésticas. Margarida seria particularmente permeável a influências exteriores devido ao contexto cultural da sua família. Os seus pais recebiam em casa artistas nacionais e estrangeiros, tendo Margarida crescido num ambiente em que as diferenças culturais fluíam com naturalidade nos momentos de convívio e de comensalidade.

## CAPÍTULO 10. CONSUMOS CULPADOS, IDENTIDADES IMAGINADAS: MORALIDADES DA AQUISIÇÃO

My point is that, from the beginnings of history, we have used the critique of consumption to confirm ourselves as essentially good and moral beings.

(Miller, 2012: 22)

O eletrodoméstico que domina as narrativas sobre a sala de estar de todos os entrevistados é a televisão. Associadas a este aparelho existem memórias e preocupações diversas, e uma das principais é a atenção dada aos critérios de seleção do que se compra para não cair no que é considerado "mau consumo" – associado à destruição (Miller, 2012: 79) de recursos materiais. Este conceito de destruição surge porque a cultura material contém uma elevada carga simbólica. Ceder à influência da publicidade pode ser uma das formas de "destruição", o que justifica que a maioria dos entrevistados não a refira como influenciador das opções de compra. Teodora Osório foi a entrevistada que especificou ter utilizado a publicidade televisiva para adequar as prendas aos netos; outros entrevistados afirmaram poder ter havido influência deste meio, mas de forma inconsciente. Assumiram, sim, que as decisões de aquisição se basearam sobretudo nas informações de familiares, amigos e conhecidos que já tinham utilizado os aparelhos e estavam satisfeitos com o seu funcionamento.

As diferentes formas de destacar objetos que têm um lugar especial no seio da família, em particular a televisão, foram articulados por Guilherme Almeida na frase: "A televisão é um outro altar!" Este aspeto de uma sacralização dos detentores da televisão foi visto por Matilde Zagalo em dois momentos da sua narrativa: quando refere a experiência da irmã sobre a presença de um frigorífico na sala de estar de amigos enquanto objeto enunciador de estatuto, e do embelezamento/enquadramento da televisão com acessórios que pretendiam dar-lhe realce (*naperon* e busto do Padre Cruz), pode refletir o conceito de Bourdieu (1992 [1984]) sobre o consumo como reforço naturalizado das relações de classe. A perspetiva de Matilde (secundada por António) revela a noção de distanciamento social e diferenciação com base nos enquadramentos económicos e de gosto que configuram o *habitus*. António Zagalo referiu que, na sua infância, existia um equilíbrio de poderes



que conferia ao chefe da casa o prestígio de decidir quando se via televisão e qual o programa, criando-se um ritual de sacralização do consumo deste aparelho. Outros rituais de socialização à volta do rádio e da televisão foram igualmente formas de sacralizar o seu consumo, como a visualização de programas que ganharam muita projeção. São exemplos dados nas narrativas as séries *Bonanza* e *Green Acres* e o Festival da Canção. O espaço físico da sala aparece constantemente nas narrativas como o de eleição para as ocasiões de sociabilidade, onde convivem não só os da casa mas também outros familiares, amigos e convidados. Uma das alturas do ano que ganhou mais relevo nas narrativas foi a celebração do Natal. Esta festa vivida na intimidade familiar apareceu como promotora da sacralização do consumo (Miller, 2012: 60). É uma altura-chave do ano, a par dos aniversários, para enquadramento moral do consumo hedonista. Lembre-se a rutura de stocks nas lojas pelo Natal ao seguir à revolução de 25 de abril de 1974 mencionado por Matilde e António Zagalo – devida, também, à fixação nesse ano do valor de 3 300 escudos como salário mínimo nacional. O sentimento libertador de uma nova vida democrática celebrou-se numa corrida consumista às lojas, fenómeno revisitado no Natal de 2001 com o consumo exacerbado de equipamentos eletrónicos no Afeganistão após a queda do regime ditatorial (Postrel, 2003: x). Os objetos comprados e trocados nestas épocas de consumo acentuado têm de ser sacralizados, na sequência do processo que se tem vindo a fundamentar através de diversos rituais. Cada um dos entrevistados narra perspectivas e experiências diferentes sobre o Natal, expondo uma multiplicidade de formas de retirar os bens do circuito de produção e venda para os dotar de significado e individualizar. A sacralização do consumo é feita através da oferta como símbolo de sentimento (paternal, filial, de amizade). O facto de quem oferece querer fazer coincidir a prenda com o gosto de quem a vai receber enquadra-se nessa dinâmica sacralizante, pretendendo facilitar o processo já mencionado de apropriação de mercadorias anónimas (Duarte, 2007: 66). O desenvolvimento de tecnologias como a televisão veio ajudar o processo de escolha, que a distância intergeracional por vezes dificulta. Não se verificou entre os entrevistados o reconhecimento de uma grande influência da publicidade, televisiva ou impressa. Foram exceção Teodora Osório, que já se mencionou ter recorrido a anúncios de televisão para comprar as prendas de Natal que poderiam ser mais aproximadas aos desejos dos netos, e Clara e Tomás Rebelo, que utilizaram a publicidade colocada na caixa de correio para escolher os aparelhos que compraram. O impacto limitado da publicidade nas opções de compra dos consumidores consultados foi já verificado entre outros entrevistados, como os de Daniel Miller (2012: 108-109). Este autor considera o consumo uma forma de apropriação não-passiva, o que ajuda a explicar uma certa ausência de ascendente dos mecanismos publicitários. No presente estudo verificou-se que os mecanismos de difusão de consumo de bens assentam no aconselhamento ocorrido com seus pares, tanto amigos como familiares. Por outro lado, entre os mais jovens, a vontade de adquirir determinado objeto assenta no desejo de acompanhar o que está em voga, se bem que não isento de reflexões críticas. A associação de objetos ao carisma/ poder simbólico de determinadas pessoas aparece por vezes enquanto estimulante de desejo. Contudo, uma retrospectiva cronológica como a que fez Tomás Rebelo permitiu-lhe chegar à conclusão de que possuir este género de objetos nunca o levaria a apropriar-se das características de personalidade únicas e apreciadas do seu detentor.

Ganha relevância convocar o modelo proposto por Marcel Mauss (2008 [1924-25]) no *Ensaio sobre a dádiva*, considerando a dimensão veiculadora de propriedades intrínsecas aos objetos. As características que Mauss atribui à dádiva em sociedades não ocidentais também se aplicam no universo empírico que sustenta este estudo. A dádiva contém algo de quem dá, não sendo apenas um produto adquirido para cumprir alguma função. O objetivo da troca é moral, entre os entrevistados consultados, acumulando-se com alguma utilidade, que também tenta ser equacionada. Assim, verifica-se que a economia de mercado não é incompatível com a natureza da dádiva, pois as opções de aquisição de objetos para oferta nas narrativas recolhidas acabam por ser tecnologias para expressar afeto. São, também, utilizadas para educar/ transmitir conceitos comportamentais e valores morais. A utilização dos rituais de oferta natalícios como apoio à educação dos filhos culmina um processo longo, que durou pelo menos 12 meses. A aquisição de bens que pretendiam premiar ou censurar os filhos pelo comportamento tido durante o ano (Jorge Osório), o recurso aos anúncios de televisão pelos avós para comprar as prendas mais adequadas aos netos e a visão de Tomás Rebelo sobre o episódio dos presentes de Natal do amigo refletem diferentes cargas simbólicas do ato de dar. O Natal, a par dos aniversários, funciona como instrumento de educação, pois é nestas alturas que os filhos sabem que vão receber bens extraordinários/ recompensatórios (ou dinheiro para os adquirir), tendo de esperar pacientemente (Clara Rebelo). Z. Bauman alude à procrastinação enquanto método de controlo (de educação, no caso que tratamos):

[...] is an active stance, an attempt to assume control over the sequence of events and make that sequence different from what it would be were one to stay docile and unresisting. To procrastinate is to manipulate the possibilities of the *presence* of a thing by putting off, delaying and postponing its becoming present, keeping it at a distance and deferring its immediacy.”  
(Bauman, 2006 [2000]: 156)

Esta prática contribui para aumentar a carga simbólica dos bens, dotando-os de aura – no pleno sentido benjaminiano –, processo utilizado pelos progenitores/ familiares mais velhos para transmitir valores sociais e morais. É uma dimensão de sacrifício no ato de consumir, que se cruza com a prática que os meus entrevistados seguem para inculcar determinadas atitudes nos filhos, como a de ir juntando dinheiro para adquirir o objeto desejado. As narrativas mostram que isso aconteceu tanto com dinheiro recebido no Natal como com situações de desejo e estratégia de aquisição na vida quotidiana. Miller propõe que um dos propósitos principais do sacrifício é o de criar um objeto de devoção que por sua vez é exigente (Miller, 2012: 85), e o exercício da poupança num tempo longo que se verificou entre os entrevistados insere-se nesta perspetiva. Este processo não é, inclusive, isento de sofrimento, como narrou Clara Rebelo em relação ao telemóvel desejado, mas destruído pelo irmão quando finalmente o obteve. No lado oposto do espetro encontra-se o consumo visto como gratuito, isento da prática sacrificial de esforço para ter algo de valor ou ambicionado: é exemplo a narrativa de Tomás Rebelo relativa às prendas de Natal do amigo, danificadas e substituídas de imediato. Este episódio recorda o espírito novecentista que lançou as bases da

vivência atual desta festa em algumas sociedades, como a portuguesa: a celebração infantil. As elevadas taxas de mortalidade das crianças no século XIX contribuíram para que as sobreviventes fossem acarinhadas de forma especial entre as classes economicamente mais desafogadas<sup>91</sup>. Houve consequências culturais que permaneceram nas narrativas do século XXI, exemplo do aforismo referido por Teodora Osório em relação a si mesma quando era criança ("a menina do milagre"<sup>92</sup>) por ter sobrevivido depois do falecimento de vários irmãos. O Natal foi-se constituindo como época de celebração das crianças pelo significado da sua existência, no início sem necessidade de que estas agissem de formas determinadas para merecerem prendas compensando atos. O avanço da indústria permitiu que este sentimento se vertesse numa panóplia de objetos especialmente concebidos para usufruto infantil, como os brinquedos. Numa outra perspectiva, narrativas como as de Jorge Osório sobre a prenda de Natal penalizadora que o angustiou (rabo de bacalhau embrulhado em papel de mercearia) enquadram-se nas narrativas a partir de uma perspectiva moral da dádiva enquanto prática de boa ou má parentalidade. Esta festividade torna mais visíveis categorias, sentimentos e relações pessoais, porque se selecionam objetos de forma intencional para os tornar veículos de significado. O consolo que Jorge procura junto da empregada da casa dos pais, na sequência do brinde natalício com o rabo de bacalhau como censura pelas más notas que obteve na escola, denota a importância emocional, estruturante, que estas mulheres, serventes, amas e confidentes, podiam ter por acompanharem o crescimento das crianças e serem responsáveis por elas nas casas onde trabalhavam. O discurso de vários interlocutores das gerações mais velhas é perpassado por críticas às novas formas de educação, que não utilizam esta forma de gratificação adiada para imprimir nas crianças obediência e valores sociais e morais. Como articula Z. Bauman, "No longer is the delay of gratification a sign of moral virtue. It is a hardship pure and simple, a problematic burden signalling imperfections in social arrangements, personal inadequacy, or both." (2006 [2000]: 159). Continua, salientando como a produção contínua de bens se assegura através da alimentação permanente do desejo de os possuir: "In the society of producers, the ethical principle of delayed gratification used to secure the durability of the work effort. In the society of the consumers, on the other hand, the same principle may be still needed in practice to secure the durability of desire." (Bauman, 2006 [2000]: 159) Um consumo com finalidade social, sacralizado pela intenção de oferta e/ou de receber pessoas em casa, retira a carga materialista conotada na modernidade com o individualismo. Aqui entra a referência ao conto *A Christmas Carol* (1843), de Charles Dickens, onde o autor traça as duas vertentes opostas que o dinheiro por norma assume nas narrativas: a moeda de transação, abstrata e sem carga social, e o dinheiro como instrumento de criação e potenciação de valores morais e relações sociais, sobretudo familiares/ domésticas. Refere D. Miller, o Natal tornou-se então o instrumento de conversão do dinheiro num bem que deve servir as pessoas, contrapondo-se à abstração do capitalismo (Miller, 2012: 61) que origina conflitos morais entre os interlocutores neste trabalho. Grande parte dos narradores procurou formas de sacralizar o consumo, sobretudo devido a conflitos morais. Seguindo o raciocínio de Miller em relação ao consumo natalício na ilha da Trindade (2012: 60), opôs-se o que é por hábito visto como uma secularização do materialismo à existência de

---

<sup>91</sup> Sobre este tema, ver entre outros Pereira (1969) e Pancino; Silveria (2010).

<sup>92</sup> Também aparece na versão popular de algumas regiões como "a/o menina/o das bruxas".

diversas formas de sacralizar o consumo. Uma das formas de sacralização é a função. Quanto mais relevo for atribuído à função do objeto no contexto em que se insere, maior a legitimidade que adquire. De aí que, entre as famílias dos interlocutores, tenha sido prática comum tentar acumular nos bens oferecidos no Natal e aniversário os desejos das crianças com alguma funcionalidade/ utilidade.

O discurso comum tem vindo a colocar em evidência a quantidade de bens comprados para oferta no Natal, condenando a sua desproporção e obliterando as dimensões rituais de reforço de laços de parentesco, amizade e comunitários e de ordenação de uma cosmologia social. Como visto nas experiências dos interlocutores, a singularidade da época festiva serve propósitos como o educativo.



*"My Daddy's been a good boy, too – and he wants a new PLYMOUTH!"*

*Imagem 1: Anúncio a automóvel Plymouth (1948). A recompensa material pelo bom comportamento anual também podia assumir-se como auto-recompensa na esfera da idade adulta.*

As ofertas de Natal aos mais pequenos também aparecem enquanto instrumentos que podem causar disrupção nas relações de poder. Sara Osório menciona a intenção da sua cunhada em gerir os horários de uso de uma Playstation oferecida ao filho no Natal. Este aviso, feito assim que o filho abriu o presente, atua como informação de que as relações de poder em vigor na estrutura familiar se vão manter, e a mãe não vai deixar que o filho utilize à sua vontade as capacidades funcionais e lúdicas do aparelho, apesar de socialmente legitimadas. É semelhante a narrativa de Lourença Teles, quando mencionou o desagrado que sentiu quando a sua mãe ofereceu a cada um dos netos uma pequena televisão para colocarem nos quartos. Estes aparelhos alteraram o equilíbrio de poderes no seio da família, sendo necessário uma readaptação de todos os habitantes da casa à sua presença.

As mudanças nas formas de educar refletem-se nas narrativas da infância feitas por vários interlocutores. A educação que foi dada aos mais velhos foi rígida, e a distância instituída entre pais e filhos era evidenciada; na atualidade, consideram que a norma é o oposto. As categorias morais são veiculadas com ênfase pelos entrevistados, que não tecem comentários negativos à educação das suas infâncias, pelo menos de forma clara. Apesar de frisarem a rigidez dos pais quanto aos limites de conduta, em geral não deixam de mencionar o lado afetivo da relação e que os limites e castigos impostos eram em geral justificados. Por outro lado, são voz crítica do que classificam como quase total falta de regras impostas pelos pais aos filhos na sua educação atual. Neste contexto vale a pena analisar alguns episódios que relacionam objetos – não só, mas também de tecnologia – com momentos do processo educativo das famílias em questão. Como se verá, a evolução das formas de consumo relaciona-se com esta linha de análise. São as narrativas dos entrevistados das gerações mais novas que dão mais peso ao processo de consumo, que assume uma função preponderante no quotidiano. Um dos casos onde a narrativa acentua este ponto é o de Luísa Zagalo e da sua família. Os objetos tecnológicos que o pai de Luísa lhe foi oferecendo ao longo da vida tiveram sempre uma função utilitária, e foi essa função que ditou a sua dádiva, como o *scanner* que o pai ofereceu a Luísa quando ela estava a estudar na universidade. Mesmo em ocasiões festivas onde a oferta ou troca de prendas é normativa, como o Natal e aniversário, as ofertas tendiam a possuir algum grau de utilidade (relógios digitais, etc.). Luísa já não tem essa postura tão acentuada em relação aos objetos que medeiam a sua relação com os filhos (de 5 e 14 anos). Ocorreu uma complexificação do significado e papel que cada objeto pode ter, e é sublinhado o peso da evolução da sociedade na qual se inserem os entrevistados nesse processo. Por um lado, Luísa declara-se suscetível à forma de pressão que os filhos utilizam para que ela lhes compre os objetos que pretendem. A insistência nos pedidos e carga emocional negativa que manifestam por não terem os objetos que consideram necessários ao seu bem-estar fazem com que Luísa opte por ceder para não ter de presenciar o "sofrimento" dos filhos. A narrativa de Luísa salienta a consciência que o filho mais novo já tem do funcionamento económico da sociedade que o rodeia, ao saber quais as lojas onde aceitam só dinheiro e as que também aceitam pagamentos com cartão, e que há estabelecimentos que vendem objetos tão baratos (como as "dos chineses") que os pais não podem invocar a falta de dinheiro para lhe adquirirem o que ele pretende. A questão que se levanta a Luísa e ao marido neste particular é a da função dos objetos que os filhos lhes pedem. São sobretudo de entretenimento, sendo que a dádiva dos que se consideram de necessidade é pressuposta. E é aqui que também surgem, nas narrativas destes e de outros entrevistados, as considerações sobre as mudanças na sociedade e os subsequentes impactos nas (suas) famílias. Um das conclusões de Daniel Miller em *A theory of shopping* (1998a) é a de que a primeira razão para se comprar na atualidade é o afeto e o desejo de expressar através de objetos materiais. Esta expressão mudou nas últimas décadas, passando de práticas como a de oferecer flores nas ocasiões especiais para uma escolha individualizada do objeto adequado entre a elevada diversidade que o mercado proporciona (Miller, 2001: 136). É este cuidado que contém a mensagem do grau de sentimento expresso no objeto dado. "The point is that vast amounts of 'difference' do not lead to shoppers viewing their actions as hedonistic or materialistic but



Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

quite the opposite; it increases the opportunity for them to experience choice as the expression of that most basic of moral precepts, the proper foundation of social relationships in love.” (Miller, 2001: 136)

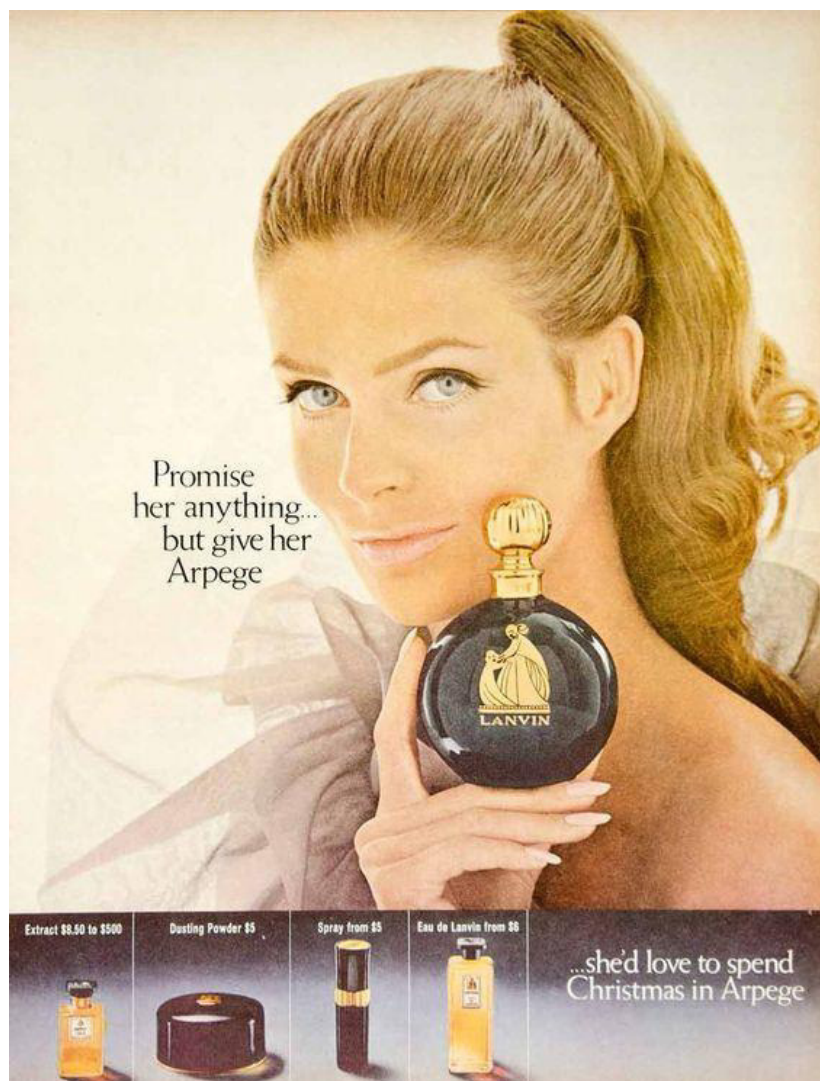


Imagem 2: Anúncio a perfume Arpège, da marca Lanvin. 1967.

Por outro lado, Luísa refere como a família utiliza a visualização de filmes de animação enquanto ritual diário, após o jantar, para entreter (sobretudo) o filho mais novo. O teor e a estética de alguns dos filmes são chocantes para grande parte da família (gerações mais velhas) e amigos, que consideram inapropriados para a idade da criança. A opção de Luísa e do marido deriva de um conjunto de ponderações, entre as quais a de não se considerarem aptos a negar a visualização destes filmes ao filho após a primeira vez que a permitiram, e a de possuírem uma perspetiva do assunto influenciada pela formação profissional de ambos (artes digitais). Estudiosos do assunto como Gunter e McAleer (1997 [1990]) apontam ainda para as diferenças de perceção características de cada idade, que devem ser tidas em consideração.

Os indivíduos tendem a utilizar o consumo enquanto ferramenta de construção das identidades pessoais na modernidade (cf. Giddens, 1997 [1991]). Isto é possível porque a acessibilidade do mercado a qualquer pessoa, incluindo crianças, as retira de uma estrutura social rígida que era vigente até cerca de 1960, altura em que a inserção das mulheres em áreas de trabalho tradicionalmente masculinas se ampliou e se deu um notável crescimento do PIB, iniciando-se um

processo de mutação estrutural dentro e entre as classes (vd. testemunho de Matilde e António Zagalo). Se, até então, o consumo era controlado de forma rígida para não permitir liberdade (são exemplo os episódios sobre a compra da estola de pele da mãe de Lourença Teles e a proibição de conduzir pelo marido quando se casou, assim como a gestão dos objetos que se davam às crianças que perpassa diversas narrativas), a disponibilidade financeira que se começou a verificar originou uma nova forma de gestão da identidade. Foi também uma das principais causas de um declínio: o do estatuto da mulher enquanto objeto de troca através do matrimónio e, portanto, do abalo da organização social tal como era compreendida até então (ver Brooke-Rose, 1985: 307-308 e Lévi-Strauss, 1949). Os relatos referentes à mãe de Lourença Teles e à gestão do seu corpo e educação para ser "dada" a alguém cujo estatuto fosse considerado equivalente ao seu (ou, pelo menos, nunca inferior) e o papel de "proprietário" assumido pelo marido são posturas que se tornaram obsoletas no séc. XXI em Portugal, em grande parte devido à independência económica e poder de consumo que as mulheres ganharam. Uma grande parte do consumo quotidiano organiza-se à volta da casa e das relações que nela e com ela acontecem (Miller, 2012: 69). De aí que, no que concerne ao consumo, o discurso dos entrevistados tende a ser de missão, em função da casa e da família. É um trabalho que deve ser levado a cabo com ponderação. O sentido de poupança e de comprar sensatamente aparece também na forma de consumir da classe média portuense estudada por Alice Duarte (2007: 156). A maior parte do consumo centra-se em produtos para a casa e para as pessoas, ou para aumentar as capacidades dos indivíduos no mundo (Sen, 1993). Tem a ver com a intensidade das relações entre as pessoas com quem se tem laços afetivos estreitos, com o estatuto e com sistemas simbólicos locais/ específicos. O consumo diário relaciona-se com as pessoas que são mais próximas e com as quais se têm relações mais estreitas (Miller, 2012: 158-159). Tomás considera que "nós vivemos num contexto um bocado ignorante e ditado pelo poder de compra", talvez em busca da segurança a que alude Z. Bauman:

Consumers may be running after pleasurable [...] sensations [...]. But they are also trying to find an escape from the agony called insecurity. They want to be, for once, free from the fears of mistake, neglect or sloppiness. They want to be, for once, sure, confident, self-assured and trusting; and the awesome virtue of the objects they find in shopping around is that they come (or so it seems for a time) complete with the promise of certainty (Bauman, 2006 [2000]: 81).



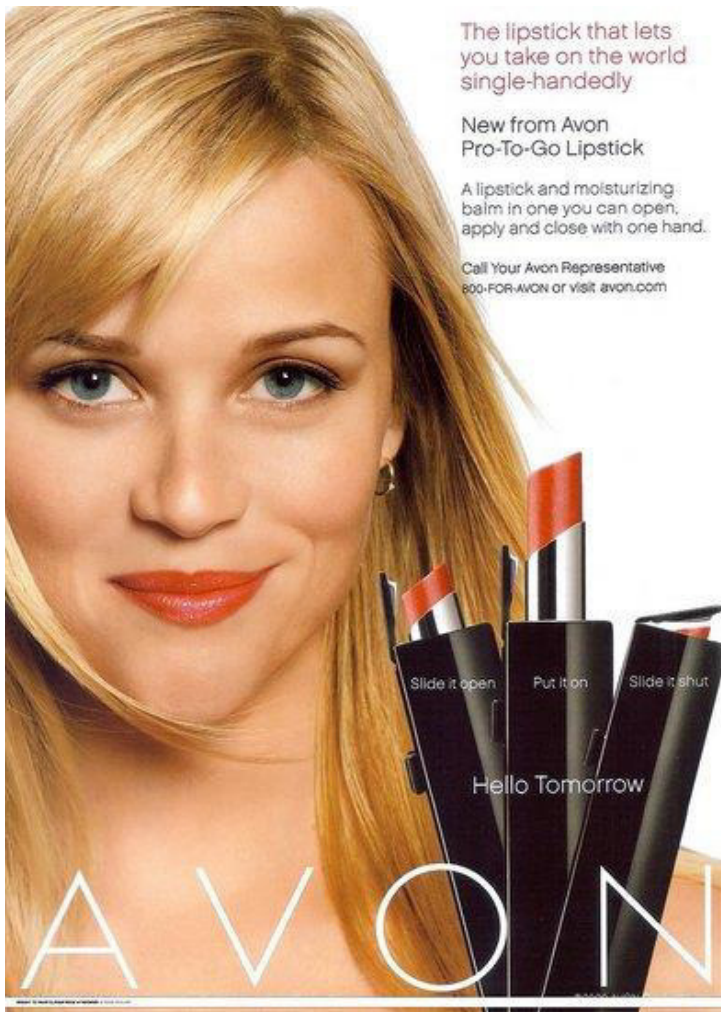


Imagem 3: A Avon promete ajudar na conquista do mundo através do uso do baton Pro-to-go. 2008.

A moral económica transmitida por alguns dos interlocutores parece entrar em conflito com a visão do mercado como um mecanismo que não aceita noções como a suficiência ou a satisfação (Miller, 2012: 148), tentando os mesmos entrevistados contrariar, conscientemente e com noção da dificuldade, esta tendência comercial. O discurso de Tomás em torno da aquisição de uma câmara de filmar que considerava não necessitar, mas que mesmo assim adquiriu, evidencia o sentimento de culpabilização que rodeia o consumo hedonista. Neste ponto é interessante lembrar a reflexão de Miller sobre os discursos veiculados pela esquerda política, social e económica, em que o consumo é criado pelo comércio e incentivado pelos anúncios, com os bens consumidos a contribuírem para práticas de reforço das desigualdades sociais decorrentes do capitalismo, além da carga moral condenatória do materialismo (Miller, 2012: 182-183).

Considerando o conceito de moralidade de Elizabeth Silva, o consumo é formatado pelas circunstâncias do quotidiano em vez de assentar apenas num conjunto de princípios rígidos. Género e classe são aspetos que influenciam o pensamento moral, e as conceções de obrigação derivam da cultura em que as pessoas se inserem, juntamente com as circunstâncias pessoais: "Normative guidelines about how one should act have a role in the process of negotiations, which is not necessarily free from coercion, persuasion and manipulation." (Silva, 2010: 141). Tem-se vindo a demonstrar que as vidas domésticas são lugares de dilemas e moralidades complexas; não são

imutáveis, variam ao longo da vida de acordo com as situações e circunstâncias pessoais (Silva, 2010: 156). Não há, portanto, uma moralidade do lar, mas visões morais diferentes que muitas vezes entram em conflito e se negoceiam (Silva, 2010: 157).

As relações sociais aparecem no universo estudado como a causa principal das opções de consumo, refletindo outras realidades como as estudadas por Daniel Miller (2012: 184). Este autor acrescenta: "This is the message that apparently no one wants to hear because it is supremely inconvenient to the moral and other goals we have set ourselves." (Miller, 2012: 184) As narrativas dos meus interlocutores traduzem vivências deste conflito. Salientam que consomem determinados produtos porque a dada altura das suas vidas as circunstâncias a tal obrigaram ou propiciaram, mas que prefeririam não o fazer por uma série de razões, algumas das quais ditas "morais". Perceber as opções de consumo no contexto da formulação de identidades individuais ou coletivas ajuda a contextualizar as narrativas dos entrevistados. O processo que leva à compra de bens e à sua posterior apropriação/ transformação corresponde a uma mudança, na maioria dos casos, dos objetos de bens alienáveis para bens inalienáveis (Miller, 2012: 64). As opções de consumo aparecem como parte da estratégia de posicionamento e (re)definição individual e pessoal, processo que é permitido no contexto da modernidade e em que grande parte dos constrangimentos individuais e sociais prévios deu lugar a uma flexibilidade que permitiu a formulação de novas identidades (Duarte, 2007: 61). A modernidade tardia parece caracterizar-se, entre outros aspetos, pela emergência de novos mecanismos de construção das identidades pessoais. A identidade pessoal vai-se construindo de forma reflexiva, tomando-se decisões entre várias possibilidades ao dispor. Alice Duarte refere que, "ao oferecer a possibilidade de autorealização, a modernidade torna a procura do "dar sentido à vida" uma das características da actual actividade social" (Duarte, 2007: 66) Estas considerações tornam-se particularmente relevantes no contexto estudado, uma vez que permitem enquadrar partes das narrativas de Tomás e Clara Rebelo. O processo de (re)definição em evidência aqui abrange os conceitos de Hegel e Miller relativos ao desenvolvimento das pessoas e/ou grupos através da projeção num mundo externo e reincorporação dessa projeção (Duarte, 2007: 64). Estes conceitos, sendo básicos para entender o consumo no contexto trabalhado, tornam-se relevantes na análise de determinados tópicos das narrativas recolhidas, como o das redes sociais e das formas de consumo relacionadas com o estatuto. Também a experiência de Tomás Rebelo no seu círculo de amigos da juventude, onde bens e práticas sociais eram usados por alguns como projeção identitária no grupo, podem ser analisados à luz do exposto por Donna Haraway no que diz respeito ao paralelismo de comportamento social entre primatas e humanos. Os processos de seleção social que exigiam um confronto físico direto são agora exercidos através de ferramentas, nomeadamente as tecnológicas (Haraway, 1991: 36). No caso do círculo de amigos de Tomás Rebelo, os carros e os objetos tecnológicos disponibilizados pelos seus pais num tempo diferente do que corria no restante círculo social, mas também as férias e as tecnologias associadas. Os processos de seleção favoreceram o uso progressivo de ferramentas, com a evolução de inteligência e linguagem associadas (Haraway, 1991: 36). Pode argumentar-se que, entre os entrevistados, existe uma noção de que a sociedade em que se inserem está a passar por um destes processos, e que o domínio das ferramentas tecnológicas comuns da atualidade determina a inclusão ou exclusão de cada indivíduo.

Citando esta autora, "Phenomena such as aggression, competition, and dominance structures were seen primarily as mechanisms of social co-operation, as axes of ordered group life, as prerequisites of organization." (Haraway, 1991: 86)

Parece aplicar-se no universo estudado neste trabalho a premissa de D. Miller, quando afirma que mesmo que se eliminassem as diferenças de classe ou os anúncios comerciais, o consumo não sofreria grandes alterações (Miller, 2012: 183). Procurou-se contrariar aqui o argumento de que a disseminação do consumo corresponde a alguma perda de cultura e autenticidade prévias à sua democratização (Miller, 2012: 63). O consumo aparenta ser e ter sido um recurso que permite expressar emoções e posturas de tipos diversos, que de outra forma seria difícil conseguir porque as razões de aquisição se prendem com fatos inerentes ao ambiente cultural onde se inserem os interlocutores. Entre estes, a expressão de afetos, a vontade de procurar um determinado enquadramento social, a de melhorar a performance individual/ laboral, educar, e satisfazer gostos pessoais. A narrativa de Tomás Rebelo neste contexto analítico é interessante pelo facto de referir a professora primária, comunista, como uma pessoa estruturante na sua forma de encarar a sociedade e o consumo. Faz um paralelismo entre a sua experiência, de ler livros sobre "pessoas sofridas" quando estava na escola primária, com a da sua filha, que apenas os está a ler com 15 anos. O discurso de Luísa Zagalo e de Tomás Rebelo é marcado constantemente por posturas claras em relação ao que para eles significa consumir, desde as razões para o fazerem às suas consequências. Este discurso é perpassado por observações de carácter político e social, desde o episódio mencionado à preocupação ecológica que orienta opções de compra. O consumo pode ser, assim, articulado como capitalista, vulgar ou materialista (Miller, 2012: 23). Por outro lado, o discurso não é isento de contradições, como a menção aos móveis do IKEA e ao seu característico preço considerado baixo, que permite uma renovação frequente do mobiliário. A preocupação com o materialismo que Miller identifica nos ecologistas (2012: 183) é também manifestada por Luísa Zagalo, na sua reflexão sobre os limites aceitáveis de ligação pessoal a determinados objetos. Este agregado familiar apresenta um discurso que revela reflexão quotidiana e profunda sobre o que significa consumir, em vários enquadramentos. Luísa lembra o desejo que tinha, quando criança e adolescente, de possuir objetos que via associados a outras pessoas dada a carga simbólica de poder e prosperidade que lhes atribuíam. A sua mãe tentava transmitir-lhe a noção de que a posse desses objetos podia não corresponder à imagem que pretendiam projetar, resultando de opções de compra menos ponderadas e não de uma posição económica privilegiada. Poder-se-á considerar a consistência das decisões no que se refere às opções de compra destes entrevistados (onde se destacam a parcimónia, a ponderação e a preferência pela qualidade) resultado do distanciamento que a elite sempre procurou das culturas de massas (Miller, 2012: 25). Algumas narrativas de entrevistados de gerações mais velhas, nomeadamente a da culpabilização pela aquisição de um bem extraordinário como uma estola em pele, também se inserem neste espírito de ponderação. Comparando esta narrativa com observações feitas na atualidade, parece manter-se uma das visões da mulher, que a apresenta como alguém que pode despender sem ponderação quando o seu consumo é individual e hedonista, tendo o mecanismo controlador de ser exercido pelo pai ou marido. Paradoxalmente, a

mulher continua a exercer o papel de gestora doméstica (Miller, 2012: 79) e a dona de casa é por vezes, nas narrativas, o elemento mais altruísta da família (Miller, 2012: 86).

A ideia de que o consumo é um sistema simbólico que todos usamos, mas que não entendemos (Miller, 2012: 28), pode aplicar-se a alguns dos meus entrevistados. A Tomás e Luísa, já não. Se, como Pierre Bourdieu, se pode atribuir um peso decisivo às relações e características de classe nas opções de consumo de alguns dos interlocutores (Bourdieu, 1992 [1984]), outros há que manifestam uma predominância de gosto e de moral individual na escolha. O consumidor, nos casos em questão, tem uma ideia precisa do que pretende adquirir, e do seu posicionamento em relação ao vasto leque de produtos colocados à sua disposição (Miller, 2012: 54). As formas de uso dos objetos mostram as relações entre as pessoas e como é expectável que atuem. Mostram, em relação ao consumo doméstico, uma visão da ordem moral da casa, não limitada pelas paredes do edifício (Silva, 2010: 129). Já os processos de apropriação são dotados de um elevado grau de variabilidade, podendo incluir fatores que vão de influências culturais e de classe a memórias, experiências e sentimentos pertencentes à história de vida de cada indivíduo e de pessoas com ele relacionadas. Nos discursos de Luísa Zagalo e Tomás Rebelo está presente a identidade reflexiva, no sentido de tentar perceber o que é ser pessoa no contexto da própria biografia (Duarte, 2007: 98). Este facto vai ao encontro do que aqui se defende: os consumidores não são passivos, manipuláveis por um sistema abstrato de produção em massa promovido através de técnicas de *marketing* que seduzem gente incauta e acrítica. Perspetivas clássicas da sociologia da tecnologia e do consumo difundiram a noção do consumidor vítima passiva da publicidade, em que a aquisição em excesso corresponderia a falsas necessidades (Silva, 2010: 128, 129). Nas palavras de Z. Bauman articula-se a construção do indivíduo consumista: “After all, it takes time, effort and considerable financial outlay to arouse desire, bring it to the required temperature and channel it in the right direction. Consumers guided by desire must be “produced”, ever anew, and at high cost.” (Bauman, 2006 [2000]: 75).



Imagem 4: A representação da mulher associada à publicidade automóvel para ativar mecanismos de desejo foi uma constante desde o início do século XX. Anúncio da marca estadunidense de tintas para automóveis Ditzler. C. 1964.

Mas o que “a minha gente” neste trabalho indicou foi uma consciência de consumo lúcida, operando de forma estratégica, tendo presente a finalidade de cada aquisição na sua construção de identidade. No entanto, a sua posição social parece não ser fundamental para explicar muitas das opções de consumo tomadas. Esta mesma constatação foi expressa por Alice Duarte (2007: 83), se bem que com diferentes contornos. Esta autora percebeu também pelos testemunhos que recolheu que a transmissão familiar de certos hábitos, estéticas e formas de ver é fundamental nos processos de aquisição no seio da classe média (Duarte, 2007: 164). Os ambientes domésticos dos meus entrevistados da primeira geração refletem uma estabilidade em termos de consumo que contrasta com os das seguintes. As opções de gosto são mais clássicas e intemporais, como pude observar *in loco* e confirmar posteriormente nas narrativas recolhidas. Apontam nesse sentido os comentários da sua mãe reproduzidos por Luísa Zagalo, que não gosta da decoração eclética (se bem que revivalista

do gosto português das décadas de 1940 e 50) da sua casa, e as reflexões que a mesma Luísa fez sobre as sugestões da mãe para completar a decoração da casa da filha com cortinas. Apesar de Luísa não ter pensado colocar cortinas e ter resistido inicialmente à ideia por a achar antiquada, verificou, entretanto, que seria uma boa sugestão e colocou-a em prática. Uma outra reflexão que contribui para esta perspetiva é a que Luísa fez em relação à empregada, que partilha com a mãe. Salientou que a empregada não apreciava a decoração da sua casa, ao contrário da da casa dos pais, e que o trabalho doméstico se ressentia deste sentimento. A noção de estabilidade *versus* renovação/ procura de novas fórmulas decorativas poderá ser um fator de ponderação. Outra narrativa que reflete continuidades intergeracionais enraizadas na memória afetiva é a de Jorge Osório quando, ao mudar-se de casa da mãe, procurou adquirir um ferro de passar roupa elétrico visualmente semelhante ao que via ser utilizado na casa dos seus pais desde a infância. Num âmbito diferente, António e Matilde Zagalo salientaram o pudor em relação à ostentação que se sentiu no período durante e pós-Segunda Guerra Mundial. Quem tinha poder económico para usufruir de comodidades que não as básicas, coibia-se de as utilizar ou pelo menos fazia-o discretamente. Um dos exemplos que referiram foi o recurso a transportes públicos e à recoveira por parte de personalidades de relevo político, social e económico da cidade do Porto nessa época. Demonstram estas narrativas que o consumo tem diversas razões, escolhidas subjetivamente por cada indivíduo e grupo. A expressão de um conjunto vasto e complexo de sentimentos e formas de mundividência adquire, no universo dos entrevistados consultado, uma relevância que se sobrepõe a modelos de análise restritos como os de Veblen (1998 [1899]) na conceção do consumo como imitação de estatuto, Bourdieu (1992 [1984]) e a ligação direta entre hábitos de consumo e posicionamento social, e Alice Duarte (2009, 2011), em que a perspetiva sobre o consumo se centra na produção de identidade. Aqui, o consumo aparece enquanto forma de expressão, de manifestação, de afirmação, mas também funciona como mecanismo de ativação de subjetividades morais, de auto-análise, de perspetivação do próprio e do(s) outro(s). É um ato, na maioria das vezes, de insegurança, que faz com que os interlocutores se questionem, e questionem a sociedade na qual se enquadram. É um elemento visto como fundamental na transmissão geracional, porque o consumo é visível, é observado pelos outros e, portanto, categorizante. Nesta sucessão geracional dá-se uma transmissão de valores e mundividências pelos educadores primários (pais e professores) que se verificou ser determinante para o exercício do consumo na idade adulta. Este processo acontece tanto por transmissão direta, como por observação e comparação, sendo as narrativas da família Zagalo e Teles das mais ilustrativas neste aspeto. O foco nesta análise não foi o de perceber se existem objetos conotados com o "bom" ou "mau" consumo, mas entender a função e significado para cada pessoa, em cada momento da sua vida, do consumo duma coisa. Porque cada pessoa fez opções em relação às quais é a primeira (e por vezes única) a condenar-se, mas decidiu fazê-las mesmo assim. Nas palavras de Z. Bauman,

Whether genuine or putative to the eye of the analyst, the loose, 'associative' status of identity, the opportunity to 'shop around', to pick and shed one's 'true self', to 'be on the move', has come in present-day consumer society to signify

freedom. Consumer choice is now a value in its own right; the activity of choosing matters more than what is being chosen, and the situations are praised or censured, enjoyed or resented depending on the range of choices on display (2006 [2000]: 87).

Mas também emergem dos discursos perspectivas sobre as opções de consumo dos outros, o que merece atenção analítica. Uma das conclusões que parece incontornável é a de que o consumo é um campo público, exposto, de grande importância nas vidas dos entrevistados e nas suas maneiras de se situarem no mundo. Nele cruzam-se, de forma intensa e por vezes contraditória, opções de ser e ver, de si e dos outros. Na sequência desta postura, optou-se por não incluir na análise presente a relação entre opções de aquisição e apropriação das coisas e a construção da identidade. Também se decidiu não o fazer porque as narrativas transmitidas não indicavam este caminho, proporcionando outras vertentes mais relevantes para estudo. O que se pôde concluir é que não se podem adotar perspectivas exclusivas na análise das narrativas de consumo presentes por diversas razões. Em primeiro lugar, verificou-se que a aquisição de bens pode ser vista como característica dum segmento social em alguns casos, mas em outros não. Em segundo, a aquisição não tem necessariamente a ver com a disponibilidade económica, obedecendo a critérios subjetivos condicionados pelo tempo histórico e pelo enquadramento social. Em terceiro, a interpretação de opções de consumo: as razões atribuídas à mesma aquisição variam muito de acordo com quem a perspectiva. Em quarto, o consumo é visto sobretudo como processo simbólico – conforme articulado por Baudrillard (1972) e Lyotard (1979). E em quinto, existem narrativas sobre a resocialização e apropriação/ reapropriação dos objetos pelos seus proprietários (Miller, 1987), em certas situações ao ponto de se tornarem inalienáveis e insubstituíveis. A mercadoria, ao ser comprada ou recebida, deixa de ser abstrata para se tornar especial para o possuidor (Miller, 1987). Aí começa a apropriação específica, e as narrativas sobre a mercadoria/ bem depois de apropriado merecem atenção. Mas este aspeto coexiste com o seu oposto. É aqui que entra o discurso dos interlocutores sobre a sociedade de consumo, pouco respeitadora do ambiente, que em geral consome sem critério devido aos preços baixos ou à vontade de ter coisas. De igual forma, aqui enquadram-se as justificações apresentadas para a aquisição de bens por alguns entrevistados. Reconhecem consumos desnecessários, praticados apenas para fruição individual; constata-se opções de consumo que têm por objetivo não desgostar nem excluir os filhos dos enquadramentos sociais que estes desejam; e existe uma consciência crítica sobre as opções de aquisição e incorporação de outros transmitida nos discursos que recolhi.

Aquilo que se verificou existir nas narrativas de alguns interlocutores meus foi a dificuldade em perceber e gerir os processos de apropriação e objetificação dos bens produzidos em massa que ajudam a definir sociedade e os indivíduos (Duarte, 2009: 34; Miller, 1987). A minha interpretação das suas narrativas é que espelham uma insatisfação com o tipo de produtos que o mercado põe à disposição para estes processos, e a forma como o faz. De aí que haja por vezes uma falta de identificação com o mercado, por ainda não conseguir colocar à disposição de cada indivíduo o bem certo para cada incorporação. Esta situação origina posturas críticas verbalizadas e materializadas em opções de consumo, como o de tendência ecológica e de contenção na aquisição. Ou seja,



reconhecem o papel dos bens no "processo de autocriação social, pelo qual se tornam diretamente constitutivos do entendimento de nós próprios e dos outros" (Duarte, 2009: 34), mas as narrativas recolhidas revelam desconforto em relação a este processo de negociação entre todas as condicionantes individuais e o que o mercado oferece para compra. Z. Bauman coloca a questão do consumo enquanto processo de construção social da seguinte forma: "Shopping is not just about food, shoes, cars or furniture items. The avid, never-ending search for new and improved examples and recipes for life is also a variety of shopping, and a most important variety, to be sure, in the light of the twin lessons that our happiness depends on personal competence [...]." (2006 [2000]: 74). Algumas narrativas relacionadas com presentes de casamento reforçam o papel destes objetos como securizantes, tanto das relações sociais (sobre este assunto ver Purbrick, 2007) como do conforto e da vida económica futura do casal. O facto de ter sido prática comum oferecer pratas na geração da mãe de Matilde Zagalo permitiu que esta os empenhasse sempre que precisava de algum bem dispendioso, exemplo da máquina de lavar roupa automática. São assim objetos que congregam desta forma a função prática e a dimensão simbólica. Já a narrativa de Joana Teles sobre este assunto salienta o papel de alguns dos objetos recebidos enquanto prendas de casamento como ilustrativos das relações com quem os ofereceu e respetivos carateres. Salienta que o conjunto de eletrodomésticos foi oferecido pela sogra, exatamente o que fez aquando do casamento do seu cunhado. A sua mãe, diz, ofereceu-lhe cadeiras que eram dos avós. Joana prefere oferecer uma peça em prata (transmissão de gosto recebida por via geracional), por considerar que pelo facto de ser escolhido por si em vez de constar numa lista de casamento dota a peça de maior valor simbólico. Isto é acentuado pela ausência de função prática e pela dimensão expositiva do objeto. Estas observações de Joana vão ao encontro da consideração de Marcel Mauss (2008 [1925]) sobre a presença do ofertante na oferta. Mas também transmitem a noção de que um presente visto como funcional na sua essência, eletrodomésticos ou objetos listados por serem considerados necessários pelos noivos, poderá perder a presença singular do dador pelo uso doméstico diário, que o banaliza. Esta é uma forma, também, de Joana adquirir alguma agencialidade no ato de dar (Purbrick, 2007: 28). Por um lado, na escolha autónoma da oferta que vai fazer; por outro, ao decidir o que vai oferecer contemplando a presença futura que quer vir a ter na vida e espaços quotidianos das pessoas a quem dá. Também se deve frisar que as prendas mais personalizadas implicam uma maior obrigação de quem as recebe em mantê-las (Purbrick, 2007: 35), enquanto objetos listados são de alienação mais fácil dada a impessoalidade que as envolve. Apesar de ser voz comum o discurso que apresenta a expansão do mercado com base no capitalismo enquanto progressivamente anuladora de mecanismos sociais simbólicos e morais como o da dádiva (cf. Purbrick, 2007: 28), exemplos como o de Joana evidenciam o poder de agencialidade que cada pessoa pode decidir ter. A oferta que gera retribuição é outra dimensão da dádiva nas narrativas de Joana. Foi o caso do primeiro computador portátil, objeto muito desejado e que lhe foi dado pelo marido com a finalidade não apenas de lhe satisfazer um gosto, mas sobretudo para que o utilizasse para o ajudar no seu trabalho. O pagamento do salário da empregada de Luísa Zagalo pela sua mãe é uma forma de dádiva. Ajuda num aspeto que implica um dispêndio de dinheiro significativo e com uma ligação próxima à intimidade e ao espaço doméstico, pelo que se enquadra no contexto de oferta entre

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

familiares próximos. Narrativas recolhidas por outros investigadores permitem deduzir que tem sido uma prática corrente ao longo dos séculos XX e XXI (Purbrick, 2007: 44).

## CAPÍTULO 11. FRONTEIRAS FLUIDAS: A CASA POROSA

O conceito de modernidade líquida, cunhado por Zygmunt Bauman (2006 [2000]) no decorrer da sua análise da contemporaneidade, é aqui utilizado como argumento que sustenta a aceleração da permeabilidade entre o interior e o exterior da casa. Permeabilidade que, no âmbito deste trabalho, se assume sobretudo nas formas de consumo, não excluindo outras que vão sendo tratadas quando relevante para a análise.

Apesar de todas as divisões da casa terem associadas narrativas que as tornam fluidas – ou porosas, dito de outra forma – propõe-se aqui o quarto de dormir como espaço exemplar na sua evolução de divisão funcional para área da casa onde se possibilitaram reestruturações de identidades individuais no seio das famílias em questão. Isto deve-se, em primeiro lugar, ao facto de que as famílias entrevistadas se inserem em grupos sociais desfrutando de desafogo económico, pelo que habitaram ao longo das gerações casas onde foi possível que cada casal/ membro da família tivesse o seu quarto de dormir. Fazendo uma cronologia do modo de habitar o quarto, chega-se ao século XXI, altura em que as tecnologias de informação e comunicação tendem a ser utilizadas neste espaço por razões diversas. E é através delas que se reformulam e emergem novas identidades, num processo que não é isento de tensão.

Das narrativas recolhidas retêm-se espaços dedicados às crianças, como quartos de dormir e de brincar, mas também que estas frequentavam/ partilhavam os espaços das criadas, encarregues de tomar conta deles a maior parte do dia. Era nestes espaços de partilha que decorriam as atividades quotidianas. O ensino em casa era uma prática comum neste estrato social até, pelo menos, à década de 1960. A preferência pela contratação de precetoras portuguesas e/ ou estrangeiras (a *mademoiselle*, dada a tendência francófila das classes elevadas nesta época) para ensino dos primeiros anos escolares das crianças permitia mantê-las em casa mais tempo e exercer um maior controlo sobre a sua educação. Uma vez que a formação era uma componente importante na reprodução do estatuto<sup>93</sup> (apesar de normalmente não ser rentabilizada no mercado profissional formal, a exemplo de algumas entrevistadas), o procedimento procurava lançar uma estrutura sólida para uma futura aquisição de conhecimentos. A *mademoiselle* dava formação bilingue, dotava as

---

<sup>93</sup> Sobre este assunto ver, entre outra bibliografia, Fonseca, Maria Manuel Vieira da (2003), *Educar herdeiros: práticas educativas da classe dominante lisboeta nas últimas décadas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.

filhas das famílias de instrumentos que acabavam por ser sobretudo indicadores de estatuto, mais do que competências profissionais. É o que transparece, por exemplo, no discurso de Teodora Osório, quando refere que tinha um domínio perfeito da língua francesa que gostaria de ter empregue de forma útil. No entanto, não utilizou esta nem outra dotação pessoal para exercer um trabalho ou profissão, submetendo-se ao *habitus* de classe que o marido impôs quando se casaram. De notar que, não existindo preceptoras e antes de atingirem a idade para por elas serem ensinadas, as crianças ficavam entregues aos cuidados das criadas, reduzindo-se o contato com os pais aos cumprimentos matinais e antes de deitar à noite. Esta será outra das razões com o cuidado educativo na contratação de profissionais do ensino assim que as crianças atingiam a idade considerada adequada.



*Imagem 1: Criança fotografada com a criada, mostrando-se grande cumplicidade entre ambos. Século XIX.*

O percurso seguia com a entrada para um colégio, normalmente regido por religiosos/as. Este podia ser ou não em regime de internato, apesar da casa da família ser na mesma cidade da instituição ou muito perto. Este foi o caso de Lourença Teles e da irmã, cujos pais viviam em Vila Nova de Gaia, mas ainda assim optaram pelo regime de internato no Colégio do Sardão (Porto). Esta será uma situação de maior formalismo na educação, onde se procurava também que as práticas quotidianas instituídas pelas religiosas do referido colégio formassem as alunas nas disciplinas corporais e morais que reproduziriam durante a sua vida futura. Contudo, estes espaços de ensino funcionavam também como consciencializadores de classe, evidente no caso de Teodora Osório e da sua irmã e primos. A noção de que a sua posição social valorizava o colégio e portanto, enquanto crianças, tinham

ascendente sobre as religiosas apresentava uma inversão de poder que não era possível na sua casa. O castigo que por vezes lhes era imposto, de terem de comer no colégio em vez da refeição que lhes era sempre confeccionada em casa, utiliza o dispositivo alimentar como instrumento repressivo. A segunda componente punitiva era a temperatura: estando as crianças da família de Teodora habituadas a um ambiente doméstico muito aquecido no inverno, o frio que reinava no refeitório do colégio era-lhes penoso. Este frio atuava como disciplinador do corpo. A entrada nestes colégios marcou para elas o início do uso do espaço público consumado nos transportes coletivos. Os relatos de Teodora Osório e de Lourença Teles acentuam as experiências vividas nestas situações, ainda presentes na memória apesar de pertencerem à infância. Os transportes aparecem nas suas narrativas como marcas de mutação na individualidade, de transição do espaço doméstico para o público, de atribuição de responsabilidades. A gestão do dinheiro dado pelos pais para o bilhete do elétrico por Lourença Teles é feita de forma a conseguir usufruir do transporte mas também de outros bens de consumo ao seu alcance (bolos comprados na confeitaria).

A reflexão de Teodora sobre a educação revela a distância espacial entre pais e filhos na casa como instrumento de equilíbrio. A distância física gerava respeito por reflexo adquirido e daí resultando um certo grau de estranheza entre pais e filhos. Criava-se um relacionamento familiar em que o poder parental estava omnipresente, embora frequentemente invisível, configurando-se numa situação indesejada por todos os intervenientes. A autorização/ impedimento da presença dos filhos nas diversas ocasiões de convivência familiar e social em casa alterou-se para uma prática de primazia da presença das crianças em todas as situações do quotidiano, diz Teodora. Este é um testemunho coincidente com o de outros entrevistados, como Joana Teles, cuja descrição da evolução espacial da casa dos pais reflete a memória desta geografia sentimental. Teodora acentua ainda que a proximidade não se deu só entre pais e filhos, mas também entre avós e netos, devido ao sistema de cuidados das crianças que na atualidade consiste numa rede familiar e de escolas/ infantários. A perceção dos avós pelos netos torna-se diferente: diminuindo a distância relacional, desaparece o mecanismo psicológico que aumentava a sua idade biológica. Agora, Teodora sente que o espaço que os netos utilizam para manter a separação entre si e com ela é o do quarto, onde acedem ao computador. O quarto de dormir configura-se ao longo dos séculos XX e XXI como espaço privativo de crianças e jovens. Nestes, os seus ocupantes de direito dispõem de poder, o que não acontece nos restantes espaços da casa e fora dela. Alguns dos meios que permitiram essa privatização parecem ter sido os equipamentos eletrónicos, tais como os gira-discos, inicialmente, seguindo-se o rádio, as aparelhagens *hi-fi*, a televisão, o computador. Salientam os entrevistados mais velhos que uma vivência da infância no exterior, com um uso intensivo da bicicleta, deu lugar ao confinamento das crianças e jovens aos interiores das casas, comunicando com o mundo exterior através de dispositivos tecnológicos. Tomás realça que a utilização do espaço exterior público pelas crianças e jovens mudou com a alteração das condições de segurança. Esta é uma forma de articular a questão diferente da de outros entrevistados, que manifestam preocupação com as gerações mais novas cada vez menos utilizadoras do espaço exterior público atribuindo culpas à sedução tecnológica. Tomás recorda o bairro urbano em que viveu 10 anos da infância e adolescência, sossegado e seguro, onde brincava com os amigos. E, tendo televisão em casa, optou por estar com os amigos,

era o que mais lhe agradava. Ver televisão parece assim ganhar proeminência no tempo, a par da preocupação dos pais com a integridade dos filhos. A componente de vigilância exercida pela rede de pais e vizinhos, habitantes dos espaços onde as crianças se moviam "em liberdade", está ausente nas entrevistas que fiz. Esta era, contudo, uma condição necessária ao uso permitido dos espaço público exterior pelas crianças. Com a diminuição da ocupação diária dos espaços domésticos, devido à evolução da entrada da mulher no mercado de trabalho e à prática recorrente de instalar os idosos em instituições onde lhes são prestados cuidados mais adequados à sua situação, escasseiam já vigilantes dos espaços públicos circundantes das habitações. Os espaços doméstico e público são por isso interdependentes, devendo ser percebidos em relação mútua. Apenas considerando esta dinâmica se consegue entender, por exemplo, o discurso de Teodora na sua recordação amarga sobre a tentativa frustrada de tirar a carta de condução e as razões deste desfecho (género, gravidez, machismo e a tentativa de manipulação do resultado do exame). A consciência de depender do marido a vários níveis – entre os quais o da mobilidade espacial – tornou-se evidente quando se divorciou. A liberdade de movimentos ficou cerceada, e por conseguinte optou por sair cada vez menos de casa. O automóvel aparece nas narrativas como um dispositivo que permite transpor dimensões espaciais e simbólicas: Matilde Zagalo refere o hábito de juventude de ir ao aeroporto de Lisboa, com as irmãs e as amigas, tomar café e ver quem embarcava. O automóvel é o meio de transporte eleito sem hesitação, pois a deslocação de autocarro acentuava a distância social entre admirados e admiradores. O aeroporto apresenta-se como um espaço de modernidade selecionado. Aqui o recurso ao automóvel corresponde traça um limite entre esfera privado e coletivo. Usufruir ou possuir um meio de transporte privado, que está às ordens do seu dono/ ocupante, é um mecanismo de distinção, a que se recorre para não acentuar a distância com um grupo de pessoas (passageiros) que então era considerado superior. O estatuto associado ao automóvel é aliás recorrente nas memórias dos entrevistados. É o que sucede na família de Teodora Osório, durante a sua infância, para acorrer a situações sociais como a ida semanal à missa de domingo ou fazer visitas. Além destas utilizações também servia para uso profissional do pai. Dada a proximidade entre a residência da família e as igrejas que frequentavam, o que poderá ter motivado a deslocação de automóvel terá sido a doença da mãe, o eventual mau tempo e/ ou uma prática que sublinhava esta solenidade dominical. As restantes modalidades de uso estão conotadas com o género masculino, com o cabeça de casal do agregado familiar. Esta era a situação comum nesta geração das famílias entrevistadas, com a mulher circunscrita à esfera doméstica (a própria ou a das visitas que fazia). Por outro lado, um dispositivo pequeno, eletrónico, como o MP3, deu a Clara Rebelo a possibilidade de gerir o seu espaço fora do ambiente doméstico, num transporte público (autocarro). Uma vez que havia continuidade da casa na companhia que o pai lhe fazia nos trajetos para levá-la à escola, Clara socorreu-se do MP3 para não se sentir obrigada a sentar-se junto a ele. Sem este objeto seria difícil que tal não sucedesse. A localização escolhida em cada meio de transporte parece adquirir significado em cada idade nas narrativas. Na da infância de Luísa eram os lugares traseiros da Renault Nevada de sete lugares os que tinham mais atrativo, tal como hoje acontece com os seus filhos na carrinha que possuem. A apropriação do espaço interior do automóvel adquire mais importância que a interação entre os ocupantes do veículo, em parte talvez

porque o posicionamento num espaço implica estar ciente da visualização por terceiros. Cada posição compreende, assim, uma noção de poder e de orientação da imagem para se ser percebido pelos outros de determinada maneira. A interação com os demais ocupantes do veículo perde importância neste contexto porque pode ser levada a cabo em qualquer lugar. Para o filho de Luísa, a eleição de um espaço distanciados da mãe pode corresponder a uma vontade de afirmação pessoal, tal como o fez a sua irmã Clara quando o pai a levava à escola de autocarro.

Constata-se como o espaço exterior ganha dimensão na construção do indivíduo. Veja-se por exemplo a autoanálise de Luísa e Tomás: as suas narrativas refletem sobre o uso do espaço exterior na forma que cada uma das suas famílias decidiu educá-los. Os pais de Tomás, por apetência e profissão, usavam este espaço para fornecer aos filhos conhecimentos, experiências e sensações diversas, ampliando para isso o espaço físico e mental ao viajarem com frequência para além das fronteiras de Portugal. O investimento numa autocaravana, cujo espaço interior foi por eles alterado para corresponder à sua conceção particular de uso, significou uma liberdade acrescida.

Uma das preocupações principais de Tomás é a falta de informação e de crítica gerais no uso das tecnologias disponíveis, que leva a situações de uso inadequado e inseguro das mesmas. Sublinha, como exemplo, a inaptidão de um sobrinho que nunca aprendeu a andar de bicicleta (não domina uma técnica de equilíbrio) e atribui a causa ao uso constante da Playstation (uso de outra técnica que implica destreza, mas simultaneamente imobilidade). Os pais de Luísa orientaram os filhos num uso diferente do espaço, onde lhes era dada liberdade para o gerirem como desejassem. O uso era lúdico e a interação ocorria com irmãos e primos. Luísa considera com alguma pena que esteve ausente a componente intelectual. Tenta por isso suprir esta lacuna e aproximar-se da infância e juventude do marido nas atividades que proporciona aos filhos. Estas passam por um uso mais intenso do espaço e serviços públicos (bibliotecas e museus) para frisar também que há espaços diferentes dos da Internet e que estes podem ser igualmente interessantes. Luísa tem a experiência de não ter lido tanto como desejaria porque em casa dos pais não existiam livros que lhe interessassem, tendo descoberto a literatura que a cativou já adulta. Por isso tenta que o seu espaço doméstico não seja tão limitativo neste aspeto para os filhos. Tomás realça que o uso que na infância foi fazendo, sob orientação da mãe, de objetos do espaço público como o telescópio do Monte da Virgem, o fizeram perceber de uma forma específica as diferentes razões que justificam a posse de cada objeto. O uso intenso do espaço exterior por Tomás e a sua família e amigos também lhe conferiu uma forma de olhar os objetos comparativamente, contribuindo para sedimentar a forma como decide avaliar cada um. A filha de ambos, Clara, tende por seu lado a fazer uma utilização intensiva do interior da casa e do ciberespaço. Para Clara este é um local de construção de identidade perante os seus colegas, e de análise da identidade dos mesmos. O ciberespaço assume a função dupla do vidro, de mostrar e deixar ver. A escolha que a jovem faz do uso (sobretudo) de redes sociais, enquadra-se nesta perspetiva, que na sua narrativa parece perpetuar uma classificação e naturalização de conceções de género. A sua observação das opções de uso do ciberespaço pelos colegas reflete estas conceções, estabelecendo relações entre objetos (sapatilhas douradas do colega) e o uso de redes sociais, que no seu universo são utilizadas sobretudo por raparigas. O espaço da Internet ganha significado, neste contexto, não só pelo uso em si, mas pela articulação com outras dimensões da realidade. Este



aspecto é de particular importância quando se procura perceber a contribuição do espaço da Internet para a construção de significados. Clara reorganiza o seu espaço virtual aproveitando as ferramentas ao seu dispor, promovidas pelas redes sociais. Algum do descontentamento que por vezes se verifica entre os utilizadores prende-se com uma perceção (a seu ver) “errónea” das suas identidades projetadas, adotando então uma atitude de recusa ou alteração drástica da sua relação com a Internet. Este uso do espaço virtual parece fazer parte da procura de Clara pelo seu lugar no universo que lhe é proporcionado no interior e no exterior do ambiente doméstico. Algumas das suas opiniões (inclusive a forma linguística e de expressão corporal de as veicular) são continuidades das dos pais, enquanto que outras práticas de uso do ciberespaço se assumem como uma rutura com estes. Entre elas conta-se a utilização alargada do tempo passado na Internet se não houver controlo parental, que é exercido de forma física: a ligação é interrompida pelo pai. Para Clara, o ciberespaço assume também os contornos de comunidade virtual. De aí decorre a preocupação que os seus pais – e os interlocutores mais velhos em geral – expressaram pela ausência de vivência em grupos pequenos em que a convivência é feita cara a cara. Há uma necessidade pela parte de Clara de criar e pertencer a uma comunidade virtual, uma tendência no seu contexto social e cultural.

As narrativas denotam uma transferência progressiva do poder de decisão de uma pessoa predominante (chefe de família, pessoa mais abastada que possuía um aparelho) para o indivíduo, num alargamento da participação na tomada de decisões em processos domésticos. Este processo levanta problemas, porque empodera agentes (os membros mais jovens das famílias) que nunca tiveram tanta capacidade de decisão numa forma tradicional de ver o funcionamento do enquadramento social dos narradores. Esta perda de poder de agentes que o tinham devido a razões como a maior idade, capacidade económica e estatuto de chefia no seio de uma família causa-lhes na atualidade alguma ansiedade. Vários fundamentos da estrutura familiar transmitida geracionalmente mudaram, não se conseguindo ainda perceber qual a evolução e as suas consequências. Isto reflete-se na preocupação dos pais com a vida ciberespacial (privada) dos filhos, com a capacidade que agora têm de utilizar os dispositivos como, quando e onde quiserem sem terem de pedir autorização. Podem recorrer a eles em locais e alturas como as das refeições, que no âmbito social em questão agita o recato da família. Contudo, o discurso captado desloca esta agencialidade das pessoas para a tecnologia, atribuindo-lhe a pressão duma modernidade à qual é impossível escapar. E esta modernidade toma as rédeas da ação, deixando pouca margem de decisão ao humano, em alguns discursos.

### **O telefone e a fluidez do espaço**

The telephone is an irresistible intruder in time and space.

Marshall McLuhan (1964: 271)

O telefone foi um marco importante na vida quotidiana, iniciando-se a sua difusão nas famílias mais abastadas. O primeiros aparelhos instalaram-se em Lisboa no ano de 1882: 15. O seu número, incluindo os do Porto, passou para 3 501 (em 1901), 6 263 (em 1910), 12 410 (em 1918), 19 347 (em

1926) e 33 124 (em 1933). A telefonia criou também novos hábitos de sociabilidade doméstica. Em 31 de dezembro de 1950, estavam registados em Portugal 239 852 aparelhos recetores (278 por 10 000 habitantes). A maior densidade correspondia a Lisboa (919 aparelhos por 10 000) e a seguir ao Porto (412), Setúbal (379) e Coimbra (227) (Cascão, 2011a: 49).

Teodora Osório, Matilde Zagalo e Tomás Rebelo recordam o uso fora de casa. O telefone ao qual recorriam estava num estabelecimento comercial da vizinhança. Este contexto fazia com que a ele se recorresse com conta, peso e medida e as conversas mantidas fossem curtas devido à falta de privacidade. Apesar de se referir nas entrevistas a presença de telefone em casa, ou na de vizinhos ou familiares, desde o início do século XX, a utilização do aparelho para transmitir voz à distância parece ter sido prática pontual. Se, por um lado, facilitava a comunicação, por outro, foi instrumento de controlo no seio das famílias que dele dispunham. Só na variante portátil, batizada em Portugal telemóvel, é que se tornou um objeto de uso individual, ao qual outros que não o proprietário poderiam aceder – mas apenas com a sua autorização. Esta mobilidade alterou o exercício de poderes dentro da família no que diz respeito, também, à gestão e uso do espaço do lar.

A utilização do telefone (sobretudo do telemóvel) pode ser perspetivada como meio de neutralizar distâncias, mas também o oposto: manter a separação entre as pessoas. Cria e delimita o espaço privado, íntimo. A preferência que os entrevistados mais jovens afirmam pelo envio SMS em vez da comunicação por voz (comportamento salientado também pelos respetivos pais) corresponde a uma vontade de usar a tecnologia para marcar territórios. A comunicação escrita não está sujeita à interação direta com o interlocutor, e o impacto da comunicação por voz (que ainda é física) é evitado. Outros entrevistados, de outras faixas etárias, mencionaram a sua “luta” contra o domínio do telemóvel, começando por resistir à sua aquisição. Esta relutância é confirmada na bibliografia (vd. por exemplo Schwanen e Kwan, 2008: 1371). Após a aquisição iniciou-se o processo de incorporação. Sentiram então o seu espaço e o seu tempo invadidos e decidiram controlar o impacto do aparelho. Foi um processo moroso, difícil, mas com um desfecho satisfatório. Ao propósito inicial de domesticar as pessoas através da imposição de restrições ao uso duma tecnologia, seguiu-se o receio do poder que se pressentia emanado dessa tecnologia. Tornar-se-á mais poderosa que os indivíduos? Seremos controlados por sistemas não humanos? O *smartphone* parece afigurar-se ubíquo – e por isso olhado com desconfiança – no discurso de alguns entrevistados. É a diferença fundamental em relação a todos os que existiram até à sua popularização pois o telefone fixo, por exemplo, tinha as suas limitações.

A domesticação do aparelho telefónico dá-se pelo equilíbrio que cada pessoa considera estabelecer entre dois fatores: as necessidades que este colmata e uma presença considerada intrusa na vida social das pessoas. As inúmeras vantagens que apresentou ao longo do século XX foram potenciadas pelas mudanças culturais e sociais. Facilitaram e agilizaram processos como relações sentimentais, permitindo uma revisão dos papéis de género cristalizados até meados deste século. “[...] the telephone was seen as central to maintaining relationships, providing support and care and, in some cases, alleviating boredom and loneliness. Interestingly, her interviewees reported that they talk *more* freely and intimately on the telephone than face-to-face.” (Mackay, 1997: 283)<sup>94</sup>. Matilde Zagalo

---

<sup>94</sup> Referência à pesquisa na Austrália de Ann Moyal (1992), “The feminine culture of the telephone: people,

lembra como uma prima procurava encurtar a distância que a separava do namorado através do telefone, usando-o não pontualmente ou durante pouco tempo, como outros narradores mencionam das suas experiências pessoais, mas sem limites horários. O conteúdo dos telefonemas poderia ser pouco ou mesmo inexistente, mas o importante era a proximidade do outro. Foi uma infelicidade irónica, segundo Matilde, que o casamento da prima com este namorado fosse desastroso. Matilde evidencia ao narrar esta sua memória a postura dual que diversas sociedades viveram desde a vulgarização do telefone nos espaços domésticos: a sua função primordial deverá ser a utilitária ou de socialização? Esta foi uma interrogação que inquietou também as companhias telefónicas, como se pode depreender de anúncios de imprensa onde se faz uma séria advertência ao leitor feminino de que o telefone deve ser usado apenas para falar brevemente de assuntos úteis (Olías, 1999). Beatriz Olías, em publicação destinada a ajudar os leitores a poupar nos gastos domésticos, aconselha medidas preventivas para aliviar a conta do telefone. Diz que a "ampulheta, cadeado, interrupção temporária..." são inúteis na estratégia de poupança na conta do telefone, aconselhando a dizer ao interlocutor com quem se está a combinar uma ida ao café para a conversa ficar para depois. "Recordemos sempre que o telefone é um meio de comunicação de mensagens." (Olías, 1999: 35-36). A utilização do telefone e depois do telemóvel foi promovida pelos fornecedores iniciais em países ocidentais dos EUA a Portugal como meio de comunicação empresarial / profissional (ver, por exemplo, Fisher, 1992 e Goggin, 2006). Quando estes aparelhos entraram no lar foram também promovidos como objetos ao serviço exclusivo da gestão da casa, e o seu uso para práticas de sociabilidade censurado com ênfase. Perceber quais eram os papéis que os consumidores poderiam querer dar ao aparelho de telefone foi um processo aparentemente problemático, não isento de conflitos de perspectivas de ambas as partes (desenhadores de produto, fabricantes e comerciantes por um lado, e consumidores pelo outro), e que no século XXI ainda não estabilizou. Uma das possibilidades de utilização exploradas pelas companhias telefónicas na primeira metade do séc. XX em Portugal foi a de veículo de entretenimento, oferecendo a transmissão das temporadas de ópera do Teatro Nacional de São Carlos. Tal como experiências semelhantes levadas a cabo nos EUA e na Grã-Bretanha, não vingou devido ao desinteresse dos utilizadores (Goggin, 2006: 22). As contingências da apropriação do telefone passaram também pelos papéis de género, cristalizados em determinadas épocas e contextos. Senão vejam-se dois excertos da publicação periódica *Crónica Masculina*. A primeira, relativa à profissão feminina de telefonista:

"Nem tudo pela mulher, nem tudo contra ela (antes pelo contrário)"

"As meninas do zero à esquerda"

"[...] Mas onde o débil cérebro feminil nada alcança é no campo da mecânica. Sem necessidade de utilizar o "Gallup" das bichas dos "eléctricos", estudando o assunto em cada caso, poderemos verificar que a mulher mais sagaz, disposta a enfrentar todos os problemas domésticos, desde o de limpar o pó ao de cozinhar à "suflé", se dá por vencida quando se desarranja algum dos elementos mecânicos que emprega na vida do lar. A avaria de um simples

---

patterns and policy", *Prometheus*, 7, nº 1.

abre latas, tem de solucioná-la o "pater familia". Onde começa o manejo dos alicates e da chave de parafusos, a filha de Eva sente-se forçada a pedir auxílio ao Rei da Natureza. Por isso sempre estranhámos que uma tarefa tão alheia à capacidade feminina como é o manejar de uma central telefónica, haja posto em frágeis mãos de mulher. [...] O leitor já conseguiu alguma vez ligar para o 095? Eu, já. Há dois meses consegui que me atendessem. Responderam-me que a ligação estava mal feita. Ao contar isto invade-me certo receio: ninguém me acredita ou dizem que tenho parente chegada na Companhia dos telefones pois como toda a gente sabe, o zero-nove-cinco está a falar ou não responde. O caso está previsto. Se não funciona o zero tira-se-lhe o dito e liga-se para as "Avarias" - 95. Pode-se explodir em cólera, ser-se mesmo malcriado ou indecoroso, que não há perigo de alguém ouvir. O facto deve-se a um estranho sentimento de companheirismo. Tudo menos acusarem-se umas às outras! Não seria preferível confiar às mãos hábeis de jovens telefonistas - varões esse labor mecânico que excede a capacidade feminina e em que eles seriam desenvoltos? Para que havemos de lutar contra as leis da natureza?

CONDESSA DE ALFEITE" (*Crónica Masculina*, 16, 23-III-1957: 18)

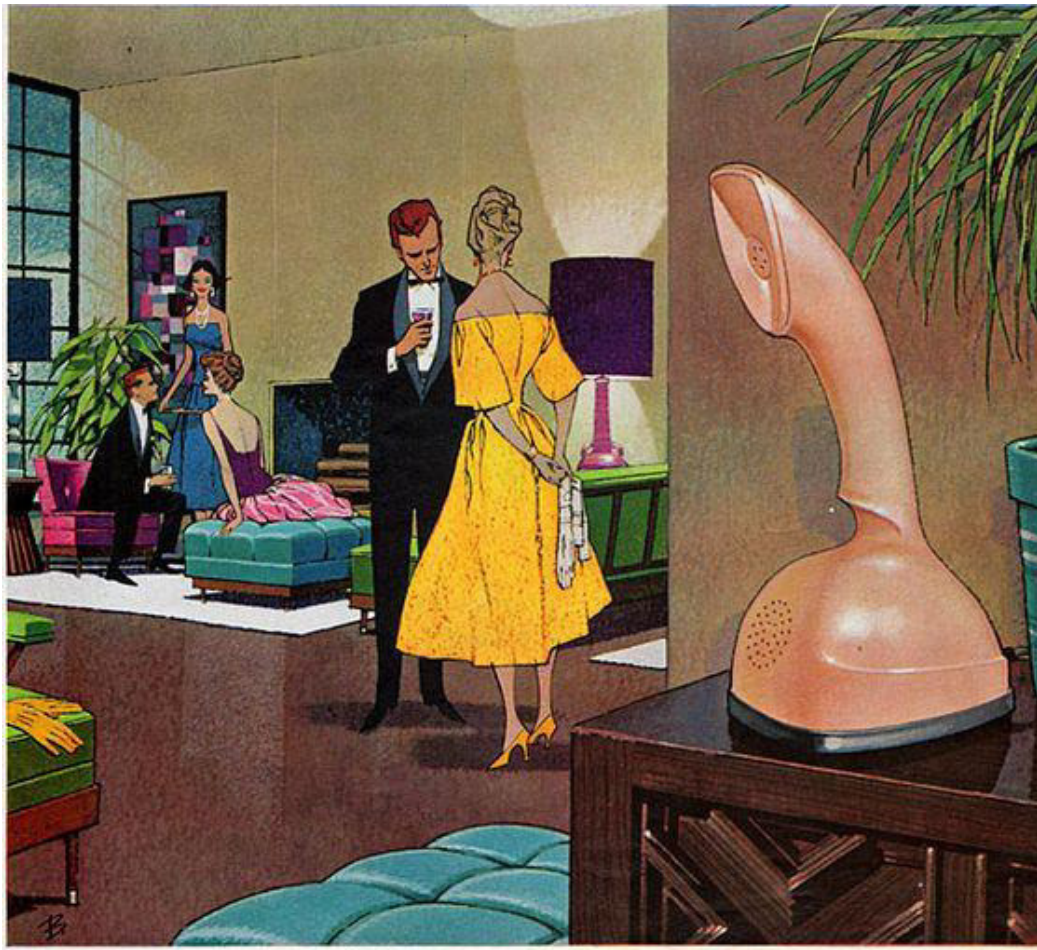
O pseudónimo procura legitimar a postura do autor. Por um lado, apresentando o mesmo género das profissionais sobre as quais versa o artigo; por outro, definindo e enquadrando a sua identidade numa elite social. Numa utilização ainda mais extrema da cristalização dos papéis sexuais e da sua associação à tecnologia e ao telefone em particular, aparece na mesma publicação de 1956 a notícia de uma novidade: o telefone sintético (Ericofone) da Independent Telephone Industry, de Chicago. Era constituído por uma peça única, com disco e transmissor e recetor, e de tamanho metade de um vulgar. Salienta-se uma vantagem: "... E vai ser um descanso para quem tenha uma das mãos ocupada, ao falar à namorada..." (*Crónica Masculina*, 2, 15-XII-1956: 27)



Imagem 2: Capa do nº 1 da revista *Crónica Masculina*. 1956.

A publicidade deste mesmo aparelho na revista *Crónica Feminina* de 1957 é mais objetiva de forma notória, não recorrendo a observações sugestivas de vantagens na utilização:

Apresentamos às nossas leitoras a última invenção de Independent Telephone Industry, o Ericofone. Assim é denominada esta nova concepção do telefone. Consiste numa única peça, que reúne o disco, o transmissor e o receptor e equivale mais ou menos à metade de um telefone comum. Funciona com o mesmo sistema de linhas e conexões. Quando se leva o aparelho ao ouvido estabelece-se automaticamente a ligação; para desligá-lo, é só preciso pô-lo sobre a sua base (*Crónica Feminina*, 8, 17.I.1957: 14).



The telephone that reflects your good taste  
the North ERICOFON®

If yours is a family whose every possession, whose very way of life is a constant reflection of good taste, the Ericofon is the only telephone in the world that fits perfectly into your pattern for living.

Here is the telephone elegantly classic in beauty and completely functional in convenience. Just imagine—the Ericofon weighs no more than the handset alone on old fashioned two-piece phones! Could anything be more convenient than the dial-in-the-base that “comes to you” for dialing from any position, any angle?

Have you ever seen anything as lovely as the clean simplicity of the Ericofon’s new free form design? Color . . . to be sure! A full range of colors to complement the decor of every room in your home! Thousands of families served by progressive Independent Telephone Companies are already enjoying Ericofons. To have an Ericofon installed in your home—consult your telephone company. For color literature, write . . . Department E-1, North Electric Company, Galion, Ohio.

**NORTH ELECTRIC COMPANY**  
Better Telephone Equipment Since 1884

Imagem 3: Anúncio ao Ericofone, desenvolvido pela marca Ericsson e produzido em série a partir de 1956.

Recorde-se que em Portugal as primeiras experiências foram feitas em 1877, com telefones Bell importados da Alemanha. A primeira rede telefónica pública de Lisboa é de abril de 1882, com 22 assinantes, e a do Porto de junho 1883, com 29 assinantes. As redes, concessionadas à Edison Gower-Bell European, Ltd., funcionavam entre as oito da manhã e as nove da noite. Após estas horas só era possível fazer chamadas urgentes para os bombeiros ou polícia. O horário estendeu-se pouco depois. Em 1882, em Lisboa, haveria cerca de 100 telefones particulares ligados ponto a ponto (antes da rede pública). O primeiro telefone comercializado em Portugal era de fixar na parede. O telefone de corrente contínua de parede Edison Gower-Bell (1882) foi usado nas primeiras



residências ligadas à rede pública, e a companhia alugava circuitos durante a temporada de ópera para se ouvir a transmissão do Teatro Nacional de São Carlos. Com a inauguração da rede pública montaram-se nas casas dos assinantes aparelhos a pilhas elétricas: telefones de bateria local. O telefonista assegurava a ligação, da central telefónica, e carregava-se no botão para chamar a operadora (AA. VV., 2000: 13-40).

A absorção do telemóvel pelo mercado já foi mais fácil: o telefone foi precursor, e a sua portabilidade tornou-o muito atrativo. Este aparelho reconfigurou hábitos relacionados com o telefone e desvinculou-se da casa para se associar ao indivíduo (Goggin, 2006: 2), abrindo caminho a novas formas de interação e estruturação de identidade pessoal e coletiva. O exercício da parentalidade é revisto, com os pais a tomarem a decisão de dar telemóveis aos filhos seguindo critérios variados. A viagem e a mudança de um espaço controlado para um desconhecido costuma ser uma das opções, o que se verificou no caso de Clara Rebelo e do filho de Joana Teles quando foi estudar para os EUA. Os pais sentem-se mais seguros no seu papel quando ajudados por este equipamento, apesar de salientarem que na sua infância ele era inexistente. Lembrou Tomás, na sua juventude ele e os amigos procuravam usar o telefone fixo de um estabelecimento comercial para os pais não exercerem o qualquer supervisão. Por outro lado, e conforme já se referiu, a utilização que então os mais novos estavam autorizados a fazer do espaço público não estava sujeita às regras impostas na atualidade, devido a preocupações de segurança. Assim, com a assimilação do telemóvel as paredes domésticas dissolvem-se, permitindo constantes projeções privadas e íntimas da casa para o mundo que não passam pelo crivo do escrutínio. É neste contexto que o aparelho denominado telemóvel começa a significar estatuto, ao qual os filhos de alguns dos interlocutores são sensíveis escolhendo modelos de acordo com critérios de ostentação (além de Clara, é o caso da filha mais nova de Joana Teles). Esta conotação elitista perdura desde o início da história do telemóvel, com a sua utilização quase exclusiva por executivos de classe média-alta entre as décadas de 1970 e 1980 (Goggin, 2006: 34), o que corresponde à experiência relatada por António Zagalo. A etnografia dos sentidos ajuda a compreender a preferência manifestada por Clara Rebelo (e do seu pai, nos relatos referentes à juventude) e respetivos colegas de escola por objetos que os colocavam socialmente em patamares de estética que os tornavam apetecíveis para "consumo" pelos demais. Ou seja, que os dotavam de capital social. Na linha do raciocínio de Postrel (2003), a estética do mundo material envolve mecanismos sensoriais que ativam conceitos de sucesso e viabilidade nos diversos contextos sociais. Para isto contribuem também o posicionamento das marcas no mercado. A Nokia é um dos exemplos no que diz respeito ao telemóvel. Como se verificou nos relatos dos entrevistados, foi a marca dos primeiros ou segundos telemóveis que possuíram, tendo-se criado um sentimento de fidelidade que parece apenas ter decaído quando começaram a surgir os telefones com ligação à Internet (Blackberry, PDA's e mais tarde os *smartphones*). Para o grande peso que a Nokia teve na configuração duma componente estética do objeto telemóvel contribuíram a compactação, o design, as cores atrativas, a personalização pela mudança de capa e pela de escolha dum toque, a variedade dos modelos, os acessórios. Estas opções tornaram a Nokia pioneira na criação do telemóvel enquanto objeto de desejo (Goggin, 2006: 42), tendo a marca aperfeiçoado esta forma de operar com



o lançamento de alguns modelos destinados a elites. Foi o caso do modelo 8860, com um design pensado para grupos sociais exigentes na estética e sensíveis a modas (Goggin, 2006: 46).



Imagem 4: Nokia 8860.

Estas migraram do mundo empresarial para o pessoal / doméstico. O design dos modelos tornou-se “amigável”, privilegiando as linhas redondas em vez das direitas, mais frias e pouco ajustáveis ao corpo humano (ouvidos e mãos). O objeto vai assumindo formas curvas para se fundir com a pessoa, etapa de um processo que levará ao conceito de *cyborg* (que será tratado adiante) conforme articulado por Chris Gray (2002) e, numa formulação posterior, por Amber Case (2010).

A incorporação de um aparelho que possibilita a presença virtual de qualquer indivíduo nos espaços e nas alturas pretendidas afetou os processos de gestão do quotidiano. Tomás reflete na sua experiência de juventude de combinação de encontros com amigos e como havia maior tolerância à aleatoriedade. Se um encontro não se concretizasse por falta de comunicação não era tão grande o sentimento de frustração. A tecnologia veio eliminar a margem razoável de acaso com que se lidava na vivência diária, e das pessoas que se previa encontrar no percurso. O lançamento em 2013 de aplicações como a “Hell is other people”<sup>95</sup> (adotando a frase “L'enfer, c'est les autres” de Jean-Paul Sartre, da peça teatral “Huis clos”, 1944), que usa o Foursquare<sup>96</sup> para evitar encontros indesejados em locais públicos, é sintomático na noção exacerbada das ligações entre as pessoas nos diversos tipos de espaço. Apesar de concebida pelo estadunidense Scott Garner enquanto crítica à (hiper)utilização de redes sociais como o Facebook e o Twitter, também inclui a utilidade oposta de localizar pessoas com quem se quer encontrar para poder avisar de algum atraso ou imprevisto. Luísa reforça a diferença entre o uso mais ativo do espaço público da sua infância e juventude, e do número de amigos com que interagira, por contraposição à filha. A noção de interação física ou virtual com amigos e a intensidade com que cada uma destas modalidades é praticada, é um tema que para os meus interlocutores é ainda pouco estruturada. Há margem para incógnitas: será melhor ou pior?

<sup>95</sup> <http://hell.j38.net/> (consultado a 12.5.2015)

<sup>96</sup> Aplicativo que fornece um conjunto de informações (restaurantes, espetáculos, cafés, etc.) sobre o local onde uma pessoa se encontra. Exige registo pessoal e acesso à localização.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

Quais são as vantagens e desvantagens de cada uma? Em comum, existe a preocupação das gerações mais velhas pelo resultado que possa vir a ter o uso (excessivo) da interação no plano virtual.



Imagem 5: A preocupação com a perda de interação física é generalizada e reflete-se em medidas públicas. Bangkok, 2017.

O movimento físico e uso intenso do espaço que era constante na sua juventude foi substituído em grande parte pelo sedentarismo dentro de edifícios e pelas ligações virtuais, e as consequências ainda imprevisíveis deste novo paradigma de relação causam ansiedade. Contudo, não existe apenas uma possibilidade de escolha do tipo de espaço que se pretende frequentar (físico ou virtual). Assiste-se também a uma reconfiguração do espaço físico quando nele se utilizam tecnologias de comunicação. Tomás Rebelo mencionou o uso do iPod pela filha nos locais públicos como fator de perigo pela distração, mas também enquanto criador de isolamento nestes sítios. A mesma constatação foi feita por Sara Osório, ao mencionar o alheamento ao supermercado onde se encontrava, enquanto conversava ao telefone com o pai. Estudos como os de Schwanen e Kwan (2008: 1374) já mostraram como as pessoas nem sempre valorizam o uso do telemóvel sobreposto a outras atividades, uma vez que se distraem da ocupação inicial. A concentração mental recai por completo sobre o que se ouve através do telemóvel, em detrimento da perceção espacial do local onde se encontra o corpo. Esta constatação levou à constituição progressiva de um corpo legislativo em Portugal, do qual fazem parte leis como a da proibição do uso do telemóvel na condução automóvel. A nível internacional (Havai<sup>97</sup>, Fort Lee – New Jersey<sup>98</sup>) as preocupações legislativas já abrangem o uso do telemóvel e outros dispositivos eletrónicos enquanto se utilizam veículos não motorizados e no uso pedonal de ruas. A cidade chinesa de Chongqing<sup>99</sup> marcou uma via pedonal

<sup>97</sup> [http://www4.honolulu.gov/docushare/dsweb/Get/Document-189687/DOC007%20\(34\).PDF](http://www4.honolulu.gov/docushare/dsweb/Get/Document-189687/DOC007%20(34).PDF) (consultado a 4.12.2016)

<sup>98</sup> <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/northamerica/usa/9265401/Dangerous-walking-crackdown-pedestrians-who-write-text-messages-when-crossing-road-to-be-fined.html> (consultado a 4.12.2016)

<sup>99</sup> <https://www.theguardian.com/world/shortcuts/2014/sep/15/china-mobile-phone-lane-distracted-walking->

específica para utilizadores de aparelhos eletrónicos, concretizando uma experiência sobre comportamento humano do National Geographic Magazine, em Washington DC, com o objetivo de propor soluções para problemas do quotidiano<sup>100</sup>. A proliferação de estudos sobre a distração causada pelos aparelhos eletrónicos o usados no espaço público e as suas consequências (acidentes, alguns mortais) evidencia uma tomada de consciência dos novos problemas relacionados com a vivência do espaço público.

A gestão contínua que as pessoas fazem dos espaços físicos e virtuais em que vivem obriga a uma constante tomada de decisões. As entrevistas que realizei mostraram como as decisões são influenciadas por particularidades de cada indivíduo – a idade, a relação com familiares, com amigos e no restante meio social envolvente. Marta Almeida referiu como utiliza o *smartphone* no local de trabalho para passar mais tempo com os pais no espaço doméstico, em vez de se remeter ao seu espaço pessoal na mesma: o seu quarto. Por outro lado, o isolamento em que Luísa e Tomás dizem que os filhos caem quando usam determinados dispositivos tecnológicos pode corresponder à necessidade de estar num espaço privativo, onde as suas ações acontecem sem escrutínios alheios. A ideia da desterritorialização aliada à globalização proposta por Appadurai (1996) é aqui reformulada numa escala individual e doméstica. A reconfiguração contínua dos espaços de vivência diária é aparente nas utilizações que os entrevistados fazem do *smartphone*. O telemóvel foi um dos aparelhos que estruturaram a dimensão virtual do espaço a partir do século XX. Juntamente com a Internet, permitiram dissolver a componente física do espaço. A imaginação, como proposto por Appadurai (1996), tornou-se parte do funcionamento mental quotidiano em várias sociedades, entre as quais a dos meus entrevistados. Através do desenvolvimento tecnológico, sobretudo da Internet, a imaginação é parte do processo de criação e recomposição contínua de espaços privados e coletivos. A possibilidade de criação destes espaços reconfigura a distribuição tradicional de poder nas relações. A imaginação enquanto mecanismo que permite a multiplicidade em diversos contextos sociais e culturais na modernidade (Sneath, Holbraad, Pedersen, 2009: 6) tem na tecnologia um apoio que confere ou acrescenta poder a atores que por norma não o tinham (ou possuíam-no em grau reduzido). Estes atores têm vindo a ampliar os contornos do seu espaço de vivência à medida que o acesso à tecnologia de uso em ambiente doméstico se tem tornado acessível a um maior número de pessoas graças ao seu embaratecimento.

As formas como cada envolvido no processo lida com esta situação são diferentes. No caso de Clara, os pais limitam o horário de acesso à Internet, recorrendo ainda à proibição de lhe aceder. O facto de Luísa Zagalo e Tomás Rebelo terem o local de trabalho de ambos na sua casa (rés-do-chão), faz com que o controlo sobre o uso da Internet da filha possa ser mais apertado, exercendo-o por vezes enquanto ela navega e eles trabalham. A quase inexistência de fronteiras entre o espaço habitacional e o de trabalho é facilitador do exercício do controlo parental. Joana, por seu lado, propôs algo semelhante, em que o espaço de convívio comum, a sala, ficaria vedado a computadores. Guilherme Almeida referiu que uma família sua conhecida decretou um dia sem ligar a televisão, o computador

---

[pedestrians](#) (consultado a 4.12.2016)

<sup>100</sup> <http://www.dailymail.co.uk/news/article-2696568/TV-puts-fast-slow-lanes-DC-sidewalk.html> (consultado a 4.12.2016)

ou outra tecnologia de comunicação e entretenimento em casa. Sara Osório exerce e estabelece ascendente sobre os sobrinhos, quando toma conta deles, gerindo o tempo em que podem utilizar tecnologia.

O funcionamento em rede dos sistemas tecnológicos torna-se evidente nas narrativas recolhidas, onde o processo de aquisição do telemóvel individual correspondeu a uma influência decisiva de familiares, amigos ou colaboradores próximos. Por outro lado, alguns interlocutores (António Zagalo) referem o telefone como um objeto ilustrativo da vida económica portuguesa anterior à entrada na União Europeia (1986). A impossibilidade que sua firma teve, com frequência, de estabelecer ligações telefónicas e António recorrer à deslocação em automóvel, porque o telefone não constituía solução num prazo útil marcou um tempo em que a produção de realidades físicas ainda levava a melhor às emergentes soluções tecnológicas. A subversão destes modos de fazer assentes nas NTI causou perplexidade a António, que constatou como os objetivos funcionais das tecnologias são por vezes afetados por fatores inesperados.

### **Ruturas do quotidiano: os espaços de férias**

Ausência ou disponibilidade de certos equipamentos nas casas de férias, tais como a comunicação por voz ou o automóvel é assunto que integra algumas das narrativas recolhidas. Em contraste com as comodidades (eletricidade, água canalizada, aquecimento) que foram sendo instaladas nas residências permanentes dessas famílias, as suas casas de férias (ou de campo), visto o seu uso temporário, costumavam ter apetrechamento singelo. Dotá-las de confortos seria muito dispendioso. No estrato social a que pertencem as famílias aqui tratadas, é frequente herdarem-se grandes casas rurais situadas no Minho. Por isso, usavam-se no verão. Nessa altura do ano não era necessário aquecimento e havia uma predisposição mental que permitia encarar com tolerância inconvenientes que, no domicílio habitual, seriam insuportáveis. A exploração das terras adstritas a estas casas ajudava à subsistência da família que vivia na cidade. Caseiros zelavam pela propriedade. Houve remodelações que foram sendo necessárias ao longo dos anos devido ao desgaste dos materiais, e a dada altura, o frigorífico foi um apetrechamento eletrodoméstico considerado prioritário. Sendo as casas de construção antiga, em granito, tornava-se dispendioso fazer obras como instalações sanitárias, colocar água canalizada e a eletrificação. As memórias a elas associadas têm, por isso, um cunho de ruralidade.

As casas de férias na praia da Granja, herdadas em gerações consecutivas por famílias como a de Teodora Osório, começaram a tornar-se habitação permanente após obras que lhes garantissem conforto em espaço e ambiente. Os sistemas de aquecimento, nestas e em casas da cidade do Porto, revelam a capacidade económica das famílias. O aquecimento central só era acessível a algumas delas. Opção mais barata foi a encontrada pelo pai de Teodora, mandando instalar fogões a lenha em quase todas as divisões. Este sistema implicava dispor de criadas para os manter acesos; e esta mão-de-obra existia por defeito naquele contexto doméstico, não representando um dispêndio financeiro adicional. O custo do trabalho manual era então inferior ao investimento tecnológico exigido

pelo aquecimento central. Nas narrativas refere-se que as casas secundárias não eram, nem são frequentadas tanto quanto seria desejado, pela falta destas comodidades mínimas.

As formas de usufruir do mesmo espaço também têm significados relacionados com percepções de classe. Tomás vai pontuando o seu discurso com observações que remetem de forma sistemática para uma avaliação crítica do seu ambiente social. Uma delas é a sua experiência alternativa aos locais de férias de inverno frequentados pelas famílias dos seus colegas de liceu. As estâncias de *ski* frequentadas por elites podem ser utilizadas no verão através de opção possibilitadas pelo desenvolvimento tecnológico. A observação de Tomás teve como objetivo salientar que a reprodução acrítica desta atividade de *status* faz com que não se explorem as novas experiências que o desenvolvimento tecnológico possibilita.

A deslocação a esses locais de férias era frequente porque as famílias possuíam automóvel. Exceção feita aos avós de Tomás Rebelo, que tinham casa na Murtosa e para lá se deslocavam de comboio. O automóvel contribuiu para a manutenção de esse *habitus* de classe, de manter propriedades rurais já só com uma função simbólica (habitação solarenga e exploração agrícola). A expansão das grandes cadeias de distribuição verificada a partir de meados da década de 1980 retirou a estas quintas o papel que tinham na provisão das residências urbanas onde viviam os seus proprietários com vinho, azeite, carne e legumes. A dificuldade de conseguir mão de obra em meios rurais foi aumentando, dada a sua migração para a cidade ou para o estrangeiro. A produção das quintas decaiu. Acrescendo-se a esta situação os preços baixos dos víveres oferecidos pelos espaços comerciais e a sua conservação por períodos de tempo alargados devido à refrigeração e à congelação, deixou de ser compensatório cultivar as quintas para abastecer a casa na cidade. Acentuou-se então o carácter simbólico, de *status*, assim como a função de lazer. As gerações mais jovens apresentam posturas diversas sobre os conceitos de lazer associados a estes espaços rurais. Alguns entrevistados manifestam agrado por as casas de férias não facilitarem o acesso à Internet e à televisão. Cria-se um hiato temporal que lhes permite aumentar a sensação de distância dos ambientes quotidianos e levar a cabo tarefas que exigem concentração elevada, como o estudo, a exemplo de Sara Osório. Outros, mais velhos, mencionam a necessidade de instalar a televisão nestas casas, porque filhos e netos se queixam de aborrecimento e resistem à deslocação a estas casas. Refletindo sobre a pressão exercida pelas crianças na aquisição de objetos tecnológicos, a autora Christiane Collange relatou uma visita sua a uma fábrica de computadores estadunidense em 1969:

- Por que razão iriam os particulares comprar um terminal [de computador]?

O jovem engenheiro a quem fiz a pergunta, descontrído e directo como todo o bom americano, olhou-me surpeendido. Era evidente que acabava de fazer uma pergunta idiota:

- Tem televisão em casa?

- Tenho, evidentemente.

- Porquê?

- Hesitei, não soube responder, caí na armadilha.

Tem televisão - sugeriu -, porque já não consegue viver sem ela. interessa-lhe, distraia, abre-lhe o espírito. No dia em que puder ter um terminal de computador na sala de estar por duzentos francos por mês e pensar no que lhe poderá trazer a si e à sua família, não resistirá, como não resiste à televisão. Vai querer participar também nesta nova evolução da tecnologia. Evidentemente que, a princípio, alguns recusarão, como aliás aconteceu com a televisão. Dirão que não têm necessidade dessas inovações e que os livros fazem perfeitamente o mesmo serviço e há muito mais tempo. Mas a dinâmica do progresso é irresistível, sobretudo se for imposta aos adultos por meio das crianças (Collange, 1970: 239-243).

Foi ainda mencionada a aquisição de um aparelho de televisão, quando a sua comercialização ainda era onerosa, por um tio idoso de Teodora Osório que vivia num destes solares rurais. Deduz-se que a solidão justificou a compra, mas não ficou claro se a teria adquirido caso vivesse na cidade. Parece, contudo, permanecer ao longo das gerações a percepção destas casas de férias serem lugares de fuga do quotidiano, onde se aceita a ausência dos equipamentos considerados indispensáveis no meio doméstico habitual (Internet, televisão, aquecimento). O único luxo que há memória da tia de Joana Teles é o automóvel com *chauffeur* de que dispunha para se deslocar quando lhe aprouvesse, sobretudo em lazer. Os constrangidos e austeros hábitos quotidianos tiveram o seu contraponto no que parece ter sido o fator que se revestiu de maior importância para a tia de Joana: a possibilidade de se movimentar sem quaisquer restrições.

As transições e continuidades entre os espaços quotidianos e os de férias configuram também a casa porosa, e cada pessoa decide utilizá-los com determinadas finalidades, projetando e estruturando a sua vida. Enquanto que em ambientes culturais como o da Turquia os estudantes desativam as contas de Facebook e Twitter quando têm exames (Costa, 2016), a minha entrevistada Sara Osório decide ir, só ou com a amiga que também aprecia a eficácia do estratagema, para a casa rural dos pais onde não existe acesso à tentadora Internet.

## CAPÍTULO 12. "WE ARE ALL CYBORGS NOW"<sup>101</sup>

As formas e as morais de consumo, como têm vindo a ser tratadas a partir das narrativas obtidas, configuram-se num conceito que parece oferecer uma perspetiva interessante e múltipla para o entendimento das realidades individuais e sociais em consideração: o de *cyborg*. Este conceito permite abarcar as normatividades e os desvios fornecidos pelas narrativas e enquadrar as pessoas no contexto da modernidade, aqui vista por mim e pelos meus interlocutores, como estando em processo de desconstrução. Citando Daniel Miller, "what we call culture is commonly a process that demands conformity, conservatism and, indeed, oppression. Culture being normative is in many aspects inherently illiberal, although it may strive to be consensual." (2012: 63) O processo de desconstrução que configura o *cyborg* deriva, em grande parte, de uma tentativa de fuga à opressão da cultura em que os interlocutores se inserem. Concorde-se, por isso, com Donna Haraway quando afirma que "in evading the importance of dominance as a part of the theory and practice of contemporary sciences, we bypass the crucial and difficult examination of the *content* as well as the social function of science." (1991: 8).

As tecnologias de comunicação e informação podem ser utilizadas com maior incidência em grupos/ agregados familiares em que haja uma dominação patriarcal/ masculina/ parental efetiva. Permite que se defina um espaço individual, não frequentado por outros do mesmo agregado e que exerçam algum tipo de poder, criando-se assim espaços de subjetividade independente e não censurada, nem vigiada. Aqui surge a característica não neutra da tecnologia em geral, sendo sempre utilizada com finalidades específicas, sejam elas políticas, culturais, individuais. É essencial, portanto, estar atento à dinâmica das mudanças tecnológicas e a sua relação com as mudanças sociais (Schwanen e Kwan, 2008: 1365). A questão do espaço individual virtual criado pelas crianças e adolescentes enquadra-se nesta linha, com Holloway e Valentine (2003) a reiterarem o que as narrativas dos meus interlocutores veicularam no que se reporta a este assunto. Aqui coloca-se a questão dos espaços públicos/ privados e da sua relação. Mas, apesar do uso da Internet por vezes empoderar grupos e pessoas em posições menos vantajosas, pode igualmente contribuir para a cristalização de papéis tradicionalmente atribuídos. É o caso da restrição imposta às crianças no uso deste espaço enquanto reduto de sociabilidade, de constituição de espaços públicos e privados, e de construção do

---

<sup>101</sup> Título de TED Talk de Amber Case (2019), inspirado nos trabalhos de Donna Haraway ([https://www.ted.com/talks/amber\\_case\\_we\\_are\\_all\\_cyborgs\\_now/transcript](https://www.ted.com/talks/amber_case_we_are_all_cyborgs_now/transcript)).



indivíduo. Pode também, por isso, reforçar e perpetuar processos e normas sociais (de género, de classe, geracionais e outros).

A liberdade de escolha individual das tecnologias recentes de uso doméstico e individual abrem um mundo novo de possibilidades para a reconfiguração de identidades pessoais e sociais. A teoria da polimédia (cf. Madianou e Miller, s. d.) tenta explicar como a escolha de determinada plataforma de comunicação por cada pessoa, de entre as que dispõe, tem consequências nas suas relações sociais. O estudo das diferentes plataformas de comunicação tem, portanto, de considerar todas as que estão disponíveis para cada pessoa. As redes sociais também ajudam as pessoas a alcançar as suas aspirações em relação ao que significa ser moderno ou à modernidade e são ferramentas a imaginar o futuro e lidar com ele. A forma como a incorporação da tecnologia tem ocorrido na vida quotidiana e o seu papel na criação de redes sociais leva-me a conceptualizar os indivíduos enquanto *cyborgs*, tal como proposto por Amber Case (2014 [2013]). Parte de formulações anteriores como a de Chris Gray – "A cyborg is a self-regulating organism that combines the natural and artificial together in one system. Cyborgs do not have to be part human, for any organism/ system that mixes the evolved and the made, the living and the inanimate, is technically a cyborg." (2002: 2) e a de *low-tech cyborg* de David Hess (1995) – cada vez que alguém interage com uma tecnologia de uso quotidiano como o telemóvel a informação chega ao cérebro através das mãos e dos olhos, que funcionam enquanto interface. Na análise do que significa ser um humano tecnicizado, Amber Case readapta o conceito a uma realidade social que se foi constituindo com a evolução das práticas relacionadas com os usos individuais e domésticos da tecnologia em que se inserem os meus interlocutores. Neste novo contexto, ser *cyborg* significa não só o exposto por Gray e Hess, como o próprio ser humano (re)produz-se já tecnologicamente porque a estrutura mental é alterada de forma constante pela incorporação de práticas tecnológicas quotidianas.

As fronteiras entre os corpos humanos e os tecnológicos têm-se tornado cada vez mais difusas, e levantam questões como o que se pode identificar enquanto humano e o que se pode caracterizar como tecnologia. Case argumenta que humano e tecnologia são co-criativos, sobrevivendo devido a interação e construção mútuas. Já Carole Rivière, entre outros, constatou a transição do telemóvel enquanto objeto-prótese para parte constitutiva do proprietário (2005: 172). A extensão tecnológica, no momento presente, caracteriza-se pela sua dimensão mental. O uso de dispositivos externos ao corpo para armazenamento de uma quantidade maciça de dados permite aliviar a memória e conferir-lhe fiabilidade, visto a informação estar arquivada em formato digital.

Dispositivos eletrónicos como telemóveis permitem que se estabeleça comunicação nos tempos em que cada pessoa está sozinha em contextos da contemporaneidade, sejam viagens de automóvel ou aguardando o embarque no avião. Nos "não-espacos"<sup>102</sup>, onde se desenvolve a chamada *ambient intimacy*: possibilidade de as pessoas se ligarem a quem quiserem, se tal o desejarem. As narrativas que recolhi mostram preocupação com o leque de opções que se oferece deste modo. Sobretudo os pais temem – ou constatarem – que as crianças sejam cativadas com facilidade por este mundo que lhes é oferecido. Mas, também, alguns adultos confessam que foram ou são incapazes de resistir à

---

<sup>102</sup> Amber Case, <http://opentranscripts.org/transcript/cyborg-anthropology-evaporation-interface> (consultado em 20.1.2017).

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

sedução pela tecnologia. A *ambient intimacy* tende a ser encarada pelos meus interlocutores não como está acima articulada, mas o seu oposto: uma forma fácil de alheamento da realidade, que permite e legitima que não se desenvolvam esforços no estabelecer e manter de relações pessoais que não sejam mediadas por tecnologia.



Imagem 1: *Ambient intimacy*. Hong Kong, 2017.

Como através dos aparelhos que recolhem *small data*, informações antes dispersas tornam-se agora disponíveis e conscientes (ciclos de sono, dados relativos ao sangue, etc.). Esta visibilidade torna imperativo que se tomem medidas para corrigir o que não está dentro dos parâmetros considerados corretos. É conferido a estes dados e aos aparelhos que os recolhem o papel de ativadores de consciência, num momento histórico em que culturas como a ocidental, dos meus entrevistados, privilegiam a preocupação com a saúde, a forma e a beleza físicas.



*Imagem 2: Fitbit, o objeto que mede as várias funções do corpo humano trabalhado esteticamente para potenciar a sua aquisição.*

Donna Haraway, que concetualizou os corpos humanos enquanto mapas de poder e identidade (Haraway, 2001 [2000]: 315), alude ao seu processo de definição na atualidade. Os corpos de humanos já não podem ser compreendidos sem considerar a sua constituição mútua com os corpos tecnológicos. Este processo acontece através de extensões e substituições, o que obriga a negociações de *design*. As entrevistas realizadas para este trabalho mostraram que, no grupo em questão, a consciência desta forma de construção de identidade é incipiente. Mas, também, que há uma urgência na necessidade de compreender como está a realizar-se a interação humano-tecnologia e quais as implicações futuras. A ansiedade causada por este desconhecimento relaciona-se com os discursos de autenticidade pré-digital, mas também com as questões do agenciamento que as tecnologias digitais proporcionam a quem tem menos poder de decisão e com a capacidade de normatividade do ser humano. Este ponto é importante porque vai analisar a tecnologia como elemento que se torna constitutivo do ser humano e dos processos de apropriação e normalização das novidades (Horst e Miller, 2013 [2012]: 4). A gestão dos recursos físicos e tecnológicos à disposição de cada pessoa torna possível a presença simultânea em diversas dimensões de espaço e tempo, e faz com que as fronteiras entre as diferentes dimensões se esbatam (Schwanen e Kwan, 2008: 1365, 1366). A maternidade à distância, no caso das narrativas registadas pelos investigadores Rakow e Navarro (1993) operou-se através do telemóvel. Nas narrativas dos meus interlocutores (nomeadamente de Joana Teles), além de utilizar o telemóvel também recorreu ao Skype quando o filho foi estudar para os EUA. A compressão do espaço e do tempo permitida pelas tecnologias da comunicação assume novos significados no âmbito das relações interpessoais. As narrativas de Joana Teles salientam a manutenção de relações à distância com amigos de correspondência (deduz-se que podiam não se conhecer pessoalmente), através de cartas escritas à mão. E da mudança que se processou com as novas tecnologias de comunicação, que, na sua perspetiva, tanto acentuaram a distância interpessoal como por vezes a estreitam. A ausência das componentes não verbais da comunicação contribui para que as relações mediadas pela tecnologia não possuam o grau de confiança e proximidade que as que se processam pessoalmente continuam a ter. Joana mostrou-se, por exemplo, perplexa com o hábito que os filhos e em geral as pessoas da geração em

que se inserem, preferirem comunicar através do telemóvel por mensagem de texto em vez de telefonar. E este é um fenómeno verificado em outros países, como a Finlândia, onde os adolescentes se tornaram os introdutores da comunicação através de mensagens de texto (Goggin, 2006: 74). A disseminação desta cultura jovem é interpretada como forma de afirmação perante a geração socialmente dominante dos adultos, em particular em relação aos pais (Goggin, 2006: 74). Apesar de nas próprias narrativas de Joana Teles se encontrarem situações que podem ser contraditórias, a sua experiência com o filho merece reflexão. O Skype foi na relação entre os dois, enquanto ele esteve no estrangeiro, uma ferramenta para exercer maternidade à distância. Mas também serviu para compensar uma diminuição de interação entre ambos, uma vez que Joana se tinha acabado de divorciar e o filho se encontrava num local estranho. Joana constatou que, assim que o filho voltou a Portugal, esta relação estreita e mediada deu lugar a um convívio esporádico e a um distanciamento entre os dois.

A apropriação da tecnologia vista como processo que desintegra barreiras físicas (logo, sociais) e a torna órgão do corpo humano contribuiu para uma alteração de fundo na constituição das identidades de género. A premissa de Simone de Beauvoir – que afirmava que uma mulher não nasce assim, mas torna-se mulher – lançou na década de 1940 as bases teóricas para o pensamento essencialista das identidades de género (Haraway, 1991: 133). A evolução deste paradigma é visível ao longo da cronologia das narrativas dos interlocutores em questão, que ilustram um espectro de identidades de género visíveis nos seus espaços sociais nos séculos XX e XXI. Não se adotando uma posição feminista na análise presente, procura-se entender como as identidades de género se foram construindo e mutando por relação. Na senda de Beauvoir, o termo "gendered identity" (1963) do psicanalista Robert Stoller será útil no contexto das narrativas recolhidas para este trabalho, na medida em que acompanha o processo da produção do género de cada um deles, por via do trabalho da cultura sobre a biologia (Haraway, 1991: 133). Foi contra este processo que se insurgiram vozes presentes nas narrativas. As formulações de Beauvoir e de Stoller perpassam as visões de Lourença Teles em relação a si e aos seus pais, as de Joana Teles e as de Teodora Osório, por exemplo. O determinismo biológico, por vezes apropriado pela cultura quando conveniente, manifesta-se no telefonema referido por Lourença Teles: por esta via pretendia-se confirmar a sua emancipação pelo pai – de forma a poder votar quando este se candidatou a um cargo público – numa dimensão política do processo de construção do feminino. O paradoxo de o pai não a deixar tirar o curso de arquitetura por ser "demasiado masculino," mas permitir-lhe tirar a carta de condução e depois guiar como sua motorista, revela a vivência de processos sentidos na sua injustiça e corrigidos quando conseguiu separar-se do poder paternal. No desenrolar das narrativas reconhece-se a evolução dos papéis sociais e das suas relações com condicionantes, como a patriarquia, o capitalismo e a história. Nota-se uma revolta contra as práticas significativas que cristalizavam a experiência de "ser mulher".

Rubin examined the "domestication of women", in which human females were the raw materials for the social production of women, through the exchange systems of kinship controlled by men in the institution of human culture. She defined the sex-gender system as the system of social relations that transformed biological sexuality

into products of human activity and in which the resulting historically specific sexual needs are met (Haraway, 1991: 135).

A relação estreita entre a política e a fisiologia tem sido uma das fontes de dominação, sobretudo por assentar em diferenças categorizadas como naturais, e por isso vistas como morais (Haraway, 1991: 7-8). O que se verificou nas narrativas recolhidas para este trabalho foi o desenrolar de um percurso cronológico em que a tecnologia começou a assumir um papel decisivo no diálogo entre corpo e política. A subversão de sistemas estruturais (de dominação, mas não só) assentes numa conceção naturalista do mundo foi acontecendo com graus variáveis de subtileza. A angústia e ansiedade que alguns dos interlocutores manifestaram correspondem a um abalo nesta conceção, e a uma falta de perspetiva sobre o que poderá ser o futuro. Este sentimento é registado em diversos estudos: Gerard Goggin (2006: 16), por exemplo, refere-o como pânico causado pelos perigos que a tecnologia pode representar para os valores culturais, à literacia, ao uso correto da gramática e à saúde.

Corresponde, também, à constatação do poder extraordinário que a tecnologia pode ter na negociação de poderes nas mais diversas esferas: cultural, social, doméstica, interpessoal e intergeracional. É um instrumento que pode conferir mais poder a quem já o detenha; mas, de igual forma e com maior potencial, pode ser trabalhado para dar agência a indivíduos e grupos que tradicionalmente não o tenham. Este fenómeno pode ter várias articulações. Uma delas é a crítica das redes sociais, tal como levada a cabo por Umberto Eco<sup>103</sup> quando sublinhou o facto de estes mecanismos democratizantes possibilitarem a emergência de conteúdos de qualidade medíocre. Daniel Miller e Heather Horst (2013 [2012]: 3) propõem o princípio de que as tecnologias digitais intensificam a natureza dialética da cultura, contribuindo para a proliferação de diferenças e particularidades. Estes autores consideram dialética a relação do crescimento em universalidade e particularidade com os respetivos efeitos positivos e negativos. A relação proposta por estes autores é sentida pelos interlocutores deste trabalho e é uma das causas da ansiedade com que alguns encaram a incorporação da tecnologia digital nos seus quotidianos domésticos, sociais e globais. A perspetiva da emergência de um mundo novo onde cada ator tem ferramentas que lhe permitem escolher com mais latitude os papéis que pretendem desempenhar nos seus contextos de vida, põe em causa sistemas de controlo social em vigor durante gerações, e transmitidos, de forma mais ou menos cristalizada, pela mesma via. É por isso compreensível que este sentimento de preocupação perante o rumo de uma sociedade e de indivíduos tecnologicizados se verifique em alguns dos meus interlocutores mais velhos, que viveram várias décadas sujeitos a parâmetros que não sofreram alterações tão profundas como as resultantes das tecnologias digitais. O papel assumido pelas mulheres é uma das mais evidentes. As narrativas recolhidas comprovam a construção de categorias "sociais" (Haraway, 1991: 148), de género, dotadas de poder político e social. Lourença Teles e a mãe viveram em contextos em que o género de política cultural "naturalista" mencionado lhes retirou, com frequência, capacidade de decisão. O episódio vivido pela mãe já no final da vida, de saber que o sexo dos filhos é determinado pelo pai<sup>104</sup>, aliviou-a de um estigma opressor inculcado pelo marido.

<sup>103</sup> Ver <http://www.lastampa.it/2015/06/10/cultura/eco-con-i-parola-a-legioni-di-imbecilli-XJrvezBN4XOoyo0h98EfiJ/pagina.html> (consultado em 20.6.2016).

<sup>104</sup> Estudo publicado em 2008 na revista científica *Evolutionary Biology*.

As narrativas recolhidas evidenciam uma evolução cronológica na maneira como as mulheres foram tomando opções de vida para se libertarem das formas de construção e autoconstrução dos sujeitos sociais na cultura em que se inserem. E a tecnologia mostrou ser um recurso poderoso para atingir os objetivos propostos.

Uma das razões que obrigou mulheres a reverem a sua construção social foi a de se verem perante o final do casamento. Como escreveu Donna Haraway,

Withdrawal of women from the marriage economy was a potent figure and politics for withdrawal from men, and therefore for the self-constitution of women as personal and historical subjects outside the institution of culture by men in the exchange and appropriation of the products (including babies) of women. To be a subject in the Western sense meant reconstituting women outside the relations of objectification (as gift, commodity, object of desire) and appropriation (of babies, sex, services). (Haraway, 1991: 138)

Para entender alguns dos processos de mutação de categorias decorrentes da incorporação da tecnologia no ambiente doméstico considera-se relevante a *actor-network theory* (ou ANT). Bruno Latour -- um dos seus principais representantes -- indaga as relações entre natural, social/ cultural e técnica, com o intuito de perceber como se estavam a desenrolar os processos de incorporação da tecnologia no tecido social. A sua grande utilidade para a análise do momento histórico em questão reside na desconstrução dos determinismos: tecnológico, social e natural. Perceber a tecnologia como um mecanismo de futuro incerto, condicionado à sua utilidade e a contingências diversas não previsíveis, é um passo fundamental para acalmar as já mencionadas angústias perante as perspetivas imaginadas de indivíduos e sociedades tecnologizadas. Estas contingências devem-se, na sua maior parte, ao facto de a tecnologia existir inserida em redes complexas e em constante mutação. Redes de atores, de instituições, de relações, de coisas. Os séculos XX e XXI acentuaram a propensão para a vivência em rede nas sociedades ocidentais e o desenvolvimento tecnológico acabou por dar preponderância às redes virtuais sobre as físicas, tornando-as mais ou menos obsoletas, mas sempre presentes e complementares. O conceito que aqui se quer sublinhar é o da impossibilidade de, no presente, concetualizar o corpo humano e a tecnologia (atores) separadamente. Atuam em rede, articulados numa "fluidez" com que Zygmunt Bauman caracterizou a modernidade. A ANT aparece como uma derivação do conceito de modernidade de Giddens (1990), em que as relações entre as pessoas não são sincrónicas: nem no espaço, nem no tempo, como ocorria nas sociedades pré-modernas. A intervenção dos dispositivos tecnológicos causou grandes mudanças na interação entre a pessoa e os sistemas sociais, sendo que algumas construções e experiências da identidade se criam sobre materiais "mediados" (Giddens, 1990). O modelo da ANT é uma proposta para entender como se criam e emergem as redes, como competem entre si, como se mantêm e se perpetuam. É um elemento importante quando se pretende compreender como ocorreu o processo social de passagem de uma estrutura rígida, hierárquica e cristalizada para outra que confere agencialidade a atores que tradicionalmente não a tinham. Os mecanismos de controlo

tendem a perder visibilidade neste último modelo. Em seu lugar, aparenta haver aleatoriedade, falta de estrutura e superficialidade, conforme salientado pelos já citados Umberto Eco e Zygmunt Bauman. Contudo, as “minhas” narrativas apresentam um uso díspar da tecnologia como mediadora de relações sociais, fundamentando o princípio da *actor-network theory*: tecnologia e sociedade constituem-se mutuamente. Clara Rebelo parece procurar um espaço próprio, longe da visibilidade e controlo parentais. Nele tenta definir-se e definir os que a rodeiam, não deixando de referir com muita frequência a companhia física de amigos e amigas. A vigilância e controlo preocupados, exercidos pelos pais – mas também por Joana Teles em relação aos seus filhos –, é em parte continuidade de uma noção já identificada, entre outros, por Gerard Goggin (2006: 16) em relação ao telefone e, depois, ao telemóvel: a associação do uso destes aparelhos a novas possibilidades de expressar a intimidade e estabelecer relações (vistas como lícitas ou não). Estas possibilidades que resultaram da apropriação do telemóvel pela cultura jovem causaram nas gerações dos pais e avós o que Goggin apelidou de “pânico moral” (2006: 37, 109). Este autor debruça-se sobre o sentimento de ansiedade causado pelos equipamentos de comunicação móvel, quando usados pelos jovens, por serem percebidos como agentes que alteram valores culturais e reduzem a literacia, conforme já mencionado (Goggin, 2006: 109). A velocidade das comunicações e a redação curta e concisa, faz com que sejam percebidas como epidérmicas. Relacionado está o conceito de partilha (nas redes sociais, na Internet em geral...) e a conotação de superficialidade que advém desta exposição mais ou menos pública e constante de momentos – íntimos ou não – do quotidiano. Os pormenores correntes da vivência diária – comer, vestir-se, praticar exercício, trabalhar, relacionamento com e cuidado dos animais domésticos, conduzir – são publicados para apreciação de outros. As considerações generalistas predominantes no discurso comum que justificam esta partilha como sinal de insegurança, de procura de aprovação, de tentativa de projetar uma imagem melhorada do real para ganhar valor social e de fatuidade ou superficialidade não têm aqui lugar. Apesar de serem práticas com forma igual ou semelhante, apenas o estudo de cada indivíduo pode explicar as razões que levam às ações.

Por outro lado, para Joana Teles as redes sociais e a comunicação à distância foram instrumentos que apoiaram transições de grande impacto na sua vida, mas que foram domesticadas ou silenciadas após cumprirem o papel que lhes foi atribuído. Jorge Osório tentou usar uma rede social por insistência de um amigo, mas pareceu-lhe superficial e não lhe encontrou interesse nem utilidade, pelo que não prosseguiu na sua utilização. O que se procura salientar é que a tecnologia é utilizada por cada pessoa de acordo com um conjunto alargado e mutável de variáveis. Classificar formas de uso de determinadas ferramentas de expressão e comunicação de modo genérico é permitir deduções com margens de erro muito elevadas. A tecnologia enquanto elemento discursivo da constante tentativa de ordenação da vida social é o contexto que no qual ocorre a criação de redes (segundo a ANT) – e a domesticação da tecnologia referida pelos meus narradores, quando procuram contornar a obrigação de conectividade (*Connective Obligation*. Case, 2014 [2013]). Neste âmbito, a forma como se utilizam as tecnologias pessoais – ou domesticação – revela-se de enorme importância para gerir as expectativas que se criam em relação a cada um pelas relações individuais e profissionais. Quando Guilherme Almeida diz que tem o telemóvel sempre em silêncio e apenas o



consulta de vez em quando, as pessoas que privam com ele já estão ao corrente desse facto e não reagem de forma negativa se ele não atender ou demorar a responder a chamadas ou mensagens. Numa época histórica em que a conectividade é um dado adquirido, a definição da postura de cada indivíduo em relação ao papel que quer ter nesta rede de ligações constantemente ativa é uma das chaves para não se sentir avassalado pela obrigação de estar sempre em linha e responsivo. Objetos de tecnologia como telemóveis, computadores e *gameboys* antigos são mantidos como extensões do corpo ativadoras de memória – ver o exemplo Joana Teles. Sutton (2001: 10) refere que a questão do "como" se recorda, além de "o que" se recorda, é de grande importância e foi projetada nas obras de Paul Connerton (1999, 2013 [2009]). Estas memórias preservadas por Joana possuem novas formas e são convocadas não só pelo que ainda se pode visualizar nos que funcionam (que são poucos) mas também pela observação dos objetos. Existe ainda uma outra dimensão, que é a da esperança de que algum dia os telemóveis avariados comecem por razão desconhecida a funcionar e permitam aceder ao que lá ficou guardado. Este é um aspeto contemporâneo da memória viabilizado pela tecnologia de uso individual e quotidiano. Revela igualmente uma visão da tecnologia como espaço com um potencial incalculável, não dominado e compreendido por quem a usa, e que tem a faculdade de surpreender. Esta é uma das formas de preservação da memória no ambiente cultural em questão, que se enquadra nos meios de inscrição, armazenamento e acesso próprios de cada ambiente cultural ou setor social (Lambek, 1998: 238). Este autor considera ainda que a produção de memória ocidental é mecânica, congelada em imagens e palavras que acabam por ser impessoais, contrapondo-se a outras sociedades em que a produção de memória ocorre pela interação entre as pessoas (Lambek, 1998: 238). A narrativa de Joana não manifesta sentimentos de impessoalidade, conferindo sim afetividade aos objetos que são depositários das memórias. Por outro lado, alude à produção coletiva de memória nas ocasiões em que ela e os amigos organizavam projeções de *slides* e filmes de férias passadas. As formas de consumo de tecnologia e dos seus aparelhos têm-nos tornado constitutivos do que é ser-se humano. Tornam-se repositórios infundáveis e fiáveis de memória, mesmo quando já não funcionam. São uma extensão da pessoa comunicacional, mas também do seu interior, registando e guardando sentimentos, vivências, dados biológicos. Com o desenvolvimento da tecnologia, tem sido frequente ouvir vozes preocupadas com a perda de parte do que faz parte da essência de ser humano. Perda de capacidades, como a de memória, da capacidade de dedicar atenção a um único assunto durante um período de tempo alargado, de interagir pessoalmente... Também se verifica a postura oposta: a tecnologia como potenciadora de capacidades, tornando-o um ser pós ou trans-humano. Estas duas perspetivas coincidem no ponto em que se reconhece que algo de fundamental mudou no que significa ser humano no tempo presente. Também se deve reequacionar a ideia que se tem do que é ser-se pessoa, uma vez que o conceito costuma assentar no que tem sido no passado, até ao momento presente. Verificou-se uma maior incidência de ansiedade em pessoas de gerações mais velhas, mas não se pode criar uma regra que consagre este facto, pois todos os/as interlocutores/as tinham posturas e motivações diversas. A perda de capacidades e da faculdade do sentir sensorial marcou algumas narrativas, nomeadamente a de Guilherme Almeida no que se refere à evolução dos meios de transporte. Será uma despossessão/ alteração não só mental, mas também física? O receio

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

que dados pessoais estejam disponíveis a pessoas e entidades desconhecidas corresponde a uma constatação de que alguém, não autorizado, possa aceder a partes constituintes e essenciais de nós. Retirar a faculdade e a liberdade do que cada indivíduo pode decidir ser público ou privado, daquilo que pertence à sua esfera íntima. Será que "o objetivo é a desencarnação", como se interrogou Hermínio Martins (2000, 2001)? O Cristianismo dedicou longos debates à dualidade entre o corpo e o espírito, e agora dá-se a desencarnação pela tecnologia, refere o entrevistado Guilherme Almeida. A sua preocupação centrava-se na necessidade de formar cidadãos que, sem diabolizar, consigam lidar com este estado de coisas e mantenham a sua humanidade na relação com a tecnologia. A noção de que a fusão entre sistemas e equipamentos tecnológicos e o corpo e mente humanas se está a acentuar ao longo do século XXI levanta questões debatidas de forma controversa. Os dados pessoais são cada vez mais ubíquos, mais presentes na vida de cada indivíduo. As ações quotidianas na Internet são registadas nos chamados *big data*, grandes conjuntos de informação colocados no ciberespaço. O tratamento ético destes dados, sujeitos a análise para melhoria do funcionamento de instituições, empresas e outros organismos que deles possam beneficiar, é uma preocupação presente em vários dos interlocutores. Por outro lado, compilam-se naquilo que Gary Wolf e Kevin Kelly denominam "quantified self"<sup>105</sup> os já referidos *small data*, registos de controlo biológico pessoal (monitorizações de percursos de corrida, calorias, ritmo cardíaco, distâncias percorridas...) <sup>106</sup>. Estas quantificações individuais começaram a ser possíveis com o embaratecimento e disseminação da tecnologia de uso pessoal (Case, 2014 [2013]) e relacionam-se com noções do que é o bem-estar na atualidade, são íntimas, mas também mundanas na medida em que, por exemplo, se publicam nas redes sociais com objetivos como os de motivação e (auto)compensação.

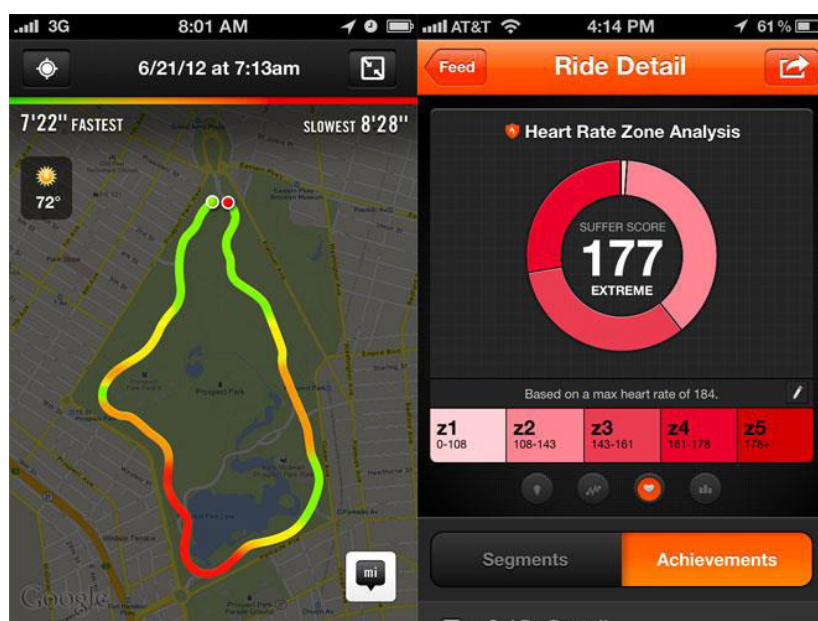


Imagem 3: Aplicações que permitem medir um conjunto de dados individuais, como as velocidades de corrida ao longo de um percurso e os batimentos cardíacos. Nike+Running (esquerda) e Strava Cycling (direita).

<sup>105</sup> A Quantified Self Labs é uma empresa fundada pelos dois investigadores para promover o conhecimento através do uso de ferramentas de registo de small data (<http://quantifiedself.com/>). Ver também Case, (2014 [2013]).

<sup>106</sup> Ver também [https://www.ted.com/talks/gary\\_wolf\\_the\\_quantified\\_self](https://www.ted.com/talks/gary_wolf_the_quantified_self)

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

Os dados acabam por ter qualidades sensoriais e afetivas, vivemos com eles, convertem-se em parte da ligação entre os humanos e a tecnologia (Pink, Ardèvol e Lanzeni, 2016). Levantam-se questões como a das formas de convivência das pessoas com os dados e de como se relacionam emocionalmente com eles, como é que o seu registo lhes traz bem-estar, e como lidam com a ansiedade transmitida por eles e pela sua disponibilização a desconhecidos. As relações entre estes dados e as rotinas diárias contribuem para uma nova perceção do quotidiano. O projeto/ aplicação *Track Your Happiness*<sup>107</sup> da Universidade de Harvard é um exemplo de como os dados pessoais (horas das refeições, de sono, de peso, etc.) recolhidos são articulados em padrões. Depois de se relacionarem os padrões quotidianos chega-se a conclusões como a influência que as horas a que se tomam refeições e o que se come podem ter no sono e no aumento de peso (Case, 2014 [2013]).

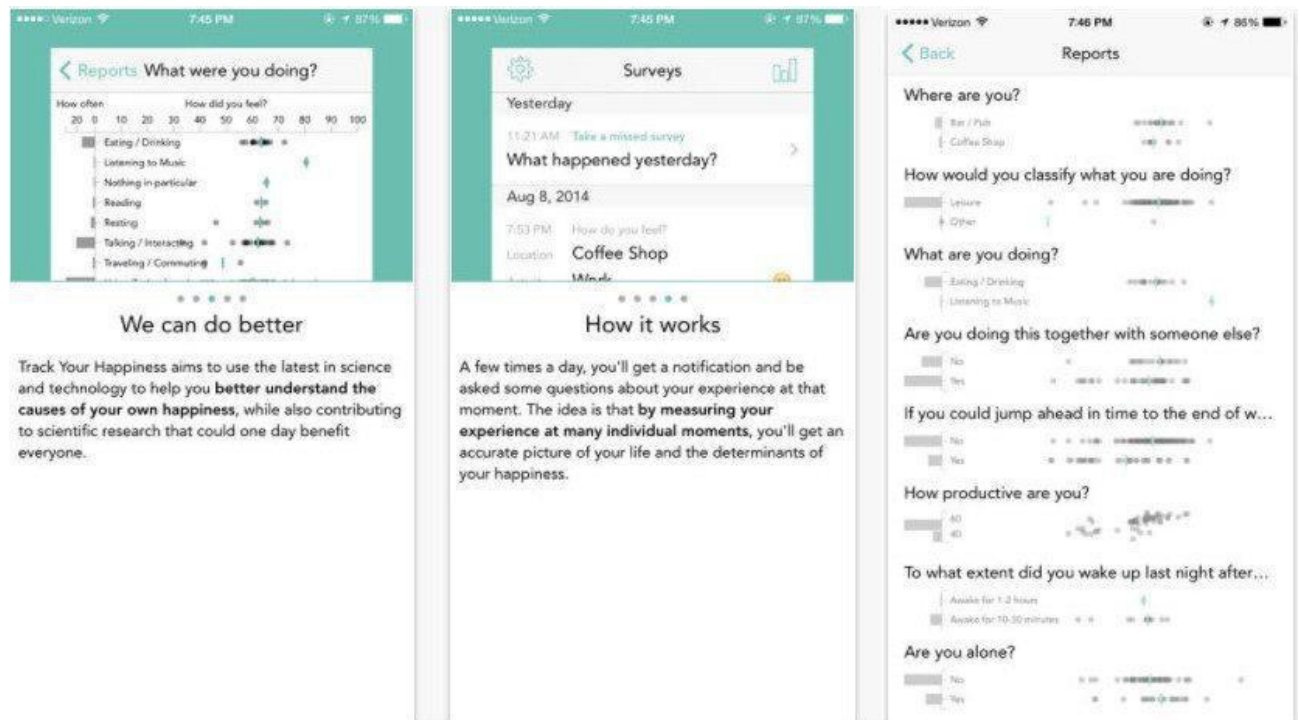


Imagem 4: Capturas de ecrã da aplicação *Track Your Happiness*.

As implicações destes registos no presente e no futuro preocupam bastante alguns dos meus interlocutores (mais velhos), enquanto para outros não é motivo de inquietação. Os dados integram as formas como se imagina ou sente o futuro – ou outras alteridades do quotidiano presente (físico e cognitivo, performativo e verbalizado) –, tornando-se parte das "tecnologias da imaginação" (Sneath et al., 2009).

O fascínio pelo conhecimento de aspetos individuais obriga a uma troca: se se quer registar e aceder a alguns dados pessoais, é-se consciente de que outras organizações (companhias de seguros, instituições desconhecidas) ficarão a par e depositários deles. Quais as implicações de que outras pessoas e organizações tenham conhecimento destes elementos, no presente e no futuro? Nas minhas entrevistas não se chegou a verbalizar as formas encontradas para se sentirem confortáveis com estas questões, como aconteceu com os de Pink, Ardèvol e Lanzeni (2016), por exemplo. Estes

<sup>107</sup> <https://www.trackyourhappiness.org/> (consultado a 20.11.2017)

tranquilizavam-se com a ideia que as informações recolhidas são sempre incompletas, porque lhes falta a produção do sentido pessoal. Tal assenta na multiplicidade de plataformas/ tecnologias/ equipamentos utilizados, vista como dispersante e sem ligação entre si. E é neste ponto que sinto discordância com alguns interlocutores; parecem considerar poder haver uma troca/ conjugação de informações entre diferentes plataformas para que as organizações cheguem com mais eficácia à essência das pessoas, com intuitos comerciais, de vigilância ou outros. O que é interessante ao comparar a etnografia levada a cabo por Sarah Pink e a minha, é que o mesmo facto (a multiplicidade de plataformas e equipamentos) é visto como uma vantagem para os interlocutores de Pink por permitirem uma tal desfragmentação de informações que apenas o próprio os poderá conjugar na sua totalidade. Serão os únicos a poder navegar no seu espaço pessoal digital. Na opinião de alguns desses seus interlocutores, crêem controlar as suas narrativas pessoais. Os meus vêem o mesmo facto com ansiedade acrescida pela razão oposta: há uma capacidade por parte do mundo tecnologicado em recolher todos os dados e conjugá-los sem autorização nem conhecimento do próprio. Se eu tivesse feito investigação etnográfica no sentido de perceber de que forma os narradores dialogam, manipulam e em geral se relacionam com os elementos recolhidos, através de tecnologias de *self-tracking* ou não, poderia compreender algumas das formas de ultrapassar esta ansiedade dos meus interlocutores.

Assiste-se à substituição de suportes de informação tradicionais como o papel pelos digitais – veja-se, por exemplo, o projeto MyLifebits<sup>108</sup>. Em 2001 o investigador Gordon Bell começou a digitalizar toda a informação pessoal que tinha acumulado durante a vida, desde cartas, imagens, artigos, apresentações a filmes domésticos, cartões, livros, continuando pelas chamadas telefónicas e programas de rádio e televisão, de forma a não ter de guardar qualquer informação em papel. Um *software* foi desenhado para este objetivo, MyLifebits. Este processo implica um acesso potencial aos dados por parte de desconhecidos que não é tão controlável. O diário de antigamente, escondido no fundo de uma gaveta, passou a poder ser lido por (quase) todos. O digital, além de aumentar o nível de exposição, permite também alguma perenidade – mesmo contra a vontade de quem é proprietário dos dados.

---

<sup>108</sup> <https://www.microsoft.com/en-us/research/project/mylifebits/?from=http%3A%2F%2Fresearch.microsoft.com%2Fen-us%2Fprojects%2Fmylifebits%2F> (consultado a 21.3.2017)

## CONCLUSÃO

Afinal como vivemos, na atualidade, com os objetos de tecnologia? Como lidamos com estes novos ocupantes das nossas casas, da nossa vida quotidiana, da nossa mente? Como somos com eles, que dormem no mesmo espaço que nós, cozinham connosco, comem nas nossas salas de jantar, com que nos entretemos, com que circulamos entre espaços e com que comunicamos com outras pessoas – em particular as que nos são mais queridas? O meu objetivo ao recolher as narrativas e a opção que tomei de as apresentar foi dar a entender a forma subtil com que as tecnologias de uso doméstico e pessoal se foram fazendo necessárias, como cada entrevistado o foi permitindo e porquê. Aqui, as tecnologias e os objetos que lhes dão função ganham significados bem diversos na vida de cada narrador. E este papel único que os mesmos objetos e tecnologias, massificados, têm na vida de cada um vai-se construindo perante o espetador nas narrativas. Como uma rede social ajuda a superar a solidão gerada por um divórcio. Como uma máquina de fazer alheiras junta todos os anos membros de uma família num ato que reforça laços afetivos. Como o uso intensivo do telemóvel no espaço público pretende libertar o tempo passado em casa para convívio com a família. Quais são as razões pelas quais se adquire a tecnologia para uso doméstico e pessoal, e quais os objetivos pretendidos? Ao longo dos capítulos precedentes foram-se expondo narrativas, argumentos, opções de análise e os fundamentos das mesmas, assim como imagens paradas recuperadas que os sublinham, questionam e desafiam. Aqui apresentam-se reflexões finais, no que espero que seja um contributo para entender o que significa para um grupo social viver com a tecnologia no momento presente e quais os futuros que se podem antever ou estruturar.

Recordam-se os objetivos propostos na Introdução a este trabalho:

- 6) registar a memória equipamentos técnicos de origem industrial no meio doméstico urbano;
- 7) avaliar o impacto de bens tecnológicos nos espaços de vivência pessoal e familiar, fixando a narrativa atual dos seus protagonistas; entender o equilíbrio entre os significados simbólico e funcional dos objetos tecnológicos de consumo doméstico e se a posse de objetos tecnológicos legitimou valências e validades individuais;
- 8) perceber como a tecnicização do lar participou na redefinição das relações de género e da construção da individualidade;
- 9) determinar alterações nas noções de tempo e de espaço induzidas pela tecnicização;
- 10) contribuir para a biografia cultural dos objetos tecnológicos.

O que se conseguiu perceber através das perspetivas selecionadas para análise foi que o consumo é

criativo, e como tal apenas se consegue começar a entender o seu papel na construção da identidade pessoal e dos grupos sociais tendo sempre presente que a aquisição e incorporação de tecnologia é vista como opção, não necessidade. As narrativas falam de decisões sobre objetos tecnológicos tomadas para reforçar influência sobre outros; de tecnologia que se humaniza, representando entes queridos (filhos e outros familiares) quando viveram longe; de tecnologia almejada, para se atingirem ideais admirados; de tecnologia funcional, encarada friamente como ferramenta processual; de tecnologia libertadora, que permite a expansão física e mental, e a emergência de novas dimensões no plano individual.

A introdução e difusão de equipamentos técnicos de origem industrial no meio doméstico urbano obedeceu, no contexto estudado, a critérios como o posicionamento social nas narrativas do final do século XIX e início do século XX. Notou-se uma evolução até ao início do século XXI, em que gerações jovens mostram uma postura crítica – derivada do excesso e aquisição fácil de bens de consumo que se foi configurando – e decidem racionalizar a relação com a tecnologia no seu dia a dia. Esta racionalização não tem necessariamente a ver com condicionantes económicas, mas com formas de ver o mundo, o que desencadeia reflexões sobre temas como o impacto ambiental do ser humano e a hiper-consciência de si mesmo em cada decisão tomada.

O impacto dos bens tecnológicos nos espaços de vivência pessoal e familiar aparece com bastante transparência na narrativa atual dos seus protagonistas. Por um lado, desenrolaram-se histórias factuais. Por outro, as narrativas são críticas, o que contribui para esvaziar mitos como o da aquisição de bens (tecnológicos) impensada, sujeita a modismos e determinística. Há uma procura preocupada de equilíbrio entre os significados simbólico e funcional dos objetos tecnológicos de consumo doméstico, familiar e pessoal. É neste contexto que a posse de objetos tecnológicos legitima também – nas narrativas – valências e validades individuais. Tornam-se ferramentas de transformação pessoal, permitindo adquirir capacidades e atingir estatutos determinados.

A tecnicização do lar participou em larga medida na redefinição das relações de género e da construção da individualidade, pois colocou à disposição dos cidadãos comuns – e dentro de suas casas – um conjunto de ferramentas (automóvel, televisão, telefone e telemóvel, computador, Internet, dispositivos móveis para ouvir música individualmente) que foram utilizadas com diferentes graus de intensidade num reequilíbrio de relações entre pessoas e na construção, afirmação e projeção da identidade de cada uma. As alterações que ocorreram nas noções de tempo e de espaço induzidas pela tecnicização tomaram forma através das perspetivas de análise aplicadas às narrativas. Viu-se que os argumentos apresentados assentam numa progressiva dissolução da noção de espaço, sobretudo do espaço enquanto elemento delimitado, com fronteiras físicas, mentais e sociais. As ferramentas tecnológicas, operando dentro dos espaços convencionais e, no caso específico, no ambiente doméstico, foram geridas ao longo das narrativas de modo a tornarem-se extensões físicas e mentais de cada pessoa. Barreiras (auto)impostas foram desagregadas, e em algumas situações os narradores viram-se compelidos a reavaliar realidades de vivência incorporadas perante novas possibilidades proporcionadas pela tecnologia. A noção da compressão do tempo foi um aspeto presente, com maior incidência nos interlocutores mais velhos. A aceleração cronológica do ritmo temporal percebida por eles é justificada, em parte, pela disponibilidade de

ferramentas tecnológicas que permitem executar mais tarefas, viver mais experiências, acelerar processos eliminando etapas aparentemente desnecessárias. Na gestão desta noção de compressão/ aceleração temporal verificou-se nas narrativas – em particular nas dos interlocutores mais jovens – uma autoconsciência que orientava as decisões.

Partiu-se do princípio – proposto por Igor Kopytoff (1986) – de que a biografia cultural dos objetos revela aspetos que outras aproximações deixariam na obscuridade. Tornou-se visível uma dimensão da introdução de tecnologia e dos seus objetos: como é que elementos estranhos ao ambiente social tratado foram sendo olhados, utilizados e redefinidos na sua apropriação (Kopytoff, 1986: 67). Uma linha característica que se desenhou no que diz respeito à aquisição é a de que ocorreu em grande parte por contágio, a conselho de familiares e conhecidos. O recurso a publicidade televisiva, radiofónica, impressa ou outra não tem presença significativa nas narrativas. Com frequência, o aproveitamento de objetos adquiridos inicialmente por outros membros da família é uma segunda característica de aquisição observada. A passagem de telemóveis de membros mais velhos de algumas famílias para outros mais novos difere de outras situações em que o telemóvel é atesourado pelas memórias que contém (Joana Teles). A relação que se cria entre os donos de uma pequena loja de eletrodomésticos e os seus clientes torna-a sítio preferencial de aquisição ao longo de muitos anos, pois a assistência garantida e o conhecimento de longa data tornam o estabelecimento preferencial às grandes superfícies comerciais. A participação no negócio de representação de determinadas marcas automóveis orienta as escolhas de família e amigos para compra dos produtos das marcas respetivas. O automóvel aparece também enquanto instrumento para o marido exercer supremacia sobre a mulher (mãe de Lourença Teles). Estes são exemplos da vida cultural dos objetos de tecnologia de uso doméstico colocados a nu ao longo das conversas tidas com os entrevistados. As narrativas dos interlocutores parecem refletir a noção de que o determinismo tecnológico é um receio omnipresente. Mas o determinismo tecnológico foi apenas um dos espaços ideológicos que surgiram com as reconfigurações máquina-organismo, e é somente uma das leituras que se podem fazer no processo de "ler e escrever o mundo" (Haraway, 1991: 152). O que procurei mostrar é que as mesmas narrativas podem ser vistas através de aproximações aos conceitos de fluidez (Zygmunt Bauman) e da *Actor Network Theory* (Bruno Latour), que enquadram nos pontos enunciados na Introdução. As histórias contadas pelos meus narradores falam de equilíbrios e desequilíbrios entre as funções da técnica e das pessoas, numa procura dinâmica do ponto desejável de interação em cada contexto.

A abordagem que se fez do espaço doméstico mostra que evoluiu, no decorrer intergeracional dos interlocutores, de espaço fechado sobre si para um de grande abertura. As narrativas referentes ao final do século XIX e início do XX refletem certo grau de hermetismo da casa e dos seus habitantes, materializado em habitações de grande dimensão, com um corpo de serviços que a dotavam de autosuficiência funcional e a remissão da dona de casa e das crianças ao lar numa articulação de domesticidade que se tornava visível pela presença constante de membros da família e serviços na casa. Eram classes sociais favorecidas no contexto da época. Verificou-se que desta estrutura cristalizada se evoluiu, até ao século XXI, para uma que se caracteriza pelo oposto: o espaço das casas comprimiu-se, as paredes tornaram-se porosas permitindo o acesso a um exterior virtual (e por



isso global, já não sujeito ao acesso físico). Este processo de circulação entre o interior e o exterior da casa ganhou uma dimensão no que, para alguns dos interlocutores, foi percebido como um espaço de tempo muito reduzido, insuficiente para uma assimilação confortável da modernização. Neste contexto, verificou-se que a incorporação de eletrodomésticos desde o início do século XX catalizou a dissolução de fronteiras entre o interior e o exterior, que se materializavam nas paredes institucionalizadas da casa. Quando chega um novo item técnico a um meio doméstico, não estão pré-determinados os seus usos, forma e significados. Como são fluidos, têm de se entrosar na textura e nos ritmos diários. As novas tecnologias são obrigadas a capturar tempo e espaço na casa (Mackay, 1997: 279). Este processo prossegue, com as ferramentas que a Internet vai colocando ao serviço dos utilizadores (sujeitas a constante revisão e renovação) a permitirem vivências profissionais, pessoais e sociais sem restrições de espaço físico, social ou temporal. O desenvolvimento do mercado de consumo contribuiu para este processo. A entrega de bens de primeira necessidade em casa deu lugar à oferta alargada e com vantagens económicas de lojas e grandes superfícies, o que provocou a saída de casa para fazer compras – sobretudo com o desaparecimento das criadas de servir que trabalhavam a tempo inteiro, incumbidas de adquirir fora de casa os alimentos e outras minudências de uso quotidiano. Esta tarefa, juntamente com as de levar os filhos à escola e outras atividades, foi ajudada pela democratização do uso do automóvel. Lares cada vez menores (incluindo-se aqui os espaços interiores e exteriores), ajuda doméstica externa pontual e paga à hora e o transporte individual motorizado – otimizado com equipamentos tais como rádios, leitores de cassetes e CDs, televisão e GPS – tornaram as tecnologias digitais instrumentos de ampliação de espaços.

As perspetivas de Daniel Miller, Alice Duarte e Elizabeth Silva sobre o tópico do consumo nas sociedades ocidentais contemporâneas mostraram-se relevantes para análise dos dados que recolhi. Por outro lado, a postura analítica de Thorstein Veblen (1998 [1899]) mostrou permanecer na apropriação – mas também negação – de formas de consumo conotadas com determinados setores sociais por indivíduos que pretendem atingir ou reproduzir o mesmo estatuto simbólico (consumo e ocupação de tempos livres "conspícuos"). A teoria do consumo condicionado pela classe social (secundarizando as preferências individuais) proposta por Pierre Bourdieu (1992 [1984]) não é de aplicação linear às narrativas em questão. Na verdade, estas mostram uma heterogeneidade de critérios de consumo, com um elevado peso das opiniões individuais. Lembre-se que os entrevistados se incluem no mesmo universo cultural, económico e social. Contudo, a postura analítica deste trabalho demarca-se dos critérios que orientaram a obras de Pierre Bourdieu, Roland Barthes e Jean Baudrillard (o consumo enquanto mecanismo de diferenciação social) e Thorstein Veblen (o consumo competitivo e demarcador de diferença de estatuto) (Miller, 2012: 106-107). Apesar de haver aspetos comuns, procurei perceber de que formas o consumo funciona na construção individual e de relações entre pessoas, e não apenas a ligação simbólica entre pessoas e objetos. Foi por considerar que as narrativas recolhidas revelam perspetivas que permitem estas incidências analíticas que não privilegiei a análise da relação entre consumo e construção de identidade (cf. Alice Duarte, 2007). Concordo com Miller: o consumo é tudo menos superficial, e acaba por ser uma forma de expressão filosófica de valores (Miller, 2012: 107).

Procura-se aqui uma visão não condicionada por pré-conceitos que com frequência orientam as pesquisas e análises sobre consumo cotidiano (Miller, 2012: viii-ix). Apesar de se abordar a dimensão moral do consumo, incontornável até porque permeia as narrativas de todos os interlocutores, esta não se tornou um paradigma. Miller (2012: ix) apresenta o consumo no agregado familiar como um vocabulário dotado de alguma abrangência que permite transmitir sentimentos de forma subtil. O papel e ordem dos objetos nos sistemas simbólicos delimitados de cada interlocutor/grupo de interlocutores revelam concepções sobre o espaço, o tempo, a economia, a classe, o género e a intergeracionalidade, entre outros aspetos (Miller, 2012: ix). É de notar, contudo, que as narrativas dos entrevistados evidenciam reflexões sobre as práticas de consumo. Procuram situar-se num universo social onde o consumo adquiriu tantas expressões que dificulta o processo individual de atribuição de significado e de compreensão do significante. Por outro lado, questionou-se a posição herdeira de Baudrillard, que defende que o capitalismo atual é expresso sobretudo pelo consumo, não pela produção (Baudrillard, 1972).

Verificou-se que o pressuposto de que alguns equipamentos tecnológicos são imprescindíveis para viver na sociedade contemporânea não é uma verdade absoluta para alguns dos interlocutores que tive. Contudo, o empoderamento feminino via tecnologia foi decisivo na luta contra a dominação masculina no lar. A tecnologia e os seus objetos vão-se configurando como solventes de fronteiras físicas, individuais e culturais, permitindo a reelaboração permanente de identidades. E verifica-se que a progressiva constituição do ser humano enquanto *cyborg* contribui para que se ultrapassem constrangimentos individuais, mas também de estatuto, classe, género, idade e vários outros que tradicionalmente se reproduziam de geração em geração. A pergunta que os interlocutores se colocaram invariavelmente é o que significa ser humano num meio em que as tecnologias se tornam cada vez mais presentes. O que estamos a ganhar através da nossa fusão com a tecnologia? O que estamos a perder da nossa humanidade, é algo de fundamental? Vamos tornar-nos seres piores (sobretudo moralmente)? Estamos a exagerar na preocupação com a saúde, a estética, a medida de todas as coisas que fazem parte do quotidiano e do nosso corpo para atingir patamares de perfeição estéril? Vamos deixar de sentir, ao dotar-nos de próteses aperfeiçoadoras das nossas capacidades humanas – limitadas? São estas preocupações que filtram a postura dos narradores perante a tecnologia e os seus produtos. É o sentimento que prova, de forma clara, como o consumo em geral e de tecnologia em análise é um processo pensado, sentido, sonhado, vivido, consciente, calculado, programado e meticulosamente executado. Porque, em última análise, cada pessoa sabe que vivendo no momento presente se está a constituir progressivamente num *cyborg*. E cada um pretende gerir as possibilidades que lhe são oferecidas e ser agente na criação de si mesmo enquanto essa entidade, ainda estranha e imprevisível, a que tenho vindo a chamar *cyborg*. A tecnologia afigura-se como instância social e cultural que seduz mas também cria reservas, gerando-se tensão contínua entre estes polos de atração e rejeição a que grupos sociais e indivíduos acabam por se submeter. A incorporação da tecnologia acaba por ser um processo constante de adaptação mental e corporal, que acaba por ser percebida como superficialidade do tempo presente. É, na realidade, uma dificuldade sentida pelas pessoas na gestão dos seus processos de separação mental das fusões acontecidas – com equipamentos, próteses e outros pretensos artifícios.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

Contudo, estas são as preocupações refletidas por um grupo restrito de pessoas, as que se dispuseram a ser meus colaboradores nesta etnografia. Muitas outras formas de incorporação da tecnologia no ambiente doméstico e na construção individual acontecem em quadros sociais diferentes. Exemplos, entre os muitos que se poderiam apontar, são os condomínios fechados, os bairros sociais, no seio da classe alta abastada e em ambientes rurais.

## BIBLIOGRAFIA

- AA. VV. (2000), *Património Postal e Telecomunicações da Fundação Portuguesa das Comunicações – 100 anos de telefone (1876-1976)*, s. l., Estar Editora, Lda.
- ABU-LUGHOD, Lila (2006/1991), "Writing against Culture", em Henrietta Moore e Todd Sanders (eds.) *Anthropology in Theory: Issues in Epistemology*, Oxford, Blackwell, pp. 466–479.
- ACCIAIUOLI, Margarida (2015), *Casas com escritos: uma história da habitação em Lisboa*, Bizâncio.
- ANDERSON, Benedict (2012 [1983]), *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*, Lisboa, Ed. 70.
- AKIN, Marjorie (1996), "Passionate possession. The formation of private collections", em W. David Kingery (ed.), *Learning from things. Method and theory of material culture studies*, United States of America, Smithsonian Institution.
- AKRICH, Madeleine (1992), "The de-scription of technical objects", em W. E. Bijker e J. Law (eds.) *Shaping Technology/Building Society: Studies in Sociotechnical Change*, Cambridge, MA, pp. 205-44.
- AKRICH, Madeleine e Latour, Bruno (1992), "A summary of a convenient vocabulary for the semiotics of human and non-human assemblies", em W. Bijker e J. Law (eds.), *Shaping technology/building society*, Cambridge, Mass, MIT.
- AUSLANDER, Leora (1996), "The gendering of consumer practices in Nineteenth-Century France", em Victoria de Grazia e Ellen Furlough, *The sex of things. Gender and consumption in historical perspective*, Berkeley, Los Angeles e London, University of California Press.
- APPADURAI, Arjun (1996a), *Dimensões culturais da globalização*, Lisboa, Teorema.
- APPADURAI, Arjun (ed.) (1996b) *The social life of things: commodities in cultural perspective*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BELLAH, Robert N.; Richard Madsen; William M Sullivan; Ann Swidler; Steven M. Tipton (1985), *Habits of the heart. Individualism and commitment in American life*, Berkeley and Los Angeles, University of California Press.
- BARTHES, Roland (1991 [1957]), *Mythologies*, New York, The Noonday Press. Em linha: <https://soundenvironments.files.wordpress.com/2011/11/roland-barthes-mythologies.pdf>
- BASTO, Artur de Magalhães (1955), em *O Tripeiro*, série V, Ano XI (Outubro 1955), p. 161.
- BASTO, Artur de Magalhães (2010 [1932]), *O Porto do Romantismo*, Porto, Caminhos Romanos.
- BAUDRILLARD, Jean (1972), *Para uma crítica da economia política do signo*, s. l., Edições 70.
- BAUMAN, Zygmunt (2006 [2000]), *Liquid modernity*, Cambridge and Malden, Polity.
- BEHAR, Ruth (1993), *Translated woman: crossing the border with Esperanza's story*, Boston, Beacon Press.
- BELL, David e Barbara R. Kennedy (eds.) (2001 [2000]), *The cybercultures reader*, London and New York, Routledge.
- BENJAMIN, Walter (2008 [1936]), *The work of art in the age of mechanical reproduction*, London, Penguin.
- BEOKU-BETTS, Josephine A. (1995), "We got our way of doing things: women, food and preservation of cultural identity among the Gullah", *Gender & Society*, Vol. 9, 5, pp. 535-555.
- BERNACE, Berthe (1956), *Arte das boas maneiras*, Lisboa, Portugal.
- BLOCH, Maurice E. F. (1998), *How we think they think: anthropological approaches to cognition, memory and literacy*, Boulder, CO, Westview Press.
- BODEN, D. e H. Molotch (1994), "The compulsion to proximity", em R. Friedland e D. Boden (eds.), *NowHere: space, time and modernity*, Berkeley, CA, University of California Press.
- BOSI, Éclea (1994), *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, São Paulo, Companhia das Letras.
- BOURDIEU, Pierre (1989), *O poder simbólico*, Lisboa, Difel.
- BOURDIEU, Pierre (1992 [1984]), *Distinction. A social critique of the judgement of taste*, London,

- Routledge.
- BOURDIEU, Pierre (1999), *A violência masculina*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, Pierre (2006 [1979]), *Distinction: a social critique of the judgement of taste*, Oxon, Routledge.
- BOURDIEU, Pierre (2000 [1997]), *Pascalian meditations*, Cambridge, Polity.
- BOWDEN, Sue e Avner Offer (1996), "The technological revolution that never was. Gender, class, and the diffusion of household appliances in Interwar England", em Victoria de Grazia e Ellen Furlough, *The sex of things. Gender and consumption in historical perspective*, Berkeley, Los Angeles e London, University of California Press.
- BRADSHAW, Alan, Norah Campbell e Stephen Dunne (2013), "The politics of consumption", *Ephemera*, volume 13(2): 203-216. Em linha: <http://www.ephemerajournal.org/sites/default/files/pdfs/issue/13-2ephemera-may13.pdf>
- BRANCO, Jorge Freitas, org. (2013 [atualizado em 2016]), *Visões do Técnico, no centenário: 1911-2011*, Lisboa, ISCTE. Em linha: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/4497>
- BRASÃO, Inês (2012), *O tempo das criadas. A condição servil em Portugal (1940-1979)*, Lisboa, Tinta da China.
- BRIZ, Graça (2007), "Vilegiatura balnear – Imagem ideal / Imagem real", em *Revista de História da Arte*, Instituto de História da Arte – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - UNL, (Online), 3. Em linha: [http://www.ihafcs.unl.pt/uploads/RHA\\_3\\_12.pdf](http://www.ihafcs.unl.pt/uploads/RHA_3_12.pdf)
- BROOKE-ROSE, Christine (1985), "Woman as a semiotic object", Susan Rubin Suleiman, *The female body in western culture: contemporary perspectives*, England, Harvard University Press.
- CALADO, Virgínia (2015), *A proposta macrobiótica de experiência do mundo*, Lisboa, ICS – Imprensa de Ciências Sociais.
- CARDOSO, Elizangela Barbosa (2009), "Entre o tradicional e o moderno: os femininos na revista *Vida Doméstica*", Niterói, v. 9, n. 2, 1. sem. 2009, pp. 103-134.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de (2008), *Gênero e artefato. O sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp.
- CASE, Amber (2007), *The cell phone and its technosocial sites of engagement*, thesis submitted in partial fulfillment of a degree in Sociology/ Anthropology, Lewis & Clark College.
- CASE, Amber (2014 [2013]), *An illustrated dictionary of Cyborg Anthropology*, CreateSpace Independent Publishing Platform.
- CASE, Amber (2016), *Calm technology: principles and patterns for non-intrusive technology*, O'Reilly Media, Inc., CA.
- CASCÃO, Rui (2011a), "Modos de habitar", em José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal: A Época Contemporânea*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 3ª ed.
- CASCÃO, Rui (2011b), "À volta da mesa: sociabilidade e gastronomia", em José Mattoso (dir.), *História da vida privada em Portugal: A Época Contemporânea*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 3ª ed.
- CHALFEN, Richard (2002), "Snapshots 'R'Us: the evidentiary problematic of home media", *Visual Studies*, 17(2), pp. 141-9.
- CLESER, Vera (1898), *O lar doméstico: conselhos práticos sobre a boa direção de uma casa*, São Paulo, Sabará, Único Agente Vendedor A. Dili, Typographia de Oscar Monteiro.
- CLIFFORD, James (1988), *The predicament of culture: twentieth-century ethnography, literature and art*, Cambridge, Harvard University Press.
- COCKBURN, C. (1985), *Machinery of dominance: women, men and technical know-how*, London, Pluto.
- COFFEY, Amanda (1999), *The ethnographic self: fieldwork and the representation of identity*, London, Sage Publications.
- COHEN, Anthony P. (1985), *The symbolic construction of community*, London and New York, Routledge, Col. Key Ideas.
- COLLANGE, Christiane (1970), *A dona de casa e a organização doméstica: mulher ordenada vale por duas*, Lisboa, Livraria Bertrand.
- COLEMAN, S; Collins, P. (2006), "'Being... where?': performing fields on shifting grounds", em S. Coleman e P. Collins (eds.), *Locating the field: space, place and context in Anthropology*, Oxford, Berg Publishers.
- COLLINS, Randall (1994), "A conflict theory of stratification [1975]", em Randall Collins (ed.), *Four sociological traditions*, New York and Oxford, Oxford University Press.
- CONNERTON, Paul (1999), *Como as sociedades recordam*, Oeiras, Celta Editora.

- CONNERTON, Paul (2013 [2009]), *How modernity forgets*, UK, Cambridge University Press.
- CORN, Joseph J. (1996), "Object Lessons/ Object Myths? What historians of technology learn from things", em W. David Kingery (ed.), *Learning from things. Method and theory of material culture studies*, United States of America, Smithsonian Institution.
- CORRÊA, Mariza (1994), "Repensando a família patriarcal brasileira", em António Augusto Arantes et al., *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*, Campinas, Editora da Unicamp.
- COSTA, Elisabetta (2016), *Social media in Southeast Turkey*. Em linha: <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-southeast-turkey>
- COUNIHAN, Carole (1999), *The Anthropology of food and body: gender, meaning and power*, London, Routledge.
- COWAN, Ruth Schwartz (1983), *More work for mother. The ironies of household technology from the open hearth to the microwave*, United States of America, Basic Books.
- COWAN, Ruth Schwartz (1993 [1987]), "The consumption junction: a proposal for research strategies in the sociology of technology", em W. E. Bijker, T. P. Hughes e T. Pinch (eds.), *The Social Construction of Technological Systems: New Directions in the Sociology and History of Technology*, Cambridge, MA, pp. 261-80.
- DAVIES, Charlotte Aull (2008 [1998]), *Reflexive ethnography: a guide to researching selves and others*, USA/ Canada, Routledge.
- DICIONÁRIO da Língua Portuguesa, Porto Editora, 2008.
- DICKS, Bella (2003), *Culture on display. The production of contemporary visibility*, London, Open University Press.
- DOUGLAS, Mary; Isherwood, Baron (1996 [1979]), *The world of goods: towards an anthropology of consumption*, London, Routledge.
- DOWNEY, Gary Lee, Joseph Dummit e Sarah Williams (1995), "Cyborg Anthropology", *Cultural Anthropology*, American Anthropological Association, 10 (2), pp. 264-269.
- DUARTE, Alice (2007), *Novos consumos e identidades em Portugal. Uma perspectiva antropológica*, Porto, Universidade do Porto. Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de doutor em Antropologia.
- DUARTE, Alice (2009), *Experiências de consumo*, Porto, Editora da Universidade do Porto.
- DUARTE, Alice (2011), *O consumo para os outros*, Porto, Editora da Universidade do Porto.
- DUARTE, Alice (2012) "De mercadoria a presente, ou como uma mercadoria massificada se transforma em presente singular", *Forum Sociológico* (Online), 22 | 2012, posto online no dia 26 fevereiro 2013. Em linha: <http://sociologico.revues.org/622>
- DUBISCH, Jill, ed. (1986), *Gender & power in rural Greece*, Princeton, N.J., Princeton University Press.
- EHRENREICH, Barbara (1989), *Fear of falling: the inner life of the middle class*, New York, Pantheon Books.
- ELLIOT, Anthony, ed. (2008), *The contemporary Bauman*, London/ New York, Routledge.
- FERNANDES, José Alberto Rio, Guillemot, Lionel, Martins, Luís P. Saldanha, Soulemagne, Jean (2007), *As cidade do Porto e de Angers. Apontamentos sobre os processos de metropolização, terciarização e revitalização urbana*, Porto, Ed. Afrontamento.
- FERNANDES, José Alberto V. Rio (1985), *A Foz. Contributo para o estudo do espaço urbano do Porto*, Faculdade de Letras do Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, Ordenamento Territorial do Noroeste Português, Publicação nº 2.
- FERREIRA, Damião Vellozo (1999), *Nevogilde há 50 anos*, Porto.
- FINNEGAN, Ruth (1997), "'Storying the self': personal narratives and identity", em Hugh Mackay (ed.), *Consumption and everyday life*, London, Sage Publications Ltd.
- FISHER, Claude (1992), *America calling: a social history of the telephone to 1940*, Berkeley, University of California Press.
- FONSECA, Maria Manuel Vieira da (2003), *Educar herdeiros. Práticas educativas da classe dominante lisboeta nas últimas décadas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- FOUCAULT, Michel (2008 [1975]), *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.
- FRYKMAN, Jonas e Orvar Löfgren (1996), *Culture builders: a historical anthropology of middle-class life*, New Brunswick, Rutgers University Press.
- GAGGI, Massimo e Edoardo Narduzzi (2008), *Low Cost. O fim da classe média*, Lisboa, Teorema.
- GAMA, Andréa de Sousa (2014), *Trabalho, família e gênero - impactos dos direitos do trabalho e da educação infantil*, São Paulo, Cortez Editora.
- GATHMAN, E. Cabell Hankinson (2008), "Cell Phones", Sherry Turkle (ed.), *The Inner History of*



- Devices*, London and Cambridge, MIT Press.
- GEERTZ, Clifford (2000 [1973]), *The interpretation of cultures*, New York, Basic Books.
- GIDDENS, Anthony (1984), *The Constitution of Society*, Cambridge, Polity Press.
- GIDDENS, Anthony (1990), *The consequences of Modernity*, Cambridge, Polity Press.
- GIDDENS, Anthony (1992), *The transformation of intimacy: sexuality, love and eroticism in modern societies*, Cambridge, Polity Press.
- GIDDENS, Anthony (1997 [1991]), *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora.
- GIEDION, Sigfried (1948), *Mechanization takes command: a contribution to anonymous history*, New York, Norton.
- GOGGIN, Gerard (2006), *Cell phone culture. Mobile technology in everyday life*, London and New York, Routledge.
- GRAHAME, Peter R. (1994), "Objects, texts and practices: the refrigerator in consumer discourses between the wars", em Stephen H. Riggins (org.), *The Socialness of Things. Essays on the Socio-semiotics of Objects*, Berlim, Gruyter, pp. 285-307.
- GRAY, Chris Hables (ed.) (1995), *The Cyborg Handbook*, New York, Routledge.
- GRAY, Chris Hables (2002), *Cyborg citizen*, New York/ London, Routledge.
- GRAZIA, Victoria de e Ellen Furlough (1996), *The sex of things. Gender and consumption in historical perspective*, Berkeley, Los Angeles e London, University of California Press.
- GRAZIA, Victoria de (1996a), "Changing consumption regimes", em Victoria de Grazia e Ellen Furlough, *The sex of things. Gender and consumption in historical perspective*, Berkeley, Los Angeles e London, University of California Press.
- GRAZIA, Victoria de (1996b), "Establishing the modern consumer household" em Victoria de Grazia e Ellen Furlough, *The sex of things. Gender and consumption in historical perspective*, Berkeley, Los Angeles e London, University of California Press.
- GRAZIA, Victoria de (1996c), "Empowering women as citizen-consumers", em Victoria de Grazia e Ellen Furlough, *The sex of things. Gender and consumption in historical perspective*, Berkeley, Los Angeles e London, University of California Press.
- GREGORY, Derek; Urry, John (1987 [1985]), *Social relations and spatial structures*, London, Macmillan Education.
- GUILLOU, Anne; Guibert, Pascal (2007), "Le froid domestiqué: l'usage du congélateur", *Terrain*, 12, 1989 (Online), mis en ligne le 18 juillet 2007. Em linha: <http://terrain.revues.org/document3328.html>
- GULLESTAD, Marianne (1987), *Kitchen-table society: a case study of the family life and friendships of young working-class mothers in urban Norway*, Norway, Universitetsforlaget.
- GUNTER, Barry; Jill McAleer (1997 [1990]), *Children and Television*, Routledge, London and New York.
- HALBWACHS, Maurice (1912), *La classe ouvrière et les niveaux de vie: recherches sur la hiérarchie des besoins dans les sociétés industrielles contemporaines*, Paris, Félix Halcan.
- HALBWACHS, Maurice (1933), *L'évolution des besoins dans les classes ouvrières*, Paris, Félix Halcan.
- HARAWAY, Donna (1991), *Simians, cyborgs and women. The reinvention of nature*, New York, Routledge.
- HARAWAY, Donna (2001 [2000]), "Cyborg manifesto: science, technology and socialist-feminism in the late twentieth century", em David Bell e Barbara R. Kennedy (eds.), *The cybercultures reader*, London and New York, Routledge.
- HARRIS, Michael (2015), *The End of Absence: Reclaiming What We've Lost in a World of Constant Connection*, USA, Penguin.
- HART, Keith (2000), *The memory bank: money in an unequal world*, London, Profile Books.
- HART, Keith (2005), *The hit man's dilemma: or business personal and impersonal*, Chicago, University of Chicago Press for Prickly Paradigm Press.
- HART, Keith (2007), "Money is always personal and impersonal", *Anthropology Today*, 23(5), pp. 16-20.
- HAYNES, Nell (2016), *Social media in Northern Chile*. Em linha: <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-northern-chile>
- HESS, David J. (1995), "On Low-tech Cyborgs", em Chris Hables Gray, Heidi Figueroa-Sarriera, and Steven Mentor (eds.), *The Cyborg Handbook*, New York, Routledge, pp. 371-78.
- HOMANS, George C. (1950), *The human group*, New York.
- HOLLAND, D. e Jean Lave (eds.) (2001), "Getting to be British", *History in Person*, Santa Fe, School of American Research Press.
- HOLLOWAY, Sarah L. e Gill Valentine (2003), *Cyberkids. Children in the information age*, London and New York, Routledge.



- HORST, Heather A. e Daniel Miller (2006), *The cell phone. An anthropology of communication*, Oxford/ New York, Bloomsbury.
- HORST, Heather A. e Daniel Miller (eds.) (2013 [2012]), *Digital Anthropology*, Bloomsbury, London, New York.
- HORST, Heather A. e Daniel Miller (eds.) (2013 [2012]), "The digital and the human: a prospectus for digital anthropology", em Heather A. Horst e Daniel Miller (eds.), *Digital Anthropology*, Bloomsbury, London, New York.
- HOSKINS, Janet (1998), *Biographical objects: how things tell the stories of people's lives*, New York and London, Routledge.
- HOWE, D. (2005), *Empire of the senses: the sensual culture reader*, Oxford, Berg.
- INGOLD, Tim (2000), *The perception of the environment*, London, Routledge.
- KAPELLA, Themelina (1981), *Kalymnian Echoes*, Athens, s. n.
- KAVOORI, Anandam; Arceneaux, Noah (eds.) (2006), *The cell phone reader: essays in social transformation*, New York, Peter Lang.
- KOPYTOFF, Igor (1986), "The cultural biography of things: commoditization as process", em Arjun Appadurai (ed.), *The Social Life of Things*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 64-91.
- KOTTAK, Conrad Phillip (1990), *Prime-time society. An anthropological analysis of television and culture.*, Belmont, California, Wadsworth Publishing Company.
- KRANZBERG, Melvin (1986), "Technology and History: 'Kranzberg's Laws'", *Technology and Culture*, Vol. 27, 3, pp. 544-60.
- KURITSKY-FOX, Orit (2008), "Television", em Sherry Turkle (ed.), *The Inner History of Devices*, London and Cambridge, MIT Press.
- LAHIRE, Bernard (2004), *La culture des individus. Dissonances culturelles et distinction de soi*, Paris, Éditions La Découverte.
- LAMBEK, Michael (1998), "The past perfect: remembering as moral practice", em Michael Lambek e Paul Antze (eds.), *Tense past: cultural essays in trauma and memory*, London, Routledge.
- LARA, António de Sousa (1979), *As classes sociais e poder político (da teoria ao exemplo português)*, Cascais, s. n.
- LARGEY, G; Watson, R. (2006 [1972]), "The sociology of odours", em J. Drobnick (ed.), *The smell culture reader*, Oxford, Berg.
- LASH, S.; Urry, J. (1994), *Economies of signs and space*, London, Sage.
- LATOUR, Bruno (1993 [1991]), *We have never been modern*, Hertfordshire, Harvester Wheatsheaf.
- LATOUR, Bruno (1993), *Aramis ou l'amour des techniques*, Paris, Éditions La Découverte.
- LATOUR, Bruno (2007), *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*, Oxford, Oxford University Press.
- LATOUR, Bruno (2014), "Technical does not mean material", *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, 4 (1), pp. 507-510.
- LEARY, Kymberlyn (2008), "Cyberplaces", em Sherry Turkle (ed.), *The Inner History of Devices*, London and Cambridge, MIT Press.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1949), *Les structures élémentaires de la parenté*, Paris, Presses Universitaires de France.
- LEVY, Robert I. e Douglas W. Hollan (2000 [1998]), "Person-centered interviewing and observation", em H. Russell Bernard (ed.), *Handbook of methods in Cultural Anthropology*, United Kingdom, Altamira Press.
- LOPES, Maria Antónia (2011), "As grandes datas da existência: momentos privados e rituais públicos" em José Mattoso (dir.), *História da vida privada em Portugal: A Época Contemporânea*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 3ª ed.
- LOW, K. (2005), "Ruminations on smell as a socio-cultural phenomenon", *Current Sociology*, 53 (3), pp. 397-417.
- LYOTARD, J.-F. (1979), *La Condition Postmoderne*, Paris, Minuit.
- MADAME Pariset (1822), *Manuel de la maîtresse de maison, ou Lettres sur l'économie domestique*, Paris, Audot.
- MACKAY, Hugh (1997), "Consuming communication technologies at home", em Hugh Mackay (ed.), *Consumption and everyday life*, London, Sage Publications Ltd.
- MADIANOU, Mirca e Daniel Miller (s. d.), *Polymedia: towards a new theory of digital media in interpersonal communication*. Em linha: <https://www.ucl.ac.uk/anthropology/people/academic-teaching-staff/daniel-miller/mil-23>
- MARTIN, Michèle (1998), *Communication et medias de masse. Culture, domination et opposition*, Sainte-Foy, Québec, Télé-Université.

- MARTINS, Hermínio (2000 [1999]), "Tecnociência e arte" em Carlos Leone (ed.), *Rumo ao cibermundo*, Oeiras, Celta.
- MARTINS, Hermínio (2001), "Goodbye body - momenta of discarnation in technoscience today", em João Urbano e Dinis Guarda (eds.), *Body fast forward/Corpo fast forward*, Lisboa, Opium e Arte.
- MARTINS, Hermínio (2006), *Classe, status e poder*, Lisboa, ICS.
- MARX, Leo (1964 [2000]), *The machine in the garden: technology and the pastoral ideal in America*, New York, Oxford University Press.
- MASCHIO, Thomas (2002), "The Refrigerator and American Ideas of "Home"", *Anthropology News*, Vol. 43, 5, p. 8, May 2002.
- MAUSS, Marcel (2008 [1925]), *Ensaio sobre a dádiva*, Lisboa, Edições 70.
- MASSEY, D. (2005), *For space*, London, Sage.
- MÁXIMO DA SILVA, João Luiz (2008), *Cozinha modelo: o impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)*, São Paulo, EDUSP.
- MOYAL, Ann (1992), "The feminine culture of the telephone: people, patterns and policy", *Prometheus*, 7, nº 1.
- MCDONALD, Tom (2016), *Social media in rural China*. Em linha: <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-rural-china>
- MCLUHAN, Marshall (1964), *Understanding media: the extensions of man*, London, Routledge and Kegan Paul.
- MELO, D. Francisco Manuel de (1651), *Carta de guia de casados. Para que pello caminho da prudencia se acerte com a Casa do descanso*, Lisboa, Officina Craesbeeckiana. Edição semidiplomática por Daniel Neto Rocha. Corpus eletrónico do CELGA – Português do Período Clássico – CEC – PPC. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2007. Em linha: <http://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/cecppc/textosempdf/05cartadeguiadecasados> (consultado em 29.12.2016)
- MEYROWITZ, Joshua (1985), *No sense of place: the impact of electronic media on social behaviour*, New York, Oxford University Press.
- MILLER, Daniel (1987), *Material culture and mass consumption*, Oxford, Blackwell.
- MILLER, Daniel (1995), *Unwrapping Christmas*, London, Clarendon Press.
- MILLER, Daniel (1998), *A theory of shopping*, Cambridge, UK, Polity Press.
- MILLER, Daniel; Slater, Don (2000), *The Internet: an ethnographic approach*, Oxford, Berg.
- MILLER, Daniel (2001a), *The dialectics of shopping*, Chicago, The University of Chicago Press.
- MILLER, Daniel (2001b), *Car cultures*, Oxford, Berg.
- MILLER, DANIEL (2006), "Consumption", em *Handbook of material culture*, Sage, London/ Thousand Oaks/ New Delhi.
- MILLER, Daniel (2011 [2008]), *The comfort of things*, Cambridge, Polity.
- MILLER, Daniel (2011), *Tales from Facebook*, Cambridge, Polity Press.
- MILLER, Daniel (2012), *Consumption and its consequences*, Cambridge/ Malden, Polity.
- MILLER, Daniel e Jolynna Sinanan (2014), *Webcam*, Cambridge/ Malden, Polity Press.
- MILLER, Daniel (2016), *Social media in an English village*. Em linha: <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/how-world-changed-social-media>
- MILLER, Daniel, et al. (2016), *How the world changed social media*. Em linha: <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/how-world-changed-social-media>
- MOTA, Nelson Jorge Amorim (2006), *A arquitectura do quotidiano: público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense nos finais do século XIX*. Tese de Mestrado em Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- MONTGOMERY, Maureen E. (1998), *Displaying women: spectacles' of leisure in New York*, New York, Routledge.
- MOORES, Shaun (1997), "Broadcasting and its consequences", em Hugh Mackay (ed.), *Consumption and everyday life*, London, SAGE.
- MOORES, Shaun (1993), *Interpreting audiences: the ethnography of media consumption*, London, Sage.
- MWAKALONGE, Judith, Saidi Siuhi e Jamario White (2015), "Distracted walking: Examining the extent to pedestrian safety problems", *Journal of Traffic and Transportation Engineering* (English Edition), Vol. 2, 5, October 2015, pp. 327–337. Em linha: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2095756415000689>
- NASAR, Jack L. e Derek Tryer (2013), "Pedestrian injuries due to mobile phone use in public places", *Accident Analysis & Prevention*, Vol. 57, August 2013, pp. 91–95. Em linha: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S000145751300119X>

- NEEDEL, Jeffrey D. (1993), *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*, São Paulo, Companhia das Letras.
- NETO, João Baptista Pereira (1984), *A classe média portuguesa num contexto de mudança*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- NICOLESCU, Razvan (2016), *Social media in Southeast Italy*. Em linha: <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-southeast-italy>
- NYE, David (1994), *American technological sublime*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- NYE, David (1997), *Narratives and spaces: technology and the construction of american culture*, Exeter, University of Exeter Press.
- NYE, David (2004), *America as second creation*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- NYE, David (2006), *Technology matters: questions to live with*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- NYE, David (2007), *Technology matters: questions to live with*, Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology.
- NYE, David (2010), *When the lights went out: a history of blackouts in America*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- O'REILLY, Karen (2005), *Ethnographic methods*, London, Routledge.
- OLDENZIEL, Ruth (1996), "Object/ions. Technology, culture and gender.", em W. David Kingery (ed.), *Learning from things. Method and theory of material culture studies*, United States of America, Smithsonian Institution.
- OLDENZIEL, Ruth e Karin Zachmann (eds.) (2009), *Cold War Kitchen: Americanization, Technology, and European Users*, Cambridge, MIT Press.
- OLÍAS, Beatriz (1999), *Economia doméstica: como otimizar despesas*, Lisboa, Ed. Estampa.
- OLIVEIRA, Arlindo (2017), *The digital mind: how science is redefining humanity*, Cambridge/ London, MIT Press.
- ORTNER, Sherry B. (1999), "Generation X: Anthropology in a Media-saturated World", em George Marcus (ed.), *Critical Anthropology Now. Unexpected Contexts, Shifting Constituencies, Changing Agendas*, School of American Research Press, Santa Fe, New Mexico.
- OUDESHOORN, N. e T. Pinch (eds.) (2003), *How Users Matter: the co-construction of users and technology*, Cambridge, MA.
- PATO, João Howell (2011), *História das políticas públicas de abastecimento e saneamento de águas em Portugal*, Lisboa, Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR).
- PACK, Sam (2011), "Give-And-Take: Reconceptualizing the Life History as Dialogue", *International Journal of Humanities and Social Science*, vol. 1, 5.
- PANCINO, Claudia e Lygia Silveria (2010), "'Pequeno demais, pouco demais'. A criança e a morte na Idade Moderna", *Cadernos de História da Ciência* (Online) vol. 6, 1, pp. 179-212. <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/pdf/chci/v6n1/v6n1a09.pdf>
- PARKIN, Frank (1996 [1982]), *Max Weber*, Oeiras, Celta Editora.
- PARR, Joy (1997), "What Makes Washday Less Blue? Gender, Nation, and Technology Choice in Postwar Canada", em *Technology and Culture*, The Johns Hopkins University Press on behalf of the Society for the History of Technology, Vol. 38, N.º. 1, Special Issue: *Gender Analysis and the History of Technology*, pp. 153-186. Em linha: <http://www.jstor.org/stable/3106787>
- PEREIRA, Gaspar Martins (1991), *O Douro e o vinho do Porto de Pombal a João Franco*, Porto, Edições Afrontamento.
- PEREIRA, Gaspar Martins, coord. (2003), *O Vinho do Porto*, Porto, Instituto do Vinho do Porto, 2003.
- PEREIRA, Gaspar Martins (2010), *História do Douro e do Vinho do Porto*. Vol. 4: *Crise e Reconstrução. O Douro e o Vinho do Porto no século XIX*, Porto, Edições Afrontamento.
- PEREIRA, Miriam Halpern (1969) "Demografia e desenvolvimento em Portugal na segunda metade do século XIX", *Análise Social*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Vol. 7, No. 25/26, pp. 85-117.
- PÉREZ, Rafael Gómez (1984), "Televisão e família", *Hoje & Amanhã – Temas Sociais*, 23, Livraria A. I.
- PEIRANO, Mariza (2008), "Etnografia, ou a teoria vivida", *PontoUrbe*, ano 2, versão 2.0.
- PERROT, Philippe (1988), "De l'apparait au bien-être: les avatars d'un superflu nécessaire", em Jean-Pierre Goubert, *Du luxe au confort*, [Paris], Belin.
- PINK, Sarah (2004), *Home truths: gender, domestic objects and everyday life*, Oxford, Berg.
- PINK, Sarah (2010 [2009]), *Doing sensory ethnography*, London, Sage.
- PINK, Sarah, Elisenda Ardévol e Débora Lanzeni (2016), *Digital materialities: Design and Anthropology*, London, New York, Bloomsbury Academic.

- PIPPIN, R. (1993), "You can't get there from here: transition problems in Hegel's *Phenomenology of Spirit*", em F. Beiser (ed.), *The Cambridge Companion to Hegel*, Cambridge, Cambridge University Press.
- POSTREL, Virginia (2003), *The substance of style: how the rise of aesthetic value is remaking commerce, culture and consciousness*, London, Harper Collins.
- PURBRICK, Louise (2007), *The wedding present: domestic life beyond consumption*, Hampshire, Ashgate.
- RAKOW, L. e V. Navarro (1993) "Remote mothering and the parallel shift: women meet the cellular phone", *Critical Studies in Mass Communication* 20 (3), pp. 144–157.
- REILLY, Edwin D., Anthony Ralston e David Hemmendinger (2004), *Concise encyclopedia of computer science*, Chichester, Wiley.
- RIGGINS, Stephen Harold (ed.) (1994), *The socialness of things: essays on the socio-semiotics of objects*, Berlin, Mouton de Gruyter.
- RIVIÉRE, Carole (2005), 'Mobile camera phones: a new form of "being together" in daily interpersonal communication', em R. Long e P. E. Pederson (eds.), *Mobile communications: re-negotiation of the social sphere*, London, Springer, pp. 167-85.
- ROSALDO, Michelle e Louise Lamphere, eds. (1974), *Woman, Culture, and Society*, Palo Alto, Stanford University Press.
- ROSALES, Marta Vilar (2009), *Consumos e Culturas Materiais Contemporâneas: Uma Introdução*. Lisboa, Celta.
- ROSALES, Marta Vilar (2010), "The domestic work of consumption: materiality, migration and home-making", *Etnográfica*, outubro de 2010, 14 (3), pp. 507-525.
- SALVADOR, Mariana Sanchez (2016), *Arquitetura e comensalidade: uma história da casa através das práticas culinárias*, Lisboa, Caleidoscópio.
- SANTOS, António Fernando Castanheira Pinto (2010), *O combate à tuberculose: uma abordagem demográfico-epidemiológica. O Hospital do Repouso de Lisboa (1882-1975)*, dissertação de mestrado em História Regional e Local, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História. Em linha: [file:///G:/DOCTORAMENTO/TESE/ARTIGOS\\_a%20partir%2024.11.2015/ulfl096136\\_tm.pdf](file:///G:/DOCTORAMENTO/TESE/ARTIGOS_a%20partir%2024.11.2015/ulfl096136_tm.pdf)
- SAUSSURE, Ferdinand de (1978), *Curso de linguística geral*, Lisboa, D. Quixote.
- SCHIVELBUSCH, Wolfgang (1986), *The railway journey: the industrialization of time and space in the nineteenth century*, Berkeley CA, The University of California Press.
- SCHNEIDER, Susan (1980), *O Marquês de Pombal e o vinho do Porto: dependência e subdesenvolvimento em Portugal no século XVIII*, Lisboa, A Regra do Jogo.
- SCHWANEN, Tim e Mei-Po Kwan (2008), "The Internet, Mobile Phone and Space-Time Constraints." *Geoforum* 39 (3), pp. 1362–77. Em linha: doi:10.1016/j.geoforum.2007.11.005.
- SEN, A. (1993), "Capability and well-being", em M. Nussbaum e A. Sen (eds.), *The quality of life*, Oxford, Clarendon Press, pp. 30-53.
- SHOVE, Elizabeth (2003), *Comfort, cleanliness and convenience. The social organization of normality*, Oxford, Berg.
- SHOVE, Elizabeth, Frank Trentmann e Richard Wilk (eds.) (2009), *Time, consumption and everyday life: practice, materiality and culture*, Oxford, Berg.
- SILVA, Elizabeth B. (2010), *Technology, culture, family*, United Kingdom, Palgrave Macmillan.
- SIMMEL, Georg (2004 [1978]), *The philosophy of money*, London and New York, Routledge.
- SMITH, Merritt Roe; Marx, Leo (eds.) (1996 [1994]), *Does technology drive history?: the dilemma of technological determinism*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- SMITHSON, Alison e Peter Smithson (1994), *Changing the art of inhabitation*, Artemis.
- SNEATH, David, Martin Holbraad e Morten Axel Pedersen (2009), "Technologies of the imagination: an introduction", *Ethnos: Journal of Anthropology*, Volume 74, 1, pp. 5-30.
- SOFIA, Zoe (também Zoe Sofoulis) (1984), "Exterminating fetuses: abortion, disarmament, and the sexo-semiotics of extra-terrestrialism", *Diacritics* 14(2), pp. 47-59.
- STOLLER, P. (1997), *Sensuous scholarship*, Philadelphia, PA, University of Pennsylvania Press.
- SUTTON, David E. (2001), *Remembrance of repasts. An anthropology of food and memory*, Oxford/ New York, Berg.
- TILLEY, Christopher, et al (eds.) (2006), *Handbook of material culture*, London, Sage Publications.
- THOMPSON, J. (1995), *The Media and Modernity: a social theory of the media*, Cambridge, Polity.
- TRENTMANN, Frank (2016), *Empire of things: how we became a world of consumers, from the fifteenth century to the twenty-first*, London, Allen Lane.
- TRONTO, Joan C. (1993), *Moral boundaries. A political argument for an ethics of care*, New York, Routledge.

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

- TURKLE, Sherry (2008), "Inner history", em Sherry Turkle (ed.), *The Inner History of Devices*, London and Cambridge, MIT Press.
- URRY, John (2007), *Mobilities*, Cambridge, Polity Press.
- VAQUINHAS, Irene e Maria Alice Pinto Guimarães (2011), "Economia doméstica e governo do lar. Os saberes domésticos e as funções da dona de casa", em José Mattoso (dir.), *História da vida privada em Portugal: A Época Contemporânea*, Círculo de Leitores e Temas e Debates, 3ª ed.
- VEBLEN, Thorstein (1998 [1899]), *The theory of the leisure class*, New York, Prometheus Books.
- WACJMAN, Judy (2004), *TechnoFeminism*, Cambridge/ Malden, Polity.
- WANG, Xinyuan (2016), *Social Media in industrial China*. Em linha: <https://www.ucl.ac.uk/ucl-press/browse-books/social-media-in-industrial-china>
- WEBER, Max (1946), *From Max Weber: essays in sociology*, New York, Oxford University Press. Em linha: [https://archive.org/stream/frommaxweberessa00webe/frommaxweberessa00webe\\_djvu.txt](https://archive.org/stream/frommaxweberessa00webe/frommaxweberessa00webe_djvu.txt)
- WILLIAMS, Brett (1984), "Why migrant women feed their husbands tamales", em L. K. Brown e K. Mussel, *Ethnic and Regional Foodways in the United States*, Knoxville, University of Tennessee Press, pp. 113-126.
- ZELIZER, Vivian (2008), "L'économie du care", *Revue Française de Socio- économie*, Paris, La Découverte, 2, pp. 13-25.

## Publicações Periódicas

- "A lavadeira ideal", *Modas e Bordados*, 2099, 30.4.1952
- "Será por causa dos filhos?", *Voz das Criadas*, 298, 9.1958
- CRÓNICA FEMININA*, (18), 1, 29.XI.1956
- CRÓNICA FEMININA*, 8, 17.I.1957
- CRÓNICA FEMININA*, 14, 28.XI.1957
- CRÓNICA MASCULINA*, 2, 15.XII.1956
- CRÓNICA MASCULINA*, 16, 23.III.1957
- MULHER MODERNA*, 3, 29.III.1989
- O TRIPEIRO*, Série V, Ano V, 1949
- O TRIPEIRO*, Série V, Ano XI, 1955

## Sessões da Assembleia Nacional

Secretaria da Assembleia Nacional, V Legislatura, Sessão nº 126, ano de 1952, 24 de janeiro.  
Em linha: <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/05/03/126/1952-01-24/282> (consultado em 2.5.2016).

## Entrevistas, Apresentações Multimédia e Filmes

BAUMAN, Zygmunt (entrevistas).

Em linha:

[https://www.youtube.com/watch?v=GTu\\_bycoEEw](https://www.youtube.com/watch?v=GTu_bycoEEw)

<https://www.youtube.com/watch?v=7P1MAZXFVG0>

CASE, Amber (2010), *We are all cyborgs now*, TEDWomen.

Em linha: [https://www.ted.com/talks/amber\\_case\\_we\\_are\\_all\\_cyborgs\\_now#t-443142](https://www.ted.com/talks/amber_case_we_are_all_cyborgs_now#t-443142)



Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

WOLF, Gary (2010) *The quantified self*.

Em linha: [https://www.ted.com/talks/gary\\_wolf\\_the\\_quantified\\_self](https://www.ted.com/talks/gary_wolf_the_quantified_self)

TURNER, Fred (10.10.2012), *What Will a Cultural History of Cars Look Like?*, Stanford, Rev's Program.

Em linha: [https://www.youtube.com/watch?v=xg2mmTUfPZ4&index=3&list=PLpGHT1n4-mAv\\_1ibcdrk8e3Tr9cNLFkRQ](https://www.youtube.com/watch?v=xg2mmTUfPZ4&index=3&list=PLpGHT1n4-mAv_1ibcdrk8e3Tr9cNLFkRQ)

*PORTO 1956*, dir. Manuel de Oliveira

Em linha: <https://www.youtube.com/watch?v=pWE-UI4CxNE>

*SALMER FRA KJØKKENET (KITCHEN STORIES)*. Dir. Bent Hamer. 2003.

## Webgrafia

GLOBAL SOCIAL MEDIA IMPACT STUDY

<http://www.ucl.ac.uk/global-social-media>

HELL IS OTHER PEOPLE

<http://hell.j38.net/> (consultado em 12.5.2015)

A HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO AUTOMÓVEL EM PORTUGAL

<http://www.educacao-rodoviaria.pt/lazer/85-a-historia-e-evolucao-do-automovel-em-portugal>

LA EDUCACIÓN PROHIBIDA (2012)

<https://www.youtube.com/watch?v=-1Y9OqSJKCc>

WHAT MAKES HUMANS DIFFERENT? FICTION AND COOPERATION

<http://www.smithsonianmag.com/arts-culture/what-makes-humans-different-fiction-and-cooperation-180953986/?no-ist> (consultado em 28.9.2015).

V&A MUSEUM

<http://www.vam.ac.uk/whatson/event/4736/ways-to-be-secret-1952621540/> (consultado em 25.9.2015).

MYLIFEBITS

<http://research.microsoft.com/en-us/projects/mylifebits/> (consultado em 12.10.2015).

PROJETO "OBJETOS DE CONSUMO DE ENERGIA"

<http://www.energiekonsum.mwn.de> (consultado em 15.12.2016)

ÁLVARO PARENTE - BIOGRAFIA

<https://alvaroparentegp2.wordpress.com/a-biografia> (consultado em 23.12.2016)

ENTREVISTA A UMBERTO ECO

<http://www.lastampa.it/2015/06/10/cultura/eco-con-i-parola-a-legioni-di-imbecilliXJrvezBN4XOoyo0h98EfiJ/pagina.html> (consultado em 20.6.2016)

CYBORG ANTHROPOLOGY AND THE EVAPORATION OF THE INTERFACE

<http://opentranscripts.org/transcript/cyborg-anthropology-evaporation-interface> (consultado em 20.1.2017)

ENID BLYTON

Casas porosas: narrativas de incorporações tecnológicas.

*Enid Blyton* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-11-22 12:14:41]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$enid-blyton](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$enid-blyton)

"IMAGEM NO ESPELHO" RECONSTITUI VIDA E MORTE DE SUGGIA

<https://www.dn.pt/artes/livros/interior/imagem-no-espelho-reconstitui-vida-e-morte-de-suggia-1723050.html> Consultado a 22.11.2017

CARACTERIZAÇÃO DA AMP

[http://portal.amp.pt/pt/4/municipios/porto/#FOCO\\_4](http://portal.amp.pt/pt/4/municipios/porto/#FOCO_4) (consultado a 22.11.2017)

MASTERCHEF

<http://www.bbc.co.uk/programmes/b006t1k5> (consultado a 17.4.2017)

SOCIEDADE COMERCIAL SANTOS - HISTÓRIA

<http://www.soccsantos.pt/pt/historia> (consultado em 9.8.2017).

UPSTAIRS DOWNSTAIRS

<http://www.imdb.com/title/tt1782352/>, consultado a (3.8.2017)

FACEBOOK PROFILES COULD BE HIDING OLD EMBARRASSING INFORMATION ABOUT USERS

<http://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/facebook-profiles-could-be-hiding-old-embarrassing-information-about-users-that-anyone-can-see-a6674831.html> (consultado a 2.2.2017)

A BILL FOR AN ORDINANCE RELATING TO MOBILE ELECTRONIC DEVICES

[http://www4.honolulu.gov/docushare/dsweb/Get/Document-189687/DOC007%20\(34\).PDF](http://www4.honolulu.gov/docushare/dsweb/Get/Document-189687/DOC007%20(34).PDF) (consultado a 4.12.2016)

'DANGEROUS WALKING' CRACKDOWN: PEDESTRIANS WHO WRITE TEXT MESSAGES WHEN CROSSING ROAD TO BE FINED

<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/northamerica/usa/9265401/Dangerous-walking-crackdown-pedestrians-who-write-text-messages-when-crossing-road-to-be-fined.html> (consultado a 4.12.2016)

CHINESE CITY OPENS 'PHONE LANE' FOR TEXTING PEDESTRIANS

<https://www.theguardian.com/world/shortcuts/2014/sep/15/china-mobile-phone-lane-distracted-walking-pedestrians> (consultado a 4.12.2016)

A FAST LANE FOR PEDESTRIANS? THE SOCIAL EXPERIMENT THAT SEPARATES BRISK WALKERS FROM CELLPHONE-USING STROLLERS ON A BUSY CITY SIDEWALK

<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2696568/TV-puts-fast-slow-lanes-DC-sidewalk.html> (consultado a 4.12.2016)

THE QUANTIFIED SELF

<http://quantifiedself.com/>

MAN'S GENES KEY TO 'BABY'S SEX'

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/health/7776210.stm> (consultado a 18.5.2017)

TRACK YOUR HAPPINESS

<https://www.trackyourhappiness.org/> (consultado a 20.11.2017)

MYLIFEBITS

<https://www.microsoft.com/en-us/research/project/mylifebits/?from=http%3A%2F%2Fresearch.microsoft.com%2Fen-us%2Fprojects%2Fmylifebits%2F> (consultado a 21.3.2017)